

Visões da Copa de 1970

Entrevistas de história oral
com jogadores da Seleção

Bernardo Buarque de Hollanda
Daniela Alfonsi
ORGANIZADORES

Visões da
COPA
de **1970**



REITORA Wanda Aparecida Machado Hoffmann
VICE-REITOR Walter Libardi
DIRETOR DA EDUFSCAR Roniberto Morato do Amaral

EdUFSCar – Editora da Universidade Federal de São Carlos

CONSELHO EDITORIAL Ana Lúcia Brandl
Ariadne Chloe Mary Furnival
Edenis Cesar de Oliveira
José Antonio Salvador
José da Costa Marques Neto
Luciana Salazar Salgado
Maria Leonor Ribeiro Casimiro Lopes Assad
Odete Rocha
Roniberto Morato do Amaral (Presidente)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Editora da Universidade Federal de São Carlos
Via Washington Luís, km 235
13565-905 - São Carlos, SP, Brasil
Telefax (16) 3351-8137
www.edufscar.com.br
edufscar@ufscar.br
Twitter: @EdUFSCar
Facebook: /editora.edufscar
Instagram: /edufscar

Visões da
COPA
de **1970**

Entrevistas de história oral com jogadores da Seleção

BERNARDO BUARQUE DE HOLLANDA
DANIELA ALFONSI
(ORGANIZADORES)



EdUFSCar

São Carlos | 2020

© 2020, Bernardo Buarque de Hollanda e Daniela Alfonsi

Capa

Rafael Chemicatti

Projeto gráfico

Vitor Massola Gonzales Lopes

Editoração eletrônica

Alyson Tonioli Massoli

Preparação e revisão de texto

Marcelo Dias Saes Peres

Coordenadoria de administração, finanças e contratos

Fernanda do Nascimento

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária da UFSCar

V832v Visões da Copa de 1970 : entrevistas de história oral com
jogadores da Seleção / organizadores: Bernardo Borges
Buarque de Hollanda, Daniela do Amaral Alfonsi. --
Documento eletrônico -- São Carlos : EdUFSCar, 2020.
178 p.

ISBN: 978-65-86768-02-2

1. Futebol. 2. Memória. 3. Copas do mundo (Futebol). 4.
História oral. I. Título.

CDD: 796.334 (20*)

CDU: 796.334

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita do titular do direito autoral.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DOS ORGANIZADORES 6

ENTREVISTAS

1. Félix 17
2. Carlos Alberto Torres 39
3. Marco Antônio 61
4. Gérson 87
5. Piazza 95
6. Edu 103
7. Roberto Rivellino 123
8. Roberto Miranda 144
9. Tostão 165

SOBRE OS JOGADORES 173

SOBRE OS ORGANIZADORES 178

APRESENTAÇÃO DOS ORGANIZADORES

Este livro de entrevistas foi concebido para ser um registro da trajetória e das lembranças de atletas da Seleção Brasileira de futebol profissional masculino. A escolha dos entrevistados compreende nove jogadores que participaram da nona edição da Copa do Mundo FIFA, realizada no México em 1970, cujo cinquentenário comemora-se em 2020. Entre titulares e reservas, o critério para a inclusão nesta antologia de depoimentos foi a entrada em campo e a disputa de ao menos uma partida durante aquele mês de torneio internacional. Os relatos foram colhidos no contexto dos preparativos para a realização do Mundial no Brasil, em 2014, quando todo o País se mobilizou para receber pela segunda vez – a primeira foi em 1950 – esse que hoje é um megaevento esportivo, de ressonância global.

O trabalho vem a público no ano em que se comemoram os cinquenta anos da conquista do tricampeonato (1970-2020). Como é sabido, o Brasil disputou todos os 21 torneios quadrienais realizados pela Federação Internacional de Futebol Associado desde o ano de 1930 até os dias atuais (o último foi o da Rússia, em 2018), sagrando-se vencedor em cinco ocasiões: 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002. Entre todas as competições já disputadas, a Copa de 1970 ocupa um lugar especial no imaginário nacional, seja pela euforia do título, seja pela repercussão internacional do “país do futebol”, seja pelas polêmicas suscitadas acerca do contexto político em que se deu a conquista. Vejamos a seguir as razões disso.

A ditadura militar, implantada no Brasil em 1964, encontrava-se em seu auge naquele momento, sob a vigência do governo do general Emílio Garrastazu Médici, conhecido por ser um dos períodos mais duros da repressão ditatorial, já sob os auspícios do Ato Institucional número 5, conhecido pelo acrônimo AI-5. No bojo de um crescimento extraordinário da economia brasileira, o chamado “milagre econômico”, ocorria ao mesmo tempo a perseguição implacável aos opositores do regime. Se a tortura foi ignorada à época por parte considerável da população, pode-se dizer também que, entre outras parcelas, deu-se a convivência dessa prática ignominiosa contra os ditos “inimigos” do governo, também chamados de “comunistas” e “terroristas”.

Mas enquanto se praticavam atos sistemáticos de violação aos direitos humanos, perpetrados pelos “donos do poder”, o selecionado nacional arrebatava o mundo. Em partidas contra seleções da Inglaterra, Tchecoslováquia, Romênia, Uruguai e Peru – desde a fase de grupos, passando pelas quartas de final e semifinal, na cidade mexicana de Gua-

dalajara, no Estádio Jalisco, construído em 1952 e capaz de abrigar mais de sessenta mil espectadores –, exibia-se uma performance esplêndida. Esta evidenciou a capacidade de encantar pela qualidade técnica de seus atletas, somada à coesão do seu plantel e à força do seu conjunto.

A projeção daquela conquista também se beneficiou de um ambiente de transformação tecnológica dos meios de comunicação, especialmente da televisão, na técnica de cobertura e na difusão planetária do evento. Se, desde 1950, a cada quatro anos as transmissões televisivas dos jogos adquiriam maior alcance internacional, o Mundial do México foi a primeira edição do torneio a ser difundida via satélite, em cores e ao vivo, para a Europa e para diversos países do globo.

Isso, sem dúvida, contribuiu para a repercussão do feito da equipe brasileira e potencializou a cadeia de admiração nos milhares de telespectadores ante o desempenho do selecionado verde-amarelo. Este foi o caso, por exemplo, do cineasta Pier Paolo Pasolini, autor de um texto apologético sobre o que chamou encontro do “futebol de prosa” com o “futebol de poesia”, tal como praticado pela Seleção Brasileira na final do Mundial contra a própria Itália. Mesmo torcendo para a equipe que representava seu país, o italiano Pasolini não deixou de saudar a exuberância do time brasileiro naquele artigo publicado na imprensa logo após a partida decisiva.

Além do impacto da TV, com seu alcance para diversos quadrantes e continentes do mundo, a população local – os mexicanos – também adere de modo entusiástico ao time do Brasil. Como se jogasse em “casa”, aos gritos de “olé”, comuns nas arenas de touradas e transpostos à atmosfera dos estádios, a torcida do país anfitrião mostrava a transcendência do apego nacionalista de que o futebol era capaz. É certo que o apoio do público advinha em parte de certa simpatia e de certa identidade de vizinhança de um país “irmão” da América Latina.

No entanto, vale também agregar que boa parte daquela adesão imprevista no início e que ganhou força ao longo da competição tinha a ver com o chamado “futebol-arte”. Isto é, com a capacidade de os futebolistas brasileiros produzirem lances de efeito e de atraírem o público local a seu favor. Eles geravam nos torcedores um entusiasmo derivado da habilidade individual de cada atleta graças ao afamado “jogo bonito”, estilo próprio daquele time, a que ficou associado internacionalmente o futebol brasileiro desde pelo menos o final dos anos 1930.

A desvairada invasão de campo dos torcedores mexicanos no monumental Estádio Azteca, com capacidade para mais de 110 mil espectadores, situado na capital, a Cidade do México, ainda hoje repercute nas imagens coloridas da televisão. Quando do apito final da

partida contra a Itália, uma onda humana adentra o gramado e sai à cata dos seus ídolos. Quem não se lembra da cena de Tostão dragado pela multidão, ovacionado, a tirar-lhe praticamente todas as vestes em campo, sobrando-lhe apenas as cuecas. Gérson, por seu turno, chorava de maneira copiosa, enquanto atravessava o campo de joelhos. Outra cena antológica, cravada na memória de muitos, é o gesto do capitão da equipe, Carlos Alberto Torres, a receber a Taça Jules Rimet nas tribunas de honra, beijá-la e empunhá-la aos ares.

A volta do time ao país foi igualmente triunfal. A recepção da delegação da Seleção teve cortejos a céu aberto, em carros oficiais do Corpo de Bombeiros. A festa da população mais pareceu uma espécie de catarse coletiva. Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo foram as cidades de passagem dos jogadores para ir ao encontro dos populares, que tomaram e embandeiraram as ruas para saudar efusivamente os tricampeões mundiais. Na capital federal, mais de setenta mil pessoas se aglomeraram na Praça dos Três Poderes, com a recepção da delegação pelo General-Presidente Médici.

Conforme lembrado acima, a experiência catártica coexistiu, no entanto, com as práticas de exceção então em plena vigência. Muitos consideraram essa intensa celebração no espaço público um meio de extravasamento diante daquele cenário sombrio da vida política e um meio de extrapolação da asfixiante rotina do país.

De lá para cá, o significado daquela conquista tornou-se alvo frequente de controvérsias e de diferentes narrativas ao longo do tempo, instalando-se inclusive nas conversas do senso comum e em certos chavões repetidos pelas gerações seguintes. Para uns, o futebol fazia as vezes de “ópio do povo” e servia afinal para desviar o foco da população para os assuntos ditos sérios, a política e a economia. No contexto autoritário, tratava-se de ofuscar temas subterrâneos, indesejados, como os abusos e arbítrios que vinham sendo cometidos como política de Estado pela ditadura. Oficialmente, a propaganda oficial cunhava e repetia *ad nauseam* seu slogan rotineiro “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

Para outros, a relação mecânica entre jogo de futebol e alienação das massas, ou válvula de escape, não deveria ser considerada de modo tão elementar, pois havia muitos outros fatores intervenientes. O desenvolvimento acelerado da economia, mediante altos índices do PIB, o afluxo de capital estrangeiro e a ascensão extraordinária ao consumo das classes médias, entre fins dos anos 1960 e início da década de 1970, contribuíam para legitimar o *status quo*. Não à toa que uma corrente historiográfica e um conjunto de pesquisas sobre o período passou a qualificar a ditadura (1964-1985) de “civil-militar”, e não apenas pelo

último adjetivo, como ficou consagrada, a fim de mostrar as relações entre Estado e sociedade civil no país.

O peso ditatorial na construção da memória da Copa de 1970 tem a ver não apenas com seus usos *a posteriori*, na esteira da vitória acachapante de 4 a 1 sobre a Itália na partida final. A pressuposição do uso instrumental do governo no sentido de capitalizar sua imagem positiva, colada ao êxito no desempenho dos jogadores, data desde a temporada de preparação para o Mundial do México. Um dos episódios mais tensos e mais conhecidos a esse respeito foi a crise decorrente da substituição do treinador João Saldanha, jornalista esportivo que assume o selecionado brasileiro poucos anos depois do fracasso do Brasil na Copa do Mundo da Inglaterra de 1966.

Uma das intrigas de bastidor mais repercutidas desde então sobre essa Copa diz respeito à saída de Saldanha, em março de 1970. Ele deixou o comando técnico poucos meses antes do início do torneio, depois de classificar com desempenho convincente a equipe entre os países pleiteantes da América do Sul. A entrada em seu lugar, após uma série de desentendimentos de Saldanha com as autoridades esportivas, coube ao ex-jogador e bicampeão mundial (Suécia, 1958, e Chile, 1962), Zagallo.

Um dos “mitos” associados à demissão de Saldanha relacionou-se às suas simpatias manifestas pelo regime comunista, o que no ambiente da Guerra Fria no mundo e de ditadura militar no Brasil soava um acinte, quase um ato de fala subversivo. Junto a isto, o posicionamento do treinador foi ao encontro de negativas do mesmo para supostas tentativas de interferências do governo – ou de declarações públicas do Presidente – na escolha e na escalação de atletas convocados para a equipe que iria representar o Brasil no México.

O Presidente Médici, como se sabe, procurava mostrar-se um aficionado de futebol, no que à primeira vista parecia autêntico. Frequentava o Maracanã em dias de clássicos no Rio de Janeiro e manifestava sua condição de torcedor fervoroso do Flamengo. Em contrapartida, faixas nas arquibancadas rubro-negras saudavam o Presidente. É célebre a imagem do ditador-presidente nas tribunas de honra do estádio, a portar um radinho de pilha, como se fosse um simples torcedor, das gerais ou das arquibancadas, locais dos setores mais populares, capaz de vibrar e de sofrer pelo seu time e pelo futebol na mesma intensidade.

Nessa condição, opiniões vindas a público acerca da preferência de Médici pela convocação do atacante Dario Pereira, então jogador do Atlético Mineiro, teriam sido o pomo da discórdia que azedaram as relações entre o Presidente e o treinador. Entre as “lendas” propagadas

desde então, diz-se que Saldanha, orgulhoso de suas “feras”, não se rendeu aos ditames do Presidente e respondeu com palavras de efeito, algo do tipo: “O Presidente escala os ministros, eu escalo a Seleção”. No jornalismo e no memorialismo esportivo, esta e outras insubordinações estiveram entre as causas para que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), por meio de seu presidente, João Havelange, tivesse afinal demitido Saldanha e contratado Zagallo pouco antes da viagem da equipe para o México.

A ideia de uma “militarização” da Seleção não compreendeu apenas uma relação vertical, do governo para o elenco. O ethos militar concretizou-se de modo mais enfático no âmbito da representatividade da comissão técnica. O capitão Cláudio Coutinho e o professor Lamar-tine Pereira da Costa, os treinadores Admildo Chirol e Carlos Alberto Parreira, entre outros membros, haviam sido formados na tradicional Escola Militar da Praia Vermelha. O grupo trazia conhecimentos oriundos daquele universo, voltados no limite à guerra, e alguns deles vinham de períodos de formação nos Estados Unidos, onde aprenderam sobre biologia, fisiologia e condicionamento corporal.

Assim, os mais novos estudos provinham da educação física e da medicina estadunidense e eram aplicados na otimização do rendimento corpóreo dos atletas do futebol profissional brasileiro. O *Planejamento México*, como ficou conhecido esse programa de preparação, adotou métodos inovadores para a época e fez com que a Seleção chegasse ao México com um mês de antecedência. O propósito era adaptar-se à altitude e praticar um futebol aplicado taticamente e condicionado não apenas pela destreza individual, mas também pela força física da coletividade.

Todos esses fatores, associados ao contexto autoritário, compõem a aura que ronda a participação brasileira no Mundial de 1970. Neste sentido, ele passou a balizar as interpretações e o entendimento do significado de tal torneio, com apropriações daquele período que mesclam o encantamento com a conquista ao ceticismo dos usos instrumentais que governos discricionários podem fazer do futebol.

A propagação desse imaginário extrapolou o ambiente cotidiano e chegou à produção do cinema brasileiro. Veja-se, por exemplo, a realização do filme *Pra frente, Brasil*, exibido nas salas de cinema do País no ano de 1983, sob o título-mote da marchinha composta por Miguel Gustavo. O filme de Roberto Farias, que fora presidente da EMBRAFILME nos anos 1970, exibia, através de imagens fortes e até chocantes, o contraste entre a tortura sistêmica praticada nos porões da ditadura e a euforia da comemoração do tricampeonato pelo povo nas ruas.

É possível dizer que a cristalização da dualidade nessa narrativa

fílmica acabou por reforçar uma leitura maniqueísta da “função” da Copa na sociedade brasileira. Tal contraponto passou a modular as percepções do evento e tornou-se a visão mais reiterada do período. O clichê converteu-se ele próprio numa representação estereotipada do Tri, base para pensar as relações mais amplas entre futebol e política, não só no Brasil, mas na Europa e no mundo inteiro. Em termos internacionais, isto não era novidade, desde a consagração deste vínculo nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, quando a relação de Hitler com os esportes foi enfatizada, além de estetizada nos cinemas com a película de Leni Riefenstahl (*Olympia*).

No Brasil, guardadas as devidas proporções, a repercussão cinematográfica de *Pra frente, Brasil* é um indício do lugar dessa competição no imaginário fílmico e coletivo nacional. Na sequência, já nos anos 2000, o cinema brasileiro voltou a abordar o assunto, mas soube propor uma leitura menos engessada, por assim dizer, do futebol em face do cotidiano nacional do final dos anos 1960.

O drama *O ano em que meus pais saíram de férias* (2006), de Cao Hamburger, oferece uma ótica lírica da vivência da ditadura militar, com o pano de fundo do Mundial de 1970. As partidas da Seleção no México se desenrolam em meio a situações extraordinárias que acontecem naquele dia a dia de uma pequena cidade brasileira. O olhar da película, centrado numa criança cujos pais, militantes políticos de esquerda, desaparecem de maneira enigmática de seu horizonte afetivo, levados pela força policial, humaniza a compreensão daquele período, sem deixar de aportar uma visão crítica deste.

Se a opinião pública e o cinema veem-se envoltos em controvérsias, sempre que se trata de rememorar a Copa de 1970, a universidade e seus estudos acadêmicos também procuraram se debruçar sobre, explicar e compreender o evento e seu significado histórico. A Antropologia social foi pioneira nesse sentido e já em 1982, na coletânea de ensaios *Universo do futebol*, organizada por Roberto DaMatta, o antropólogo Arno Vogel dedica-se a este Mundial no trabalho ensaístico intitulado “O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”.

Inspirado em título que remonta a um poema de Drummond, “O momento feliz”, Vogel examina o que entende por comportamento ritualístico na sociedade urbana brasileira e elege o futebol como objeto de estudo científico. Entre outras manifestações, os esportes modernos teriam a capacidade de revelar estruturas, hierarquias e identidades da *communitas* e do meio social em questão.

O contexto de publicação do ensaio coincidiu com a Copa de 1982, quando ainda vigia o regime militar, ainda que em processo de rea-

bertura. O antropólogo seleciona duas edições do Mundial para uma comparação estrutural: 1950 e 1970. A primeira disputa é vivenciada como uma “tragédia”, com a condenação moral dos jogadores ante uma derrota eivada de sentimentos de inferioridade, enquanto a segunda emerge como uma espécie de redenção e de expiação da anterior.

Se o drama da perda do Mundial em 1950 colocava em xeque uma série de valores depreciativos da identidade nacional, a Copa de 1970 teria seu elemento dramático redentor lançado na direção oposta. A agonia é sucedida pela glória, e o ritual funerário de meados do século XX torna-se, vinte anos depois, uma celebração festiva e carnavalesca nos antípodas da experiência anterior. Sob as lentes duais do estruturalismo, típico da linguagem antropológica da época, estava-se em face do par funeral *versus* carnaval. Cada Copa era capaz de encarnar um destes polos numa narrativa pendular que ia do ceticismo ao ufanismo, do vexame ao orgulho, da desonra coletiva à apoteose nacional.

Não é o caso aqui nesta Apresentação de examinar uma a uma todas as versões acadêmicas produzidas até à atualidade sobre a Copa de 1970. Depois da pioneira abordagem de Arno Vogel, as ciências sociais nos anos 2000 assistiram a uma nova série de pesquisas sobre o assunto. Arrolaremos apenas alguns dos estudos principais, e ainda assim numa amostra restrita a três casos, antes de passar ao propósito do presente livro.

Em 2004, o pesquisador Antônio Jorge Soares começa a construir um argumento que será levado adiante em artigos publicados nos anos seguintes. *Grosso modo*, em “A invenção do futebol-arte”, o autor, numa parceria e interlocução com outros colegas da Academia, argumenta que a construção da memória da Copa de 1970, sobretudo a partir dos discursos jornalísticos veiculados pela imprensa, fundamenta-se em uma série de “esquecimentos” e “silêncios” sobre aquele torneio, cuja funcionalidade deveria ser examinada.

O *modus operandi* da imprensa, criadora ela própria de elos identitários e geracionais em torno da Seleção, consiste na promoção de mecanismos memorialísticos de explicação para a sucessão de vitórias e derrotas, fracassos e êxitos no encadeamento retórico das copas a cada quadriênio. O modo então de expor os fatos e acontecimentos atinentes ao torneio encadeia-se numa trama cíclica e hermenêutica, sendo atualizada de um evento a outro continuamente. Via de regra, remete-se a certa tradição interpretativa que, por sua vez, aciona a memória acerca do chamado “futebol-arte”, em contraposição ao “futebol-força”.

No caso específico da Copa de 1970, Antônio Jorge demonstra como as publicações dos jornais e das revistas durante a realização do

torneio acentuavam a necessidade de ênfase na preparação física dos atletas. Ou seja, à época da sua realização, o pêndulo discursivo recaía sobre o “futebol-força”, uma vez que era a principal carência identificada no desempenho do selecionado na edição passada, em 1966. Para evitar novo fiasco, seria necessário não repetir tais erros quatro anos depois. Conforme observa o autor, os relatos jornalísticos contemporâneos ao Mundial preconizavam, pois, a importância da disciplina, da racionalidade e do treinamento. A investigação releva, no entanto, de que maneira, na sequência do evento, tais versões são secundarizadas e, no limite, “esquecidas”, se não pelos mesmos jornalistas, ao menos pelos mesmos órgãos de imprensa.

A mudança se verifica em função do resultado, a conquista do Tri, capaz de afirmar o orgulho nacional e a exclusividade de ser o “melhor” e o “maior” do mundo. Os dados levantados são colhidos de maneira regular em 1998 e em 2002, dois anos de Mundial, quando as remissões e retrospectivas da imprensa comparam a Copa em questão com edições passadas. As narrativas posteriores sobre o evento e seus protagonistas, alguns deles ainda vivos, dão preponderância ao “futebol-arte” em detrimento do futebol-científico. O termo “ciência”, uma categoria nativa, é visto aqui como equivalente à “força”. Assim, o método científico acaba por ser ressignificado em favor da dicção “artística”. Esta categoria jornalística, obviamente, estaria mais associada a virtudes como individualidade e talento e ao apelo romântico de identificação com a mitologia nacional.

Depois do trabalho de Soares, podemos recorrer a um segundo exemplo e mencionar a tese de doutorado de Livia Magalhães Gonçalves, representante da nova geração de pesquisadores dedicados aos estudos do futebol. Trata-se do doutoramento, defendido pela autora no Instituto de História da UFF, que resultou num livro publicado em 2014, sob o título *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Livia filia-se à historiografia *uffiana* de pesquisas sobre a ditadura no país e, para tanto, analisa o período à luz da história política do futebol.

Enquanto Arno Vogel cotejava a Copa de 1970 com a de 1950, e Antônio Jorge valia-se de periódicos publicados por ocasião das copas de 1998 e 2002 para lançar luz sobre a memória do Mundial do México, a estratégia de Livia Gonçalves ia na mesma direção, mas em outro sentido. A historiadora coloca-se de forma prospectiva e utiliza-se para tanto de fontes primárias, como os arquivos da ditadura no Brasil e na Argentina. Compara, portanto, a edição de 1970 com outra igualmente polêmica, a de 1978, ocorrida no próprio país platino, que vivia também

sob o espectro ditatorial.

Assim, ao invés de esquivar-se das dicotomias usuais de abordagem do tema, como diversão *versus* seriedade, manipulação *versus* alienação, opressão *versus* resistência, ou ainda futebol *versus* política, a autora vai ao encontro de tratamentos reducionistas, procurando reconstituir a ambiência histórica em toda a sua complexidade e pondo em cena os conflitos de memória e os contextos de autoritarismo no Brasil de Médici *vis-à-vis* da Argentina de Jorge Videla, no decorrer dos anos 1970.

O terceiro e último trabalho a aludir aqui é de autoria de Denaldo Alchorne de Souza, fruto de um doutorado na PUC-SP e publicado em livro em 2018, *Pra frente, Brasil! Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem e da desordem (1950-1983)*. Como se depreende do próprio título, a Copa de 1970 é enquadrada na diacronia de longa duração, em um período que vai dos anos 1950 ao decênio de 1980. Se à primeira vista o Mundial em questão parece não ocupar um lugar exclusivo no estudo, a terceira parte inteira da obra dedica-se a examinar a relação entre futebol e regime militar, ideologia oficial e ação política no Brasil.

Nessa terceira parte, sua temporalidade também é ampla e vai da conjuntura do golpe de 1964 até a distensão de 1983, ano igualmente do falecimento de Garrincha. No primeiro quinquênio da ditadura (1964-1969), trata-se de enquadrar o lugar de “mitos populares”, como os bicampeões mundiais Garrincha e Pelé, com avanço no exame da derrota no Mundial de 1966 e da reconfiguração do elenco e das injunções políticas para 1970. Ao invés de focar na edição do México em sua singularidade, a trama dilata-se de 1969 a 1983, auferindo os efeitos daquela conquista na vida social brasileira no decurso da década seguinte.

Assim como Livia Gonçalves, o historiador Denaldo de Souza articula os campos esportivo e político todo o tempo em sua análise. Se a primeira se vale da via comparada, tendo a Argentina de 1978 como duo estrutural, o segundo atém-se à cronologia da historiografia nacional. O debate interno esmiúça a estrutura e a esfera dos esportes, notadamente a intervenção militar das entidades esportivas (CND, CBD) e sua ingerência sobre os postos de comando da Seleção Brasileira.

Feito o balanço retrospectivo acima, eis o momento então de apresentar o que se espera com a contribuição deste livro de entrevistas. Conforme visto acima, é consenso que a Copa de 1970 permanece como um torneio especial entre todas as mais de vinte edições já realizadas do Mundial, especialmente para o Brasil, em virtude das circunstâncias políticas da conquista, da qualidade tático-técnica dos jogadores brasileiros

e do arrebatamento causado em nível mundial com o tricampeonato. Se existem interpretações de senso comum e análises científicas sobre este, se vozes oficiais e jornalísticas já se pronunciaram, por que não conceder espaço para “ouvir contar” os relatos dos próprios protagonistas que participaram e testemunharam aqueles acontecimentos, hoje distantes meio século de nossa realidade?

A concepção deste livro vai, portanto, ao encontro das vozes dos remanescentes do torneio. No início da década de 2010, em meio à efervescência dos preparativos para o Mundial de 2014 no Brasil, estes atletas aceitaram conceder seus depoimentos a um projeto coletivo de pesquisa, coordenado pelo Museu do Futebol e pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). O projeto foi apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e compreendeu um total de 150 horas de gravação, com mais de 50 jogadores que estiveram presentes em copas disputadas entre 1954 e 1982.

O objetivo foi constituir um banco de entrevistas para consulta pública, disponível no Centro de Referência do Futebol Brasil, inaugurado em 2013 nas dependências do Museu do Futebol, no Estádio do Pacaembu. Graças à anuência da Associação de Ex-atletas da Seleção, os futebolistas foram contatados e gravaram entrevistas, que variaram de uma a cinco horas de duração, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte, entre 2011 e 2012. A estrutura das gravações passou por um período preparatório de levantamento de dados e de montagem do roteiro. A metodologia empregada para as entrevistas foi a História Oral, método que transforma fontes orais em documento escrito – depois da gravação, ele é transcrito e editorado. A técnica permite a análise do passado, numa interface temática e conceitual da história com a memória.

Das dezenas de entrevistas gravadas, selecionamos para este livro as da Copa de 1970, pela importância acima destacada. A seleção englobou nove atletas, que narram nos depoimentos a seguir suas lembranças e suas versões dos acontecimentos, alguns deles já mencionados nesta Apresentação, outros ainda desconhecidos ou não conhecidos daquele ponto de vista. Para o projeto, combinaram-se duas modalidades da História Oral: a história de vida e a história temática. Ou seja, o fio condutor das perguntas seguiu um critério cronológico do percurso biográfico do atleta e teve por finalidade chegar ao ponto central da entrevista, com a versão dos depoentes sobre a vivência do Mundial no ano de 1970, visto e reconstruído décadas depois.

A disposição dos capítulos segue a ordem dos atletas entrevistados e sua respectiva posição em campo, do goleiro aos defensores e dos meio-campistas aos atacantes. Assim, embora a leitura possa ser feita de

forma não sequencial, respeitamos aqui o posicionamento dos jogadores como forma de harmonizar a composição do livro.

Este livro não se propõe ser uma obra com intenções teóricas ou com análises aprofundadas. Sabe-se que o debate sobre o papel da memória na reconstituição histórica tem sido alvo de várias abordagens nos últimos anos. A interface muitas vezes é associada a outras referências conceituais, como os “lugares de memória” (Pierre Nora), os “enquadramentos de memória” (Michel Pollak) ou ainda as “artes da memória” (Francis Yates). Se este é um flanco promissor a ser explorado na reflexão acerca da esfera esportiva, o propósito aqui é mais modesto, embora não menos importante, pois tem em vista constituir uma fonte primária para consulta.

Com ele, visa-se servir de referência a estudiosos que queiram voltar ao tema da copa e lançar mão dos relatos aqui enfeixados. Entende-se que tais relatos, por sua vez, trazem uma visão de conjunto dialógica e intersubjetiva capaz de suscitar novos ângulos e pontos de vista sobre o evento em questão. Para o público mais amplo, a exemplo de um leitor não acadêmico, mas aficionado do futebol, o livro almeja oferecer uma leitura prazerosa, que guarde o frescor das reminiscências daqueles que entraram em campo e compuseram essa bela página da história do futebol brasileiro.

ENTREVISTAS

1. FÉLIX¹

Onde e quando você nasceu? Em qual time iniciou sua carreira?

Meu nome é Félix Miéli Venerando, nascido na Mooca em 24 de dezembro de 1937. Eu morava na Rua João Antônio de Oliveira, atrás da Companhia União dos Refinadores. Meu pai trabalhava na Indústria Brasileira de Meias, a antiga Mousseline. Tinha uma vila ali, que dava para os fundos da Javari, foi onde nasci. Aprendi a jogar futebol na rua e iniciei no Juventus.

Como era sua família?

Nós éramos uma família de cinco irmãos: eu e mais quatro. Era o segundo da família, tinha uma irmã mais velha, e depois vinha mais um irmão e duas irmãs.

Jogando futebol na rua, você já tinha vocação para goleiro ou de vez em quando arriscava a jogar na linha?

O meu início nos times de várzea da Mooca como goleiro foi porque eu tinha coragem. Antigamente não tinha asfalto, só paralelepípedo ou terra, mas na Companhia União dos Refinadores a calçada era bem larga. A gente brincava no paredão e foi onde eu fui pegando coragem para ser goleiro. Depois, eu joguei em quase todas as equipes de várzea da Mooca. Mas antes disso, quando era garoto – hoje a categoria se chama dente de leite –, foi quando eu saí da rua e fui treinar no mirim do Juventus.

Já como goleiro?

Sim. Na várzea, mesmo jogando no Juventus – no mirim, você não tem compromisso normal –, eu jogava na linha. Todas as equipes de várzea tinham dois times, o primeiro e o segundo. Eu jogava no gol do segundo e no ataque do primeiro. Fui artilheiro em diversos times, mas depois a minha vocação foi mesmo para o gol. Comecei a galgar

¹ Local da entrevista: Museu do Futebol, São Paulo, SP; entrevistadores: Fernando Henrique Neves Herculiani e Aníbal Massaini Neto; data: 1º de setembro de 2011; transcrição: Maria Izabel Cruz Bitar; edição: Pedro Zanquetta Junior; supervisão de edição: Marcos Aarão Reis.

as divisões de base do Juventus: de mirim fui para infantil e juvenil. Naquela época, tinha juvenil A e juvenil B e não tinha juniores. Aos 16 anos, fiquei no banco de reservas do profissional, na reserva do Oberdan Cattani, um grande nome do futebol do Palmeiras e do futebol paulista.

Você disputou algum campeonato pelo Juventus? Frequentava o estádio para ver outros jogos?

Disputei o infantil, o juvenil B e o juvenil A. Na Javari, eu era frequente, assistia a todos os jogos.

Por que você saiu do Juventus?

Eu precisava fazer uma cirurgia de hérnia na época e o Juventus não podia pagar, acabei saindo e fui para o Máquinas Piratininga. Fui trabalhar e jogar futebol para eles, disputando o Campeonato Amador de Várzea.

Como foi sua passagem pelo Máquinas Piratininga?

Fui campeão paulista e campeão interestadual. Nesse intervalo, eu jogando no Máquinas Piratininga, conseguiram uma oportunidade para eu treinar no Santos, no profissional. Eu tinha 17 anos nessa época. O Santos foi jogar um amistoso na Argentina e o Lula² falou para eu voltar lá quando a equipe retornasse de Buenos Aires.

No Máquinas Piratininga, tinha um tesoureiro da Portuguesa de Desportos chamado Antônio Júlio Cancela. Eu pedi autorização para poder sair, deixar o serviço para poder treinar. Quando voltei, ele disse: – Será que você é bom mesmo? Vamos experimentar. Vou mandar você treinar na Portuguesa. Se você for bom, vai fazer o contrato e eu não vou te dispensar mais do serviço.

Fui treinar na Portuguesa – na época, o Délio Neves³ era o treinador – e, no primeiro treino, já quiseram ficar comigo. E eu, aos 17 anos, assinando como profissional. Na época, não era igual a hoje: qualquer garoto de cinco, seis ou sete anos já está assinando contrato profissional. No meu tempo, devia ter autorização do Juizado de Menores e do pai para poder assinar.

Nessa época, você trabalhava, jogava e estudava?

Eu estudava, fazia contabilidade num colégio da Mooca. Assinei com a Portuguesa e viajava muito. O Campeonato Paulista era do inte-

2 Luís Alonso Pérez, mais conhecido como Lula, foi treinador do Santos entre 1954 e 1966.

3 Délio Neves de Almeida.

rior também, então você se concentrava terça e sábado e jogava quarta e domingo. Perdia quatro dias de aula na semana. Fui reprovado um ano por causa de falta, fiz segunda época e, graças a Deus, me formei. Sou técnico em contabilidade, mas nunca exerci a profissão.

Havia alguma restrição dos seus pais quanto a você jogar futebol?

O pai não queria, nem a mãe, porque eu precisava estudar. Mas meu pai trabalhava perto de casa, então, quando sabia que eu ia treinar, ele levava a minha chuteira para a fábrica. Quando eu saía de casa, passava na fábrica, pegava a minha chuteira na portaria e ia treinar no Juventus. Foi quando comecei a ser jogador de futebol.

Quem eram seus ídolos e suas influências como goleiro?

O Oberdan Cattani, um cara com uma mão enorme, que pegava a bola com uma mão só; o Gilmar,⁴ com aquela elasticidade; um pequeninho, chamado Valdir de Moraes, com uma colocação esplendorosa. Se juntar os três, o que você vai encontrar? Um fenômeno. Um Pelé no gol. Eu vi o Oberdan jogar, joguei contra o Gilmar e contra o Valdir de Moraes⁵ já no final da carreira dele.

Como foi sua ida da Portuguesa para o Nacional?

Eu saí da Portuguesa em 1957 e fui emprestado ao Nacional pelo Maurício Cardoso, que era um Capitão do Exército. Ele foi obrigado a me emprestar, pois o Cabeção,⁶ goleiro da Portuguesa na época, machucou a mão trocando uma lâmpada em casa, e joguei numa emergência. Fechei o gol. O Cabeção ganhava quatro ou cinco vezes mais do que eu e era goleiro de seleção. Fui conversar e o capitão Maurício disse: – Félix, não tem jeito, vou te emprestar para algum clube. Não dá para você ficar na reserva do homem, não tenho condição, e ele é goleiro de seleção, ganha muito mais. Não posso botar ele no banco para você jogar. Então, fui emprestado para o Nacional. Passei três meses lá. Quando voltei, o Carlos Alberto⁷ estava na Portuguesa, em 1957, e fiquei no banco com ele. Depois, veio o Chamorro⁸ e, em 1959, o Oto Vieira,⁹ de primeiro goleiro, de titular, me botou para último... Passei a quinto goleiro.

4 Gylmar dos Santos Neves.

5 Valdir Joaquim de Moraes.

6 Luiz Morais, mais conhecido como Cabeção.

7 Carlos Alberto Martins Cavalheiro.

8 Eusébio Chamorro.

9 Oto Vieira, treinador da Portuguesa.

Quando você assumiu como titular da Portuguesa?

Em 1960, quando o Nena,¹⁰ zagueiro central da Portuguesa, assumiu o profissional, ele perguntou: – O que está acontecendo? De primeiro goleiro você passou para quinto? Eu respondi: – Não sei. Não briguei com ninguém, nem com o treinador, e hoje ele me botou para quinto goleiro. Fazer o quê? Ele respondeu: – Não, você vai ser meu titular. Entrei de novo na equipe e nós fomos vice-campeões. Perdemos o título em Bauru, contra o Noroeste. Foi a única vez que a Portuguesa teve chance de ser campeã, na minha época.

Você é um homem de poucas camisas. A Portuguesa foi um lugar onde você ficou muito tempo. O convívio era bom?

Foi um trampolim para mim. Hoje, o atleta é revelado e, em seguida, vai para a Europa. Antes não existia isso. Eu fui cogitado, em 1963, para ir à Itália. Acabou não dando certo. A Portuguesa foi o time em que fiquei mais tempo, treze anos. Acho que fui o jogador que ficou mais tempo lá.

Em 1962, você foi convocado para os preparativos da Seleção Brasileira?

Não fui convocado, fui relacionado entre os 40. No campeonato oficial de 1963, fui convocado pela seleção paulista. E depois, na própria Seleção, em 1965, teve um amistoso contra a Hungria, aqui no Pacaembu.

É uma emoção a convocação, entrar em campo com a camisa da Seleção? Você lembra esse jogo?

Lembro. Eu tinha passado pela seleção paulista, seleção regional, mas Seleção Brasileira é outra coisa. Fomos jogar contra um time considerado o melhor da Europa, a Hungria. Para mim, botar aquela camisa... a camisa da Seleção pesa muito, pesa demais. Em 1966, fui lembrado entre os 30. Foi feita uma seleção chamada de “os esquecidos”. Estava passando a novela da Mamãe Dolores,¹¹ e então falaram: “Essa é a seleção Mamãe Dolores”, que era a azulona.¹² Íamos fazer uma excursão à Europa, mas só jogamos duas partidas aqui.

¹⁰ Olavo Rodrigues Barbosa, mais conhecido como Nena.

¹¹ *O direito de nascer*, novela de Felix Caignet exibida na TV Tupi e na TV Rio entre dezembro de 1964 e agosto de 1965. A personagem Mamãe Dolores era interpretada pela atriz Isaura Bruno.

¹² A Seleção de 1966 teve 47 jogadores. Dividiram as equipes em azul, amarela, branca e verde. Elas jogavam entre si e, às vezes, contra outras seleções ao mesmo tempo, por exemplo, uma em um estado e outra, noutro.

Em 1967, você foi titular com o Aymoré Moreira¹³ na Copa Rio Branco, no Uruguai. Como foram esses jogos?

Foram três empates – zero a zero, dois a dois e um a um –, e nós fomos campeões. Estava um frio, cara! Uns sete graus abaixo de zero. E uma chuva! No gol, você pisava e atolava. Fomos fazendo as partidas, jogando e empatando. O Brasil saía na frente e depois eles empatavam. Teve um jogo em que eles saíram ganhando da gente, nós viramos e depois eles acabaram empatando. Eles meteram a mão na gente. Naquele tempo, em Montevideu, dificilmente você ganhava.

Como eram esses jogos contra o Uruguai?

Era pesado e essa rivalidade ainda existe. Você joga contra o Uruguai até hoje e pensam: – Vamos vingar 1950! Não existe, cara! Fui bicampeão da Copa Rio Branco em cima do Uruguai. Eu fui bi, joguei as duas. O cara chega, em 1970: – Vamos vingar 1950! – Mas vamos vingar de 1950 o quê?! Não tem nada que vingar mais. Já ganhamos, fomos bi.

Fale um pouco sobre a sua transferência para o Fluminense em 1968.

O diretor do Fluminense me viu jogando contra o Vasco. Disse que eu cantava o jogo, conversava com a defesa, ordenava dando a colocação para um e para outro. Passava o jogo todo falando. E jogava mesmo, quando terminava, eu estava rouco. Então, quem veio para cá para fazer a minha contratação foi o doutor Vilella,¹⁴ o Rei do Tapetão. Ele ganhava tudo na justiça. Quando chegou para falar com o presidente da Portuguesa, o Luiz Portes Monteiro, eles ofereceram o Orlando,¹⁵ que tinha saído do São Cristóvão para a Portuguesa e estava no banco comigo. Ele falou: – Não. Eu quero é o Félix mesmo, vim direto para comprá-lo. – Não, mas não pode. Se não for o Félix, não tem negócio. Ele acabou me levando. Pagaram uma merrequinha, baratinho, na época não tinha essa valorização de hoje. O Fluminense deu ainda um jogador deles, o Cabralzinho.¹⁶

Era 20 de março de 1968. Eu lembro, pois era aniversário da minha filha do meio, íamos fazer uma mesinha para a menina – Não, não. Eu quero levar você hoje. Vai e pede desculpa para a tua filha. Eu dou um

¹³ Treinador da Seleção Brasileira. Comandou a equipe em 1953, 1961-1963, 1965, 1967 e 1968.

¹⁴ José Carlos Vilella, advogado, membro da diretoria do Fluminense. Ocupou diversos cargos no clube entre as décadas de 1960 e 1990.

¹⁵ Orlando Alves Ferreira, goleiro da Portuguesa entre 1963 e 1974. Conhecido como Gato Preto, revezou-se no gol da Portuguesa com Félix entre 1964 e 1968.

¹⁶ Carlos Roberto Ferreira Cabral, mais conhecido como Cabralzinho, meia-direita que atuou no Fluminense em 1967.

presente para ela.

Deu uma boneca para a menina. Acabou me levando para o Rio no mesmo dia. Assinei o contrato e fiz o exame. O Telê era o treinador, ele é que tinha me indicado. Concentrei dois dias antes, joguei no domingo contra o Botafogo, zero a zero, e fui considerado o melhor homem em campo, tenho o troféu até hoje.

Por mais que tenha se destacado na Portuguesa e chegado à Seleção, você não tinha ganhado um título. No Fluminense, vem uma série de títulos. O Maracanã lotado, muitos títulos e comemorações. Como era?

Você só escuta “Oh! Oh!”. Fui privilegiado em ir para o Fluminense, time da elite, um Fla-Flu era uma rivalidade, Maracanã lotado mesmo. Em 1968, cheguei no meio da competição, o Fluminense estava se armando e o Botafogo foi bicampeão. No ano seguinte, o Fluminense ganhou, com o Telê como treinador. Eu nunca tinha tido o gostinho de ter essa festa de ser campeão regional e tive a felicidade logo no primeiro ano. Tinha 14 anos como profissional. Fiquei 13 anos na Portuguesa e só depois fui ser campeão numa equipe como o Fluminense. Era uma beleza entrar em campo e ver aquele talco, aquela poeira, aquilo tudo. Via uma coisa bonita, uma torcida sempre querida e que gostava de mim. Então, quando começa ganhando, você pega o gosto. Todo ano quer de novo.

Você estava sendo convocado pelo Aymoré Moreira. Mas em 1969, o João Saldanha¹⁷ assumiu a Seleção. Conte essa experiência.

Ele me convocou, disse que eram as feras do Saldanha. Convocou 11 titulares e 11 reservas, e falou: – Meus 11 são esses e os outros 11 são esses. Foi a maior satisfação: fui para o Rio em 1968; em 1969, campeão e o cara já me convoca para a Seleção Brasileira?! Foi aquela alegria. Eu tinha 14 ou 15 anos de futebol, de profissional, e estava com 29... 30 anos.

Nas eliminatórias, você jogou todos os jogos?

Joguei todos os jogos, todos os minutos. Inclusive eu tinha uma aposta com o chefe da delegação, o presidente do Vasco, Agartino Gomes. Eu falei que não ia tomar nenhum gol. Fomos para fora do país eu disse: – Vou voltar invicto. Vamos apostar? – Vamos. Naquela brincadeira. – Um litro de uísque! Fizemos um amistoso contra os Millionarios, da Colômbia. Dois a zero. Pegamos a Venezuela e foi cinco a zero; o

¹⁷ João Alves Jobim Saldanha foi jornalista e treinador de futebol, atuou como técnico da Seleção Brasileira entre 1969 e 1970.

Paraguai foi três a zero...¹⁸

Voltou invicto. Ganhou o uísque?

Voltei invicto. Ganhei o uísque. Vim tomar dois gols no Maracanã. Pegamos a Colômbia, seis a dois. O maior número de torcedores dentro do Estádio do Maracanã foi no último jogo, Brasil e Paraguai, aquele um a zero. Foi quando nos classificamos. Veio a Copa do Mundo e o *seu* Saldanha me cortou.

Nessa época, também jogavam o Djalma Dias e o Rildo, ou seja, grandes goleadas, uma seleção vitoriosa. As feras do Saldanha. Mas há uma mudança. Foi injusto com você e os outros?

Isso foi uma coisa triste. Se você convoca uma seleção e fica dois ou três meses treinando, você faz um tipo de família. É aquela união. Depois, em 1969, cada um voltou ao seu clube e a convocação foi só em 1970. Fui campeão carioca com o Fluminense em 1969 e, em 1970, depois da Copa, fui campeão brasileiro.

Essa é uma das melhores preparações de Seleção, pelo tempo que levou. Foram três meses até a Copa do Mundo, em junho?

Foram quatro meses. O que o Saldanha fez? Convocou o Ado e o Leão, os dois estavam surgindo naquela época. Um tinha 21 ou 20 [anos] e o outro tinha... Então, não sei de onde eles tiraram. O Ado fez uma partida boa [pelo Corinthians] contra o Fluminense, pegou inclusive um pênalti, e nós estávamos jogando aqui. Eu joguei esse jogo. O Leão não tinha surgido ainda. Quando apareceu a lista com os dois, todo mundo correu em minha direção querendo saber o que tinha acontecido. Eu disse: – Não sei. Quem pode falar é ele, não sou eu.

Nesse intervalo, foi feita uma seleção regional do Rio e uma seleção de Minas e nós fizemos um jogo amistoso entre um e outro. Fomos jogar em Minas e me puseram. No jogo, me perguntaram (e ele, perto de mim): – Félix, por que o Saldanha...? Eu disse: – Ele está ali. Ele pode falar com vocês. Então, ele disse que eu era magro, não sabia sair do gol, não aceitava o choque dos gringos (o europeu, ele chamava de gringo), nem socava e nem jogava de luva, porque no México, era a época chuvosa. Eu disse: – Não vou responder. Ele faz. Só vou responder dentro do

¹⁸ Nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1970, os times da América do Sul foram divididos em três grupos. A Seleção Brasileira encabeçou o Grupo 2, do qual faziam parte Colômbia, Venezuela e Paraguai. Nos seis jogos disputados, a Seleção obteve os seguintes resultados: Colômbia 0 x 2 Brasil (6 de agosto de 1969); Venezuela 0 x 5 Brasil (10 de agosto de 1969); Paraguai 0 x 3 Brasil (17 de agosto de 1969); Brasil 6 x 2 Colômbia (21 de agosto de 1969); Brasil 6 x 0 Venezuela (24 de agosto de 1969); e Brasil 1 x 0 Paraguai (31 de agosto de 1969).

campo. Na eliminatória eu era bom; agora eu não sou mais. Não posso fazer nada.

Fui jogar pelo Fluminense, continuou o campeonato, e o pessoal [da Seleção] concentrado. Fizeram um amistoso contra a Argentina. Teve um jogo do Fluminense na noite em que o Saldanha caiu, contra o Campo Grande, no Maracanã. Joguei o primeiro tempo, e o Paulo Amaral, o treinador, disse: – Olha, no intervalo, vou mudar você, vou dar chance ao Jairo.¹⁹ Eu falei: – No intervalo? E ele: – É. Com qualquer resultado... – E desde quando treinador troca o goleiro quando está zero a zero? Desde quando, se não for por uma contusão? – Ah, mas eu quero experimentar ele. Eu disse: – O senhor é que sabe. Se vocês estão pensando em armar, você e ele... (o Paulo Amaral e o Almir Ribeiro, supervisor do Fluminense que tinha levado o Jairo para lá).

Tomei banho e peguei o elevador. Todo mundo correndo atrás de mim. Eu falei: – Que é isso? – Você foi convocado. O Saldanha caiu, o Zagallo entrou e te convocou. Então, eu vim saber as exigências, o Zagallo falou: – Eu quero convocar, além destes, cinco de minha confiança. Nesses cinco, entramos eu, o Dadá, o Roberto Miranda e o Leônidas, quarto-zagueiro e central, era do Botafogo e foi cortado, pois estava machucado. Foi quando retornei à Seleção Brasileira.

O Saldanha caiu por problemas políticos ou problemas internos?

Eu acho que político não foi, porque o Médici,²⁰ mesmo que tenha falado, nenhum político se intrometeu...

O Médici falou como torcedor então?

É provável. E a resposta do Saldanha... O partido dele era comunista e ele respondeu ao Presidente da República.²¹ Não vou desfazer a imagem do Saldanha, mas ele bebia um pouquinho, e numas dessas chegou a ficar [bêbado] dentro da concentração... E depois houve uma discussão dele com o Yustrich.²²

Na eliminatória, a Seleção ficou concentrada no Flamengo, e na

19 Jairo do Nascimento, goleiro reserva de Félix, havia recém-chegado ao Fluminense, oriundo do Caxias.

20 Emílio Garrastazu Médici foi Presidente do Brasil entre 30 de outubro de 1969 e 15 de março de 1974, durante a ditadura militar.

21 Na ocasião, o Presidente Médici pediu a inclusão do atacante Dadá Maravilha na Seleção e João Saldanha respondeu com a seguinte frase: “*Ele não escala minha Seleção e eu não escalo seu Ministério*”.

22 Dorival Knipel, mais conhecido por Yustrich, foi goleiro em diversos clubes cariocas, mas ficou famoso como um técnico exigente e de temperamento explosivo. Em 1970, quando comandava a equipe do Flamengo, criticou em público João Saldanha. Este, irritado, entrou armado na concentração do time em busca de Yustrich, que não estava no local.

Copa do Mundo ficamos no Retiro dos Padres.²³ Já estava concentrada quando o Saldanha caiu e o Zagallo me chamou. Fiquei dois meses a menos do que o pessoal.

Aquele negócio da cegueira do Pelé, alegada pelo Saldanha, aconteceu mesmo?

Aconteceu. O Saldanha disse: – Como posso ser campeão? Falou que ia cortar, chamou o Pelé de míope. Eu falei: – Você está brincando?! Todo mundo começou a dar risada. Ele deu aquela desculpa sobre mim e depois a desculpa do Pelé. Foi quando ele caiu.

Isso foi uma decisão da Confederação Brasileira de Desportos?

Sim. Na minha opinião, não foi nada político. Nós estávamos treinando na Escola de Educação Física do Exército, a melhor escola do mundo em preparo físico. O Chirol e o Parreira²⁴ eram os dois preparadores, auxiliados pelos preparadores do Exército: tenente, capitão etc. Nós estávamos treinando na Praia Vermelha, dentro do quartel. Quando era coletivo, íamos ao Maracanã.

O Brasil teve uma vitória e uma derrota contra a Argentina. Depois teve um jogo contra o Bangu, um a um. Isso deu um baque?

Foi o último amistoso do Saldanha. Acho que foi a gota-d'água.

Depois, o Zagallo entrou e resolveu fazer um teste e jogar com o Tostão e um centroavante.

Ele achava que o Tostão e o Pelé não jogavam juntos. Conversamos e viram que o Tostão, taticamente, poderia servir. Então, contra a Áustria, o Zagallo montou esta equipe. Ele aceitava ouvir a sua opinião. Agora, tinha uma coisa, você era obrigado a jogar do jeito que ele queria. Tinha diálogo, com o Saldanha não tinha. – Esse é minha fera! E nem instrução dava. – Vamos para a vida que segue! Ele só falava isso e botava dentro de campo. O Zagallo não, ele perguntava, um a um, se era possível jogar como ele queria.

Ele não colocava o Tostão em nenhum amistoso. Neste, contra a Áustria em Manaus, o último jogo, na inauguração do Vivaldão, nós ganhamos de um a zero e fomos jogar a Copa do Mundo com esse time armado. Dali em diante, não tinha para mais ninguém. Podia haver uma substituição ou outra, em caso de contusão. O Everaldo se machucou

²³ Também conhecida como “Casa da Gávea” ou “Casa de Retiros Anchieta”, é uma casa de campo localizada em São Conrado, na cidade do Rio de Janeiro.

²⁴ Admildo de Abreu Chirol e Carlos Alberto Parreira eram os preparadores físicos da Seleção Brasileira em 1970.

em um jogo e entrou o Marco Antônio; o Piazza se machucou e entrou o Fontana...

O Piazza recuou de volante a quarto-zagueiro; o Rivellino virou ponta-esquerda. Ou seja, moldou-se um time aproveitando o melhor de cada um nas suas posições. Estas mudanças buscavam espaço para todo mundo?

Eu às vezes comento: nós jogamos com cinco números dez. Em cada clube, era um número dez: o Jairzinho, na ponta-direita, era o número dez do Botafogo; o Tostão, centroavante, era no Cruzeiro; o Pelé era no Santos; o Rivellino era no Corinthians; o Gérson era o número dez – em geral, jogava usando o número oito, mas era o dez.

O Tostão veio de uma cirurgia na vista, a preocupação era mantê-lo e ver se ele poderia jogar. A maioria dos jogadores convocados pelo Zagallo saiu machucada. Ficamos eu, o Dadá e o Roberto. Ele não teve muita gente que pudesse cortar.

O Zagallo jogava na Seleção, no Botafogo e no Fluminense sempre no 4-3-3. Para fazer uma seleção considerada a seleção do século, você tinha quantidade e qualidade. Tinha um melhor do que o outro. Ele foi moldando a equipe. A maioria dos jogadores era inteligente, você pegava um Rivellino, onde você botava, ele jogava; pegava um Paulo César, onde você botava, ele jogava; pegava um Pelé, então, e não se diz mais nada; pegava um Tostão... Eu penso que, taticamente, o Tostão foi o melhor jogador dessa Seleção. Ele, prendendo dois, deixou o Pelé jogar à vontade. E o Pelé, do jeito que é, o melhor do mundo, deixou à vontade, já era, meu! Nessa maneira de jogar, ele chegava em você e falava: – Meu time é esse, esse e esse. O fulano está machucado, o fulano vai entrar no lugar. Não inventava. Ele chegava: – Carlos Alberto, dá para fazer o que eu estou te pedindo? – Dá. – Brito, isto é possível? Piazza...? Então, ia um a um.

O Piazza surge assim? Como ele se transformou de volante em quarto-zagueiro? E o Clodoaldo, estava jogando bem?

O Zagallo queria incluir o Clodoaldo no campo, apesar de ser garoto, ser novo. Ele acreditava que o Joel²⁵ seria muito clássico para jogar com o Brito. Além do Brito ser um [zagueiro] de raça, pois foi o melhor jogador, o mais preparado nessa Copa. Ele queria ter um outro, de contenção, e seria o Piazza, que jogou na posição de quarto-zagueiro no Cruzeiro. Nestas mudanças, foi-se adaptando. Ele tinha o Carlos Al-

25 Joel Camargo, zagueiro brasileiro. Foi reserva da Seleção na Copa do Mundo de 1970.

berto, que apoiava, era um lateral da época, era *overlapping*...²⁶ Então, o que ele fez? Botou o lateral. Se ele bota o Marco Antônio, vão os dois embora. Ele queria ter pelo menos a segurança, então manteve o Everaldo. O Everaldo entrou, deu conta do recado e acabou permanecendo.

No terceiro jogo, contra a Romênia, o Gérson não jogou por causa de um estiramento, jogou o Paulo César, o Caju, e o Rivellino veio em direção ao meio. Quando tinha necessidade, ele colocava o atleta especialista naquela posição para a posição dele. Jogou com o Rivellino, jogou com o Gérson e jogou com o Clodoaldo, e, com o Pelé jogando solto, só podia matar o adversário. E foi o que aconteceu.

Todas essas mudanças deram certo, vocês foram campeões. Mas, quando embarcaram com destino ao México, como foi? Muita confiança ou suspeita da torcida? Havia pressão?

A gente sempre saiu desacreditado. A Seleção que saiu acreditada que seria campeã, não voltou campeã.

Os jogadores aceitavam essas mudanças ou havia alguma insatisfação dos que foram preteridos?

Não. O único preterido que chiou foi o Leão. Ele foi cortado quando eu fui convocado. Saiu chorando. Eu falei: – Calma, garoto, você é novo. Ele disse: – Você é protegido do Zagallo, vai ser titular. Eu falei: – Muito obrigado. Vou ser titular? Você já me escalou? Está bom. E ele saiu.

Na véspera da inscrição, o Rogério, convocado que era pontadireita do Botafogo, sentiu uma contusão. A gente estava sempre junto com a Comissão Técnica, brincando, fizemos um ambiente muito seletivo, muito bom. Escutamos um comentário: – Vamos convocar quem no lugar do Rogério agora? Está em cima da hora. Chamei o Ado e falei: – Por que a gente não dá uma ideia para eles convocarem um terceiro goleiro? Ele falou: – Boa ideia!

O Ado é um cara espetacular: é amigo, é honesto, torce mesmo. Se torce por você, ele torce de coração. Fizemos uma amizade de irmãos. Fomos à Comissão Técnica, chamamos o Zagallo e o Chirol: – Vocês estão quebrando a cabeça. E se vocês convocarem um terceiro goleiro? Se eu me machuco, joga o Ado. Se machucar os dois, vocês não têm quem improvisar. No ataque ou em qualquer posição, você improvisa. Até eu posso entrar e jogar. No gol, você não improvisa. Eles disseram: – Boa

²⁶ *Overlapping*, ou *overlap*, é o nome dado à jogada em que o futebolista passa a bola para um colega da mesma equipe situado próximo à linha lateral e corre para a grande área adversária para receber um passe ou cruzamento.

ideia. Bom, vamos quebrar a cabeça: quem vamos convocar? Eu disse: – Não precisa quebrar a cabeça. Não mandou o menino embora? Não dispensou? – É, isso... Beleza! Quem foi? Foi o Leão? – É, o Leão. Foi a pior coisa que eu fiz na minha vida, mas, em todo caso... [riso].

Convocaram o Leão, o terceiro goleiro. Foi quando toda Seleção Brasileira passou a levar o terceiro goleiro. Quando ele entrou, nós estávamos em Guanajuato, eu estava batendo papo, ouvi o barulho do portão, olhei atrás, era ele. Eu: – Parabéns! Ele respondeu: – Foi feita justiça! Eu falei: – Quer saber? Vai... [riso].

Nos dois amistosos em León, no México, o Ado e o Leão jogaram meio-tempo cada um. O Zagallo me falou: – Você, eu sei, eu conheço. Tinha sido campeão carioca com ele e tudo mais. Ele, que era treinador do Botafogo, sabia como eu jogava no Fluminense, sabia quem eu era. – Então, preciso conhecer os dois, ver a reação deles no jogo.

O Fontana não teve um probleminha também?

O Fontana teve um problema com o Pelé. Isso nós encobrimos, pois o ambiente nosso era bom. Quando queríamos fazer uma reunião entre nós, falávamos com a Comissão Técnica. Qualquer problema existente seria resolvido por nós, sem intervenção dela, nem da diretoria.

Tínhamos resolvido dois ou três casos – o do Paulo César Caju; o do Edu –, mas o do Fontana foi muito mais grave. Numa entrada em um treino (não tinha coletivo, era ataque contra defesa), o Fontana entrou a fim de quebrar o Crioulo, pegar o Pelé. Houve aquela discussão dentro do campo. O Fontana se desfazendo do Pelé e xingando. Nós tínhamos uma comissão de cinco jogadores (o Carlos Alberto, o Piazza, o Gérson, eu e o Brito), quando houvesse qualquer problema, resolveríamos entre nós. Então, foi pedida uma reunião junto à Comissão Técnica para ver o ambiente que estava rolando dentro da Seleção e o intuito de levar o título. A maioria já tinha uma certa idade e dificilmente disputaria outra Copa do Mundo.

Foi feita essa reunião: – Vamos decidir aqui mesmo. Você fala o seu problema, você fala o teu problema e nós vamos resolver. O Pelé chamou o Fontana para a briga. Mas o Fontana falou: – Não vou brigar porque você é o Pelé. Se eu brigar, vou ser cortado e vou embora da delegação e você vai ficar, pois você é o Pelé. O Pelé disse: – Não. Se eu sair na briga e você for cortado, pego o mesmo avião de volta. Eu mesmo me corto da delegação. Mas nós vamos decidir quem é... Não adianta você dentro do campo ser marrudo e aqui fora... Nós vamos resolver. Então... entrou a turma do deixa-disso.

Olha! Eu nunca soube disso! O Paulo César Caju contou que o Fontana disse na concentração que o Pelé protegia os jogadores do Santos para serem titulares da Seleção. E ainda que o Pelé pediu uma reunião e falou ao Fontana: – Bom, não tem o negócio de falar pelas costas; vamos falar aqui de forma clara. Você falou ou não falou? Houve esta disputa de posição?

Eu não vi. Eu soube porque fazia parte da comissão e sabia do assunto. Talvez o Paulo não soubesse, pois ele levou uma dura e o Edu também levou uma dura.

De vocês ou da Comissão Técnica?

De nós. Inclusive, o Dadá vinha com os provérbios e tudo. Ali, nós dissemos o seguinte: – Nós viemos aqui para sermos campeões. Não adianta procurar menininha. Não vamos namorar, ninguém vai namorar, ninguém sai, nem nada. Nós tivemos duas folgas, uma no Brasil e uma lá, e nem queríamos sair. A outra folga que iam dar, nós não saímos, em Guanajuato.

Segundo o Paulo César Caju, muitas vezes, no final de tarde, vocês faziam uma oração.

Com certeza. Rezávamos todo dia, no final da tarde ou, às vezes, antes ou depois do jantar. Quando foi a Copa do Mundo, continuamos fazendo, não com tanta intensidade.

Vocês tinham uma comissão de cinco jogadores. Dentro de campo, quem cantava o jogo? A gente sabe da inversão de posição do Gérson e do Clodoaldo contra o Uruguai, coisas decididas dentro de campo. Quais eram as cabeças pensantes no time?

O Zagallo. Você citou o caso do Gérson... O pessoal do Uruguai viu quem comandava o meio de campo. Eu gritava até com o ponta-esquerda, gritava para o Tostão, gritava com todo mundo. Então, eu: – Carlos Alberto, isso e aquilo. – Brito, isso e aquilo. Dali, o Gérson comandava; o Carlos Alberto comandava. E era assim: todo mundo tinha voz ativa. – Por isso eu disse, quando o Zagallo perguntava: – Carlos Alberto, dá para fazer? – Zagallo, e se o cara fizer... – Tudo bem. Você começa fazendo. Se você achar dificuldade, você tem direito, me faz um sinal e tem direito de mudar.

Você viu o Gérson contra a Tchecoslováquia. Botaram dois caras em cima dele e o Clodoaldo ficou livre; botaram dois em cima do Tostão, e o Pelé ficou livre. O que o Gérson fez? – Zé! Zé! (apelido do Zagallo). Era só fazer sinais, ele já entendia. Quando o Gérson viu os dois caras acompanhando ele e o Clodoaldo livre, disse: – Vai. Eu prendo dois aqui

e você fica livre ali. Acabou essa mudança, o Clodoaldo fez o gol do empate na mesma hora. Havia essa liberdade. Então, quer dizer, “apesar de eu ser durão no papel de treinador, dou uma liberdade para você achar a dificuldade”. Quem sabe da dificuldade dentro do campo somos nós. O treinador pensa numa coisa; agora, encontramos outra coisa dentro do campo. E tínhamos muitos craques inteligentes...

Começo da primeira fase, Brasil e Tchecoslováquia, a estreia na Copa. Como foi esse jogo?

Eu digo sempre: – Mas vocês entraram nervosos? Fazer um amistoso é uma coisa, você disputar uma Copa do Mundo é outra. Então, vamos com aquilo na cabeça. Pisamos o campo, deu o estalo: você volta a ter o domínio de você! O primeiro jogo é o pior, ninguém sabe o que vai acontecer. Nós iniciamos perdendo de um a zero.

Nesse momento, te deu um calafrio ou não?

Não. Tomamos o gol quando evoluímos mais, aos 15 minutos de jogo. A partir dali a equipe se soltou, foi embora. No final, foi quatro a um. Tive duas ou três defesas difíceis, mas o Brasil atacou mais do que sofreu, então deu para fazer... Do primeiro jogo em diante, a equipe deslanchou.

Vocês conheciam os jogadores de outros times, de outras seleções? Por exemplo, tem uma jogada marcante, a tentativa do Pelé de fazer aquele gol no Mazurkiewicz.²⁷

Não. Aquilo lá, você sabe, o homem pensava segundos na frente da gente. Por isso ele é o “rei do futebol”. Ele foi apelidado “o Rei do Futebol” porque o reflexo dele era muito mais... O reflexo ganhava de um goleiro. Um exemplo foi aquele do Viktor.²⁸ Ele ia dar uma saída e nunca imaginaria que o Pelé fosse chutar de lá. Nem nós. Quando vimos o goleiro correndo atrás da bola, eu falei: – É brincadeira! Depois, teve outro lance contra o Uruguai. O Mazurkiewicz bateu um tiro de meta, o Pelé vinha de costas e gritaram: – Olha a bola, crioulo! Quando ele viu, já virou [um chute] de esquerda. A sorte do Mazurkiewicz foi a bola fazer a curva para o lado dele. Se a bola faz a curva do lado contrário, se pega pelo lado de fora do pé, o Pelé fazia o gol, matando o goleiro.

Tem esse lance do Pelé, o quase gol no jogo da Tchecoslováquia, no chute do meio

²⁷ Ladislao Mazurkiewicz, goleiro da Seleção Uruguaia na Copa do Mundo de 1970.

²⁸ Ivo Viktor, goleiro da Seleção Tchecoslovaca na Copa do Mundo de 1970.

de campo. Passado esse susto, um a zero, vence o jogo, joga bem. Vem o jogo contra a Inglaterra, fica uma dúvida no ar, não é? Você tinha aquelas críticas do Saldanha, “não vai conseguir trombar nos gringos”.

É, mas isso matou eles. Entraram em campo com essa... Além do Saldanha me cortar, ele tinha uma coluna n’*O Globo*. E a maioria dos jornalistas brasileiros pegou os jornais do México e ele também pegou uma boquinha. A mesma coluna do *Globo*, ele publicou no *Esto*, um jornal do México. “*Brasil tiene que cambiar su portero*”, o texto dizia: “O Brasil precisa trocar seu goleiro porque é magro, não aceita choque dos atacantes adversários e tal”. Os caras botaram um zagueiro central e um quarto-zagueiro de quase dois metros de altura cruzando em cima da área. Só bola em cima. Eu me diverti: uma [mão] eu dava na cabeça do cara, e [com] a outra, eu socava a bola [risos]. E joguei a Copa do Mundo toda sem luva...

Mas tem um lance muito marcante do Lee²⁹ em cima de você. Pegou na maldade, não foi?

Eu fui muito feliz, mas foi na maldade. Já tinha pego o Everaldo. Pensei que o Bobby Charlton³⁰ tivesse cabeceado a bola, mas foi o próprio Lee. Houve um cruzamento da direita deles e o Lee voou de cabeça. Eu estava voltando, fiz a defesa, por sinal, uma grande defesa, e conforme fiz com uma mão só a bola caiu. Mas eu fiz o mata-borrão e abafei. Ele também estava no chão e virou para pegar a bola, acertou no meu rosto e fui a nocaute. Depois vi nos teipes: eu bati no chão e ficava tremendo. O Mário Américo³¹ veio correndo, me atendeu. Levantei e continuei jogando. Igual a um lutador de boxe, nocauteado, mas estava em pé.

Meio grogue?

Não. Fazendo tudo automaticamente: você vendo tudo o que estava fazendo, mas não estava senhor de si. Terminou o primeiro tempo, fizemos tudo igual. A gente inclusive fazia uma coisa que não devia fazer, e hoje eu sofro por causa disto: quando chegava ao vestiário, tinha dois cigarrinhos acesos, eu fumava um, e o outro, o Gérson. No fim, eu estou pagando por isso. Mas tudo igual: depois paramos, o Zagallo deu instrução e descemos para o vestiário. Conforme descemos, eu botei o pé no degrau, pá! O Gérson: – O que é que foi? O que é que foi? Eu falei:

29 Francis Henry Lee, atacante da Seleção Inglesa.

30 Bobby Charlton, meio-campista e atacante da Seleção Inglesa.

31 Mário Américo, massagista da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1954-1974.

– Antes tinha sido; agora eu não tenho mais nada, agora eu estou legal. Foi quando deu o estalo na cabeça que eu voltei.

Você não viu então a reação dos jogadores do Brasil diante do Lee? Houve uma promessa de pegá-lo?

Houve inclusive o Carlos Alberto gritando para o Pelé: – Ô Negão, pega esse cara aí! E o Pelé: – Como vou pegar? Eu estou aqui na frente, vou aí atrás pegar ele de que forma?

Por que pediram que o Pelé pegasse? Ele sabia bater disfarçado?

Sabia. De tanto que apanhou, coitado. Vi o Pelé nascer no futebol, eu jogava na Portuguesa de Desportos quase na mesma época que ele iniciou. Ele apanhava tanto, acabou aprendendo a dar sem o juiz ver. Você lembra do lance contra o Uruguai? O cara pegando ele, pegando ele, e quando deu, ele... tum! Na corrida, ninguém viu, mas a câmera viu.

Falta ao contrário.

Foi falta a nosso favor. Nessa, o Carlos Alberto chamou. De repente, a bola foi para o Lee, o Carlos Alberto virou até a cara. O Lee deu tanta sorte, pois passou no meio das pernas dele. Não pegou.

Falaram que a Seleção da Inglaterra era odiada pela torcida mexicana. Houve uma ofensa dos ingleses?

Exato. Os ingleses levaram o ônibus deles, não quiseram usar o que foi cedido pela federação mexicana; não queriam tomar água no México, levaram água mineral, levaram tudo. Eles desconfiaram do povo mexicano. E o povo mexicano ficou ofendido. Como o brasileiro se dá bem em qualquer lugar, ainda mais o pessoal do batuque, o povo mexicano caiu nas graças do Brasil.

Mas essa torcida desse jogo era pró-Brasil?

Completamente.

Eu vi uma imagem curiosa: tinha um inglês debaixo da trave, como se aquela sombra do travessão estivesse protegendo. A que horas era o jogo? Eles não foram para o vestiário depois?

Era um sol a pino. Meio-dia lá e quatro horas aqui no Brasil. Não tinha nem sombra, era direto assim. Quando o cara faz muito, desconfia que vão fazer com ele. Pensavam que tinha pó-de-mico no vestiário, pois a torcida mexicana sempre foi contra eles. Dali para frente, eles não

ficaram mais no campo. Passaram a ir para o vestiário.

Foi o jogo mais difícil da Copa?

Na minha opinião, este foi o mais difícil. Ainda brinco: – Eu só tomava gol quando podia [risos]. Se fazíamos quatro, eu tomava um. Contra a Inglaterra, foi um a zero, não podia tomar gol, então eu não tomei.

Após esse jogo duro contra a Inglaterra, veio a partida contra a Romênia, encerrando a primeira fase, um três a dois. Alguma lembrança específica deste jogo?

Contra a Romênia, fiz umas defesas difíceis, mais do que em muitos jogos. Não desfazendo da equipe romena, foi um *score* apertado: nós fizemos dois a zero, eles fizeram dois a um, nós fizemos três a um e eles fizeram três a dois. Foi um bom time da Romênia, mas a nossa equipe era superior, mesmo estando desfalcada: jogou o Fontana; jogou o Marco Antônio...

Aquela jogada da falta era ensaiada? O Pelé batendo a bola em cima do Jairzinho, que se agacha.

Foi ensaiada. Não só o Pelé, o Rivellino também, batendo em cima e o Jairzinho saindo fora.

Classificado na primeira fase depois do jogo contra a Romênia, a confiança da torcida e dos jogadores aumentou?

Você vê como a nossa equipe estava bem preparada... A maioria dos jogos, ganhamos no segundo tempo. Antes da Copa do Mundo, houve um estudo: pegavam dois jogadores de cada equipe para testar, ver o estado físico, e a nossa equipe foi considerada a melhor, a mais bem preparada. Nós botamos dois caras que eram brincadeira: o Brito e o Everaldo. Quase quebraram os aparelhos de tão bem preparados. Com relação à técnica, o nosso time tinha chance, só tinha craque. Quando o craque está bem fisicamente, não tem quem segure. E a nossa equipe estava muito bem preparada.

Nas quartas de final, vem o Peru, não é? Nesse jogo, o treinador é o Didi.³² Teve um gol deles entre a trave e você?

Passou entre mim e a trave, levando minha mão para fora. A gen-

³² Waldir Pereira, mais conhecido como Didi, jogador bicampeão mundial pela Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1958 e 1962.

te conhecia o Gallardo³³ – ele jogou um tempo no Palmeiras –, sabia como chutava. O goleiro do Peru era um pouco fraco, o Rubiños.³⁴ Nós fizemos quatro. Apesar de o Didi saber a maneira da gente jogar, nossa equipe era superior à deles e foi fácil ganhar.

E então veio uma semifinal com o Uruguai, não é?

Eu não treinava na véspera de jogo. Então, o Chirol chegou para mim: – Amanhã é contra o Uruguai. – E daí se é contra o Uruguai? – Vamos treinar. Eu disse: – Não. Ele: – Só umas bolinhas. Eu falei: – Chirol, jogo com um negócio no pulso. Este dedinho, amarro ele todo, tenho ele quebrado desde quando eu jogava na Portuguesa. – Ah, mas não vou fazer nada. – Então, tudo bem.

Peguei um pedaço de esparadrapo e enrolei o dedinho, mas só um pedaço, e não pus nada no pulso. Eu tinha muita fraqueza e abria muito o pulso. Ele começou a jogar a bola. Eu jogava a bola, ele socava, eu caía. Em uma jogada dele, enfiei o dedo na grama. O dedo virou ao contrário. Era véspera do jogo contra o Uruguai. Peguei o dedo, segurei, puxei e botei no lugar. O Chirol: – Tudo bem? – Tudo bem. Veio o dr. Lídio:³⁵ – Vamos tirar um raio X. Eu disse: – Jogo com ele enfaixado. – Mas e se tiver fratura? Eu disse: – Vou jogar fraturado. Quer tirar o raio X? Mas o senhor não vai me tirar do jogo não. Foi só uma luxação. No dia seguinte, o dedinho estava mais grosso que o dedão [risos].

Quanto ao jogo, era aquilo: Vamos vingar 1950! Vamos vingar! Isso não existe mais. Mil novecentos e cinquenta já era há muito tempo. Eu estava tranquilo, sinceramente. Falaram que a nossa equipe entrou um pouco nervosa. Não vi isso. Entrou tranquila mesmo. E saiu ganhando de um a zero.

O placar não dá uma mexida?

Estava ganhando de um a zero. Depois, vi o Brito tentar, o cara cair e virar para cima dele. O Brito deu uns tapinhas na cabeça dele: – Qual é? Tenho vergonha na cara. Aqui, nós temos vergonha na cara. Eles quiseram jogar 1950 dentro do campo.

Dentro do campo, jogaram?

Jogaram. – Já ganhamos tantas vezes de vocês, por que vão lem-

33 Félix Alberto Gallardo Mendoza, atacante da Seleção Peruana na Copa do Mundo de 1970. Atuou no Palmeiras entre 1966-1967.

34 Luis Rubiños.

35 Lídio Toledo, médico da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1970, 1974, 1978, 1990, 1994 e 1998.

brar 1950? Mil novecentos e cinquenta não tem nada. E foi um lance... O Cubilla³⁶ errou o chute, a bola bateu na batata da perna dele. Quando fui na bola, torci o pé. O campo foi aumentado para ficar oficial e ficou com uma lista antiga na frente. No processo de fazer as linhas, colocavam cal – depois veio o talco –, essa cal endureceu a grama e ficou um caroço. Quando eu girei, virei o pé em cima dessa risca, e a bola foi pega tão mal que olhei e disse: – Ela vai sair. Quando veio no gol, foi dentro, de repente. Pensei: – Bom, tudo bem, um a zero, vamos embora. Foi no começo do jogo.

Ninguém no time ficou alterado com o placar de um a zero?

Podiam estar mais nervosos antes de eu tomar o gol do que depois. Aquilo foi uma ducha para todo mundo. Ou um incentivo. Depois, acertamos de uma maneira... Houve a troca [de posição] do Gérson com o Clodoaldo, fizemos um a um; dois a um...

Fumaram quantos cigarros no vestiário? [risos]

Um só, e chegava na metade, jogava fora. Voltamos no segundo tempo tranquilos, fiz outra grande defesa, e já estávamos com vantagem de dois a um, quando faltavam sete minutos mais ou menos, de uma cabeçada, também, do Cubilla. Conforme caí com a bola, bati ela no chão e soltou da minha mão. O Everaldo bateu em frente. Foi quando nós fizemos o terceiro gol. Faltavam quatro minutos ou cinco minutos pro final do jogo.

Como goleiro, o que achou daquela saída do Mazurkiewicz em cima do Pelé?

Ele nunca esperava o drible da vaca... Ainda tentou pegar, mas estava fora da área, não estava fazendo o pênalti. Se o Pelé fosse sair e levar a bola jogando, ele ia chegar em cima. Mas, o Pelé só deu o drible, o Mazurkiewicz não sabia se olhava a bola ou se corria atrás do Pelé. Então, o goleiro passa lotado. Eu passei lotado em uma contra a Itália [risos].

A Itália vinha de uma prorrogação. Vocês estavam muito confiantes? O Pelé conta que chorou no ônibus.

O Rogério³⁷ não foi desligado da delegação; ele passou a ser espião, junto com o Parreira. Não tinha filmagem e eles levaram uma máquina

³⁶ Luis Alberto Cubilla Almeida, atacante uruguaio.

³⁷ Rogério Hetmanek, ponta-direita do Botafogo que, após sofrer uma lesão no México, havia sido cortado da Seleção Brasileira.

de tirar *slide*. Tiravam *slide* de como jogava a defesa e o ataque durante uma partida, nos informavam na concentração e o Zagallo determinava o jogo do adversário. Eles foram. Naquele dia, a preleção foi na véspera do jogo, no hotel na Cidade do México. Então, começaram a passar: jogavam homem a homem; o lateral esquerdo, se o Jairzinho fosse naquele lado, ele ia atrás. Homem a homem? Tudo bem, nós vamos jogar assim, dessa maneira. Foi tudo explicadinho. No gol do Carlos Alberto, o Jairzinho estava no lado esquerdo e o Pelé só rolou. Quem alimentava o ataque era o Pelé. Ele fez poucos gols e o Jairzinho foi o artilheiro do Brasil. O Pelé só distribuía. Nós fizemos um a zero e eles empataram, não foi isso?

No final do primeiro tempo.

O goleiro precisava jogar fora. Dividi uma bola logo de cara... Eu tinha feito uma defesa aos sete minutos, botei para o escanteio, um chute longo, depois saí fora da área e chutei, dei um bicão. O gol deles aconteceu nisso. O Clodoaldo foi dar de calcanhar e o Brito, ele escorregou. O que o Mazurkiewicz tentou fazer no Pelé, eu tentei fazer no Boninsegna.³⁸ Eu estava saindo, ia chutar, o Brito se recuperou, chegou antes de mim e prensou a bola com o Boninsegna. Passei lotado, seria igual tinha feito no lance anterior. Veio o Boninsegna e o Gigi Riva.³⁹ Quando o Riva foi fazer o gol, o Boninsegna o empurrou e falou: – Eu faço tudo e depois você vem?! [risos] Foi e fez o gol.

Eu digo sempre: a gente ganhou na véspera esse jogo. O Clodoaldo era um dos mais novos. Ele virou para mim e falou: – O que vai ser, hein Félix? Eu disse: – O que vai ser o quê? Antes de tudo, se estamos aqui, nós já somos vice-campeões. Apesar de, no Brasil, vice-campeão não valer nada. A Europa toda comemora um vice-campeonato, o Brasil não. Aqui a conquista passa batida. Nem isso eles fazem a favor do jogador de futebol. Os dirigentes nem pensam nisso. Eles pensam na hora, no momento, mas a valorização, eles não veem. Quem sempre agradeceu foi o *seu* João Havelange, um dos maiores dirigentes que eu vi. Com o Clodoaldo, concluí: – Você não acredita que dá para ganhar? E aconteceu. Inclusive, eu joguei de luva nesse jogo [risos].

Mas qual o motivo de usar as luvas?

Queria mostrar ao Saldanha que eu sabia jogar. Cheguei lá e o Paulo César... O pessoal do Botafogo era muito supersticioso. Ele que-

³⁸ Roberto Boninsegna, atacante da Seleção Italiana.

³⁹ Luigi Riva, atacante da Seleção Italiana.

ria tirar a luva da minha mão, para não entrar de luva pois não joguei nenhuma partida com ela. Falei: – Ah! Eu sei jogar de luva, só não uso porque não quero.

No jogo da final, você fez sinal para o Ado entrar no seu lugar e jogar uns minutos e o Zagallo não deixou. Lembra disso?

Joguei todos os minutos da eliminatória, joguei todos os minutos da Copa do Mundo. O Brasil tinha time e não tinha goleiro. Fiz sinal para deixar o Ado. Mesmo levando três goleiros, eles iam revezar um jogo cada um no banco. O Leão, num treino, saiu gritando “ai, ai”, engessou a mão e ficou a Copa do Mundo toda engessado, não entrou no campo. O Ado era muito ligado comigo. Queria deixar ele jogar, pelo menos seria campeão do mundo entrando alguns minutos. Quem sempre festejava mais era ele: pulava, entrava no campo e sempre me abraçava depois do jogo. Então, pensei: – Vou deixar ele... O Zagallo fez sinal negativo. Perguntei a razão. Depois do jogo, ele justificou: – Você jogou toda a Copa do Mundo e quem termina é considerado campeão do mundo, é o time titular. O time campeão do mundo é esse. Recebem medalha os onze que concluem o jogo. As outras, a CBF manda fazer depois. Agradei, pois essa eu não sabia.

O juiz apita, acaba o jogo, campeão do mundo. Como foi a sensação?

Você não sabe se chora ou se ri. Eu corri para o vestiário, tirei minha camisa, guardei, peguei uma outra, botei e saí. Sabia que ia ficar sem nada. Tiraram minha camisa. O calção e meia não, fiz uma promessa e os levei na paróquia de Nossa Senhora Aparecida. Guardei a camisa e tenho ela até hoje em casa.

A imprensa tinha feito o Centro de Comunicação dentro do Centro Pan-Americano. Quando terminou a festa, me levaram para ser entrevistado. Acho que foi a Globo. Inclusive, o Saldanha estava lá e me deu os parabéns. De repente, os caras: – Telefone. Ligaram pra minha família no Rio. Eu já estava chorando, uma manteiga-derretida depois de ter sido campeão, sofrer tudo aquilo, ser desacreditado. Falei com minha filha mais velha, na época, ela tinha sete anos: – É, paizinho, meteram tanto o pau no senhor, diziam que o Brasil tinha time e não tinha goleiro e o senhor vai voltar campeão! Larguei o telefone, bati o telefone... – Olha, acabou a entrevista. Não saía mais nada. Só chorava, não saía mais nada. Quatro meses concentrado, depois você vai e escuta a tua filha logo de cara, aí morreu. Mata o velho.

E a volta para o Brasil?

Eles programaram a volta sem avisar a maioria dos jogadores. Tudo bem, se você é de São Paulo, desce junto ao pessoal do Rio e depois vai embora. Se você é do Rio, acompanha o pessoal de São Paulo e depois vai embora. A programação foi essa. Paramos em Brasília... Atrasou o avião, deu uma pane, foi a bomba de óleo que não estava jogando óleo. Nós saímos [da Cidade] do México e descemos em Acapulco, e aí uma, duas, três, quatro horas... O Brigadeiro: – Ninguém vai beber, pois nós vamos descer em Brasília. Vamos almoçar com o Presidente. O primeiro litro de uísque que apareceu foi meu. A gente só pedia copo com gelo [risos]. Pô! Quatro meses, campeão do mundo, você não vai tomar um aperitivo?! Foram umas dez garrafas. Todo mundo: – Eu tenho duas. – Eu tenho outra... Chegou tudo bem em Brasília, mas demorou muito – devia chegar de manhã e chegamos quatro horas da tarde. Até desfilar pela cidade, foi aquele desespero. Dividimos a delegação: uns vieram para São Paulo, e outros, para o Rio. Eu morava na Praia do Flamengo, passamos na porta de casa, vi o pessoal todo e falei: – Vamos até o carro de bombeiros. Eu não sabia que ia com destino ao hotel.

Depois da apresentação, eu peguei uns PMs que estavam com a viatura nos fundos do Plaza: – Me dá uma carona? Preciso sair escondido, senão não me deixam ir. Saí pelos fundos. O camburão me deixou em Botafogo, peguei um táxi e fui para casa. A minha caçula tinha dois anos. Estava tudo quieto. O pessoal que estava pensando em comemorar já tinha ido embora. Tinha um casal vizinho meu, gente fina. Quando me viram chegar: – Olha aqui! Ah, foi tudo! Até balde com papel picado ganhei... [risos]. Eu falei: – É hoje! Só fui dormir no dia seguinte.

2. CARLOS ALBERTO TORRES¹

Peço que você comece dizendo a data e o seu local de nascimento.

Sou do tempo em que nascíamos em casa, com parteira. Nasci no dia 17 de julho de 1944, em São Cristóvão, na Rua Sabino Vieira, 23, casa 12. É uma casa de vila. Tem muita gente da minha infância morando lá ainda. De vez em quando, vou visitar o local, dar um abraço na turma. A nossa rua era o término da avenida da vila e um muro a separava da Quinta da Boa Vista. Fizemos um buraco, passávamos por ele e tínhamos muito espaço na Quinta para jogar futebol. Era garotinho, ia e me divertia. Logo depois, quando tinha sete, oito anos, a minha família foi morar em um bairro agora famoso, mas diria com certeza absoluta que sou o pioneiro da Vila da Penha.

Fomos morar no Largo do Bicão, um lugar muito conhecido, e ali comecei a ver as dificuldades da vida. Para ir da Vila da Penha até a cidade, não havia os meios de transporte que se tem hoje. Atualmente, em 40 minutos você sai de qualquer lugar e chega à cidade. Eu ia ao Colégio Municipal Souza Aguiar, na Praça Tiradentes. Às quatro horas da manhã, minha mãe ia guardar um lugar para mim na fila do ônibus, enquanto eu acordava e tomava café, para estar no colégio às sete e meia. Tudo era muito difícil, mas foi uma época muito bacana e aprendi muito. Hoje, a garotada tem muita facilidade: todo mundo tem carro, motorista, chama um táxi pelo telefone [risos]... É a evolução que a vida teve, mas dou muito valor às dificuldades que enfrentei quando moleque.

E você era filho único?

Não, tinha três irmãos. Dois homens e uma menina. Infelizmente perdi a minha irmã, a mais velha de nós, e depois um irmão faleceu ainda jovem em um acidente de automóvel. E tem o Carlos Roberto, que é meu irmão gêmeo, mas não tem nada a ver comigo. Graças a Deus, somos muito unidos, ele diariamente visita minha casa, é como um secretário, porque viajo muito. Cuida de tudo para mim, mas não jogou bola. Meu irmão que faleceu se chamava Zé Luís e jogava muito bem. Jogou no juvenil do Fluminense e foi quem me levou para treinar no clube em 1960. Depois, arrumou uma namorada e largou o futebol por causa dela. No começo da minha carreira no tricolor, todo mundo me pedia para

¹ Local da entrevista: CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, RJ; entrevistadores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Bruno Romano Rodrigues e José Alan Dias Carneiro; data da entrevista: 23 de janeiro de 2012; transcrição: Roberta Zanatta; edição: Pedro Zanquetta Junior; supervisão: Marcos Aarão Reis.

levá-lo de volta. Quando o havia convencido a voltar a treinar, infelizmente aconteceu o acidente. Era um grande jogador, muito bom.

Seu pai trabalhava em quê?

Meu pai era mecânico da prefeitura, sabia tudo de automóvel. Ele tinha um Chevrolet 1940, uma raridade, e todo mês arrumava alguma coisa e desmontava o motor dele. Eu e meus irmãos colocávamos o macacão para ajudar [risos]. Ele limpava tudo com querosene, gasolina. Depois, ajudávamos a montar tudo de novo [risos]. Era uma mania dele. Mas confesso: não aprendi nada, sou mecânico nota zero.

Esse carro era de praça, tinha placa vermelha e ajudava no orçamento. Meu pai saía com ele de manhã, tinha expediente na prefeitura até às quatro horas da tarde, depois ia à praça ganhar algum trocado para dar um pouquinho mais de conforto a nós. O suficiente para podermos ir ao cinema. Na Vila da Penha havia um desses chamados de poeira, um cineminha pequenininho, em que íamos uma vez por mês.

E sua mãe trabalhava?

Minha mãe era a típica dona de casa. À medida que o tempo foi passando e a gente crescendo, meus irmãos mais velhos, o Zé Luís e a Marilena, começaram a trabalhar. Eu e o meu irmão éramos os mais novinhos, só estudávamos. Mas aos 14 anos, começamos a trabalhar também.

E você começou trabalhando com o quê?

Era *office boy*, levava correspondência para os clientes de um escritório imobiliário. O dono tinha algumas propriedades e terrenos em Queimados, próximo a Nova Iguaçu. Uma vez por mês, eu saía de casa na Vila da Penha e ia até Madureira. Tomava o trem, com 13 para 14 anos, e ia a Queimados. Depois voltava até o centro da cidade na Central do Brasil e dali ia até o Castelo. Este último trajeto talvez dê uns seis quilômetros em linha reta. Ia andando e poupava o dinheiro que me davam para pegar o ônibus. Foi difícil, mas muito proveitoso, aprendi a dar valor às coisas.

Os seus avós eram do Rio? Você os conheceu?

A família da minha mãe é toda do Rio. Não conheci os meus avós paternos, eles eram de Recife, Pernambuco.

E o seu pai tinha dois filhos jogando bola...

A dificuldade em jogar bola era grande. Hoje, famílias de boas

condições, de classe média alta, querem que o garoto vá jogar futebol, porque é um grande negócio, mas antigamente não era. As famílias diziam que futebol não dava camisa a ninguém. E não dava mesmo, a não ser que o jogador fosse realmente fora de série, aí ganhava alguma coisa, mas não como hoje.

Por isso, meus pais eram totalmente contrários. O meu irmão, Zé Luís, já estava no Fluminense, foi na marra: – Ah, vou jogar. Queria ir também, mas meus pais não deixavam de jeito nenhum. Eu trabalhava de dia, estudava à noite. Às dezessete horas, saía do escritório, no centro do Rio e ia a Olaria, onde estudava das dezenove até às vinte e três horas. Dali, voltava para minha casa. Chegava à meia-noite, comia um negocinho que minha mãe deixava em cima do fogão. Às cinco horas acordava e ia trabalhar.

Mesmo assim, jogava futebol na Vila da Penha. Tinha muito campinho de várzea, todo mundo que jogava achava que eu deveria tentar a sorte no futebol. Falei: – Até tento, mas preciso convencer o meu pai e a minha mãe. Um dia, de tanto as pessoas me incentivarem a procurar um time, o Roberto Alvarenga, ex-supervisor do Fluminense² e meu amigo de infância, armou no tricolor para eu ir fazer um teste.

Seu irmão jogava no Fluminense, ele teve participação nisso?

Sim, mas ele não se meteu porque sabia que o pessoal em casa era contra. O Roberto arrumou todo o esquema.

Eu precisava inventar uma desculpa no escritório, pensei: – Pô, como vou fazer? O cara iria me deixar sair para treinar? Doutor Geraldo Albernaz, lembro até hoje. Inventei uma desculpa. Disse que naquele dia precisava sair depois do almoço, pois iria ao hospital visitar uma tia enferma. Ele me liberou e corri para o Fluminense. Estava treinando, eram umas quatro horas da tarde, saiu uma bola pela lateral do lado da social do Fluminense. Havia uma pista de atletismo em volta do campo. Fui pegar a bola, quando levantei a cabeça, quem vejo sentado na social? Meu pai. Alguém me dedurou [risos]. Na hora, pensei: – Tô roubado! Estou perdido! Mas refleti: – Ah, deixa eu continuar treinando, depois vejo o que vou fazer.

Uma desconcentração rápida, não é?

Continuei treinando e me aprovaram. Meu pai, quando percebeu que eu o tinha visto, se levantou e foi embora. Saí de lá para o colégio pensando: – Bom, até eu chegar a casa, ele vai esquecer.

2 Roberto Alvarenga foi supervisor do Fluminense entre 1959 e 1999.

Do colégio, voltei para casa, entrei bem devagarzinho. Todo mundo dormindo. Tomei um banho e dormi. Tínhamos uma mania em casa, era costume de todas as famílias, nas refeições todos se sentavam à mesa. Tomávamos café juntos. Deu seis horas da manhã, é hora de despertar. Levantei embaixo de cinto e chinelada. – Seu vagabundo!, e *vapt, vapt*. Mesmo apanhando, tomei coragem de enfrentar meus pais. Foi a primeira vez na minha vida. Havia um respeito muito grande em relação à educação dos filhos. Disse: – Espera aí, vamos conversar. Na mesa com toda a família, falei: – Resolvi que quero ser jogador de futebol. Pela primeira vez, vi meu pai ficar calado e não discutir conosco. Continuei: – Prometo a vocês não abandonar os estudos. Este era o grande temor da minha família. – Não vou parar de estudar. – Promete? – Prometo. – Então está bom.

Meu pai foi comigo ao trabalho e falou com o chefe: – O Carlos Alberto não vem mais. Nós concordamos que ele treine no juvenil do Fluminense. Fiz um contrato de gaveta e ganhava no time o mesmo que no escritório, sendo que só treinava duas vezes por semana, terças e sextas-feiras, e jogava no domingo. Então, economizava três dias por semana de passagem. Foi um bom negócio.

Tive uma carreira bacana, tudo aconteceu muito rápido. Isso foi em 1960, eu tinha 15 para 16 anos. Em 1962, era do aspirante e, várias vezes, o Zezé Moreira me escalou na equipe de cima, com apenas dois anos de carreira. Em 1963 já era titular absoluto do Fluminense. No ano seguinte, antes de completar 20 anos, era titular da Seleção Brasileira. Graças a Deus, consegui provar aos meus pais que eles estavam certos em admitir que eu fosse jogar futebol [risos].

Qual era o time do seu pai?

Meu pai era torcedor do São Cristóvão. Ele dizia que havia jogado no time, mas não acreditávamos [risos]. Ele falava: – Tentei, mas em um jogo deram uma solada, quebrei a perna e parei [risos].

Muitos dizem que antigamente a própria família achava que jogador de futebol era coisa de vagabundo.

Era difícil, não havia os recursos de hoje, essa evolução da publicidade, televisionamento dos jogos, enfim, uma série de coisas que envolvem uma equipe...

Não tinha profissionalização total, à exceção talvez dos grandes jogadores, de um Garrincha, de um Pelé. Fazíamos contrato de dois anos. Neste período, ganhávamos o suficiente para comprar um apartamento, que, quando fosse alugar, daria hoje, no máximo, uns mil reais por mês.

Então, assinávamos geralmente seis contratos, dos 20 aos 32 anos, para, pelo menos, encerrar a carreira com um imóvel para morar e cinco alugados.

Agora, imagina um jogador de futebol que, durante aqueles 10, 12 anos, tem um nível de vida bom, porque participa de excursões, se concentra em grandes hotéis, come do melhor... Quando termina, como sobrevive no mesmo nível com o aluguel de cinco apartamentos que rendiam, no máximo, cinco mil reais? Se for comparar com hoje, não havia como. Por isso, havia muita resistência das famílias em deixar seus filhos jogarem futebol. Eu sei porque passei isso na minha casa. Antes de parar de jogar, o futebol evoluiu de tal forma que o meu filho quis ser jogador e teve todo o meu apoio. Graças a Deus, o Alexandre³ fez uma carreira legal, profissional e financeiramente, conseguiu o seu pé-de-meia.

O seu pai torcia para o São Cristóvão, e você?

Eu era Flamengo quando garoto. Tinha um tio, casado com uma irmã da minha mãe, que era rubro-negro doente e levava eu e o Carlos Roberto quase todo fim de semana ao Maracanã. A gente tinha que torcer para o time dele, não é?

E era a época do Dida?⁴

Sim. Por sinal, quando decidi jogar, treinei no Bonsucesso antes de ir ao Fluminense, mas não fiquei. Tentei no Flamengo, porque na Vila da Penha havia um jogador chamado Othon,⁵ que jogava no rubro-negro, era reserva do Joel,⁶ muito bom jogador. O pessoal pediu a ele: – Pô, dá uma força para o Carlinhos treinar lá. – Então vai dia tal. Como ele marcou, compareci. Esperei em frente ao campo e não via o Othon: – Será que ele chegou e não vi? Fiquei na porta, esperando. De repente, avisto o Dida, o nosso grande ídolo. Fiquei todo feliz: – Dida, poxa, sou amigo do Othon, ele está me esperando. O senhor pode pedir para ele vir aqui falar com o Carlinhos? O Dida me olhou e foi embora. A maior decepção da minha vida. O cara era o meu ídolo, esfriou aquela admiração por ele. Mas depois veio a se tornar meu amigo. Quando me tornei profissional, passamos a jogar um contra o outro. Às vezes, estávamos juntos

3 Carlos Alexandre Torres, mais conhecido como Alexandre Torres, atuou como zagueiro entre 1985 e 2001. Durante sua carreira defendeu o Fluminense, o Vasco da Gama e o Nagoya Campus Eight do Japão.

4 Edivaldo Alves de Santa Rosa, meio-campista que atuou no Flamengo entre 1954 e 1964. Foi campeão da Copa do Mundo de 1958.

5 Othon Alberto da Cunha, atacante do Flamengo de 1958 a 1962.

6 Joel Antônio Martins, ponta-direita do Flamengo entre 1951-1958 e 1961-1963.

na seleção carioca. Eu contava essa história para ele...

Você me desprezou! [risos]. Esse sentimento é porque você dá muita atenção aos fãs, não é?

Isso é normal. Fiquei tão chateado e triste que acabei indo embora. Peguei meu ônibus, não quis esperar, nunca mais voltei a treinar no Flamengo. Então, armaram para eu ir ao Fluminense.

Quando chegou ao Fluminense, sua posição já estava definida?

Quando comecei na Vila da Penha, jogava muito descalço. Aqueles campinhos pequenos. O Roberto Alvarenga formou um clube chamado Ipiranga, uma das grandes equipes amadoras do bairro. Ele fez um time juvenil, um aspirante e um profissional. Comecei no juvenil, ele me colocou na lateral esquerda, depois no meio do campo.

Surgiu uma oportunidade de eu jogar, com 15 anos de idade, no profissional, o Roberto me pôs na lateral direita. Fiquei nessa posição. Isso foi em 1959, mais ou menos, e já jogava como os alas jogam hoje.

Você não era um lateral fixo?

Eu queria jogar: – Pô, ficar aqui? Não.

O Zezé Moreira,⁷ conhecido por ser disciplinador, teve alguma influência no seu modo de jogar?

Nunca nenhum treinador me falou: – Guarda a posição. Sempre joguei dessa forma. No juvenil do Fluminense, depois aspirante, profissional, jogava indo e voltando. Talvez, por isso, nenhum técnico tenha chamado a minha atenção: – Ô, fica, não vai. Tem muito jogador que vai e volta andando, não é? Eu não. Ia e sempre retornava.

Quem era o lateral direito do time profissional quando você chegou ao Fluminense?

Era o Jair Marinho. Achei que nunca teria oportunidade de jogar, porque ele era da Seleção Brasileira. Foi campeão do mundo em 1962 no Chile, apesar de ser reserva do Djalma Santos. Mas eu estava bem, evoluindo a cada partida do juvenil, do aspirante, só esperando uma oportunidade. Já se falava nas Laranjeiras, quando subi para o profissional, na venda do Jair Marinho para eu me tornar titular. Infelizmente, num Botafogo e Fluminense, ele quebrou a perna em uma disputa de

⁷ Alfredo Moreira Júnior, mais conhecido como Zezé Moreira, foi atacante e técnico. Era irmão de Aymoré Moreira e de Ayrton Moreira, também treinadores. Comandou a equipe do Fluminense entre 1951-1954, 1958-1962 e em 1973.

bola com o Amarildo. Então, me tiraram do juvenil, levaram para o titular e fiquei. Quando ele se recuperou, foi vendido para a Portuguesa de Desportos, em São Paulo.

Tinha algum jogador em quem você se espelhava? Havia algum lateral que avançava?

Não, antigamente era muito difícil o jogador avançar. Às vezes, a cada 90 minutos, o lateral subia uma vez ao ataque. Como o Nilton Santos, na Copa do Mundo, que foi à frente em uma partida contra a Áustria e fez um gol. Mas não era normal o lateral jogar fazendo vaivém.

Djalma Santos também fez isso?

O Djalma era mais de marcação. Era um jogador com uma classe extraordinária, o meu grande ídolo na posição. Marcava bem, tinha muito recurso, se saía bem de situações adversas dentro da partida. Às vezes, pensávamos: – Pô, vai perder a bola. Não, ele tinha uma jogada que levantava a bola e saía dessas situações. Mas não era um jogador de muito ataque.

Jogar dessa maneira era um costume desde garoto, porque eu gostava de participar. Ninguém nunca me pediu: – Vai e volta. Comecei jogando dessa maneira e fiz escola, não é?

Sim. Na Copa de 1950, você tinha cinco anos de idade. Alguma lembrança?

Não, absolutamente. E eu morava ao lado do Maracanã. Não tenho lembrança nenhuma, a comunicação não era como hoje. Em 1958 já tinha o rádio, que transmitia. Eu ficava com os meus irmãos ouvindo o jogo e a cada gol a gente pulava. Ali começou realmente essa coisa de querer ser jogador de futebol, o entusiasmo tomou conta.

Em 1962, você se lembra da Copa?

Lembro que via os jogos pelo *tape*, não tinha televisão direta. Eu já era do Fluminense, quase profissional. Participei inclusive de alguns treinamentos da Seleção Brasileira nas Laranjeiras. Eles se concentravam no Cosme Velho, no Hotel das Paineiras. Às vezes, desciam e faziam o treinamento no Fluminense. Se faltasse alguém, eu treinava no lugar. Na equipe reserva, claro, completando a posição da lateral, quando o Djalma Santos ou o Jair não podiam participar.

Alguns jogadores do Santos estavam na Seleção, me viram e indicaram o meu nome. Se o Fluminense tivesse concordado em me liberar, eu seria campeão mundial interclubes. Mas o tricolor não quis: – Ah, não. Ficará aqui. Logo depois, no início de 1965, fui para o Santos.

Como se concretiza a sua transferência para o Santos em 1965?

Em 1963, no meu primeiro ano como profissional e titular do Fluminense, não assinei contrato e fiquei jogando como amador, por causa dos Jogos Pan-americanos em São Paulo. A CBD⁸ não permitiu ou pediu ao clube que não me profissionalizasse. Era preciso ser amador para disputar os jogos.

Fui ao Pan-americano. Na mesma época, disputavam um torneio Rio-São Paulo, e eu concentrado com a Seleção no Morumbi. Teve uma partida entre Fluminense e Santos no Pacaembu. A CBD me liberou para ir atuar pelo time e foi uma grande partida. Ganhamos de quatro a dois e, modéstia à parte, joguei muito bem. Ali passou a realmente haver um interesse maior do Santos em me contratar. A coisa demorou um ano e pouco até ser concretizada.

Depois daquela partida, retornei à concentração. Jogamos o Pan-americano, fomos campeões pela primeira vez e eu já era capitão da Seleção. No meio do ano, teve uma excursão da Seleção na Europa. O Brasil perdeu alguns jogos de goleada. O Aymoré Moreira⁹ era o técnico e queria me levar, mas o João Havelange¹⁰ não deixou: – Não, o Carlos Alberto é mais para frente. Então, não viajei com a seleção principal.

Então, muito cedo você se tornou capitão de time?

Sempre fui capitão no juvenil e no aspirante do Fluminense. Só não fui na equipe profissional em 1963 e 1964, pois havia outros jogadores mais experientes: Castilho, Altair, Procópio.

No Santos também. Cheguei em 1965, olhava, era só feroza: Gilmar, Mauro, Zito, Sandoval, Coutinho, Pelé, Pepe... Não sabia onde olhar. Dava vontade de pedir autógrafo. Um timaço! E o primeiro ano, 1965, foi... Nossa Senhora! Fomos campeões paulistas com antecedência, eram pontos corridos, turno e retorno. O Santos perdeu apenas dois jogos naquele ano, para o Palmeiras, que também tinha um grande time. No último jogo do primeiro turno, perdemos de um a zero na Vila. No último do campeonato, perdemos de quatro ou cinco no Parque Antártica. O Gilmar não estava inspirado naquele dia, tomava cada gol e ainda ficava rindo. – Pô, tomou de quatro, cinco. – Não, está bom, levamos o campeonato [risos]. A minha melhor experiência: ainda muito jovem, jogar naquela equipe do Santos.

8 Confederação Brasileira de Desportos.

9 Treinador da Seleção Brasileira em 1953, 1961-1963, 1965, 1967 e 1968.

10 Presidente da Confederação Brasileira de Desportos entre 1956 e 1974.

E o posto de capitão foi por quê? Por sua liderança?

No juvenil e aspirante do Fluminense, e na seleção pan-americana me escolheram capitão. Sempre tive este modo extrovertido de falar, nunca joguei calado. Em 1967, o Zito, capitão do Santos, abandonou o futebol. A direção do clube, antes de definir quem seria o capitão da equipe, escolheu um jogador para ter este posto em cada partida. Todos nós fomos.

Ia ter uma excursão na África. O Santos ia muito lá por causa do Pelé. Ele havia renovado um contrato com o time, iria ganhar uma quantia por jogo. Mais que merecido, não é? Fazíamos todos aqueles jogos por causa dele. Para pagar a cota extra ao Pelé, a diretoria tinha que diminuir o nosso bicho. Houve chiadeira do pessoal. Era uma coisa assim: ganhávamos 500 dólares, ia diminuir para 300. Todo mundo: – Ah, não vou. Ninguém ia. Antes de um treino, às vésperas do embarque, me pediram para negociar com o diretor a posição do grupo: – Não temos nada contra o Pelé. Mas se diminuir o que estamos acostumados a ganhar, ninguém viaja. Tinha 23 anos ainda, imagina, em um grupo como aquele do Santos!

*O diretor era o Athiê?*¹¹

Sim. Afirmei: – A posição do grupo é esta. Se diminuir o nosso bicho ninguém quer viajar. Ele respondeu: – Ah, então fala com o pessoal que depois do treino vou conversar com eles. Voltei ao campo, avisei a turma.

O diretor veio, reuniu todos: – Olha só, o Carlos Alberto disse que ninguém quer viajar. Quero saber quem não viaja. Quem não vai, levanta o dedo. Olhei para um lado e para o outro, ninguém levantou, só eu. Mantive meu braço, ele virou para mim e falou: – Depois do banho, conversa comigo.

Fiquei pensando: – Estou roubado, acabei com a minha carreira. Naquele tempo, existia o passe. Se o clube quisesse, acabava a carreira do jogador. Refleti: – O que vou fazer da minha vida? Tinha dois filhos pequenos, casei com 21 anos. – Ai meu Deus, o que será? Segui até o vestiário bem devagar, fiz uma massagem de uma hora, tomei banho em mais uma hora: – Pô, daqui a pouco o homem esquece e vai embora [risos]. Coloquei a roupa e fui ver se o diretor ainda permanecia lá. Subi, e ele me aguardava. A secretária mandou entrar. Quando andei em direção à mesa, ele se levantou, me cumprimentou e falou: – A partir de hoje, você será o capitão do Santos. E o bicho que vou reduzir para pagar a cota do Pelé,

¹¹ Athiê Jorge Coury, presidente do Santos entre 1945 e 1971.

você receberá o integral. Não conte a ninguém. Não falei mesmo. Passei a ser o capitão e, na excursão, ganhei o bicho [risos]. Evidentemente, por capitanear um time daquele, automaticamente levei a braçadeira para a Seleção.

Muitos, inclusive o Djalma Santos, dizem que você merecia ter ido à Copa de 1966. A que você atribui o fato de não terem te chamado? Foi uma questão política?

Também acho que merecia. Pode ter sido. Joguei como titular em praticamente todos os treinamentos e em alguns jogos da Seleção no Brasil. Antes de viajarem para a Europa, eu era o titular. Até que um dia, quando anunciaram os jogadores que viajariam, meu nome não constava. Foi uma surpresa geral, ninguém entendeu. Se você perguntar a algum jornalista daquele período, nenhum encontrará uma coisa razoável para justificar o meu corte.

Vou contar uma coisa que nunca falo: quando me transferi para o Santos em 1965, havia um dirigente do Fluminense ligado à CBD que tentou me convencer a não sair do tricolor. Minha venda foi a maior transação do futebol brasileiro: 200 milhões de cruzeiros, uma coisa absurda. Este dirigente tentou me convencer a não ir. Falei: – Eu vou, é a grande oportunidade da minha vida. Ele: – Não vai. Acabei indo. Sabe o que aconteceu depois? Em várias convocações, meu nome não constava, mesmo sendo apontado como o melhor da posição no Brasil. Em 1966, me convocaram porque foram quatro de cada posição. Não havia como justificar a minha ausência. Mas não fui à Copa do Mundo. Pode ter sido um problema político, não é?

Uma espécie de represália pelo fato de você ter optado pelo Santos. Mas isso te gerou uma frustração?

Não. Talvez o fato de eu jogar no Santos tenha, em grande parte, ou totalmente, feito com que não sentisse nenhum tipo de abatimento por não ter ido à Seleção de 1966. Era um grande time. Era melhor do que jogar na Seleção Brasileira. E, também, o fato de não terem ganhado a Copa e as pessoas sempre falando o meu nome: – Por que o Carlos Alberto não foi? Não dá para entender. Isso foi um consolo muito grande.

Quando você assumiu a titularidade da Seleção?

Após a Copa de 1966, passei a ser parte integrante da Seleção Brasileira. Em todas as convocações, a não ser uma vez ou outra, quando estava contundido. Por exemplo, na despedida do Pelé em 1971, não participei. Eu me machuquei na última partida do campeonato carioca,

tinha sido emprestado ao Botafogo. Joguei só 10 ou 15 minutos. Uma semana depois, era a apresentação dos jogadores para a despedida do Pelé no Maracanã. Fiquei no banco com o joelho operado.

Mas na despedida do Pelé em São Paulo, não deu pra ir. Havia retornado a Santos para fazer a recuperação. Em 1974, quando a Seleção começou a se preparar para a Copa da Alemanha, me convocaram. Sofri outra contusão e não me recuperei, acabei cortado. Depois, em todas as outras me chamaram.

Você gostava da rotina de se concentrar, treinar? Como era viajar tanto?

O Santos viajava muito. A gente mal parava em casa. Às vezes, saíamos de uma partida direto para o aeroporto e viajávamos a algum lugar no mundo. Fazíamos o amistoso e retornávamos para jogar o campeonato paulista. Viajar era conosco. Passávamos mais dias fora do que em casa.

Sua rotina no Fluminense em relação ao Santos mudou muito?

A gente vai se acostumando. Sempre fiz questão de deixar claro que eu e poucos jogadores tiveram o privilégio de ter um professor como o Pelé. Ora, ninguém é mais requisitado do que ele. Com toda aquela fama, era o rei do futebol, o que jogava, o prestígio que tinha, e era o cara mais humilde. Pensávamos: – Por que vou me recusar a viajar, jogar e treinar? Não havia como.

O Pelé foi nosso grande professor. Gostaria que muitos jogadores dos dias de hoje tivessem, pelo menos uma vez, a oportunidade de ver o que ele significava, para servir de exemplo na carreira de alguns dos nossos jovens atletas. Ele realmente era o maior exemplo para todos nós.

Era a referência.

Era a nossa grande referência. Ninguém faltava a treino, colocava chinelinho, porque o Pelé estava no campo. Com todos os compromissos que ele tinha, nunca faltava. Não dava como desculpa: – Não vou treinar amanhã porque vou gravar não sei o quê. Aparecia lá na hora do treinamento. Foi o grande espelho da minha vida, profissionalmente falando.

E você jogou com ele no Santos, na Seleção e ainda no Cosmos, não foi?

Sim, no Cosmos também. Joguei com o Pelé durante 12 anos seguidos. Sou um dos poucos que tiveram o privilégio de atuar por tanto tempo ao lado dele.

Era diferente jogar no clube e na Seleção Brasileira? Tinha mais motivação na Seleção?

A Seleção era a motivação maior. No dia da convocação, ficávamos com o ouvido colado no rádio para ver se falavam o nosso nome. Hoje, os caras não estão nem aí, são avisados pela assessoria deles.

Além do orgulho de servir à Seleção Brasileira, havia o lado da valorização profissional do jogador convocado. Atualmente, os jogadores possuem contratos altíssimos e nem ligam. Para o clube, não quer dizer nada se ele irá à Seleção, acham que ele vale aquilo e acabou.

Todos tinham uma vontade imensa de ser chamado. Quando me tornei titular da Seleção, como Jairzinho, Pelé, Gérson, Didi e Nilton Santos, ficávamos ansiosos para ter o nome na convocação. Em duas ou três convocações em que não estava bem no Santos, meu nome não apareceu e foi uma grande frustração. Hoje, o jogador é chamado pelo que fez na Seleção, não é pelo que ele faz atualmente. Isso é um grande erro. Tomara que daqui a pouco isso acabe.

A partir de 1967, você passa a ser convocado quase sempre.

Sim, bastante. Sempre me chamavam. Não fui uma vez ou outra quando me contundi, como em 1971 e 1974. Fui convocado até 1977.

Então, quando foi anunciada a convocação para a Copa de 1970, você já esperava?

Já, era praticamente garantido que seria chamado pela continuidade do trabalho do João Saldanha,¹² em 1969.

Essa transição foi um momento turbulento, há divergências sobre a demissão do Saldanha. Qual a sua versão?

Em 1969, a Seleção passava por um momento de total descrédito junto ao país: opinião pública, torcedor, imprensa, ninguém acreditava na Seleção. O João Havelange teve um golpe de mestre: – Vou chamar quem? Nomeou o João Saldanha. Muita inteligência dele, porque a imprensa apoiou de cara. O Saldanha era da mídia, famoso pelas tiradas na rádio, jornal e televisão. O público adorava. Então, ele de cara ganhou todo mundo e chegou anunciando a seleção titular, chamando as feras, os 22 jogadores.

A grande jogada do Saldanha foi escolher a equipe titular que ia jogar as eliminatórias. Ele escolheu seis jogadores do Santos, que era

¹² João Alves Jobim Saldanha foi jornalista e treinador de futebol. Atuou como técnico da Seleção Brasileira entre 1969 e 1970.

o melhor time. Foi toda a defesa: eu, Djalma Dias, Joel e Rildo. E na frente: Pelé e Edu. O goleiro seria o Cláudio, se ele não tivesse se machucado. Então, colocaram o Félix, grande goleiro da época. De meio-campo: Piazza e Gérson. Na frente, ainda tinha Jairzinho e Tostão. Não precisamos de treino para a equipe se ajustar. Fomos às eliminatórias e ficamos na história como o primeiro e único time, até hoje, a ganhar todos os jogos de classificação e os da Copa do Mundo.

No ano seguinte às eliminatórias, o Saldanha mudou tudo. Deixou de chamar o Djalma Dias, que para mim era o melhor zagueiro central do Brasil. Não chamou o Rildo, grande marcador na lateral esquerda. O Joel não era mais titular e o Edu deixou de jogar. E fez outras mudanças. Não havia ninguém com 30 anos. Deixou de chamar alguns e mexeu em toda a equipe. Começou a dizer que o Pelé e o Tostão não podiam jogar juntos. Então, colocou outros, escalou outra Seleção, e para conseguir entrosamento em um time leva tempo, por melhor que seja. Em dois, três meses, como, de repente, fazer uma grande equipe?

Os dias foram passando, os amistosos se sucederam, perdemos do Bangu de um a zero. A imprensa começou a criticar e as pessoas ligadas ao futebol também, o que não foi aceito pelo Saldanha. Como o caso do Yustrich,¹³ técnico do Flamengo, que o criticou e ele saiu da concentração para ir brigar com o treinador do rubro-negro em São Conrado, na concentração deles, que era perto de onde estávamos.

A sorte é que o Yustrich soube e saiu fora, para não criar um atrito maior. O Havelange tomou a decisão de mudar porque todo mundo falava mais dos problemas extracampo do que da Seleção. A CBD tentou convidar o Dino Sani, que não aceitou. Era para ele ser o técnico.

O Sani era muito amigo do João Saldanha?

Sim. Um dia o Havelange decidiu escolher o técnico. Como na comissão técnica a maioria era do Botafogo – o Chirol,¹⁴ o doutor Lídio Toledo¹⁵ –, eles indicaram o nome do Zagallo, que começava a carreira de treinador no Botafogo. Era jovem, não tinha nem 40 anos e era bicampeão carioca com a equipe de amadores. Foi o escolhido como técnico e muito bem aceito pelos jogadores. Era como se fosse um companheiro nosso mais experiente, assumindo o cargo de treinador.

13 Dorival Knipel, mais conhecido por Yustrich, foi goleiro em diversos clubes cariocas e ficou famoso como um técnico exigente e de temperamento explosivo. Havia comandado a Seleção Brasileira em 1968 e treinou o Flamengo entre 1970-1971.

14 Admildo de Abreu Chirol, preparador físico da Seleção Brasileira em 1970, 1974, 1978 e 1993.

15 Lídio Toledo, médico da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1970, 1974, 1978, 1990, 1994 e 1998.

E essa história, ou mito, de que houve uma intervenção política do Médici na saída do Saldanha?

Sinceramente, não acredito. Não lembro que tenha ocorrido isso. A gente convivendo ali, em momento nenhum ouviu nada. Dizem que o governo queria se meter na Seleção, mas nunca vimos ninguém dentro da concentração querendo dar palpite.

Profissionalmente, sabíamos a importância de ganharmos aquela Copa do Mundo. Para o Pelé, Brito, Gérson, Piazza, Tostão e a maioria dos jogadores, era a última oportunidade de jogar uma Copa e ganhar. Tínhamos grupo para isso, pelo trabalho planejado e desenvolvido pela comissão técnica, principalmente da preparação física. Estávamos confiantes de que se nós seguissemos toda a orientação, teríamos tudo para vencer.

É bom lembrar a preparação. Quatro anos antes, o Brasil havia sido surpreendido pelos europeus com o chamado futebol força. Era o *power* futebol, na base da pancada mesmo, jogavam duro. Quem não se lembra daquele cara sem dente da Inglaterra, o Stiles,¹⁶ que amedrontava todo mundo na base do pau?

A CBD assimilou isso e o Havelange teve um cuidado muito grande na escolha da comissão técnica, preparadores físicos. Foi a primeira vez que a Seleção levou uma comissão: Chirol, Coutinho, Parreira e Zé Bonetti,¹⁷ de supervisor. Fizeram um planejamento e mostraram ao grupo: – Se vocês seguirem isso em termos de trabalho físico, vão chegar, pelo menos, na final da Copa do Mundo. Temos que estar muito bem preparados fisicamente, primeiro pelo trabalho na altitude e segundo pela maneira como o futebol europeu joga hoje. Seguimos tudo. Diariamente, fazíamos reuniões com o Chirol, principalmente com o Cláudio Coutinho, e eles avaliavam a performance de cada um. Aquilo nos incentivou: – Pô, tá legal, vamos lá! E foi o que aconteceu.

Foi realmente um marco essa Copa de 1970?

Quando as coisas se ajustaram, veio o detalhe principal. Para chegarmos à final da Copa do Mundo, analisamos o grupo em que estávamos na primeira fase. E era nada mais nada menos que a Inglaterra, a favorita ao título naquela Copa. Era a campeã mundial e tinha um timaço. Foi feito um trabalho de conscientização com o grupo, de que o jogo da Copa era aquele contra os ingleses. O primeiro colocado naquele

¹⁶ Norbert Peter Stiles, mais conhecido como Nobby Stiles. Meia defensivo que defendeu a Seleção Inglesa entre 1965 e 1970.

¹⁷ Cláudio Coutinho, Carlos Alberto Parreira e José Bonetti.

grupo seria Brasil ou Inglaterra, com todo respeito à Tchecoslováquia e Romênia.

O primeiro daquele grupo permaneceria jogando em Guadalajara, praticamente nível do mar. O segundo ia sair da cidade e subir na altitude. Para encarar quem? A Alemanha. E foi o que aconteceu. Ganhamos da Inglaterra, que enfrentou os alemães e foi desclassificada. Então, tudo traçado, não foi de orelhada. O Zagallo, o Chirol e o Coutinho falavam: – Se ganharmos esse jogo, fatalmente vamos à final. Ganhar é outra coisa, temos que ver quem estará do outro lado. Mas na final, com certeza estaremos. Tivemos um trabalho muito bem planejado, orientado, mostrando a importância da preparação física, de ser o primeiro, ganhar da Inglaterra.

Fizeram preparação na altitude para depois descer?

Sáímos daqui quarenta dias antes do início da Copa do Mundo. Ficamos poucos dias em Guadalajara e fomos a Guanajuato, Irapuato, cada uma mais alta que a outra. Quando voltamos a Guadalajara, ficamos ali dez, doze, quinze dias, durante os três primeiros jogos, depois a quarta e a semifinal. Sobrou pulmão. O time estava muito bem.

Houve um trabalho muito bem planejado. Não digo tanto do trabalho técnico, mas do físico, o mais importante para a gente, que precisava aguentar aquele rojão de jogar na altitude e de enfrentar o futebol força dos europeus. Deu tudo certo, porque todo mundo pegou firme.

O entrosamento não foi só entre os jogadores, mas também com a comissão técnica.

Tínhamos reuniões todos os dias para trocar ideia, para cada um mostrar ao Zagallo, e à comissão, como se sentia. Era liberdade total no sentido de buscar o melhor para a equipe. Para vários jogadores, era a última Copa.

Tínhamos alguns dias de folga na programação da comissão técnica. Jogávamos na quarta e voltávamos à concentração. No dia seguinte, depois do almoço, todo mundo era liberado para sair, até de noite. A maioria não saía: – Ah, não quero folga, deixa eu descansar aqui, fazer minhas massagens. Vamos ganhar isso, que tenho folga o resto da vida para curtir [risos]. A mentalidade era essa. Hoje mudou tudo, não é assim. Quando a gente quer pegar firme, vai e ganha.

Você falou no futebol força. Acha que ficou claro na partida contra a Inglaterra? Essa Copa foi marcada por esse tipo de futebol mais agressivo?

Ainda havia um resquício daquilo que vimos em 1966. No jogo

da Inglaterra, eles tentaram impor uma maneira de jogar com que não concordávamos, chegando mais junto. Em duas oportunidades, o Félix pegou a bola e o Francis Lee¹⁸ chegou chutando, podia evitar, a bola estava mais para o goleiro. Por que o cara chuta a cara do goleiro? Chutou a primeira, na segunda chegamos junto. Lembro de falar: – Pelé, tem que... Ele sabia bater, eu não. Era escandaloso, arriscava ser expulso. O Negão falou assim: – Pode deixar comigo. Só que a partida foi reiniciada e a primeira bola sobrou para o Lee, dividindo comigo. Pensei: – Não vou esperar o Pelé. Fui meio desajeitado, acertei ele na coxa e ficou aquela marca vermelha, porque era muito branco. Na hora, virei a cara: – Ih, estou expulso. O juiz, parece que reconhecendo que o cara jogava maldosamente, deu apenas o cartão amarelo. A partir dali, o jogo subiu tecnicamente. Eles tinham um grande time, começaram a jogar só futebol mesmo. Demos muita sorte naquele jogo, porque depois fizemos um a zero...

Teve bola na trave?

Eles colocaram jogadores de dois metros para aproveitar cruzamento. Bola na trave. O Félix fazendo milagre.

Vocês carregaram o estigma das feras do Saldanha, daquele jogo contra o Peru no Maracanã, não foi?

Teve uma briga ali feia, não é?

Sim. A partir dali vocês ganharam esse nome de feras do Saldanha e ficaram mais fortes, com apoio maior.

Foi. Começaram a cobrar das feras: – Tem que jogar! Cadê as feras? [risos]. Mas a equipe foi encorpando e ganhando. A partir daquele lance meu com o Lee, o jogo ficou bonito, limpo. Não havia muitas faltas. E de grandes lances, memoráveis. Eles tinham jogadores muito bons: Bobby Charlton,¹⁹ Bobby Moore.²⁰

Vocês estudavam esses jogadores antes?

Não. Este trabalho era da comissão técnica, fazia parte do planejamento. Quando começou a Copa do Mundo, ficou definido que o Parreira e o Rogério²¹ – que seria titular, mas foi cortado e, ao invés de regressar

¹⁸ Francis Henry Lee, atacante da Seleção Inglesa.

¹⁹ Meio-campista e atacante da Seleção Inglesa.

²⁰ Zagueiro inglês.

²¹ Rogério Hetmanek, ponta-direita que atuava pelo Botafogo em 1970.

para o Brasil, foi aproveitado como observador – não veriam os jogos do Brasil, só a final, iam ver sempre o nosso próximo adversário. O Parreira fotografava e eles mostravam, um dia antes do jogo, *slides* com os lances, posicionamento da defesa, posicionamento do ataque. Assistíamos aos detalhes, principalmente a parte defensiva, como eles marcavam o posicionamento dos jogadores. Lembro um detalhe da Seleção da Itália, o posicionamento da defesa deles quando iam ao ataque. O Parreira foi felicíssimo nas fotografias que trouxe. Digo isso em relação ao gol que fiz, porque o Zagallo mostrou e comentou: – Quando eles saem para o ataque, a marcação é homem a homem. Se os nossos homens de ataque se movimentarem quando eles estão atacando, pode abrir um espaço para a subida do Carlos Alberto. O Jairzinho puxa o Facchetti²² para o lado esquerdo, o Tostão vai para lá, o Rivellino... E foi o que aconteceu.

Veja bem, quarenta e um minutos do segundo tempo, ganhávamos de três a um, vitória mais que garantida, campeões do mundo. Faltando dois minutos, eu atrás descansando, podia ficar esperando a hora passar. A mentalidade do time era altamente ofensiva, senão quando o Tostão tirou a bola do jogador italiano na nossa intermediária e atrasou para o Everaldo. O que ele podia fazer? Recuar a bola para o goleiro e matar uns três minutos ali. Mas como a equipe jogava pra frente, pegaram a bola e foram saindo. Observei, não havia ninguém do meu lado, lembrei a orientação do Zagallo. Fiquei esperando. Quando lançaram a bola na esquerda para o Jairzinho, do Rivellino. Pensei: – Opa, se a bola cair no Pelé, ela vem para mim.

Ele deu uma olhada, quando te viu, rolou a bola e deu aquele quiquezinho sob medida.

Arranquei no momento em que o Jairzinho tocou a bola para o Pelé. Cheguei na passada certa, por isso o chute saiu forte. Não precisei ajeitar a passada para chutar. Foi tudo programado, nada de improvisação, que é um forte do jogador brasileiro. Alguns detalhes importantes na campanha foram todos programados. Não éramos robôs, mas sabíamos que poderia acontecer.

A propósito, houve uma inversão tática de posicionamento entre o Clodoaldo e o Gérson? O cabeça-de-área deveria ser o Clodoaldo?

Sim, na partida contra o Uruguai. Uma decisão nossa dentro do campo. O Pelé era o nosso diferencial. Toda equipe campeã tem um cara que faz a diferença. Pode ver a história dos campeões de Copa do

22 Giacinto Facchetti, lateral esquerdo italiano.

Mundo. O Pelé era o nosso, mas o cabeça do time era o Gérson. Todas as jogadas, quando vinham de trás, eram do Gérson. Eu mesmo pegava a bola: Gérson. Às vezes, ele voltava para mim, mas a primeira bola era dele.

Os caras ficaram observando, assim como nós fazíamos. O técnico do Uruguai sacou que o Gérson era o nosso... – Pô, esse cara não pode ter liberdade total. Bota um cara ali perto dele. Não marcava homem a homem, mas ia um cara perto dele. E o nosso cabeça sentiu dificuldade. Via que nossa equipe não andava. O Uruguai ainda deu a sorte de fazer aquele gol.

Fez o primeiro gol. O cara errou o chute. O Félix se preparou para um chute forte, o cara errou e...

Matou o Félix! A coisa ficou meio complicada, o time não se acertava. Em determinado momento, o Jairzinho foi atendido pelo Mário Américo,²³ o Gérson me chamou: – Pô, Carlos Alberto, estou sentindo dificuldade de jogar porque tem um cara aqui colado comigo. Tu vê um cara perto do teu companheiro, não se arrisca e passa a bola, principalmente contra uma equipe que joga duro como o Uruguai. Ele continuou: – Acho que vou trocar de posição com o Clodoaldo, o que tu acha? Ao invés de ficar aqui sendo marcado pelo cara, vou recuar. Se ele continuar perto de mim, eu é que vou marcar ele. E vamos liberar o Clodoaldo.

O Clodoaldo dificilmente passava do meio de campo. Ele ia até ali, ficava aguardando para cobrir eu ou uma possível subida do Everaldo. Chamei-o e falei da ideia do Gérson: – Ó, ele está sugerindo isso. Temos que tentar alguma coisa para mudar o jogo. Ele ficará na tua posição. Você troca de posição e sai para o jogo. Poucos minutos depois, o Clodoaldo fez o gol. Sorte da gente o Gérson ter sacado essa situação e ele receber aquele passe e marcar.

Sorte e competência.

Empatamos a partida. Foi fundamental para dar moral ao time e prevenir o ataque do Uruguai. Ficou tudo igual de novo, e de igual para igual eles sabiam da dificuldade que teriam de ganhar da nossa equipe. Intervalo, no túnel do vestiário o Zagallo veio falar comigo: – Pô, legal, ideia brilhante. De quem? Respondi: – O Gérson falou comigo. Tínhamos autorização do treinador. – Se precisar mudar alguma coisa, não fique esperando. O Zagallo era muito inteligente também neste aspecto, dava liberdade aos jogadores.

23 Massagista da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1954-1974.

Liberdade de quem também foi jogador, não é?

Claro. Igual àquela posição em que o Zagallo jogava. Pelo que sei, nenhum treinador disse para ele jogar daquela maneira. Foi coisa dele. Então, trouxe isso para nós também.

Teve algum quê de vingança 20 anos depois nos uruguaios, tinha alguma rivalidade especial?

Não. A maioria dos jogadores de 1970 não se lembrava de ter visto a Copa de 1950. Talvez o Pelé, mas ele tinha nove anos de idade. O Gérson talvez não lembrasse tanto.

Nada fomentado pela imprensa ou pela torcida?

Em 1970 começou essa coisa da torcida começar a acompanhar a Seleção. Não como hoje, mas vários brasileiros foram torcer. Como a nossa concentração ficava numa avenida, não era hotel como hoje. Vários brasileiros iam até lá e começavam a falar: – Pô, será que vai acontecer como em 1950?

Evidentemente, aquilo ia entrando na sua cabeça e na de todo mundo. Acredito que tenha prejudicado um pouco, até o Clodoaldo fazer aquele gol, irmos ao vestiário e o Zagallo chamar todo mundo: – Vamos lá, vamos lá! Ele chamava mesmo. Tanto que o time voltou tranquilo no segundo tempo. O gol veio no momento certo. A presença dos brasileiros na concentração falando muito de 1950 trazia um temor em todo mundo. Isso, em parte, prejudicou psicologicamente o nosso grupo.

Você falou da torcida. Teve um fenômeno que foi a adesão impressionante da torcida mexicana em prol dos brasileiros. Foi uma surpresa?

Não. Naquela época havia três times que iam jogar muitas vezes no México: Santos, Botafogo e Cruzeiro. Já tínhamos por parte deles um carinho todo especial, então não foi novidade.

Logicamente, com as atuações da Seleção e a eliminação do México, eles passaram a torcer por nós, sabíamos que poderia acontecer. Pela proximidade do Brasil, em termos de povo e de admiração deles pelo futebol que nossos times jogavam. Fatalmente eles viriam para o nosso lado.

Dessas seis partidas, o que mais te emocionou ou te marcou?

Evidentemente, não poderia falar outra coisa que não fosse o jogo final. Na realidade, o que marca a participação de um jogador na Copa do Mundo é a vitória. Se tem uma grande equipe e não ganha, o que

marca é a derrota. No meu caso, o fato de ter feito aquele gol e, logo depois, como capitão, receber a taça Jules Rimet. Aliás, a partir daquele momento, ela viria em definitivo para o futebol brasileiro. A grande diferença entre o modelo da Jules Rimet e o atual da Copa FIFA é que, antes, você jogava para ganhar um troféu de posse definitiva. Hoje, sabe que o troféu jamais será definitivamente de alguma federação. No máximo, ganha uma réplica.

Inicialmente era para quem ganhasse três vezes seguidas, depois modificaram.

Sabíamos que, ganhando aquela Copa do Mundo, a taça era nossa definitivamente. A FIFA poderia rever a decisão de fazer o rodízio, para que, se alguém ganhar três vezes, definitivamente fique de posse dessa taça e façam outra. Isso motiva o jogador. – Vou ver uma taça, e aí? Depois ser obrigado a devolver. Não, o sentimento é diferente de jogar para ganhar uma coisa que será tua definitivamente.

Após aquele término de partida, as imagens são muito impressionantes. A torcida invadiu e praticamente deixou os jogadores de cueca.

Foi uma reação da torcida mexicana que, para nós brasileiros, não era novidade. Aqui se fazia e lá também, era normal a torcida invadir. Antes mesmo de terminar, já estavam invadindo, o juiz pediu: – Não, ainda não acabou o jogo.

Você fugiu?

Não, nós ficamos ali. Não tinha como fugir, eles cercaram o campo.

O Tostão saiu só de cueca.

É. E o Rivellino de maiô. Foi realmente uma manifestação dos mexicanos que impressionou muito. A receptividade, a alegria que víamos neles pela vitória da Seleção Brasileira, foi muito legal, bacana. É um negócio que marca, não dá para esquecer.

E o gesto de você beijar e erguer a taça em um Estádio Azteca imenso?

Foi uma coisa instintiva. O fato de receber a taça já é uma alegria, uma emoção que não dá para falar o que sinto. Junta tudo de bacana, de emocionante; impossível descrever. E sabendo que naquele momento você está representando seu país, não é individual, recebe em nome de um país, do grupo, dos jogadores, não só dos que participaram, mas de todos os outros. A conquista da Copa do Mundo valoriza não só os jogadores que participaram, valoriza todo mundo, o país é campeão do mundo.

Quando o Presidente do México me deu a taça, achei bonita, nunca tinha visto, tive vontade de beijá-la. Uma coisa pioneira também. O Bellini²⁴ foi o primeiro a erguer, falou que tava pesada, era pesadinha mesmo. Então, ele ergueu. A vontade que me deu de beijar o troféu virou moda. Agora, todo mundo recebe e beija antes de erguer.

No teu caso, foi espontâneo.

Nunca pensei naquela coisa. Eu só, claro, falei antes da partida: – Pô, se ganhar vou ter que erguer a taça. É o que todo capitão faz. Mas beijar, decidi ali na hora. Quis que todos os companheiros compartilhassem da alegria, levei a taça para todos, todo mundo beijando ela também. Foi legal. Fomos ao vestiário. Depois demos a volta olímpica, que não era muito normal na Copa do Mundo.

O estádio cheio, ninguém foi embora.

Na recepção na embaixada, antes de viajarmos de volta para o Brasil, a taça teve um lugar de destaque: um banco só para ela. E um assento no avião. A chegada ao Brasil, cada vez mais é uma loucura. Fica todo mundo ligado, ganhou uma proporção grande cada vitória da Seleção Brasileira, virou uma festa.

Acho que, em termos de sentimento, nada é comparável à Seleção de 1970.

Tinha a situação que o país vivia. A vitória naquele momento ganhou uma importância muito maior. Foi como um alívio do povo. A própria taça ser definitivamente de posse do futebol brasileiro. Juntou tudo e foi um momento de alegria muito grande. Nós jogadores temos ciência da alegria que demos ao povo brasileiro numa época tão difícil. A gente acha que contribuiu de alguma forma, de uma maneira positiva.

Uma derrota não sei como seria. Mas, graças a Deus, deu tudo certo e as pessoas deixaram um pouco de lado aquela coisa da política, da dureza do regime para comemorar. Conheço várias pessoas que participaram mais ativamente, politicamente, daquele momento. Eles até dizem: – Pô, estava não sei onde, mas acompanhando e torcendo. Isso é bacana.

Até os presos políticos davam graças porque tinham a “hora do recreio”, como eles chamavam. Enquanto os algozes viam o jogo, eles não estavam apanhando.

Então! Isso nos dá uma noção de que contribuimos com uma fatia grande desse momento da vida pública do Brasil.

24 Hilderaldo Luiz Bellini, capitão da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1958.

Depois, voltar a jogar em clube, você ficou no Santos até 1974. Ficou muito frustrado por não ter ido à Copa desse ano?

É a vida que segue. Me convocaram em 1974, só não fui à Copa porque me machuquei e não consegui me recuperar. Mas gostaria, lógico! Antes, ir à Seleção Brasileira era primordial, pela valorização que tinha. Hoje não. Para alguns jogadores, tanto faz ser convocado ou não, o valor dele fica inalterado.

Após esse momento, quando jogava no Cosmos em 1978, você via a possibilidade de representar o Brasil na Copa?

Não, por causa da idade. Em 1978, estava com 34 anos. Era muito difícil convocar jogador com essa idade na Seleção. Até hoje há resistência de colocar. Então, fiquei feliz de ter sido escolhido pelo Cosmos em um momento crucial do futebol nos Estados Unidos, fiz o meu nome lá. Graças a Deus, tenho um prestígio intacto naquele país. Sou embaixador do Cosmos, ainda trabalho para eles.

3. MARCO ANTÔNIO¹

Para iniciarmos, gostaria que você se apresentasse e dissesse onde e quando nasceu.

Sou nascido em Santos, no dia 6 de fevereiro de 1951. Meu início no futebol ocorreu na Portuguesa Santista, de lá fui direto para o Fluminense.

Conte um pouco sobre a sua família.

Meu pai não queria que eu jogasse bola. Minha mãe deixava jogar. Do ordenado que recebia da Portuguesa Santista, metade ficava comigo, metade com ela. Meu pai, nada. Ele dizia que futebol era coisa de vagabundo. Então, o vagabundo deu o primeiro apartamento para ele em Santos [risos].

Seus avós eram de Santos? Eles apoiavam ou eram contra?

Meu avô me apoiava. Minha avó também não gostava de futebol, mas sempre falava que o neto era campeão do mundo. Tem que ser campeão no início da carreira, não depois que é concretizado o título, porque o campeão é um jogador iniciante. Em minha família, nenhum deles gostava que eu jogasse.

Você teve irmãos?

Tenho dois irmãos, eles não jogaram futebol. Tínhamos uma pensão e eu era o marmiteiro, entregava marmita. Na hora do futebol, estava entregando marmita. Na hora de marmita, jogava futebol [risos].

E quais eram as atividades dos seus pais?

Meu pai era gerente de armazém de café, inclusive trabalhou com o presidente do Santos, senhor Athiê Jorge Coury.² Minha mãe tinha a pensão.

Um alerta que dou aos jogadores de futebol: se estiver iniciando a carreira e os seus pais não estiverem bem, não estiverem juntos – estou falando, pois aconteceu comigo –, a carreira vai por água abaixo, porque não tem incentivo dos pais. Se os dois estiverem bem, o atleta segue bem. Se estiverem mal, fica mal.

¹ Local da entrevista: CPDOC, Rio de Janeiro, RJ; entrevistadores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Clarissa Batalha e José Carlos Asberg; data da entrevista: 22 de dezembro de 2011; transcrição: Fernanda de Souza Antunes; edição: Pedro Zanquetta Junior; supervisão de edição: Marcos Aarão Reis.

² Athiê Jorge Coury, presidente do Santos entre 1945 e 1971.

Meus pais eram desquitados. Quando vim para o Rio de Janeiro, meu pai ficou e minha mãe veio comigo. Não tinha como consolidar.

No entanto, você fugiu a essa regra.

Fugi, mas precisava estar metade minha aqui no Rio de Janeiro e metade em Santos. Eu tinha que consolidar os dois juntos para ficar tricampeão, ser o terceiro.

Você viveu em Santos até que idade?

Até os 15 anos. Tenho certeza que sou uma das carreiras mais rápidas do futebol brasileiro. Saí da Portuguesa Santista aos 15 anos e vim para o Fluminense. Joguei no infantil e fui campeão. No mesmo ano, campeão juvenil. Aos 16 anos, subi ao time de cima. No ano seguinte, fui à Copa do Mundo de 1970.

Que lembranças você tem da sua infância?

Estive agora em Santos, conversando com meus amigos ex-jogadores: Coutinho,³ Pepe,⁴ Negreiros⁵ e outros. A lembrança que tenho... Eu gostaria de ver minha casa, o lugar em que morei, de onde vim. Cheguei e ela estava fechada, não tem nada, é um cimento, parece um museu vazio. Outra lembrança que tenho é dos meus amigos que jogavam pelada comigo. Reencontrei uns três ou quatro e tentamos relembrar o tempo que iniciamos.

Em que lugar você morava em Santos?

Morei no centro. A avenida mais conhecida é a Conselheiro Nébias, eu morava na Rodrigues Alves, paralela a ela. Não morava, que nem nego fala, na favela do "Macucão".⁶ Morava bem, graças a Deus.

Você chegou a estudar, fazer o colégio?

Não tive tempo. Estudei até o terceiro primário e, em seguida, vim para o Rio de Janeiro. Aqui, não estudei. Só fiz curso de inglês e italiano. Inclusive, falo muito bem.

Chegou a trabalhar com o seu pai no armazém?

Não, só trabalhei na entrega de marmita. Ia às oito da manhã pegar

3 Antônio Wilson Vieira Honório.

4 José Macia Pepe.

5 Walter Ferraz de Negreiros.

6 Macuco, bairro de Santos onde está localizada a Avenida Conselheiro Rodrigues Alves.

e, às onze, entregar. Foi um negócio difícil porque, nesse horário das onze, eu queria jogar bola. Minha mãe me gritava, tinha que ir levar marmita. No final, deu tudo certo.

Você já estava na Portuguesa Santista nesta época?

Sim. Aqui no Rio, o infantil e o juvenil treinam todos os dias. Em Santos, só às quartas-feiras. Eu pegava um dinheiro da condução com a minha mãe e ia para o treino. O restante dos dias da semana era liberado.

Com que idade você começou na Portuguesa Santista?

Aos 14 anos. Tínhamos um time lá em Santos, meu irmão jogava contra mim. Fui meia, nunca lateral, e meu irmão dava pontapé. Abri o supercílio, acabei na Santa Casa e o médico perguntou: – O que houve? Meu pai: – Ah, os dois irmãos brigaram. Ele: – Traz ele vá para a Portuguesa Santista. A partir daí comecei na Santista.

O médico que indicou?

Por causa do meu supercílio, que meu irmão abriu, iniciei na Portuguesa Santista. Meu pai me levou e me tirou das peladas.

Você também gostava de acompanhar futebol?

Sempre acompanhei e tenho um time, sou palmeirense fanático. Digo o porquê: não sabia que o Santos era da minha terra. Eles jogaram com o Palmeiras, assisti à partida na Vila Belmiro. Vi o Dorval⁷ dar com o pé no peito do Zequinha,⁸ e falei: – Esse time é muito sujo. E decidi: – Vou torcer para aquele ali. Escolhi, e por isso sou palmeirense. É um bom time.

Quando tinha 13 anos, ia muito ao campo do Santos torcer contra, mas era sete, oito, nove, não tinha jeito.

Quando você começou a jogar “pelada”, pensava em seguir carreira?

Não, nunca pensei. A única coisa que não queria era jogar no Peixe [risos]. Achava que o time tinha muitos jogadores bons nas categorias infantil e juvenil. Planejei: – Vou naquele pequeno (Portuguesa Santista), que dali, de repente, eu saio.

Teve um jogador da Santista que veio para o Rio, o Reinaldinho. Pedi pra ele aproveitar e ver se levava a gente para fazer teste. Ele trouxe, vieram quatro: o Didi, meio de campo, jogou no Santos; o falecido

7 Dorval Rodrigues, ponta-direita do Santos entre 1956-1957, 1957-1960, 1961-1964 e 1965-1967.

8 José Ferreira Franco, volante do Palmeiras de 1958 a 1968.

Everaldo, irmão do Osmar, que jogou no Peixe e na Portuguesa Santista; o outro centroavante, Adílson, também jogou no Alvinegro Praiano, e eu. Todos assinaram contrato. O Carlos Alberto Torres é que foi nos buscar.

Com o Fluminense?

Sim. Surgiu a melhor safra que o clube teve de jogadores de categoria inferior para o time de cima.

Como jogava a Portuguesa Santista naquele período? Tinha espaço no Campeonato Paulista?

Tinha espaço e jogadores bons. O Samarone,⁹ que veio para o Tricolor, jogava lá; o João Carlos,¹⁰ que jogou no Palmeiras, também. Um bom time, o segundo da cidade. São três clubes: Santos, Portuguesa Santista e Jabaquara. Se não acontecia jogo do Peixe, todo mundo ia assistir ao da Santista, a famosa “briosa”, todo mundo gosta.

No Fluminense você resolveu encarar o esporte profissionalmente, ou decidiu antes?

Não, não havia decidido. Queria uma chance em um time do Rio de Janeiro porque tinha certeza de que seria mais fácil jogar. Em São Paulo, em Santos, é muita cobrança. Vim, fiz minha vida, trouxe meus irmãos. Meu pai faleceu, veio todo mundo para cá. Com 15 anos, eu tinha assinado meu primeiro contrato e já era pai... Pai dos meus irmãos, eu assumi tudo.

E você se adaptou fácil ao Rio de Janeiro?

Rapidinho. O primeiro lugar que morei no Rio foi nas Laranjeiras, o clube pagando. Morávamos perto dos “surdos e mudos”.¹¹ Eu, o Rubens Galaxe,¹² todo mundo que vinha de fora morava ali. Quando assinei o primeiro contrato de profissional, mudei para Copacabana. O lugar de que mais gostei, todo mundo gosta [risos].

Sendo palmeirense, você não desejava jogar lá?

Eu queria, não houve oportunidade. O atleta para se firmar mes-

9 Wilson Gomes, também conhecido como Samarone, atacante que defendeu a Portuguesa Santista entre 1963-1965 e o Fluminense entre 1965-1971.

10 João Carlos Rodrigues, zagueiro que atuou na Portuguesa Santista e, posteriormente, no Palmeiras entre 1972-1976.

11 Instituto Nacional de Educação de Surdos, localizado na Rua das Laranjeiras.

12 Rubens Márcio Cordeiro Galaxe, zagueiro que atuou no Fluminense entre 1970-1982.

mo não precisa jogar no time que torce. O Pelé não é santista, é Vasco, todo mundo sabe. Mas estava lá no Peixe. Parou e foi para o Cosmos. Não queria jogar em time nenhum no Brasil, a fim de não desmoralizar o Santos.

E você, vindo jogar no Fluminense, passou a ser tricolor ou continuou torcendo para o Verdão?

Boa pergunta, porque o que eu vou responder agora é para muita gente que não sabe o que é o futebol do Rio: é mais fácil para jogar, no entanto é muito difícil jogar aqui. Peguei um time difícil de se jogar, não gostava da cor, tinha aquele negócio de branco e preto. Jogador do Flu não entrava pela porta da frente, entrava pelo fundo. Eu e Félix, tricampeões do mundo, entrávamos pelos fundos.

Fiquei oito anos no clube, fui para o Vasco, entrei pela porta da frente, disse: – Sou esse time aqui, sou vascaíno! Aqui no Rio de Janeiro torço por eles, em razão do preconceito que houve. Não era problema de cor, é que o atleta não podia entrar pela frente. Hoje está liberado, sou sócio do clube e entro. Era o sistema. Antigamente, não dava.

Essa foi uma das motivações da saída do Didi,¹³ do Fluminense para o Botafogo.

É verdade. Joguei oito anos no Tricolor, cinco no Vasco. Sou vascaíno por causa disso. Me mandaram entrar pela frente, no outro precisava ser pelo fundo. Tenho que torcer por aquele que me acolheu melhor.

Nessa época, quais campeonatos você disputou?

O Campeonato Carioca e a Taça Guanabara. Não havia outros. O Campeonato do Rio de Janeiro, na minha opinião, é o mais fácil de todos do Brasil. Só Maracanã, moleza [risos]. Aqui tu não se machuca, não se cansa. Futebol carioca era uma moleza! Agora, só vêm craques.

Também disputamos muitos torneios na França e na Espanha. À França, íamos uma vez ou outra. Na Espanha tinha o Carranza,¹⁴ o Teresa Herrera¹⁵ e muitos outros.

Uma coisa bonita o torneio que eles faziam, você jogava em um dia e no outro decidia. Eram dois jogos em um dia. O primeiro começava às três e terminava às cinco, todo mundo saía do estádio. No segundo, voltava todo mundo ao estádio, pagava outra vez [risos]. Aqui no Brasil

¹³ Valdir Pereira, o Didi, atuou no Fluminense entre 1949-1956 e no Botafogo entre 1956-1959, 1960-1962 e 1964-1965.

¹⁴ Troféu Ramón de Carranza, competição realizada anualmente, desde 1955, na cidade de Cádiz, Espanha.

¹⁵ Troféu Teresa Herrera, torneio disputado, desde 1946, em Corunha, Espanha.

ninguém sai, claro que não! [risos].

Como sucedeu essa primeira experiência de jogar no exterior?

Na primeira experiência no Flu aconteceu uma gozação, lembro que o Denílson,¹⁶ do Fluminense, comentou: – Olha, você vai comer o lanche e a conta será tua. Pensei que eu teria que pagar a conta mesmo [risos]. Não sabia, primeira viagem. Eles me gozaram, no fim deu tudo certo. Depois, baguncei com os outros que estavam chegando também, tem que empatar.

Minha primeira viagem foi junto da Seleção rumo ao México, na Copa do Mundo. Eu com 17 anos, nunca tinha ido... Essas viagens até a França e Espanha foram após a Copa.

Qual sua primeira lembrança de acompanhar uma Copa do Mundo?

Em 1958, eu estava em Santos, escutei em um carro de pipoqueiro. Ele vendendo pipoca e o radinho ligado, não tinha televisão. Ouvi a propaganda do Pelé tomando Biotônico Fontoura, comecei a beber também achando que ia jogar igual a ele [risos]. Nada a ver, a bola era outra [risos].

Na Copa de 1962, você tinha 11 anos, se lembra dessa?

Também escutei no rádio. O negócio de Amarildo. Hoje, estou junto deles todos, Amarildo, Pelé. Trabalho em companhia do Altair e do Jair Marinho. E nem falávamos muito sobre futebol. O Jair Marinho, mentiroso, dizia que ele quem me trouxe para o Rio [risos]. Quem me trouxe foi o Carlos Alberto Torres, inclusive fui auxiliar dele no Botafogo e ganhamos a Conmebol¹⁷ em 1993.

E ele te trouxe porque te viu jogando?

Não, ele apareceu em Santos e avisou na Portuguesa Santista: – Tem uns três ou quatro aí que escutei falar que jogam bem, quero falar com eles. Contei ao pessoal da minha rua: – Olha, amanhã vou falar com o Carlos Alberto Torres lá no Santos. Os caras: – Mentira! Falei: – Então, está legal, é mentira. O Carlos me disse: – Espere dez dias que um primo meu vem levar vocês para fazer um teste no Rio. E esse primo até faleceu, Roberto Alvarenga,¹⁸ conhecidíssimo. Vim parar no Flu por intermédio dele.

¹⁶ Denílson Custódio Machado, volante que defendeu o Fluminense entre 1964-1973.

¹⁷ Copa Conmebol, competição entre clubes sul-americanos disputada entre 1992-1999.

¹⁸ Roberto Alvarenga, supervisor de futebol do Fluminense entre 1959-1999.

Na Copa de 1962, você estava em Santos?

Vivia em Santos, e teve 1966 também, um fiasco. Tinha como fazer quatro ou cinco seleções e levaram um time horrível. O Feola¹⁹ dormia no banco, acordava: – Ganhamos essa [risos]. Perdemos a Copa.

Existia esse sentimento nacional quando o Brasil ganhava, de comemorar na rua?

Existia. Para nós garotos, não, pois acabava o jogo do Brasil, íamos jogar bola e ver se conseguíamos nos igualar aos caras [risos]. No Brasil, todo mundo joga, quer jogar, aí larga o colégio e troca pela bola. Na Europa, eles estudam mais do que nós. O nosso estudo é futebol, estudamos com os pés, é o contrário [risos].

Em 1966, você jogava na Portuguesa Santista?

Isso. Joguei no infantil e no juvenil do time, onde sempre tive a posição de meia, a que gosto de jogar. Quando vim para o Rio, o Pinheiro²⁰ reuniu todos os jogadores e me chamou: – Neguinho, você aí. Fingi que não foi comigo. – Ô, neguinho! – Sou eu? – É sim. – Fala, seu Pinheiro. – Você será lateral esquerdo e, se for igual aos meus, tu vai para Santos costurar saco de café. Ele não tinha lateral esquerdo.

De meia ou de lateral, eu ia atacar. Não gostava de ficar atrás, sabia que tinha habilidade para ir. Fazia gol de falta, gol driblando... Por isso, ele começou a me tratar melhor.

Gozado que, depois que parei de jogar, trabalhamos juntos no governo. Tem dois, três meses que ele faleceu. Quando o encontrei, brinquei: – “Está vendo, Pinheiro, a parada aí!”. Não chamei de seu Pinheiro. Ele: – Não, eu sabia que você jogava, tem que agradecer a mim por ter te colocado de lateral esquerdo [risos].

Quando você jogava de meia nas divisões de base da Portuguesa, quem eram os seus ídolos na posição?

Me chamavam de Pelezinho em Santos, na meia. Gosto muito do Ademir da Guia, jogamos na Copa de 1974 juntos. Gostava do Chinêsinho.²¹ Do Negão mesmo, o Pelé. Do Rivellino. Porém, não estava de meia porque gostava deles, achava que a minha posição seria aquela. Eu fazia gol, ia à frente. Agora, de lateral, eu não marcava ninguém, me

19 Vicente Feola, técnico da Seleção Brasileira em 1955, 1958-1959, 1960, 1964-1965 e 1966.

20 João Carlos Batista Pinheiro, zagueiro que defendeu o Fluminense entre 1948-1963. Após encerrar a carreira de jogador, trabalhou nas categorias de base do clube como técnico. Comandou a equipe profissional entre 1971-1972, em 1977 e 1994.

21 Sidney Colônia Cunha, meio-campista. Atuou no Internacional, Palmeiras e em diversos clubes italianos

mandava como um *kamikaze*. Ia embora, fazia gol, cruzava. O Flávio,²² que jogou no Corinthians, sabe disso. Era fogo, cruzava para ele, fazia gol.

Você fez 29 gols pelo Fluminense.

Acho que é um número maior, para mim isso está pouco [risos]. Joguei oito anos no Tricolor, fazia gol todo jogo. Batia falta, ia à frente, cruzava. Agora, marcar não era comigo.

Isto fazia parte do esquema tático ou você mesmo que bolava e forçava a barra em ir para frente?

O maior volante que vi jogar foi o Denílson, do Fluminense. Ele falava: – Pode ir embora que o teu não é aqui atrás, é lá na frente. Eu marco para você. Ficava tranquilo, pois o meu forte sempre foi do meio de campo para frente. Fui lateral esquerdo porque o Pinheiro mandou.

Na Copa do Mundo em 1970, saí do Brasil entre os titulares. Do um ao onze, o meu número era 6. O falecido Everaldo, 16. Eu sabia que seria titular. O Brasil todo sabia que eu jogava mais. Ele era marcador e não precisavam de um cara igual a mim, por isso ele jogou. E bem, isso que precisava. Do meio de campo para frente, estávamos fortes, lá atrás, na cozinha, a comida não saía boa.

Quando entrou no Fluminense, em 1968, você logo se destacou e te convocaram no ano seguinte na Seleção?

A carreira mais rápida do futebol brasileiro foi a minha. Cheguei ao Flu, só tinha o juvenil, não havia júnior. No juvenil, os caras: – Chama o pai dele, vamos fazer um contrato. Até roubaram meu pai, ofereceram um dinheiro se ele assinasse que ele nunca recebeu. Fiz um contrato de dois anos no time de cima – eles não faziam de um ano com jogador que subia. Passaram dois anos, fui à Copa do Mundo.

Quando ocorreu a sua primeira convocação?

Foi com o João Saldanha. Ele gostava, falava: – Paulo César e Marco Antônio vão para as noites, eu quero saber no campo. Se o cara jogar, é ali que quero ver. Nesse momento, o Pelé ficava no banco, o Dirceu Lopes que ia entrar. O Jairzinho também não ia jogar, o Rogério que ia. Tudo mudava, pelo Saldanha era um time, pelo Zagallo,²³ outro. Eu

nas décadas de 1960 e 1970.

22 Flávio Almeida da Fonseca, centroavante do Corinthians entre 1965-1969 e do Fluminense entre 1969-1971.

23 Mário Jorge Lobo Zagallo comandou a Seleção Brasileira entre 1967-1968, 1970-1974 e 1994-1998.

titular e ninguém ia falar no ouvido do Saldanha que não ia jogar. Ele anunciou: – O Marco Antônio é o titular. Acabou. Chegavam no Zagallo e falavam: – Zé, tira o Marco Antônio, coloca o Everaldo que é mais marcador. O Saldanha não aceitava isso, nunca aceitou.

As convocações do Saldanha eram você e o Everaldo na lateral esquerda, ou você disputou em outra posição também?

Não, o Everaldo era reserva do Rildo²⁴ nas eliminatórias. Então, o Saldanha tirou o Rildo e me chamou. Passei a ser titular e o Everaldo, reserva. Joguei 75 partidas pela Seleção. E, na Copa do Mundo, ele passou a titular e eu a suplente, joguei dois jogos, contra a Romênia e o Peru.

O Rildo tem a versão de que o Lídio Toledo²⁵ o tirou da Seleção.

Para mim tinha sido o Saldanha [risos]. O Lídio tirou o Leônidas.²⁶ Avisou até que ia parar de jogar futebol por causa disso

Você contou sobre as noitadas, era por vocês serem de fora do Rio e morarem todos no mesmo prédio?

Na época de concentração, ninguém saía à noite. Íamos depois de semiprofissional. Morava com a família e precisava sair mesmo, não tinha como ficar em casa no Rio de Janeiro [risos]. Carnaval... O futebol carioca deixa você ir para as noites mesmo, o paulista não, é mais puxado, mais forte. Em São Paulo, você mora a vinte quilômetros do campo. Aqui é tudo pertinho. Maracanã, tu pega táxi, quando vê, já chegou. O Rio de Janeiro é moleza!

Você gostava de jogar no Maracanã?

Quem não gosta, quem não gostava?! Não gostava de jogar no campo do Bonsucesso [risos]. Era pequenininho. Agora Maracanã, uma facilidade tremenda.

No final dos anos 1960, havia público de 150 mil pessoas.

Isso. Joguei no Fla x Flu de 1969, que ganhamos. Encheu, 160, 170 mil pessoas. Três a dois para a gente. O maior Fla x Flu que teve. Depois, lotou no jogo da Seleção Brasileira que o Romário jogou, fez o gol no Uruguai. Fui ver esta partida.

24 Rildo da Costa Menezes, lateral esquerdo do Santos entre 1967-1972.

25 Lídio Toledo, médico da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1970, 1974, 1978, 1990, 1994 e 1998.

26 Sebastião Leônidas, zagueiro que defendeu o Botafogo entre 1966-1971.

Como era jogar diante de um público tão grande?

Sinceramente, sempre respeitei o torcedor, mas ficava ligado no campo. O torcedor é de gritar mesmo. Eu estou ligado no jogo.

Não te influenciava o Geraldino²⁷ na lateral esquerda?

Influenciou quando o Saldanha me convocou. Ele foi ao Maracanã, no maior Paulistas e Cariocas que vi. O time do outro lado: Rivellino, Pelé, Clodoaldo. Falei: – Que time é esse? Vamos levar uma pancada hoje! [risos]. No meu time estava o Jairzinho. Olhei e pensei: – Meu time está feio.

O Rei cabeceou uma bola no gol. O nosso goleiro, o Félix. Sempre gostei de ficar dentro do gol e salvei a bola, calmo, joguei para fora. Outro lance, no mesmo canto, de novo ele de cabeça. Avisei: – Velho, deixa comigo. Eu chamava o Félix de velho. Levei a bola até o canto e o Pelé disse: – Pode ir, garoto, pode ir. – Pô, esse negão está legal. Tu tem que pensar rápido. Aí foi Deus, não fui eu. Fiz assim, cortei, ele caiu de bunda no chão [risos]. Sabe o que ele queria? Queria roubar minha carteira, queria a minha bola. O “pode ir garoto” existiu para ele roubar. Olhei a Geral batendo palmas. O Negão no chão e eu saindo com a bola [risos]. Um safado, queria pegar a bola, queria levar. Sem querer, cortei e ele caiu. Qualquer coisa que tu fizesse junto dele, tu saía consagrado. Gente finíssima, gosta de mim para caramba.

Você se empenhava além do normal quando jogava contra o Rei?

Não, me empenhava mais quando era contra o meu time. Acho que todos os jogadores fazem isso. Se jogasse Fluminense e Palmeiras, eu queria muito jogar, esquecia o torcedor, queria saber do meu bicho [risos]. Acontecia o melhor jogo que eu fazia, inclusive, fiz até gol.

E nessa época, 1969, foi o ano que o Pelé fez o milésimo, no Maracanã.

É, fui ver. Era uma partida entre Vasco e Santos. Eu jogava no Tricolor na época.

Você ia assistir às partidas?

Não, fui ver porque seria o milésimo gol dele. Sabia que ia acontecer. No entanto, não foi pênalti. O meu compadre, o René,²⁸ que cometeu a falta nele, contou: – Fiz falta normal, não era nem para cartão. Então,

27 Geraldo Antônio Martins, mais conhecido como Geraldino, lateral esquerdo do Santos entre 1963-1969.

28 René Carlos da Silva Teixeira, zagueiro que atuou no Vasco entre 1969-1974.

ele fez o milésimo gol forçado e quase que o Andrada²⁹ pega o pênalti.

Lembra do dia da convocação da Copa do Mundo de 1970?

Foi nesse Paulistas e Cariocas no Maracanã. O Saldanha assistia. Eu ganhei um Motoradio de um lado e, do paulista, ganhou o Leão. Ele convocou o time ali, naquele dia. Rogério vai ser o titular, Pelé no banco. Teve uma partida em São Paulo, Brasil x Áustria, que o Rei ficou no banco para o Dirceu Lopes. E o Saldanha ia jogar com o Dirceu e o Tostão na Copa do Mundo.

O Rei no banco é impensável. Quando íamos fazer exame na Copa do Mundo, íamos de cinco em cinco ao hospital. Ele estava na minha turma, além do Tostão, Gérson e Félix. Quando falaram que ficara cego, não teve isso, ele só não enxergava uma letra. Deturparam, colocaram que ele não enxergava. Onde o Pelé está cego? No meio de campo quase fez o gol. Queria jogar com esse cego [risos]. Pô, brincadeira! Foi muito tumultuada a Copa, ainda mais que estávamos de regime militar. Começou a apertar. Era muito difícil jogar naquele tempo.

E o grupo de preparadores da Seleção... Foi a primeira vez que se falava na preparação científica.

Todos eram militares: Parreira, Chirol, Coutinho, o Brigadeiro Jerônimo Bastos.³⁰ Eles falavam o nome que quisessem falar [risos]. Eles que mandavam, pode falar, tudo bem.

Sua primeira convocação foi pelo Saldanha. O que achou da demissão dele?

O Saldanha era muito forte. Não gostei da saída, quando era ele eu jogava, com o Zagallo fiquei no banco. Senti a demissão. Gostava da personalidade dele. Ficavam no ouvido: – Ah, Saldanha, fulano vai para as noites... Ele: – Meu irmão, quero saber no campo. Um dia falaram assim: – Vamos sair com umas mulheres aí. O Saldanha respondeu: – Não vão sair em companhia de mulher nenhuma. Traz a mulher no hotel, senão o jornalista vê vocês [risos]. Quem não quer um treinador assim?! Se o jornalista visse, ia nos criticar. No hotel, ninguém sabia [risos].

Vocês entenderam a demissão do Saldanha? Quais foram as causas?

Eu entendi legal e não tenho medo de falar. Ordenaram: – Saldanha, você vai mudar essa Seleção. Ele respondeu: – Quando vocês

29 Edgardo Norberto Andrada, goleiro do Vasco entre 1969-1975.

30 Carlos Alberto Parreira, Admildo de Abreu Chirol e Cláudio Coutinho, preparadores físicos da Seleção Brasileira. O Brigadeiro Jerônimo Bastos foi o chefe da delegação brasileira na Copa do Mundo de 1970.

reúnem seus ministros em Brasília, não me meto. Então, vocês não se metem aqui. Os caras mandaram um aviso ao treinador: – Vem aqui em Brasília. Você quer ser preso ou quer sair? Escolhe. Foi isso o que aconteceu. Ele não quis ser preso e saiu.

E vocês jogadores sabiam...

A gente não podia falar nada por causa do regime militar.

Mas vocês sabiam, por exemplo, que o Saldanha foi do Partido Comunista?

Não sabia, eu era novo, 17 anos. Por isso que ele saiu, comunista, claro.

E essa história de que o Presidente Médici³¹ queria o Dario...

Escutei esse boato. O presidente pode falar: – Quero fulano. Mas mandar que o cara vá jogar, não. O Dario foi chamado, porém não ficou nem no banco.

O Médici falou que queria ver o Dario na Seleção, não que queria vê-lo jogando. O gozado disso tudo é que, no último jogo, Brasil e Itália, acordamos cedo. O Dadá virou para o Zagallo no café da manhã e afirmou: – Seu Zé, sonhei que vamos ganhar de quatro a um, eu estava jogando, fiz quatro gols. O quatro a um foi. Ele não jogou, nem esteve no banco, no entanto o sonho dele aconteceu.

Comentamos da preparação do elenco. Você sentiu diferença do treinamento no clube com o da Seleção?

O negócio é outro: a altitude. A maioria das seleções foi para a Copa do Mundo uns 15, 20 dias antes. Nós ficamos um mês e meio. Nos adaptamos, jogamos treino contra, jogamos muito em Guadalajara.

E ainda ficaram outro mês e meio aqui no Brasil.

Isso. Trabalhamos três meses direto. A Inglaterra achava: – Nós vamos levar água aqui do nosso país, pois a do México não sei qual é. Chegou vaiada. O povo mexicano nos ajudou muito. Nós brasileiros, até hoje, devemos tudo o que conseguimos a eles. Vi muita gente de joelhos, chorando, parecia até que eram brasileiros. Fora de série! Ali eu vi a falsidade do brasileiro. O Brasil jogava, o mexicano ajudava. Quando o México ia jogar: – Vamos fingir que estamos torcendo para eles. Não existe isso, os caras estão vendo, brasileiro é safado mesmo, não tem

31 Emílio Garrastazu Médici, Presidente do Brasil entre 30 de outubro de 1969 e 15 de março de 1974, durante a ditadura militar.

jeito.

O apoio dos mexicanos foi só na final da Copa ou desde o princípio?

Desde que chegamos. Contratamos os cozinheiros, levamos o nosso daqui, mas tinha o deles lá, sem falsidade, tudo claro. Desde o motorista do ônibus até a cozinheira, todo mundo torcia para a gente [risos]. Eles foram campeões também.

Não se ganha o jogo só no campo. Na rouparia, você ganha. Se o roupeiro não gostar de você, tua chuteira vai toda suja. Se você tratar ele bem, ela fica limpinha, legal, sem tachinha [risos].

E o ambiente na Seleção de 70, entre os jogadores, estava bom?

Era bom, ficava com os companheiros de clube. Fiquei no quarto com o Félix. O Gérson ficou junto do Brito, Pelé e Joel, bem legal. Acordeava todo mundo de manhã, inclusive os jornalistas. O Bobby Moore,³² um dia antes da nossa partida contra a Inglaterra, foi ao hotel, fumava e tremia para caramba de ver os nossos jogadores. Ganhamos de um a zero deles, jogo difícil e bom.

Com quem você tinha mais afinidade na Seleção?

Com o Clodoaldo, pois em Santos jogávamos num time da várzea, tínhamos muita intimidade. Na Seleção, eu ficava muito com ele e o Dirceu Lopes. E nós três deixávamos a rapaziada de lado. Éramos mais novos, eu tinha 19 e o Clodoaldo 21. Tínhamos que ficar junto dos caras da nossa idade.

Existia a turma que saía para fumar. Hoje ninguém fuma, todo mundo tem câncer, outro tem não sei o que na garganta... Fiquei no grupo deles. Na noite anterior à partida entre Brasil e Tchecoslováquia, eu estava com o Félix, eles iam falar com o Zagallo sobre a minha saída. Eu não sabia, propus: – Vocês vão fumar? Vou também. – Você não. Não me deixaram ir, fiquei fumando sozinho. No outro dia: – Olha, vai jogar o Everaldo. Aquela reunião de um dia antes que me tirou. Não interessava para eles eu ir perto da parada escutar, mas acho que tem que ser franco: – Você não joga, a adaptação é melhor para o Everaldo. Ele é mais marcador. Tem que falar claro.

O Zagallo não conversou comigo. No dia do jogo, disse: – O time entrará com ele. Pensei: – Tudo bem. Vou falar o quê? Não tem jeito.

³² Robert “Bobby” Frederick Chelsea Moore, zagueiro da Seleção Inglesa. Esteve nas Copas do Mundo de 1962, 1966 e 1970.

Alegaram que você ainda estava muito jovem?

Não, não tem isso. Quando você é convocado para a Copa do Mundo, você pode. O Pelé foi aos 16 anos, o Edu também. A única coisa que falavam mal – e não ocorreu – é que não joguei porque tremi. Eu tremi? Joguei contra o Peru, contra a Romênia e em 75 jogos no mundo. Eles sempre colocam um negócio querendo te derrubar. O Tostão falou isso há pouco tempo. Questionei: – Como eu tremia? A única coisa que pode acontecer é você entrar em campo e sentir alguma coisa, pois é o teu primeiro. Agora, tremer não existe: – Como não tremi contra a Romênia, nem contra o Peru? No jogo contra o Peru, começou um a zero para eles, gol de Gallardo,³³ que jogou no Palmeiras.

O Zagallo arrumava o time de um jeito muito parecido com o que ele jogava?

É verdade. Ele não pretendia jogar com o Rivellino, ia colocar o Paulo César. Entretanto, tinha que colocar o Riva no jogo. Colocaria ele no gol, precisava dar uma posição para o Rivellino. Machucou, entra Paulo César. Mais ofensivo, entra Edu. Havia jogadores em todas as posições. Fomos bem, a safra era boa.

Na sua posição de lateral esquerdo, você teve alguma referência internacional? Acompanhava os jogadores desta posição no mundo?

Comecei a acompanhar do meu time. O Ferrari,³⁴ que jogou no Palmeiras, gostava muito dele, marcador, tentei me aprimorar e não consegui. Eu não era lateral e sim um homem do meio de campo para frente. Lá atrás, não sabia nada, tanto que me consagrei na frente. Fiz gol, cruzei, bati falta. Negativo atrás [risos].

O que você sentiu quando soube que não seria o titular?

Aceitei, não teve jeito de contestar. Copa do Mundo tu tem que respeitar o teu parceiro. Pode brigar com o treinador, mas tem que respeitar o parceiro. E o Everaldo é de excelente caráter, Deus que o tenha em bom lugar. Ele jogava, saía, não falava nada de ninguém, ficava na dele. Excelente marcador. Na minha opinião, o Zagallo, apesar de ter escutado os outros, fez certo, precisava colocar ele. Precisava jogar, a nossa defesa era feita.

Os outros queriam que você jogasse?

33 Félix Alberto Gallardo Mendoza, atacante da Seleção Peruana na Copa do Mundo de 1970. Atuou no Palmeiras entre 1966-1967.

34 Gilberto José Ferrari, lateral esquerdo do Palmeiras entre 1963-1969.

O Rivellino queria, não vou falar outros. Não foi o Riva que falou e sim outro alguém: – Como vou jogar com um cara que não passa? O meia pega na bola? E se o cara não passar, vai dar para quem? Não falo quem disse isso. Esta história ficaria feia e o nome dele, sujo [risos].

Quando surgiu a oportunidade de jogar foi contra a Romênia?

Entreí contra a Romênia primeiro. O Everaldo se machucou. E contra o Peru, joguei toda a partida. Levei um susto nessa, porque começou um a zero para eles: – No dia que entro, o time perdendo! [risos]. Ainda bem que não aconteceu do meu lado, foi do lado do Carlos Alberto. O Gallardo que fez. Continuou, um a um, dois a um, três a um, quatro a um, pensei: – Pô, é só chutar. O goleiro deles não tem mão! [risos]. O Rubiños³⁵ era muito ruim, um goleiro horrível. Mas o time estava bom.

E depois, no jogo seguinte, contra o Uruguai?

Quando não jogava, eu via do banco. Se o time estivesse perdendo, eu entrava, por ser mais ofensivo. Não devia entrar e ficar marcando. Precisava entrar igual *kamikaze*, cruzar, ir para frente.

Uma vez, eu ia passar do meio de campo e o Pelé fez sinal para ficar. Fui convocado porque atacava, não ficava atrás. Lá é o Everaldo. Conselho que dou: o jogador de futebol tem que ter a personalidade dele. Se você foi convocado apoiando, tem que continuar. Fiz isso, continuei, estou na minha. Se o Brasil perdesse ou ganhasse, eu ainda tinha uma ou duas copas para ir, pela minha pouca idade. Só precisava ter bola [risos].

No México, vocês sabiam quem iam enfrentar, conheciam os outros times? Estavam confiantes em conquistar o título?

Estávamos porque o Pelé deu o sinal do índio [risos]. Informou: – É minha última, quero ganhar. Pronto, acabou, vamos seguir o que ele falar. Às vezes, ele estava no segundo andar e eu e Paulo César ficávamos no primeiro, batendo papo. O Negão pedia: – Vamos pensar no jogo. A consagração dele, a última Copa. Estávamos pensando em outras coisas, nas meninas do lado. Ele levava a sério e era o nosso chefe. Então, vamos seguir do lado certo. Isso que aconteceu, todo mundo pensando em vencer. À medida que ele ia parar ali, o Brito, o Carlos Alberto e o Gérson também iam.

O que acabou sendo determinante na conquista: a qualidade e a quantidade de

35 Luis Rubiños Cerna, goleiro da Seleção Peruana na Copa do Mundo de 1970.

craques daquele time ou o fechamento em torno desse pedido do Pelé?

A quantidade de craques. Machucava o Negão, tinha o Dirceu Lopes ou podia ter o Tostão também. Colocava o Rivellino na meia, Paulo César ou o Edu. Uma safra excelente! Safra igual a essa... Os homens da frente eram Jair, Pelé, Tostão, Rivellino, Gérson. Todos camisa 10 nos clubes deles.

Estávamos convictos que íamos ganhar. Gostei, foi a minha primeira, não ia entrar derrotado [risos]. Ganharam, dei um grande passo.

Você se lembra da equipe de preparadores: o Cláudio Coutinho, o Chirol...?

Lembro. O meu maior amigo dentro dessa comissão era o Parreira, sempre foi, ele sabe disso. Ele esteve no Fluminense e a gente sempre conversava. Não dei muita bola para o Coutinho e o Carlesso.³⁶ Gostava mais do Chirol e do Parreira, porque sabia que os titulares eram eles. Os outros eram ajudantes, militares.

E de que forma acontecia a preparação?

Recebemos uma preparação forte aqui na Urca. Tinha coletivo, treinamento do exército. Você não podia nem olhar para o lado trabalhando junto dos militares. Olhou, tu já está preso [risos]. Havia dias que treinávamos de manhã e à tarde. Em outros, só à tarde. De manhã, o horário difícil. O exército sempre gostou de trabalhar de manhã, nós não. O que faziam com os soldados, faziam conosco. O mais forte: o teste de *cooper*. Você tinha que dar oito voltas. Alguns não conseguiam, davam cinco voltas. Eu corria seis.

O treino foi puxado. Em três meses de preparação, como ficava a vida sexual de vocês?

Tínhamos folga e três, quatro seguranças que saíam conosco. Estava liberado na folga. Até nego que nunca saía, por exemplo, o Gérson e outros, iam só passear, sacanear a rapaziada. Mas sempre teve folga, mesmo lá no México.

E é importante manter a vida sexual, mesmo em um período de extrema concentração visando um título mundial?

Acho melhor a vida do jogador europeu. Ele leva a família, a mulher, os filhos. Eles levam e liberam todo mundo que é casado. Você fica tranquilo, não tem preocupação em casa, a preocupação é só no campo. Eles têm que liberar, não existe ficar trancado. Trancado é coisa de preso

36 Raul Alberto Carlesso, preparador de goleiros da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1970.

[risos].

Em algum momento partiu de vocês uma reivindicação por causa disso?

Não teve. Não dizíamos nada. Não podia falar, eram os “homens”, os militares que falavam, fechávamos tudo com eles. E eles sabiam da necessidade do atleta, deixavam passear.

Existiu o discurso de ter que ganhar a Copa porque o governo precisava?

Não falamos. Nós tínhamos um palanque. Se eu brigasse com você, ia ao palanque e dizia: – Não gostei de brigar, mas esse aí, ou ele vai embora ou vou eu. A mesma coisa do outro lado, se você brigasse comigo, ia e reclamava, para ser um negócio claro. Houve duas brigas feias, não vou falar entre quem [risos]. Nós seguramos. – Fulano, não sai, fica aqui. Você é essencial. E o outro também é. Seguraram a parada, Brasil tricampeão do mundo.

A imprensa não ficava querendo notícia sobre isso?

O Zizinho³⁷ escrevia em um jornal de esportes. Acabou a Copa do Mundo, fomos ao nosso hotel, Suites Caribbean, e ele falou: – Joguei para caramba, não fui campeão do mundo. O Fontana não jogou nada e conseguiu [risos]. É mole?! Tem cada história lá dentro. Após a Copa não queria notícia, só falava do título.

Algum jogador era simpático ou a favor dos militares?

Não havia ninguém a favor não, era a dura, não tem jeito. Seis horas da manhã, os outros faziam ginástica e nós fazíamos se tivesse que fazer. Concentramos no Retiro dos Padres.³⁸ De manhã, treinávamos no Itanhangá. À tarde, no exército. Você não pode ficar concentrado a vida toda sem fazer nada. Precisava ter dois tipos de treinamento. E chegamos ao México um mês e meio antes, não tinha como não dar certo.

Falo de simpatizar com o regime, ser a favor dos militares, do que acontecia...

Nem ligávamos para isso, queríamos saber de ganhar a Copa. Após ganharmos, acabava isso. Um dia depois da Copa, escutei falar que todo mundo voltou: nego que morava em Nova York, em Beirute.

Como é ser campeão mundial aos 19 anos, chegar ao Brasil e ter que voltar à

³⁷ Tomás Soares da Silva, mais conhecido como Zizinho, atacante da Seleção Brasileira entre 1942-1957. Disputou a Copa do Mundo de 1950.

³⁸ Também conhecida como Casa da Gávea ou Casa de Retiros Anchieta, é uma casa de campo localizada em São Conrado, na cidade do Rio de Janeiro.

rotina de um clube, embora você estivesse começando a carreira?

É, eu começava a minha carreira. A Copa do Mundo não me levantou muito. Não fiquei muito empolgado porque sempre fui pé no chão. Pensei assim: campeão do mundo, tudo bem, passou, vamos ver se conseguimos outra em 1974.

Eu poderia ir a quatro copas. Ganhou aquela, vamos ver a seguinte. Fomos campeões do mundo em uma safra boa, time bom, mas quem jogou mais foram os caras, eu entrei de estepe [risos]. Na Copa seguinte, eu queria ganhar, pois estávamos experientes. Se ganhássemos da Holanda, seríamos campeões. Não podíamos perder da Alemanha de jeito nenhum. A maioria das seleções tremia contra o Brasil. Ouviam o hino nacional e já perdiam.

Na véspera da final, o último jogo contra a Itália, o que passou?

Todo mundo tranquilo, a não ser a barriga do Pelé [risos]. Era a última dele, por isso queria tanto ganhar. O gol que ele fez não existe, parece que tem mola no pé. Ele pulou com o Facchetti³⁹ – meu grande amigo, falecido –, que tinha quase três metros, cabeceou para baixo, que coisa bonita! Acho que o juiz havia encerrado. Ele fez o gol e o juiz não deu porque apitou o fim do primeiro tempo. O Negão chegou e fez outro. Penso que a realização no futebol não foi nossa, que fomos tricampeões do mundo, e sim do Pelé. Ele jogou as três Copas, tricampeão do mundo.

E a comemoração depois do título no México?

A coisa mais linda do mundo. Aqui também. Os mexicanos na frente do ônibus, de joelho, chorando: Brasil, campeão do mundo. Não deixavam o ônibus passar. Chegou aqui, do aeroporto até o Hotel Plaza é longe para caramba. A rua toda lotada. Nego saiu fora daquele negócio do regime, se libertou... Se tivesse uma guerra e jogasse Brasil e Cochinchina, interrompe a guerra. Onde colocar futebol, ele é primeiro, guerra é depois.

Nas comemorações de 1970, no Brasil, você esteve em Brasília?

Fomos. O Médici nos deu uma réplica do troféu Copa do Mundo. Em seguida, viemos ao Rio de Janeiro.

Teve corpo de bombeiro?

Sim. Foi bonito, três carros do corpo de bombeiros. Até hoje encon-

39 Giacinto Facchetti, lateral esquerdo da Seleção Italiana entre 1963-1977.

tro alguns que estavam lá na época.

Você disse que o Mundial não te emocionou. Qual o título que te emocionou, então?

Em 1971, Fluminense e Botafogo, esse me emocionou. O Botafogo tinha seis pontos de vantagem, jogou contra o Bonsucesso e perdeu, faltavam quatro jogos. Jogou contra o outro time empatou, e contra o América, empatou. Se ganhasse o segundo jogo, saía campeão.

Andava de esquadrilha da fumaça, jogava contra o Flu, o empate era deles. Aos 43 minutos do segundo tempo, o Oliveira⁴⁰ cruzou uma bola, pulei com o Ubirajara.⁴¹ Ele me cutucou, cutuquei de volta. A bola quicou no chão, o Lula⁴² meteu de bate-canto, um a zero, gol de título. A torcida botafoguense gritando: – É campeão! Não ganharam nada! O Tricolor pegou o carro do corpo de bombeiros e seguiu com destino a Laranjeiras. O Botafogo teve seis pontos de vantagem e não foi campeão. Precisava de uma vitória, ou um empate.

E você falou de 1971, um ano antes você voltou da Copa de 1970. Teve a disputa do Campeonato Brasileiro, que antigamente se chamava Robertão. Este foi seu primeiro título no Tricolor?

Sim, nós ganhamos, vencemos o Atlético de um a zero. Aqui, um a um. Além da carreira mais rápida, fui o cara que conseguiu o maior número de títulos no Fluminense, no Vasco, em todos os times em que estive.

Você ficou oito anos no time. Foi nesse momento que apareceu a “máquina tricolor”?

Dois anos depois, em 1973, e eu receberia passe livre. Chegaram Gil, Paulo César Caju, Gérson, Rivellino, Mario Sérgio, Carlinhos Baiano.

O clube tornou-se campeão de ano ímpar. Não tinha jeito. Em 1974, perdemos do América, um a zero, gol do Orlando Lelé.⁴³ Bateu a falta, o Félix aceitou. Agora, em ano ímpar, só dava a gente.

A maior rivalidade acontecia contra o Flamengo?

40 Raimundo Evandro da Silva Oliveira, lateral direito do Fluminense entre metade dos anos 1960 e o início da década de 1970.

41 Ubirajara Gonçalves Motta, goleiro do Botafogo entre 1969-1971.

42 Luís Ribeiro Pinto Neto, ponta-direita que atuou no tricolor carioca de 1965 a 1967 e, após breve empréstimo ao Palmeiras, de 1967 a 1974.

43 Orlando Pereira, lateral direito do América-RJ entre 1974-1976.

Fla x Flu. O time podia estar com 30 pontos perdidos, se ganhássemos deles, tudo certo, festa no Rio.

Você ser torcedor declarado do Palmeiras criava problemas no Fluminense?

Não, eu sempre falei. Depois, fui para o Vasco e o goleiro do Flu falava que eu era vascaíno. Eles queriam ver minha conduta no dia da partida contra esses times.

Após a Copa do Mundo, você continuou firme na Seleção?

Joguei na Seleção até 1976. Meu último jogo ocorreu no Maracanã, um amistoso Brasil e Paraguai.

Você esperava ser titular em 1974?

Claro, estávamos eu e Marinho Chagas. E fiquei chateado de não ter jogado nenhum jogo, pois o Brasil acabou desclassificado. O Zagallo precisava colocar a rapaziada que não jogou. Sabe quem ele colocou? Ademir da Guia.

Quando isso aconteceu, o Everaldo já...

Não estava mais, tinha falecido.

O outro lateral esquerdo que despontou foi o Marinho Chagas. De que modo você o analisa como lateral esquerdo?

Era igual a mim, do meio de campo para frente, não marcava ninguém. Do meio de campo para frente, decidíamos, éramos iguais. Então, leva três logo, um marcador e dois que apoiam. É isso. Do outro lado também, Zé Maria, que marcava, e o Carlos Alberto Torres, que ia.

Entre uma Copa e outra, fala-se muito da rivalidade entre Brasil e Argentina. Você disputou algum sul-americano?

Disputei muito a Copa Roca.⁴⁴ Ganhávamos aqui e na Argentina. Nosso time era muito forte. Senti a pressão do torcedor. A jogada está na frente e os caras estão te dando um chute no tornozelo, te cuspidinho. Muito sujos os jogadores argentinos, chilenos, os sul-americanos.

Eles fazem isso especialmente com os brasileiros...

É verdade, para poder ter o revide. Quantos jogadores brasileiros são expulsos no revide? Vários.

⁴⁴ Competição entre as seleções argentina e brasileira criada, em 1913, pelo presidente argentino Julio Argentino Roca. Foi disputada em 1914, 1922, 1923, 1939, 1940, 1945, 1957, 1960, 1963, 1971 e 1976. Em 2011 e 2012, o torneio foi retomado sob o nome de Superclássico das Américas.

Por que você acha que perdeu a posição para o Marinho em 1974?

Perdi porque eles acharam que ele estava melhor do que eu. Tínhamos o mesmo estilo: os dois apoiavam, nenhum marcava. O Marinho veio bem do Botafogo, eu vinha de uma Copa. Achei que minha experiência pesaria, porém deram a posição para ele.

Tudo bem, não tenho crítica, nem nada. Agora, em 1970, eu não gostei. Apesar de ser amigo do Everaldo, eu queria ser titular. Fiquei chateado em 1974, pois não entrei em campo.

Na partida Brasil e Polônia, me lembro que o Leão deu até um soco no Marinho. Eu fiquei atrás do gol e vi. O Leão gritou: – Não apoia. Era o Lato,⁴⁵ ponta-direita da Polônia, o Marinho foi apoiar e ele fez o gol. Acabou o jogo, não sei se o Marinho falou alguma coisa para o Leão... Ele deu um soco na barriga do Marinho. É isso o que acontece no futebol.

O grupo de 1974 não seguiu tão unido quanto o de 1970?

Não. Tinham remanescentes: o Rivellino, o Clodoaldo, eu, o Paulo César, o Edu. Mas quem jogava era o Carpegiani, o Nelinho... Os de 1970 eram bons jogadores, porém não estavam no esquema. Em 1974, fizemos uma boa seleção. Jogava Luís Pereira, Marinho Peres, fizemos uma boa equipe, no entanto do meio para a frente não fomos bem, ao contrário da de 1970.

A cozinha em 1970 estava horrível e a frente, muito boa [risos]. Em 1974, a cozinha era feia e o ataque, excelente.

E comparando este plano de preparação do México com o da Alemanha?

Na Alemanha também fizemos uma boa preparação: vários jogos fora, rodamos muito. O que não deu foi contra a Holanda, ninguém ganhava deles.

Não fizemos aquele esquema da Urca. Fomos para o Retiro dos Padres e ficamos treinando no Itanhangá. Não tinha o exército. Treinamos ali e partimos para a Alemanha.

Mas a preparação, aquela comissão física não...

Não, acabou desfeita. Só o Zagallo permaneceu como técnico, por ser vitorioso. A safra não era a mesma, a maioria dos bons jogadores estava parando: o Gérson, o Pelé, o Brito, o Carlos Alberto. Tanto é que jogaram o Nelinho e o Zé Maria. Enfraqueceu muito.

⁴⁵ Grzegorz Lato, ponta-direita da Seleção Polonesa entre 1971-1984. Participou das Copas do Mundo de 1974, da qual foi artilheiro, 1978 e 1982.

O grupo não estava tão fechado, o futebol mudava, a Holanda tinha uma proposta de jogo completamente diferente e não havia mais aquelas referências: Pelé, Gérson...

Estes caras não se assustavam com a Holanda. O time parecia o que o Barcelona é neste momento, e o time da Espanha joga do mesmo jeito que o Barça. A Seleção Holandesa jogava igual ao Ajax, possuía três ou quatro jogadores na equipe.

Você não pode deixar o jogador brasileiro pensar, se deixar, já era. Eles saíam todos de primeira. Se tivéssemos pensado, daríamos um chute para frente, pegávamos eles todos e saíamos, o cara de trás vinha para fazer o gol. Quase fizemos um gol assim, com o Paulo César. Uma partida muito difícil.

Foi uma surpresa para vocês, então?

Não surpreendeu somente a gente, foi todo mundo. Os holandeses fizeram um a zero na Alemanha, pensei: – Pô, a Holanda vai ser campeã. Mas entregou o ouro no final.

Se você tivesse que dizer uma coisa, o que faltou em 1974?

Três jogadores que jogaram em 1970: Pelé, Tostão e Gérson [risos]. Para mim, o que faltou foi isso. Ali não ia ter tremedeira. Não estou dizendo que o pessoal de 1974 tremeu, são atletas tarimbados, iam se expor mais. O Rei ia atacar, preocupava três, quatro. O Gérson ia lançar, preocupava dois. Ali, não havia ninguém para eles se preocuparem, com todo respeito aos jogadores.

Quando saiu do Brasil, você sabia que ficaria na reserva?

Sabia. Chamei o Marinho na Alemanha, ele falava muito: – Senta aqui, meu irmão, vamos conversar. E disse: – Se tu ou eu jogar, dane-se, vou te apoiar. E o que tu receber, também vou receber igual, não faz conversinha fiada. Não precisa ficar falando quem vai jogar, quem não vai.

E a imprensa ajudava: – Não, melhor aquele ali. Eu retruquei: – O melhor, sabe quem é? É o cara mais tarimbado, que já se consagrou campeão. Contudo, o Zagallo, por opção, não me colocou em nenhum jogo. A partida da Polônia foi uma oportunidade para eu entrar, mas estava fora. Coloca o cara para ver! Melhor não colocar, pois eu ia bem e iam falar dele [risos].

Havia um problema de relacionamento entre os jogadores e a comissão?

Nós sempre nos demos bem, sou amigo do Zagallo. Trabalhei com

ele no Fluminense e em outros lugares. A opção dele foi colocar o Everaldo, e fez certo, porque ele marcava mais do que eu. No entanto, em 1974, não gostei. O Marinho era igual a mim, eu podia entrar no jogo.

Você falou que a imprensa ficava falando bem do Marinho. Existia um partidatismo deles?

Falavam. Em 1974, eu tinha 22 anos, já vinha de 1970. Eles queriam novidade. O Marinho acabava de chegar: – Vamos apoiar aquele. Só que esqueceram que Copa do Mundo não é querer fazer gol, precisa defender primeiro, senão leva nas costas.

E você estaria melhor preparado, por exemplo, para defender? Fugindo um pouco ao teu próprio estilo?

Estaria. O mais apropriado para jogar seria eu. Não fugindo do meu estilo, pois sabia que o Lato, na Polônia, era um ponta fixo e que teria que ficar ali. Agora, em 1970 não. Eu sabia que nunca ia ninguém por ali. Podia marcar o lateral direito, porque eles não tinham um fixo ali. O Lato, o homem que fazia gol e fez contra o Brasil. Não estou criticando ninguém, só achei que tinha que jogar. Estava perdido, o nosso país ficou fora.

E, ao contrário de 1970, que você voltou consagrado, o que sentiu ao sair derrotado de uma Copa do Mundo e ter que retomar a rotina de time?

É meio ruim, mas penso primeiro na vitória em 1970, quando voltei campeão do mundo, comecei a jogar o campeonato brasileiro e fui campeão de novo. Normal, vindo de derrota e começando campeonato.

Você se lembra da volta, no aeroporto, depois de ter perdido? Existia algum tipo de hostilidade?

Não houve. Quando você vai e ganha primeiro, se perder na segunda não tem vaia. Houve alguns torcedores falando que devia ter levado fulano... A Seleção nunca está certa quando perde. Se ganhou, colocou o certo. Não houve tumulto, não fizeram um caixão para o Zagallo.

Voltar, botar a camisa do Tricolor e encarar um time pequeno no Campeonato Carioca...

Não tem motivação. Você lembra que jogou na Copa do Mundo contra a Romênia e o Peru, você encarar um outro time, até relaxa. Quando chega à final do campeonato, vê que precisava daquela vitória. O negócio é largar na frente.

Em 1976, como foi sua transferência para o Vasco?

Me trocaram por um jogador e mais dois milhões. O Horta⁴⁶ trouxe o Miguel⁴⁷ para o Fluminense e fui para o Vasco. Cheguei bem lá. Em todos os clubes em que trabalhei, virei capitão. Tinha o Roberto Dinamite, mesmo assim o capitão era eu, fiquei cinco anos. Nos clubes em que joguei não tinha esse negócio de roubar, ficar seis meses e sair fora. Eu não, ficava três, quatro, cinco, seis anos, estava bem, com o apoio do torcedor.

De que forma se escolhe um capitão? É o técnico ou são os jogadores? Quais são as características para ser líder do time?

Há duas formas. Uma: o cara tem que ser aplicado, assíduo nos treinamentos – nada a ver comigo! [risos]. Precisa chegar cedo, corresponder ao horário de treinamento – eu estava fora. Aí você pergunta: – E por que você se tornou capitão? Fui na pressão. Eles falavam: – Vou te dar um prêmio e você me dá um também. Mas eu não dava o retorno para eles, sempre chegava atrasado.

O seu Zezé Moreira⁴⁸ uma vez me avisou: – Marco Antônio, o senhor é um bom jogador, mas é muito relapso. Respondi: – Zezé, esse relapso joga em que posição? [risos]. Eu não sabia o que significava relapso! [risos]. Sempre de paletó, o seu Zezé, belo treinador.

Virei capitão só porque fui da Seleção, só em razão disso. Por horário não seria, eu chegava atrasado mesmo. No dia do treino, era o último a sair, achava que deviam me cobrar no jogo. O horário que chegava era por algum motivo. Morava em Jacarepaguá quando jogava no Vasco, para vir até São Januário...

No Vasco, você vestiu a camisa?

Vesti. Sou torcedor mesmo. O Roberto Dinamite não acredita. Jogo há 200 anos com ele no Vasco e ele não crê que sou vascaíno, pensa que sou tricolor. Jogador de futebol não torce pelo time onde começa. O Pelé começou no Santos e é vascaíno. Comecei no Tricolor, porém também sou Vasco. Peço desculpas ao torcedor do Flu, ele não tem culpa, a culpada é a administração, quando eu entrei, o que fez.

Quando você foi para o Vasco, pensava em disputar a Copa de 1978?

46 Francisco Luiz Cavalcanti da Cunha Horta, presidente do Fluminense entre 1975 e 1976.

47 Miguel Ferreira Pereira, zagueiro que defendeu o Vasco da Gama entre 1969-1975 e o Fluminense entre 1976-1978.

48 Alfredo Moreira Júnior, mais conhecido como Zezé Moreira, ex-jogador e técnico de futebol. Era irmão de Aymoré e Ailton Moreira, também treinadores.

Achei que o Coutinho fez errado. Levou o Rodrigues Neto? E o Edinho na lateral esquerda? Tinha que ir eu ou o Marinho. O Edinho, quando voltou, disse: – Também, me levaram de lateral esquerdo. Falei: – Bem feito, tu aceitou. Quando tu foi, não falou nada. Ele fez tudo certo, mas devia ir eu ou o Marinho. O Rodrigues estava bem, mereceu.

A imprensa comentou quando saiu a convocação?

Nem falaram nada. Tudo que o Coutinho fazia, eles achavam graça, batiam palma. Parecia o Pelé deles. O problema do treinador é o resultado; após o resultado, já era.

Como ocorreu o momento em que você decidiu pendurar a chuteira?

Eu já contava com outra profissão: empresário de futebol. Trabalhei com os melhores jogadores, tinha uma cancha. Você nunca para sem ter um bagulho do lado. Ia à Itália, sabia o idioma, sabia correr atrás de jogador. Parei e pulei para outra. E fui para uma melhor: a seleção de *masters* do Luciano do Valle⁴⁹ e do Kiko Leal.⁵⁰ Joguei cinco anos nela, bem melhor do que jogar em certos clubes, de que não recebia – alguns atrasavam três meses. Na de *masters*, todo domingo, além do povo que ia ver, pagavam a gente.

Quais são as suas melhores lembranças do esporte?

Primeira: você ter chaves, Campeão do Mundo de 1970, isso abre portas. A segunda aconteceu quando parei, uma lembrança legal porque organizei o meu esquema para parar. Quando encerrei, nego não falou assim: – Não quero mais, está velho e tal. Parei legal, graças a Deus.

Se você não tivesse sido jogador, o que você gostaria de fazer?

Eu seria policial [risos]. Fiz curso de detetive, no Retiro dos Padres, em 1970. Seria mesmo. Fiz por correspondência. Peguei carteira e tudo, passei. Lá não havia nada para fazer, fui estudar [risos].

Você indicou alguns jogadores brasileiros para jogarem no exterior, não é mesmo?

Nunca joguei em time de fora do Brasil, mas sou empresário de futebol. O primeiro atleta que coloquei para ir para a Itália foi o Assis,⁵¹ irmão do Ronaldinho. Peguei ele pequenininho, levei ao Torino, trabalhei

49 Luciano do Valle, locutor esportivo e empresário.

50 José Francisco Coelho Leal, mais conhecido como Kiko, publicitário.

51 Roberto de Assis Moreira, meia.

com ele lá. Ele, o Romário, o Geovani,⁵² foram todas indicações minhas. O Grêmio não quis, deu um dinheiro extra e puxou o Assis para o time de cima. O Vasco deu um dinheiro além e puxou o Romário. O Geovani também. Depois, saiu quase todo mundo. O Romário para o PSV, o Geovani para o Bologna e o Assis continuou no Grêmio.

Naquela época era fácil. Um italiano me convidou, dentro de uma churrascaria: – Quer trabalhar comigo? Respondi: – Quero, o que é? – Apontar jogador. É mole, só jogador bom. Eu indicava os jogadores, fazia ponte-aérea, ficava quinze dias na Itália, quinze dias no Brasil, e aí estava falando italiano.

Você faz parte de um pequeno grupo de jogadores brasileiros que disputaram a Copa do Mundo bem cedo.

Jogadores que aos 19 anos jogaram na Copa do Mundo só tem três: eu, o Altafini Mazzola⁵³ e o Pelé. Não é só ter ido à Seleção, tem que ter jogado.

O Edu não jogou? O Ronaldo também foi com 16 anos.

Não. Foram e não jogaram. Esse é o futebol. Eu também não sabia, um cara que mandou isso para mim. Se fosse derrota, eu não queria saber, vitória guardei, tem que guardar.

52 Geovani Silva, meio-campista.

53 José João Altafini, conhecido como Mazzola, atacante que defendeu a Seleção Brasileira entre 1957-1958 e a italiana em 1961 e 1962.

4. GÉRSON¹

Gérson, dando início ao depoimento, gostaríamos que falasse da sua infância.

Sou filho de parteira. Nasci em casa, na cidade de Niterói. Morava em Icaraí, um bairro de classe média. Meu pai e irmão jogavam futebol. O primeiro no América-RJ, o segundo no Fluminense. E transmitiram o DNA. Ainda menino, defendi o futsal do Canto do Rio.² Depois, passei para o campo.

Ter um pai atleta trouxe facilidade em termos de contato?

Não. Ele dizia: – Se você tiver qualidade, os treinadores vão perceber. O que ele fazia era me levar a tudo que é canto para bater bola comigo. Como sempre quis seguir a profissão, existia o incentivo. O ensinamento não, e a bem da verdade é que não se aprende a jogar futebol, apenas se aperfeiçoa. Ou nasce sabendo e busca evoluir ou tenta outra coisa da vida. Naquela época, as coisas ainda funcionavam de outra maneira. Não havia as regalias de hoje. Nem maria-chuteira. Eu e sobretudo meu pai fizemos parte de gerações que enxergavam os boleiros como desclassificados.

O que ele fazia além do futebol?

Foi fiscal da prefeitura, mas não ganhava o suficiente. Quando se aposentou do futebol, também virou funcionário do Cassino Icaraí. Até havia um time de funcionários. A vida melhorou um pouco no novo emprego. Só que fecharam os cassinos depois... Graças a esse trabalho que estudei na infância. Aos 13, comecei a levar o futebol mais a sério e, aos 17, virei profissional.

Como isto ocorreu?

Frequentemente, o Canto do Rio enfrentava os grandes clubes. Num treinamento do juvenil, encaramos o Flamengo. Perdemos de 5 x 2 e fiz os dois da minha equipe. Acabei sendo convidado pelo Bria,³ técnico da base rubro-negra.

¹ Local da entrevista: estúdios da Rede Bandeirantes de Televisão, Rio de Janeiro, RJ; entrevistadores: Carlos Eduardo Sarmento e Daniela do Amaral Alfonsi; datas das entrevistas: 16 e 27 de setembro de 2011; transcrição: Fernanda de Souza Antunes; edição: Alexandre Massi; supervisão de edição: Marcos Aarão Reis.

² O Canto do Rio Football Club é uma agremiação niteroiense fundada em 14 de novembro de 1913, voltada às categorias de base. Em 1941, tornou-se o primeiro clube carioca a se profissionalizar.

³ O paraguaio Modesto Bria iniciou sua carreira no Nacional. Em 1943, o meio-campista acertou com o Flamengo. Atuou por uma década no clube e ajudou a equipe a conquistar o primeiro tricampeonato estadual (1942 a 1944). Depois, teve cinco passagens como técnico do rubro-negro.

A transferência alterou a rotina?

Passei a receber um salário e ajudar em casa. Assinei um contrato de gaveta, pois ainda não tinha 18 anos. Porém, tal artifício permitia que eu já atuasse entre os profissionais. Tanto é que fiz parte da lista da Seleção Brasileira no Pan-americano de 1959, em Chicago, e demorei um pouco mais a alterar meu vínculo porque em 1960 ainda tinha os Jogos Olímpicos de Roma, que só permitia amadores.

Neste momento, o senhor continuou em Niterói ou passou a morar na concentração do Flamengo?

Segui na minha cidade e, antigamente, ainda não existia a ponte. Então, atravessava a Baía de Guanabara numa lancha e pegava uma nova condução no Rio.

Pelo que podemos ver, as coisas aconteceram muito rápido na sua carreira. Logo trocou o Canto do Rio pelo Flamengo, em seguida teve os Jogos Pan-americanos...

Chegar à Seleção Brasileira era a meta de qualquer garoto. No meu caso, um passo enorme e curto ao mesmo tempo. Em 1958, me dividi entre juvenis e profissionais. Acabei convocado no ano seguinte. Ou seja, nem a transição definitiva entre as categorias havia ocorrido.

Quais as principais dificuldades encontradas na passagem ao time profissional?

No juvenil, nos concentrávamos no andar de cima, e só podíamos fazer a refeição depois que eles concluíssem. Os chamávamos de senhores, e mesmo assim eles puxavam a orelha dos mais novos. Isso me marcou nos treinos e partidas. Apesar de já ter voz ativa na época, só levava bronca: – Moleque, sem chutão. Se fizer isso, vai voltar de onde veio. Aqui é bola no chão. Você é bom lá com os seus garotos, aqui é diferente! Então, aprendi o caminho aos poucos. Na base, havia mais papo. Treinadores bem ao estilo “paizão”.

E o senhor se lembra da participação no Pan-americano de 1959?

Viajei pela primeira vez na carreira. Recebi mil recomendações, da família e dos responsáveis pela Seleção. Alertavam que se tratava de uma terra estranha, pediam que andássemos juntos e colocavam sempre alguém da comissão técnica do nosso lado. Ficamos concentrados na Universidade de Chicago e conquistamos a medalha de prata.

Após os Jogos Olímpicos, chega a informação de que o Bologna queria te contratar. Houve a sondagem?

Isso veio depois. Antes, Milan e Boca Juniors. Os italianos me ofereceram um baita dinheiro. Dava para pegar Niterói e transformá-la no quintal de casa. Não aceitei por várias razões. A primeira é que teria de levar a família, algo difícil. Depois, a vida estava bem melhor do que no início. Tinha carro, casa e tudo estruturado. Se não me faltava nada aqui, por que me meter lá? O Flamengo ainda insistiu, mas recusei. Na negociação com o Boca, houve uma complicação na Gávea e não pude ir. Aí veio o Bologna, que ofereceu bem mais que os argentinos, e também fiquei. Eu namorava, vivia outro momento pessoalmente... Acabou que melhoraram o meu contrato no Brasil e colocaram várias cláusulas.

E a ascensão meteórica tem sequência com a convocação para a seleção principal em 1961. Qual a sensação de atuar ao lado de tantos craques?

Disputamos dois torneios: Taça Oswaldo Cruz e Troféu O'Higgins. Atuei no último, contra o Chile, e fiz gol.⁴ O Pelé se machucou, e entrei na ponta de lança. Não sei por que me colocaram lá. O importante é que comecei a me ambientar e conhecia todos.

No ano seguinte, bicampeonato mundial no Chile. Passava pela sua cabeça defender o país já na Copa de 1962?

Cheguei a me apresentar nos treinamentos, mas estourei o menisco e precisei ser operado. O doutor Heitor Góes logo constatou a minha lesão. Não garanto que estaria na lista final. Todavia, brigaria muito pela segunda vaga na posição. A primeira era do mestre Didi. Tive outros dois mentores: o Zizinho e o Jair Rosa Pinto. Eles me ensinaram tudo dentro e fora de campo: "Bola dividida é terra de ninguém. Se chegar atrasado, não vai. Eles arrebetam a sua perna". Também diziam: "Quem tem que correr é a bola, não você". Pode ver que os moleques de hoje não sabem disso, pois não tiveram aula com os meus professores.

Em 1963, o senhor deixa o Flamengo. O que aconteceu?

Houve um atrito. O Dida,⁵ titular da ponta de lança, teve um problema na renovação de contrato e pediu que eu atuasse em seu lugar. Concordei em treinar na posição, não jogar. Resultado: não entrei em campo no clássico contra o Botafogo e me compliquei, enquanto ele prorrogou o vínculo e ajudou o Flamengo a ganhar. Na reapresentação,

4 Dia 11 de maio de 1961: Brasil 1 x 0 Chile. Gérson faz o único gol da partida no Estádio Nacional, em Santiago.

5 Edvaldo Alves Santa Rosa, o Dida, é o segundo maior artilheiro do Flamengo, com 264 gols, atrás apenas de Zico. Iniciou a carreira no CSA, de Alagoas, até ser contratado pelo rubro-negro carioca em 1954. Ficou até 1963, passando também por Portuguesa e Atlético Junior, da Colômbia.

o presidente me chamou. Disse que fiz o que achei correto. Falei que não ligava de estar em situação ruim, como ele afirmou. Nunca fui jogador de presidente ou diretoria. O ambiente piorou muito.

Em seguida, novo problema contratual na equipe. Eu não atuaria na partida seguinte, pela mesma questão do Dida, e o Flávio Costa queria contar comigo. Ele insistiu para que eu, ao menos, treinasse. Enfrentei dois garotos. Fui sem compromisso, meio por obrigação. Sei que a atividade começou a ficar mais violenta e levei uma pancada de um desses jovens zagueiros, o Mauro. Cobrei dele, que respondeu: “Não quero saber, aqui é esporte de homem”. Saí de campo, peguei minha caneleira e voltei ao coletivo. Na primeira dividida, quebrei a perna dele.

Ficou um clima péssimo, veio o remorso, acompanhei o menino no hospital, a contusão ainda se complicou e ele não pode retomar a carreira. Ainda vesti a camisa do clube mais uma vez, mas precisei falar com o presidente Fadel Fadel. Os dois se enervaram e ambos falaram vários desaforos. Assim que ele deu um soco na mesa, o chamei para resolver as coisas lá fora. Aí fui proibido de entrar na Gávea e me prometeram ser liberado assim que chegasse uma oferta.

E chegaram propostas?

Saí das dependências do Flamengo, atravessei a rua para pegar a lotação e voltar a Niterói. Neste percurso, encontrei o Quarentinha. Perguntou o que tinha acontecido, expliquei tudo e ele falou: “Deixe-me consertar o carro e vamos ao Botafogo”. Concordei, já que não estava fazendo nada mesmo. Ao chegarmos, falei que seria chato entrar no clube sem ter rescindido o vínculo. Esperei numa praça, nos fundos da sede, até ele voltar com o Renato Estelita, então diretor. No dia seguinte, depositaram o dinheiro da rescisão e apareci para treinar no novo time. Estádio lotado e imprensa em peso.

Outro episódio polêmico foi a preparação para o Mundial de 1966, certo?

Uma série de equívocos. Quatro seleções simultâneas e, no fim, não formamos uma sequer. O Servílio⁶ atuou nas quatro seleções e acabou cortado antes de ir à Inglaterra. Entrou o Amarildo em seu lugar. Só por isso já dá para ter uma ideia das complicações. Se juntássemos os quatro times e formássemos um, talvez ganhássemos. O pessoal não soube renovar o time. Acontece que de 1958 para 1962 não foi necessário trocar muita gente, o time ainda contava com muitos jovens.

6 Servílio de Jesus Filho era atacante. Atuou com destaque na Portuguesa e no Palmeiras. Ainda passou pelo Corinthians no final da década de 1960, clube defendido por seu pai, homônimo, de 1939 a 1949.

Comenta-se também que houve problemas fora de campo...

Em 1966, a política vinha em primeiro lugar. Antes, a prioridade eram os jogos e a própria Seleção. A ordem das coisas mudou nesse Mundial. E aí não tem jeito. Quando essas coisas vêm antes, dá tudo errado. Além disso, já sentíamos o início do período militar.

O senhor considera a eliminação traumática?

Não nos preocupávamos com Portugal, Itália, França ou qualquer outra equipe. O nosso foco era a Seleção Brasileira. Garanto que se formássemos um elenco de 22 atletas desde o início, disputaríamos o título tranquilamente.

O senhor é um cara que entende a dinâmica do jogo e também o que está em volta do campo. Sendo assim, o que mudou em 1970?

Tudo. Passamos a borracha no que ficou para trás. O pessoal elaborou um planejamento e viu o que não funcionou antes. Eles se dedicaram ao preparo físico, analisaram quem correria mais. Eu, por exemplo, como é que acompanharia o ritmo do Brito e do Jairzinho? Meu negócio era resistência. Enfim, dividiram tudo. Em dois anos, as coisas foram treinadas, adaptadas e conversadas.

Vocês estudavam os adversários?

Também. Conversávamos primeiro e depois íamos a campo. Durante o treino, rolavam discussões e trocas de ideias com o Zagallo. Juntando tudo isso, sabíamos o modo como os rivais atuavam. Naquela época, a comissão técnica tirava foto do posicionamento dos outros times. Tanto ataque quanto defesa. Aí nos passavam os *slides*. Até porque ninguém muda tudo durante o torneio. Contra o Uruguai, por exemplo, os escutava dizendo para me pegar. Aí gritei com o Clodoaldo, invertemos de posição e ele ficou mais liberado. Tanto é que fez o gol de empate. Isso confundia a cabeça deles. Diante da Itália, a mesma coisa. Rivellino e Jairzinho se movimentaram, Tostão passou a armar, Jairzinho entrava... Enfim, uma mudança constante que abria buracos nas defesas.

Essa sua explicação é muito importante, pois se fala muito da qualidade individual do time em 1970 e não se ressaltava a consciência tática da equipe.

Exatamente. A qualidade sempre existiu. Agora, na Seleção Brasileira é preciso chegar ao ápice. Tem de imprimir um bom condicionamento, fazer um trabalho sério, e aí a tendência é disputar o título. Foi o que aconteceu. Sem estardalhaço, nos concentramos na altitude,

descemos para Guadalajara e ganhamos.

A troca do João Saldanha pelo Zagallo não abalou o grupo?

Não. O Saldanha era amigo, gente da melhor qualidade. Honesto, falava tudo olho no olho. O problema dele estava ligado à política, várias coisas que não nos interessavam. Tratava-se de um cara tarimbado, inteligentíssimo e valente toda vida. Enfrentava qualquer coisa sem susto. Aí o pessoal o pressionava para colocar o Dario no time. Ele respondia: “Tudo bem, desde que o presidente me deixe escalar os ministros”. Que paulada! Esquentava o governo. Quando saiu, veio falar conosco: “Muito obrigado por tudo. Podem falar mal do grupo, mas torcerei por vocês”. Aí entrou o Zagallo. Outro perfil. Diálogo fácil, esquema próprio, toda uma estrutura por trás. Ganhamos fácil.

Falando sobre as partidas em si, o senhor tem uma estreia memorável e é um dos destaques contra a Tchecoslováquia. Porém, se contunde e fica fora do restante da primeira fase. Explique o que aconteceu.

Senti uma fisgada antes de começar a Copa, ainda nos treinos na altitude. Então, viemos a Guadalajara, fiz o tratamento e atuei contra os tchecos. No segundo jogo, diante dos ingleses, fiquei fora. Aí o Zagallo me avisou: “Se vencermos, dou descanso a você novamente e aí pega toda a fase final”. Sinceramente, acho que a minha saída não alterou nada. Essa Seleção não foi montada em cima de um atleta, mas de um conjunto.

O assunto nos dias que antecederam a partida contra o Uruguai foi o possível clima de revanche. Vocês sentiram isso?

A imprensa que criou isso tudo. Muita gente não tinha nem nascido em 1950, e o Uruguai era uma seleção fraca em todos os sentidos. Se os enfrentássemos cinquenta vezes, venceríamos todas. As coisas só foram um pouco complicadas no início, já que eles fizeram um gol que ninguém entendeu. Aí o Zagallo deu uma chamada no vestiário e ganhamos com certa tranquilidade.

A decisão contra a Itália também foi controlada, não é?

A diferença é que sabíamos o modo deles atuarem e o esquema tático. Atuavam com apenas dois no meio de campo. Tomamos um gol de bobeira. Após a Copa, inclusive, sentamos novamente e vimos que não fomos vazados uma vez sequer em lance trabalhado dos rivais.

Conquistado o Mundial, vocês se sentiram usados e com a imagem manipulada

por causa do momento político do país?

Não houve nada disso. Se tivesse algo, não entraríamos em campo. Fizemos o que foi traçado, sem interferência alguma. Fomos a Brasília e desfilamos de carro aberto como todas as outras seleções brasileiras. Conversamos com o Presidente sobre o problema do atleta profissional e aposentadoria. Nada diferente do que se vê hoje.

Em 1972, após a disputa do torneio Sesquicentenário da Independência do Brasil, o senhor disputa seu último torneio pela Seleção...

Cheguei a cogitar entrar no time de 1974. Estava no Fluminense, mas comecei a ter um desgaste muito grande. Não tínhamos férias, engatávamos uma coisa na outra. E sofri um estiramento forte. Aí convocaram a Seleção, enquanto fiquei um mês parado. O Coutinho e o Zagallo me procuraram, mas disse que não daria. Com idade avançada e precisando de mais tempo para me recuperar, não conseguiria chegar ao nível dos outros. Não adiantava ocupar o lugar de um cara que podia fazer muito mais.

Por que o senhor opta por trocar o São Paulo, onde havia conquistado o bicampeonato paulista em 1973, pelo Fluminense?

Encerraria a carreira no São Paulo, como disse ao presidente Henri Aïdar, mas tive um problema familiar. A minha filha menor faleceu por conta do clima. Vira e mexe a minha mulher precisava levá-la ao Rio, onde havia menor variação de temperatura. A menina ia muito ao hospital. Sabendo disso, o clube me liberou. E deixaram as portas abertas caso eu mudasse de ideia. Se não fosse isso, teria permanecido.

Havia algum tipo de conversa com o Fluminense?

Não. Tanto é que o Botafogo apareceu antes e os clubes não se acertaram. Depois é que veio o Flu. E falei que se não fechasse logo, encerraria a carreira. Precisava voltar logo ao Rio, com ou sem time.

O senhor chega às Laranjeiras no momento em que a equipe está se estruturando.

Vim um pouco antes e lembro que falei ao pessoal: “Por que vocês me querem aqui? Já estou parando, não tenho mais do que dois anos de carreira”. Existem jovens excepcionais na minha posição. Aí eles responderam: “Exatamente por isso. Precisamos de alguém que dê um gás e oriente a galera”. Aí conquistamos o Campeonato Carioca de 1973 e depois é que vem o Francisco Horta para montar “A Máquina”. Trouxe o Rivellino, o

Paulo César Caju, o Mário Sérgio, o Doval...⁷ Foi quando o presidente me chamou e perguntou se eu queria jogar. Falei que não dava mais. Então, ele propôs que eu virasse técnico. Argumentei que faria isso de olhos fechados – ainda mais com aquele timaço –, exceto por um motivo: como é que tiraria da equipe os meus companheiros e colocaria outros em seus lugares? Pela amizade, não aceitei.

Então o senhor não chegou a atuar com o Rivellino?

Não. Saí dali e fiquei só aplaudindo. Ganharam tudo. Mas não foi o melhor time de todos os tempos, nem o Riva o melhor jogador da história. Sou contra isso. Podemos dizer que é um dos melhores.

Não gosta dessas discussões de Pelé ou Maradona?

Cada um teve seu tempo. Aí você pega o Friedenreich, que fez mais gols que o Rei. Meu pai, por exemplo, disse ao Pelé dentro do vestiário que o Leônidas da Silva tinha sido melhor. Aí falei: “Porra, pai, qual é?”. Ele respondeu: “Sabia que o Dondinho falava a mesma coisa?”. Nem sei se é verdade, mas ele quis ser delicado depois da grosseria. Enfim, tudo tem sua época.

Encerrada a carreira, o senhor decide continuar próximo ao futebol. Não conseguiu se afastar?

Sempre pensei em ser comentarista e radialista. Tive a chance graças ao Doalcei⁸ e o Carlos Marcondes⁹ na Tupi, que me chamaram para um papo. Perguntei se levaria jeito: “É claro! Você já fazia um comentário sobre as partidas quando saía de campo”. Era chamado de papagaio [risos]. Fiz um teste no estúdio, tive alguns problemas e depois deu certo. O Ruy Porto,¹⁰ o “papa da comunicação”, também me ajudou bastante. Entrei no ritmo, passei pela televisão e Rádio Globo, depois na Tamoio, Bandeirantes e Jovem Pan. Peguei um pouquinho de cada mestre. E digo que até hoje estou aprendendo.

7 Narciso Horacio Doval é um argentino naturalizado brasileiro. Iniciou a carreira no San Lorenzo, em 1962. No final da década, muda-se para o Brasil e passa a defender as cores do Flamengo. Em 1976, chega ao Fluminense após uma troca entre os clubes.

8 Doalcei Benedito Bueno de Camargo foi narrador da Rádio Tupi entre 1965 e 2009.

9 Além da Tupi, Carlos Marcondes passou pela Rádio Continental.

10 Ruy Porto foi comentarista da Rádio e da TV Tupi.

5. PIAZZA¹

Para começar, pediria que o senhor contasse um pouco sobre o seu início de vida.

Meu nome é Wilson da Silva Piazza, nascido em Ribeirão das Neves, MG, no dia 25 de fevereiro de 1943. Meu pai, falecido, foi guarda da famosa Penitenciária Agrícola das Neves (PAN). O sistema prisional era totalmente diferente. Dava oportunidade ao indivíduo realmente pagar pelo que cometeu e depois se reintegrar à sociedade como cidadão de bem. Convivi muito no meio deles, acompanhando meu pai no time dos funcionários. Assistia às partidas em campos amadores. E jamais imaginei sair daquele mundo tão pequeno e dar passos largos no futebol.

O senhor passou a infância inteira em Ribeirão das Neves?

Saí muito cedo, aos 11 anos. Fui estudar em Belo Horizonte, a trinta quilômetros da minha cidade. Na época, não havia estrada asfaltada. Se chovesse, a jardineira atolava no caminho. Fui morar na casa de compadres e comadres. Essa é a vantagem da família numerosa, de dez filhos. Faz muitas amizades. Para não dar trabalho a eles, não ficava mais do que um ano em cada lar. Não havia saída, pois minha mãe precisou arranjar trabalho e ajudar o meu pai na criação dos filhos. Infelizmente, só tenho o ensino médio completo. Tive formação técnica em contabilidade. Costumo dizer que a minha escola superior é a própria vida, que me ensinou bastante.

Imagino que tenham enfrentado alguns problemas financeiros...

Família pobre, sem muitos recursos, repleta de filhos que precisavam de ajuda dos pais. Nossa riqueza era de ensinamentos, de responsabilidade. Ao deixar a minha casa, disse à mamãe: “Quando eu começar a trabalhar, quero tirar o peso da ajuda do meu pai. Serei responsável pelo pagamento dos meus estudos e das minhas roupas. Fique tranquila”. Aos 15 anos, consegui um emprego com carteira assinada na Flex Solas, firma de reforma de pneus. Passei a ajudá-la nos carnês: “Filho, não deixe de pagar. Pobre só tem nome. Se jogá-lo na lata do lixo, será difícil viver”.

E quando o esporte entra na sua vida?

No mesmo ano em que iniciei o serviço. Passei a defender o Ama-

¹ Local da entrevista: Museu do Futebol, São Paulo, SP; entrevistadores: Clarissa Batalha e Théó Ortega; data da entrevista: 15 de setembro de 2011; transcrição: Elisa de Magalhães e Guimarães; edição: Alexandre Massi; supervisão de edição: Marcos Aarão Reis.

relinho, apelido por causa da cor da camisa. Quando tirei férias da Flex Solas, também tive a oportunidade de atuar num clube amador de Belo Horizonte, o Comercial. Eles disputavam o campeonato juvenil das equipes profissionais. O presidente era o pai do Palhinha,² o Sebastião. Eles buscaram garotos no interior do estado e me inscrevi. Sabia da oportunidade de enfrentar a base de Cruzeiro, Atlético e América. Agradei e pedi ao meu patrão, que detestava futebol, uma liberação antes do final da jornada em dois dias da semana. Prometi compensar no horário do almoço. Lembro perfeitamente o que ele me falou: “Não senhor! Se for estudar, terá o tempo que precisar. Mas futebol não!”. Pela primeira vez, fiquei na dúvida do que fazer.

Acabei colocando uma pedra em cima do sonho por conta da responsabilidade assumida perante os meus pais. Felizmente, consegui removê-la mais tarde graças à própria Flex Solas. A empresa se inscreveu num campeonato comerciário do SESC e montou um time com pessoas de fora. Certo dia, o Hugo Farias, diretor de vendas e técnico da equipe, encontrou um borracheiro, o Irênio Furtado. Pediu sugestão de meio-campistas jovens para completar o elenco. O Irênio, também atleta profissional, acompanhava muito campeonato amador e me conhecia desde Ribeirão das Neves. Ele me indicou e o Hugo Farias aceitou a sugestão, apesar de me achar um pirralho magrelo de 17 anos. Fomos campeões.

Qual o passo seguinte deste sonho?

Em 1961, o mesmo Hugo Farias foi convidado para ser diretor do Renascença,³ que dá nome a um bairro de Belo Horizonte. Na teoria, tratava-se de um clube profissional. Ele me chama e diz que tentará convencer o meu chefe a me liberar. Não conseguiu. Mesmo assim, assinei com o clube e optava por não treinar. Participava apenas das partidas aos domingos de manhã.

O pessoal do Renascença aceitou?

Sem nenhum problema. A única questão é que o meu técnico no juvenil disse não precisar de meio-campistas. Assim, fui jogar no ataque. No ano seguinte, cheguei à equipe adulta e, em 1964, ao Cruzeiro.

Que é o grande salto da sua carreira...

2 Vanderlei Eustáquio de Oliveira, o Palhinha, foi revelado nas categorias de base do Cruzeiro. Em 1977, o atacante foi vendido ao Corinthians por um milhão de dólares, na maior negociação do futebol brasileiro na época. Ainda passou por Santos, Vasco, Atlético-MG e América-MG.

3 Fundado em 15 de outubro de 1941 por funcionários de uma fábrica de tecidos, o Esporte Clube Renascença disputou o Campeonato Mineiro entre 1959 e 1967.

O namoro entre clube e atleta era antigo. Em 1962, o Hugo Farias saiu do Renascença e prometeu me indicar ao Felício Brandi, então presidente do Cruzeiro. Acontece que o Mário Celso de Abreu, conhecido do campeonato do SESC, assumiu o comando técnico e quis contar comigo. Disse que eu não teria chances no Cruzeiro e que seria titular no Renascença. A decisão estava em minhas mãos, mas decidi ficar pelo sonho de atuar entre os profissionais. E fui arranjar um emprego que não exigisse período integral, pois teria que treinar. Fiz um teste no Banco Mercantil de Minas Gerais. Sabia que eles se interessariam por mim, visando o campeonato bancário. Ia ao clube de manhã e trabalhava à tarde, das 13 às 19 horas. Valeu a pena, apesar do sacrifício. Após duas temporadas, o contrato expirou e peguei o passe livre. Aí adivinha quem virou técnico do Cruzeiro?

Quem?

O Mário Celso de Abreu. Fiquei entusiasmado e acertei com o clube. Não havia garantia de que eu seria titular porque eles contrataram o Ílton Chaves,⁴ volante experiente. A princípio, ele que jogaria. Só que deu azar. Logo sofreu uma distensão na coxa direita, ficou meses fora e me deu chance de aparecer. Abracei a posição até 1977.

Comenta-se que o Cruzeiro ainda não era um clube tão expressivo à época. A instituição cresce e passa a ganhar títulos justamente no período em que o senhor é contratado.

O que deu outra dimensão ao futebol brasileiro foi a chegada do Mineirão. Representou uma descentralização do eixo Rio-São Paulo. Conseguimos dar um rumo diferente à história do Cruzeiro, que passou a ser nacional. Naquela época, o clube vivia basicamente de bilheteria e os outros estados viviam de fabricar atletas para cariocas e paulistas. A direção foi muito feliz ao enxergar os valores que estavam despontando a partir de 1964. Juntamos meninada e veteranos e nos projetamos definitivamente.

Então, fale sobre a façanha contra o Santos em 1966, no Pacaembu, e a conquista da Taça Brasil.

Tratava-se do maior time do mundo. E o interessante é que só perdi para eles duas vezes na história. Talvez porque praticássemos um futebol semelhante. Equipe alegre, ofensiva e cheia de jovens. Eu recebia

⁴ Ílton Chaves iniciou a carreira em Teófilo Otoni, até ser contratado pelo Atlético-MG em 1955. Defendeu também o América-MG e o América-RJ. Chegou ao Cruzeiro em 1964 e abandonou os campos em 1969 para virar auxiliar-técnico da equipe.

a missão mais espinhosa: dar o primeiro combate no Pelé. Não podia deixá-lo carregar a bola. Precisava ter personalidade, reconhecendo o mérito dele e não anulando o meu. Para piorar, naquele tempo só havia um volante e cinco atacantes. Aí veio a partida e terminamos o primeiro tempo ganhando por 5 x 0. Não acreditava, pensava comigo mesmo: “Será que estou bêbado? Ou será apenas um sonho?”. Mesmo assim, no intervalo, pedimos seriedade e cuidado. Contra adversários deste nível, não se pode achar que está ganho. E mantivemos a postura: 6 x 2.

Falando agora de Seleção Brasileira, quando o senhor recebe a primeira chance?

Em 1967. Curioso que fui treinado pelos três irmãos Moreira: Airtton, no Cruzeiro de 1965 e 1966, Aymoré, na Seleção, e Zezé, na Libertadores de 1976. Acho que o grau de parentesco ajudou na minha convocação. Além disso, o Brasil costumava aproveitar a base dos melhores conjuntos da época, e o Cruzeiro vinha do título da Taça Brasil. Enfrentamos o Uruguai três vezes na Copa Rio Branco. Empatamos todas. Era a minha primeira partida no exterior e mesmo assim fui capitão.

A Seleção não atravessava um bom momento, certo?

Teve a derrocada de 1966. Eu poderia até não ser titular dessa equipe, mas estava arrebentando. Se fosse do eixo, seria disparado o melhor da posição no país. Como atuava em Minas... Agora, às vezes, tem males que vêm para bem. Caso tivesse feito parte do grupo, talvez não recebesse uma chance em 1970. Ficou uma situação feia depois que chamaram vários atletas. O jogador, quando não tem cabeça boa, acha que não foi escalado por perseguição. Sofri com isso na troca do Saldanha pelo Zagallo. As pessoas me perguntam se foi o técnico que me colocou em campo, mas digo que fui eu mesmo. Tive que fazer o Zagallo me engolir para fazer parte do grupo. O fracasso na Inglaterra provocou uma reação geral, principalmente da imprensa, de que o futebol romântico havia acabado. Começou a se pensar o jogo do meio para trás. Fui afetado no próprio Cruzeiro. E, é claro, no próprio Mundial, onde atuei de quarto-zagueiro.

Esse novo posicionamento lhe incomodava?

Acho que não teria lugar para mim se a Copa demorasse a chegar. Claro que realizei um sonho de garoto, mas não fui completamente feliz. Queria ser campeão atuando de volante. Fui zagueiro sem saber dar carrinho, com 1,76 m de altura. Meu campo de ação ficou limitado, não senti o suor na camisa.

Como a mudança de treinador interferiu na sua função dentro da equipe brasileira?

O Saldanha me escalava de titular no meio e capitão. Com o Zagallo, virei reserva e o Carlos Alberto assumiu a braçadeira. A chance de entrar na zaga veio num “match treino” com portões abertos no Maracanã: seleção A contra seleção B. Um dos defensores, o Baldocchi, torceu o tornozelo e o Zé Carlos, companheiro de Cruzeiro, estava esperando a vez dele. Naquele momento, fui recuado e ele entrou na minha posição, pois atuava na frente. Nas atividades seguintes, o Zagallo continuou dependendo de um cara lá atrás para suprir a ausência. É bom que se diga que ele perguntou se eu poderia colaborar. Aceitei e logo me elogiaram na mídia. Fui testado no último amistoso preparatório aqui no Brasil, contra a Áustria.⁵ Ali carimbei o passaporte.

No entanto, o senhor ainda não havia garantido vaga entre os titulares?

Exatamente. Na chegada ao México, o Zagallo agradeceu a minha dedicação e empenho na preparação, porém revelou que voltaria a escalar o Fontana. De qualquer forma, gostei da atitude dele. Disse que estava à disposição. Sempre tive um espírito comunitário. Logo após a nossa conversa, o Fontana se queixou de dores no joelho. Entrei na partida contra o combinado de Guadalajara,⁶ quando ele poderia ter optado pelo Joel Camargo. Ali percebi que o lugar era meu.

O Zagallo conversava muito com o grupo?

Falava bastante. Ele se preocupava em mostrar o quadro de botões e os slides com imagens congeladas dos rivais. Queria explicar o modo de atuar do adversário. Achei importante ele nos dizer que a Seleção Brasileira tinha uma força extraordinária, que sabia do nosso potencial, e pediu que lá atrás nós não arriscássemos. Felizmente, não erramos na hora do aperto. Havia obediência tática. Quando me perguntam sobre a diferença de 1970 para 1982, digo que faltou a eles se conscientizarem de que estavam num torneio de tiro curto. Mostravam a mesma força, potencial e poderio que nós, mas se descuidaram no mata-mata. Os zagueiros, por exemplo, várias vezes partiram ao ataque e se esqueceram da proteção defensiva.

E vocês já tomaram um susto logo na estreia contra a Tchecoslováquia...

Ao terminar a partida, o pessoal não escondia a euforia com o 4 x 1.

5 Brasil 1 x 0 Áustria, 29 de abril de 1970, no Maracanã, gol de Rivellino.

6 Brasil 3 x 0. Combinado de Guadalajara, 6 de maio de 1970. Gols de Rivellino, Pelé e Clodoaldo.

Parecia que havíamos conquistado o título. Aí o senhor Edson Arantes do Nascimento bate palmas e diz: “Parabéns, moçada! Foi ótimo, mas precisa ser bem melhor”. Assim que terminou o discurso, ele se sentou ao meu lado e falou que fez aquilo para o pessoal baixar a bola, não achar que havíamos alcançado todos os objetivos. Em Copas, você tem que começar bem e terminar melhor ainda.

O elenco seguiu à risca o pedido do Pelé contra a Inglaterra?

Fizemos um primeiro tempo ruim. Agora, estávamos enfrentando os atuais campeões mundiais, extraordinários. Os noventa minutos foram lá e cá. A vitória veio porque soubemos aproveitar a nossa chance.

Houve pressão da imprensa diante do Uruguai, já que eles passaram a semana inteira relembrando a derrota de 1950?

É claro. Perguntaram se eu não temia que o Estádio Jalisco se transformasse no Maracanã. Em 1950, não havia nem luz elétrica em casa... Se fosse no Brasil, talvez saíssemos de campo vaiados após o primeiro tempo. Seríamos cobrados pelo 1 x 1. No México, nos sentimos à vontade. Por isso que agradecemos o apoio.

A ditadura militar também exerceu algum tipo de influência?

Infelizmente, os esportistas brasileiros não tinham muita consciência sobre o tema. Parece que só nascemos para jogar futebol. Não sabíamos o que aquele momento político representava ao povo, que o dinheiro usado por eles, na verdade, era nosso. Mas justiça seja feita: recebemos todo o apoio necessário. E que me perdoe o Tostão quando afirma: “Se fosse consciente na época, não receberia o fusca”. Se pensa assim, ainda dá tempo de devolver. Pegue o dinheiro equivalente ao carro e doe a uma instituição de caridade.

Fale um pouco sobre a alegria de ser campeão do mundo.

No instante em que o árbitro encerrou a decisão, a euforia foi enorme. Passa muita coisa pela cabeça. No Estádio Azteca, 70% do público era formado por mexicanos. Todos vibrando. Quando toco no assunto, não consigo segurar a emoção. O grande momento do Mundial foi ver o trabalho reconhecido, a humildade deles de aplaudir o nosso esforço. E eles conseguiram transmitir a nós a alegria dos brasileiros, algo a que não tínhamos acesso devido aos meios de comunicação da época.

Quatro anos depois, lá está o senhor novamente. O que deu errado dessa vez?

A preparação não se assemelhou em nada à de 1970. Outro fator

foi a reformulação do grupo. Saíram Pelé, Tostão, Gérson, Carlos Alberto e tantos outros. Todavia, o principal talvez tenha sido o ambiente. Não é justificativa, mas não sentíamos aquele clima inesquecível que ocorre quando fazemos uma baita viagem. Ou seja, formamos um bom grupo sem o espírito de união de antes. E não podemos esquecer que disputamos o título com outras duas grandes seleções, Holanda e Alemanha. Tivemos oportunidades de vencer a Laranja Mecânica, só que não achava justo vencermos aquele Mundial. Tanto é que lamentei a derrota, mas ela não doeu.

Qual é o significado de defender a Seleção Brasileira?

É o ponto máximo na vida do atleta, a maior realização. Quando olho a postura das pessoas, vejo que ela reserva algumas situações interessantes. Existem vários jogadores mundialmente reconhecidos que nunca tiveram a felicidade de levantar uma Copa. E deixamos de valorizá-los por não terem sido campeões. É o caso do Dirceu Lopes. Foi convocado, participou da preparação e acabou cortado. Gostaria que ele estivesse conosco no México, mas, infelizmente, apenas alguns tiveram o privilégio. Sempre me coloquei como um soldado a serviço da pátria, me doando e me sacrificando. No futebol e também na política, onde fui vereador de Belo Horizonte em três ocasiões (de 1972 a 1988). Lembro-me de um eleitor dizer que fui um belo político. Fiquei envergonhado e retruquei, alegando que nunca havia apresentado grandes projetos. Ele insistiu na tese e argumentou: “Piazza, o fundamental na política é ter espírito comunitário. Você tinha isso desde os tempos de capitão do Cruzeiro, pois se preocupava com os problemas dos outros”. Balancei a cabeça positivamente e, nesse sentido, concordei. Sempre tive um espírito solidário no esporte.

Chegou a conciliar as duas carreiras?

Foi uma situação circunstancial. Entrei no MDB, mas não seria candidato. Escolheram o Raul Plassmann, cuja esposa era filha de um político tradicional de Belo Horizonte. O problema é que o Raul não possuía o título domiciliado da cidade, e sim de Curitiba. Não pôde sair e me indicou. Relutei bastante. Vinha na mente a imagem das dificuldades que enfrentávamos em Ribeirão das Neves, apesar das inúmeras promessas de campanha. Só que acabei convencido no final pelo Ziza Valadares, que chegou a ser presidente do Atlético Mineiro. Fui o vereador mais votado sem nunca ter subido num palanque. Tudo bem que foi o futebol que me projetou. Depois, acabei gostando da coisa. Sou grato à política.

Para encerrar, o senhor tem alguma mágoa do futebol?

A única ressalva que faço é da cultura do brasileiro. Ao longo dos anos, vimos grandes atletas desfilarem em campo. Contudo, eles não são homenageados. É sempre algo isolado, nenhuma grande iniciativa. Não falo de dinheiro, mas de reconhecimento. A CBF e os clubes não se mexem. Veja o meu caso no Cruzeiro. Foram 14 anos lá e mais todo esse período que sigo torcendo. Se levasse em consideração a atitude de vários dirigentes, teria abandonado. A verdade é que entramos pela porta da frente e saímos pela dos fundos.

6. EDU¹

Edu, como foi sua infância? Conte um pouco sobre seus pais e o princípio no futebol.

Nasci em Jaú, no dia 6 de agosto de 1949. Tive uma infância tranquila, graças a Deus, porque meus pais tinham certa condição e pude estudar em um colégio de padres. Meu pai foi ponta-esquerda do XV de Jaú e dizem que jogava muita bola – não tive a oportunidade de vê-lo jogar, pois parou depois de se casar. Ele tinha a profissão de alfaiate e minha mãe, professora de piano – naquela época era muito difícil uma pessoa negra ser professora, ainda mais de piano. Uma condição melhor mesmo. Tínhamos até um sítio, nosso até hoje... Meus pais se defendiam. Éramos seis irmãos: três homens e três mulheres. Papai trabalhou bem! Infelizmente meu irmão mais velho faleceu. Ele também jogou no Guarani e teve uma rápida passagem pelo Flamengo... Minhas irmãs se formaram, como eu, e somos uma família bem unida. Fizemos muita coisa legal.

Como era a vida em Jaú? E na escola?

Vim para Santos com quinze anos, mas passei toda a infância em Jaú. Eu ia ao colégio e depois, às vezes, a aulas particulares de inglês. Mamãe queria que falássemos outro idioma, então éramos uma classe de negros diferenciada. Papai tinha carro – naquela época era muito difícil, uma coisa bem diferente. Nesse meio-tempo, participava das olimpíadas estudantis e sempre me destaquei no futsal. Joguei futsal até os doze, treze anos, mas a dedicação ao campo, a minha praia, me obrigou a parar. O futsal me trouxe mais condição e habilidade como atleta.

Seus pais apoiaram sua carreira no futebol ou tinham alguma restrição?

Minha mãe não queria... Qualquer mãe na época faria a mesma coisa. Jogadores de futebol eram vistos como marginais, vagabundos que não sabiam trabalhar. Eles não entendiam bem essa profissão, então tive sim esse problema. Me lembro das brigas entre papai e mamãe, porque ela achava que eu ia abandonar os estudos. Mas não: continuei jogando e estudando. Quando vim para o Santos, em janeiro de 1965, prometi continuar meus estudos, e como cumpri, mamãe aceitou um pouquinho mais. O sonho de papai era alguém da família jogar tão bem,

¹ Local da entrevista: cidade de Santos, SP; entrevistadores: Clarissa Batalha, Fernando Henrique Herculiani e José Carlos Asbeg; data da entrevista: 22 de setembro de 2011; transcrição: Fernanda de Souza Antunes; edição: Bel Azevedo; supervisão de edição: Marcos Aarão Reis.

ou melhor, do que ele! Foi um grande ponta-esquerda.

Você se lembra de assistir a algum grande time jogar em Jaú?

Sim, assistir a vários jogos: Do Santos, Corinthians... Meu pai me levava a quase todas as partidas lá em Jaú, pois meu irmão mais velho jogava no Quinze e íamos sempre assistir. Meu outro irmão também jogou no Quinze, mas aí eu já estava no Santos e não tive a oportunidade de vê-lo.

Quando você percebeu que poderia seguir uma carreira profissional como jogador?

Uma história muito legal essa: no colégio tínhamos um time. Disputamos o campeonato infantil em Jaú e fomos campeões. Eu tinha 11, 12 anos, e já era titular do primeiro quadro – existia primeiro e segundo quadros. Eu jogava com rapazes de 17, quase 18 anos, todos mais experientes, e me saía bem, fazia gols e driblava facilmente. Quando fomos campeões, entramos na equipe do Palmeirinhas, o Palmeiras lá de Jaú, e começamos a disputar o campeonato amador. Eu tinha 13 anos e precisava pedir autorização aos meus pais, juizado de menores, um monte de coisas... A família do Pelé é de Bauru, cidade próxima, e a minha irmã é vizinha da família dele. Um dia ele perguntou a ela se mais alguém da família jogava futebol. – Tem um moleque ponta-esquerda e dizem que joga. – Leva ele lá no Santos para treinar, eu apresento ao treinador e, de repente, quem sabe? Quando eu cheguei lá, o Pelé falou assim: – Não pense que, só porque o Pelé está te apresentando, você vai ficar! Precisa apresentar alguma coisa também.

Esse foi o seu primeiro encontro com o Pelé?

Foi. Estou tremendo até hoje [risos]. Ele vivia na Rua Oswaldo Koga, a algumas quadras de onde nós estamos – morava ainda com o empresário dele, o Pepe Gordo. E ele já era bicampeão mundial! Quando eu o vi, fiquei tremendo! De repente eu estava ao lado do meu ídolo maior! Muita alegria. Depois fomos à famosa pensão da dona Georgina. Todos os jogadores ficavam lá. No dia seguinte, ele passou para me levar ao treino. Imagine eu chegando ao clube, levado pelo Pelé num Mercedes! Todo mundo pensando: – Deve ser fera! [risos]. E eu cheguei e já fui muito bem. Treinei umas duas vezes no infantil, a minha categoria, e já me deixaram de lado, porque entramos nas férias de julho de 1964. Aí eu voltei a Jaú, para terminar a escola, e mandaram-me retornar ao Santos em janeiro de 1965.

Você veio a Santos sozinho?

Não, meu pai me trouxe. Ele ficou uns dias aqui comigo, depois voltou e fiquei sozinho. Senti saudades, mas o que eu queria era muito mais forte.

Você voltou a Jaú tendo firmado algum compromisso com o time do Santos?

Não. Eu precisava voltar para daí conversarmos novamente. Nesse meio-tempo, o meu irmão jogava no Guarani e estava em excursão, quando o cozinheiro do Guarani, muito seu amigo, chamou: – O infantil vai treinar. Você não vai vir? Eu aceitei. Fui razoavelmente bem e quando meu irmão voltou, o treinador do Guarani, Seu Zé Duarte, já falecido, disse a ele: – Teu irmão joga bem, mas é muito novinho... No ano de 1965, quando vim definitivamente para o Santos, me colocaram direto nos aspirantes. Era muito legal, porque os jogadores profissionais contundidos ou no banco de reserva queriam jogar e se manter em forma, então jogavam nos aspirantes.

Houve um campeonato e fomos a Campinas jogar contra o Guarani. Vencemos de dois a um, e eu fiz os dois gols! Meu irmão, depois, perguntou ao treinador: – E o jogo, seu Zé? – Tem um moleque aí, neguinho danado, veio aqui e arreventou com a gente! Aí meu irmão contou: – É aquele menino que o senhor disse ser muito novo, o meu irmão! Foi uma boa não ter ficado no Guarani. Depois desses jogos nos aspirantes, logo fui convocado por uma seleção juvenil, ainda em 1965, e logo na sequência por outra seleção de jovens, e fizemos viagens a Trinidad e Tobago, Suriname... Me destaquei muito nessa seleção, isso em janeiro de 1966, e quando eu voltei ao Santos, o Lula² me chamou e anunciou: – Olha, vou te utilizar nos profissionais. Usou então uma técnica de trabalho muito interessante: quando senti meu destaque na equipe de aspirantes, começou a me colocar na concentração do profissional – virei mais ou menos um garoto de “traz um café, traz isso, traz aquilo” e, com isso, fui me familiarizando e ficando à vontade junto do pessoal. Quando comecei a jogar, já tinha amizade com todos eles.

Você recebeu seu primeiro salário no Santos?

Como jogador, foi no Santos. Ele abriu as portas da minha vida. Tive condições de comprar casa, apartamento. Trouxe minhas irmãs para ficarem comigo – meus pais não quiseram vir, porque tínhamos terras lá. O Santos me deu tudo.

Você lembra o que fez com esse primeiro salário? Gastou, comprou ou guardou?

2 Luís Alonso Pérez.

Por incrível que pareça, eu me lembro: tinha prometido trazer um relógio do Suriname para um amigo, então comprei o relógio e levei quando voltei a Jaú, nas férias. Também comprei sapato, uma calça e uma bermudinha. Já comecei a ficar mais alinhado [risos].

Sua vida pessoal mudou? Você namorava, pensava em casar ou era ainda muito jovem?

Não, nem pensava nisso. Nem imaginava casar um dia, porque eu não parava aqui no Brasil. Disputamos o Campeonato Paulista, por exemplo, em 1966. Quando fui à Copa do Mundo, tinha apenas 16 anos, e todo mundo queria saber quem era aquele moleque! Bati todos os recordes, pois um ano depois de chegar ao Santos fui convocado para a Seleção Brasileira. Todo mundo queria me conhecer, praticamente não tive adolescência. E o Santos viajando pra cá e pra lá. Teve uma sequência depois: em 1967, 1968 e 1969, ganhamos e fomos tricampeões paulistas. Tive muito destaque com esses três títulos, inclusive no super-campeonato disputado contra o São Paulo – como havíamos empatado em pontos, fizemos um jogo extra, e havia apostas. Achavam que um time do interior, feito o Santos, não podia ser campeão paulista. Em sete minutos, já estava dois a zero para nós, e eu fiz um dos gols. Quando fiz aquele gol, ninguém me segurou no Pacaembu! É uma alegria fazer gol em uma final! Aos 16 ou 17 anos.

Você já era santista ou torcia por outro time?

Minha família é toda corintiana, mas depois foram virando santistas [risos]. Eu sempre gostei do futebol arte e gostava de ver os gols. O Pelé me chamava a atenção, então comecei a reparar na equipe do Santos. Como sempre fui ponta e driblador, adorava ver o Garrincha jogar! Naquela época não televisionavam, só passavam o *tape*, tal hora da noite, às vezes tarde demais, e mesmo assim apenas do Campeonato Paulista, dos times de São Paulo. Mas eu ia ao cinema e ficava só para ver o Canal 100, os jogos do Rio. Garrincha jogando, o Maracanã, um sonho: – Será que um dia vou pisar nesse gramado?! E, de repente, tudo aconteceu.

Quando você entrou no time, substituiu justamente o Pepe. Aqueles craques deixaram de ver você como o menino do cafezinho?

Foi interessante. Joguei primeiro contra o Botafogo, depois Portuguesa e Flamengo, no qual o Abel se machucou. Jogamos então contra o Fluminense, no Parque Antártica, e o Pepe começou, mas entrou mal e no segundo tempo eu entrei. Contra o Botafogo, no Rio, o Lula já me

escalou de cara. Eu pegava a bola e fazia o mesmo que nos treinos. Saiu uma falta perto da área, fui e peguei a bola para cobrar. O Zito³ olhou e falou: – Esse moleque é abusado, não é? [risos]. – Eu vou cobrar essa falta! Do outro lado, o goleiro Manga. Bati forte, ele se esticou todo e espalmou a bola no escanteio. Aí o Zito olhou o Lima e fez assim: – Pô, vamos deixar! [risos].

Depois veio a partida contra o Bangu, no Pacaembu, e foi a minha consagração. Já estava à vontade com eles, e quando saiu uma falta novamente, peguei a bola. O Zito: – Deixa ele chutar! Nosso capitão mandava mais do que o presidente. O goleiro do Bangu era o Ubirajara, eu fui e *pum*: – Gol! Ninguém me segurou naquele Pacaembu! Quase dei a volta olímpica de alegria [risos]. Depois, ainda fiz mais um gol e enfrentei o Fidélis. Na época, o Fidélis, o Djalma Santos e o Carlos Alberto eram considerados os maiores laterais do Brasil. O Carlos Alberto estava do meu lado, os outros dois, adversários. O Fidélis tinha o apelido de “touro sentado”... Quando jogamos contra o Palmeiras, foi um jogo-chave, porque finalmente peguei o Djalma Santos e vencemos por três a zero. Fiz um ou dois gols, e num deles eu driblei toda a zaga do Palmeiras, inclusive o Valdir,⁴ o treinador de goleiro da Seleção!

Você se lembra da convocação? Onde você estava?

Estávamos no aeroporto e o massagista, Uberaldo, chegou e me disse: – Parabéns, você foi convocado! – Convocado para quê? – eu nem sabia que a convocação seria naquele dia. – Para a Seleção Brasileira! Eu duvidei: – Pô, tanto cara por aí, você vem tirar onda comigo? Peguei e saí quietinho. Aí tinha um senhor, com um radinho, ouvindo a escalação e eu perguntei a ele: – O senhor sabe quais jogadores do Santos foram convocados? Ele falou os nomes e completou: – Convocaram um moleque, um tal de Edu, mas eu não sei quem é [risos]. Quando ele falou aquilo eu fiquei ali parado, não conseguia nem andar...

Você disse quem era?

Não, eu não conseguia nem falar [risos]. Fiquei ali parado um tempo, depois agradeci e fui embora. – Poxa, legal! O meu pensamento voou até Jaú: meu pai ouvindo a notícia... Ainda me emociono. Desculpe... Fiquei só imaginando a alegria dele. Ele me trouxe a Santos e apenas um ano depois pude dar esse presente a ele. Ele era fanático por futebol! Não dá para descrever a minha alegria e acho que a dele foi

3 José Ely de Miranda, capitão do time do Santos na época.

4 Valdir Joaquim de Moraes.

maior ainda.

Você nunca imaginou ser convocado nesse momento?

Não, eu nunca pensei assim, sabe? Eu queria jogar futebol, era o meu lance. Lógico, esperava um dia jogar na Seleção. O sonho de qualquer jogador, e de qualquer garoto, é jogar em uma grande equipe e, mais ainda, jogar com a Seleção Brasileira! Mas eu não esperava assim tão rápido. E quando começaram os treinamentos, fiquei à vontade, porque tinha vários outros colegas do Santos e eu ficava junto deles, aguentando as gozações por ser garoto!

Esta convocação foi curiosa. Foram 44 jogadores convocados?

Quarenta e cinco. Imagine só: a cada estágio eles iam dispensando alguns. Colocavam todos em uma sala – parecia até sala de aula – e diziam os nomes daqueles que iam continuar... Uma coisa ruim isso, já começou errado... Meu nome vinha sempre após o do Jairzinho. Jair, Jonas Eduardo... Me lembro de torcer para os jogadores do Santos continuarem, pois éramos amigos, estávamos sempre juntos. A partir dos treinos formaram-se vários times, divididos em cores: grená, verde, amarelo... Eu estava no verde, o mais fraquinho. O grená era o time no qual estava o Pelé, o Garrincha, Gilmar no gol, Djalma Santos [risos]... Claramente o time titular. Eu só pensava: – Ah, vamos embora, correr, porque eu quero jogar! Cheguei até aqui e quero participar da Copa do Mundo!

Quem eram os outros jogadores da sua posição disputando a titularidade?

O Paraná, o Rinaldo, o Ivair – nem era ponta-esquerda, mas na Portuguesa jogava nessa posição –, e depois ainda trouxeram o Amarildo da Itália... O Amarildo praticamente levou o Brasil ao título em 1962, substituindo o Pelé superbem. Pensei: – Não vou ter chance. E o Paraná estava no time grená. Mas eu continuei treinando e, quando saímos do Brasil, ele se machucou. Como a FIFA⁵ precisava dos nomes, eu entrei.

Um das críticas à Seleção de 1966 foi a preparação com 45 profissionais. Você acha que, de fato, isso atrapalhou?

Não sei dizer se atrapalhou, mas imagine: convocar 45 jogadores! Eu era muito jovem, então não fui tão afetado. Eu só queria fazer a minha parte: jogar. Conhecemos todas as instâncias balneárias de Minas! Uma seleção jogava no Mineirão e a outra no Pacaembu, entendeu? Não

5 Federação Internacional de Futebol.

tinha jeito de se entrosar, um negócio muito errado... Não souberam aproveitar bem esse lado do entrosamento.

O Feola⁶ conversava muito com vocês? Como era essa relação?

Eu me lembro bem, mas ele não conversava muito – aquela certa distância de treinador, de comissão técnica. Eu era garoto, mas de vez em quando conversava. Nos jogos na Suécia, antes de irmos à Inglaterra, eu ficava no banco, mas em um jogo eu entrei. O ataque foi: Garrincha, Servílio – cortado depois –, Pelé e Edu,⁷ capitão de esquerda. Treinávamos nos gramados da Facit,⁸ uns campos maravilhosos, e o time estava muito bem.

Mesmo assim cortaram alguns nomes importantes: o Carlos Alberto, o Djalma Dias, o próprio Roberto Dias... Não estou desfazendo daqueles que foram, mas, poxa, tinha lugar pra esse pessoal na Seleção! Eu estava superbem, mas nessa partida tive um problema de câibras. O doutor me deu um remédio, mas me deu febre. O Paraná estava machucado, e eu iria jogar, mas não consegui, e quem jogou na ponta-esquerda foi o Jairzinho. O Garrincha na direita e o Jairzinho na esquerda. Não sei se era para eu jogar ou não, só sei que tomei esse remédio e depois tremia de frio...

Você se recorda do primeiro jogo na preparação?

Ah, eu não lembro, não tenho ideia... Um historiador me disse que fui o jogador mais jovem a fazer um gol com a camisa da Seleção Brasileira, mas eu não sabia disso!

Você marcou seu primeiro gol aos 16 anos no jogo contra o Peru. Foi o jogador mais jovem a ir a uma Copa do Mundo.

Foi isso mesmo. Quebrei o recorde do cara que me trouxe [risos].

Após os cortes, começa a se formar um time titular. A primeira partida brasileira é contra a Bulgária. Você ficou no banco de reservas?

Ainda não existia substituição, só do goleiro. Ficávamos todos lá em cima assistindo, no lugar reservado aos jogadores. Tanto é que, contra Portugal, o Pelé levou uma pancada e precisou ficar no campo, porque não havia como substituí-lo.

6 Vicente Ítalo Feola, ex-jogador e técnico da Seleção Brasileira nas Copas de 1958 e 1966.

7 Em alguns momentos, Edu refere-se a si mesmo na terceira pessoa.

8 Facit AB era uma empresa multinacional fabricante de produtos de escritório. Sua sede estava localizada em Ätvidaberg, Suécia.

Qual era o espírito do grupo quando vocês saíram para a Copa do Mundo?

Um ambiente bom. Um clima cheio de vontade de vencer. Alguns eram mais velhos e aquela seria a última Copa, então todos queriam ganhar. Conquistar o tricampeonato seria maravilhoso, mas houve um desgaste muito grande com essa convocação de 45 jogadores. É muito difícil, numa média de 15 em 15 dias, entrar numa sala e ficar na expectativa de saber se você vai continuar ou não. É muito desgastante viver na corda bamba. Um clima ruim. Acredito que isso tenha prejudicado muito. E houve também alguns cortes lá na Suécia, o Servílio, por exemplo. Ele treinou todo o tempo no time grená e, chegando lá, foi cortado. O Dino Sani e o Valdir, goleiro, foram cortados também.

Conte sobre a partida de estreia da Seleção.

A estreia é sempre complicada. Por mais experiência que tenha o jogador, sempre fica naquele nervosismo: – Como será? E o adversário também já vem com aquela sabedoria, entendendo que, se vacilar, o Brasil aplica uma goleada, então todos chegam se defendendo. Começa o jogo, a bola vai, vai e não entra. O time criou oportunidade, mas não fez. No futebol existe um ditado: Quem não leva, faz. Quem não faz, leva. Tínhamos medo disso. Mas saíram os dois gols – de bola parada, Garrincha e Pelé, ambos de falta. A estreia é sempre complicada, mas passado esse momento o time se assenta um pouco... Mas nesse caso estava tudo errado.

E a partida contra a Hungria?

Fatídica! Ah, nem me lembro muito bem desse jogo [risos]. Estava desesperado, era moleque e chorava... Tomamos um gol e eu fiquei chorando. O Zito tinha sido o único a não jogar, além de mim. Ao meu lado, ele dizia: – Calma! Que é isso? Pra que ficar chorando? Você vai a uma Copa do Mundo e quer ser campeão... Aliás, em qualquer torneio, você quer ser o primeiro... E eu, sentindo aquele drama, sem poder de reação... É complicado. Eles estavam bem. Em todas jogadas existia o perigo de gol. Estavam nos envolvendo com muita facilidade... Se não me engano, o Alcindo jogou no lugar do Pelé.

O Pelé não jogou. A partida contra a Bulgária foi a última dele e do Garrincha juntos. Na segunda, só jogou o Garrincha, e nessa última, o Alcindo. Derrota de três a dois.

Complicado...

E no jogo contra Portugal, existia algum medo de jogar contra o Eusébio?

Não, porque no campeonato mundial entre clubes o Santos foi lá e ganhou de cinco contra o Benfica, então não tínhamos assim Portugal. Mas, de repente, mudou o time todo, do goleiro ao ponta-esquerda... Ainda pegaram o Pelé, e ficamos com um jogador a menos quase a metade do jogo.

O juiz estava do lado deles?

É, exatamente, não marcava nada. Nem falta ele deu nesse lance do Pelé. E o Eusébio foi infeliz... O Manga também... Não sei o porquê, mas talvez estivesse um pouco nervoso, pois era um goleiro excelente e de repente espalmou a bola para a frente do gol – bê-á-bá do futebol de um goleiro. Enfim, Portugal veio e fez o placar.

Qual o jogo mais sofrido: contra Hungria ou Portugal?

Ah, contra Portugal! Falar o mesmo idioma é complicado [riso]. Dentro de campo você escuta o pessoal falar algumas coisas, tipo: – Vamos lá! Eles não são nada disso!

Na última partida, o Jairzinho entrou na ponta-direita, no lugar de Garrincha, e o Paraná ficou na ponta-esquerda. Você acha que não entrou pela sua inexperiência?

Eu não sei. Disseram que eu era muito novo e não queriam me queimar... Mas alguma coisa estava errada, porque me levaram para jogar. Eu não estava preocupado com esse negócio de me queimar ou não: 16 anos você pensa em quê? [riso]. Em jogar!

Como foi o retorno após essa eliminação histórica do Brasil, na primeira fase, considerado o pior rendimento da Seleção em uma Copa do Mundo?

Como sempre digo, a mim não afetou tanto. Eu era um moleque, não entendia muito... Disputamos um torneio e fomos desclassificados. Sabia o que representava, mas eu teria oportunidade de disputar outras copas, e apenas pensei: – Preciso chegar ao Brasil, continuar treinando e jogando bem para voltar à Seleção.

Como foi a chegada ao Brasil? A imprensa, o torcedor bravo?

Não. Tenho até umas fitas dando entrevista nas quais eu falo: – Sou jovem, não joguei nessa, mas tenho condições de voltar em outras Copas do Mundo!

Mas, para jogadores feito o Djalma Santos e o Garrincha, acabou ali, não foi? Como estava o clima depois do jogo contra Portugal?

Voltamos de ônibus a Lynn, uma cidadezinha próxima a Liverpool, onde ficava o nosso hotel: o clima estava de velório. Mas o pior era saber que chegaríamos ao hotel e arrumaríamos a mala para ir embora. Todo o planejamento, a intenção de ganhar, de sermos os primeiros do grupo e acabar ali mesmo, em Liverpool... Foi tudo por água abaixo. Muito triste. Com 16 anos ter a chance de ser campeão do mundo – maravilha! – e, de repente, nem jogar. Todos os jogadores foram trocados e eu nem joguei... O Zito não jogou, estava machucado, mas eu tinha condições de jogar.

Em 1969, João Saldanha assumiu a Seleção como treinador. Qual o seu papel nesse momento?

Importantíssimo. Ele dizia: – Essas são as minhas 22 feras! A mim, ele simplesmente falou: – Olha, você vai ser o titular. Faça o que está acostumado a fazer no Santos! E 1968 foi um ano muito bom, pois fui considerado o melhor ponta-esquerda do mundo e disputava com um jogador da antiga Iugoslávia, o Džajić⁹ – na Europa era o “bambambam”. Nas eliminatórias de 1969, time do Saldanha, fiz muitos gols, passes e fui quem fez a jogada para o gol da classificação no Maracanã! Também nesse ano fui considerado o melhor ponta-esquerda do mundo. Mas, infelizmente, o João Saldanha saiu.

Como era o clima interno no time do João Saldanha? Ele teve um problema com o Pelé, não foi?

Ele era sensacional, um amigo. Entendia o jogador de futebol, pois já tinha sido técnico do Botafogo. Aí houve aquela polêmica com o Pelé: ele disse que o Pelé estava cego, mas na verdade eu nem sei se ele disse isso mesmo... Um bom treinador, tanto que, depois da sua saída, continuamos fazendo tudo igual. Ele fazia a preleção, toda a comissão técnica saía e nós ficávamos discutindo. Ele dizia: – Agora, vocês discutam, porque quem vai jogar são vocês. E decidíamos entre nós como ficariam as coisas, quem daria o grito para mudar um plano tático se fosse necessário... Enfim, ele nos deixava à vontade.

Vocês chegaram a mudar alguma coisa depois da saída dele?

Mesmo com a entrada do outro treinador, quando eu também saí, continuaram fazendo isso e houve uma mudança contra o Uruguai na Copa do Mundo de 1970: o Gérson foi muito marcado lá na frente e falou: – Não vou jogar desse jeito, não me deixam jogar. Aí ele inverteu:

9 Dragan Džajić.

– Vou ficar de volante! Clodoaldo, você fica de meia. Deu tão certo que o Clodoaldo fez o gol. Um gol importantíssimo!

Quem eram as 11 feras do Saldanha escaladas na primeira Seleção?

O Cláudio – do Santos, Carlos Alberto, Djalma Dias, Joel e Rildo – da zaga do Santos também. Piazza e Gérson, Jairzinho, Tostão, Pelé e Edu.¹⁰ Do ataque, só o Edu saiu... O novo treinador achava que todos precisavam jogar da maneira como ele jogava, nem sei qual seria [risos].

Você era o ponta-esquerda!

Eu estava no meu melhor momento. No dia da mudança de técnico, estávamos reunidos para a chegada do novo treinador, o Rivellino sentado do meu lado. Eu avisei: – Riva, não jogo mais! – Como assim não joga mais? – Espera só, você vai ver. Não deu outra, não joguei mais. Ele escalou o Paulo César e depois, na Copa, o Rivellino.

Você conversou com o Zagallo sobre a sua saída?

Não. Eu confiava muito em mim mesmo e não falaria com ele só por isso. O povo brasileiro queria Edu na ponta-esquerda, mas ele era o treinador e não queria. Tenho um pouco de mágoa. Fui a duas Copas do Mundo tendo ele como técnico e nunca joguei, tanto é que nem cito o nome dele.

E o clima dessa preparação da Seleção Brasileira no Rio de Janeiro? A pressão da imprensa e da torcida era diferente da de 1966?

Mudou muito. Primeiro, a tecnologia facilitava – a televisão, por exemplo. Essa Copa do Mundo de 1970 foi muito importante. Para muitos também seria a última. Classifico essa Seleção não apenas como um time de excelentes jogadores, mas de homens que sabiam o que queriam. Nós queríamos ser campeões do mundo e fomos. Tranquilos, tomávamos um gol e ninguém se desesperava. Tínhamos condições de fazer dois, três, e sabíamos disso. Não tinha jeito de perder aquela Copa do Mundo, todos eram jovens e muito focados. Eu, Clodoaldo, Paulo César, Leão, Zé Maria, todos com 20 anos e querendo ganhar. Jovens e responsáveis. Isso nos levou à conquista!

Essa vitória de 1970 foi muitas vezes atribuída a uma determinação pessoal do Pelé. Você o ouviu dizendo alguma coisa a respeito?

Sempre nos reuníamos nos quartos. Como vários colegas eram do

¹⁰ Referência a si mesmo.

Santos, de vez em quando ficávamos batendo papo – o Pelé com aquele violão e eu precisava ouvir [risos]. Afinal, é o rei!

O Pelé violonista deve ser um grande craque!

Camisa 10 fantástico! [risos]. Ficávamos ali batendo papo e ele realmente estava muito sentido: elegeram o Eusébio o melhor jogador do mundo, o “novo Pelé”. Pelé só tem um. Não tem novo, nem velho, só tem um! E ele disse: – Não! Vou provar ao mundo quem é o Pelé! Estou treinando, preparado, e o mundo vai ver quem é o Pelé! E realmente viu, porque em 70 ele fez de tudo. Teve aquela bola do meio de campo que, infelizmente, não entrou. Mas nós, do Santos, o vimos fazer isso várias vezes nos jogos, mas sem televisão, quer dizer, ninguém ficou sabendo. Hoje dizem: – O gol que o Pelé tentou fazer... Não! Ele já tinha feito esse gol, só não fez na Copa do Mundo, é diferente.

Outro fator importante foram as mudanças na preparação física dos atletas – uma nova equipe de preparadores, da qual fazia parte o Parreira. Você notou essa diferença?

Lógico! Foi completamente diferente. Tínhamos cinco instrutores: primeiro o Chirol, depois o Cláudio Coutinho, o Carlesso, o Camerino e o Parreira. Fizemos o preparo de uma forma bem inteligente, adequada, para não chegarmos à Copa desgastados. Eles cumpriram o planejamento feito pelo João Saldanha. Ao invés de ficarmos em Guadalajara, fomos a Guanajuato, cidade com muito mais altitude – uma pedra de gelo durava a semana toda sem derreter [riso]. E treinamos nesse lugar bem alto. Quando descemos a Guadalajara, atropelamos todo mundo! Na Cidade do México, a mesma coisa: a capacitação física mudou totalmente, se tornou estudada. Em 1966 só tinha o falecido Paulo Amaral e mais outro, do Exército, acho que se chamava Firmino. Completamente diferente. O Paulo Amaral pegava uma vara de bambu, rodava e a gente ficava em volta, saltando, senão levava uma lambada [risos], podia até quebrar a perna. Hoje você vê a preparação física e dá risada disso tudo [risos].

O Rildo, titular cortado da Copa do Mundo, levantou a possibilidade desse corte ser político. Você percebeu esse tipo de influência naquela Seleção?

Ah, eu não sei. Nessa época, naquela idade, não via essas coisas, nem entendia muito bem. Mas houve esse corte do Rildo... O Djalma Dias também e ninguém entendeu, porque ele era o titular das eliminatórias. Fomos bem, nos classificamos facilmente, sem tomar tantos gols... De repente, cortam, e o jogador não vai nem à Copa?

Na mesma linha, mas ao contrário, pode ser o caso da convocação do Dadá,¹¹ não acha?

É, o Dadá. Tem a ver com a queda do Saldanha. O Presidente Médici falou que gostaria de ver o Dadá na Seleção. Aí o Saldanha respondeu: – Vê se eu escalo os seus ministros?! [risos]. Acho que a queda veio disso... E o Saldanha era de esquerda [risos].

Esse período de ditadura interferiu? Vocês até almoçaram com o Médici, não é? Os militares queriam muito que o Brasil vencesse?

A vontade existia. O Presidente Médici ligava antes dos jogos, fazia questão de conversar com todos os jogadores: – Está tudo bem? Boa sorte! Não sei se era pressão ou não.

Ele ligava?!

Ligava. E quando voltamos, fomos direto a Brasília.

Na estreia contra a Tchecoslováquia, você estava lá em cima, sem jogar?

É, estava [risos]. Éramos os jogadores *pombinha*: íamos lá para cima e não tinha como descer [risos].

Em 1970 já existia o banco de reservas?

Já, ficavam cinco no banco. Contra a Tchecoslováquia, eu não fiquei. Se não me engano, foi no jogo contra a Romênia que eu até joguei.

Você lembra a partida contra a Tchecoslováquia, com resultado 4 x 1?

Lembro. Um choque! De repente o Brasil tomou um gol e todo mundo: – Ôpa, espera aí! Mas logo na sequência a gente empatou, depois fizemos dois a um, porque a confiança era muito grande. Quando um grupo é unido, todos pensando igual, não tem como ser derrotado.

Em 1966 você viu dois jogos nos quais o Brasil começou perdendo e, no final, acabou sendo eliminado. Nessa nova Copa, você está novamente lá em cima, assistindo, e o time começa perdendo...

Não! Mas era uma situação completamente diferente. Sabíamos o que queríamos. Tínhamos muita confiança e todo mundo estava bem centrado. O ambiente é muito importante. Ninguém torce para um colega se machucar só porque quer jogar, não! Todo mundo quer jogar, é lógico, mas torce pelos outros!

11 Dario José dos Santos, conhecido como Dadá Maravilha.

Depois da vitória contra a Tchecoslováquia, aconteceu um dos maiores jogos da história das Copas do Mundo: Brasil x Inglaterra.

Ganhamos o jogo com uma defesa do Félix, logo no início. O Lee, ponta-esquerda da Inglaterra, chutou a cara do Félix. A Inglaterra “toda-toda”, e depois, num lance perto da área, o Carlos Alberto deu uma pegada no Lee, e ali ganhamos o jogo. A Inglaterra sentiu nosso time mais forte que o deles. O gol do Tostão foi uma coisa maravilhosa! E o Banks fez uma defesa espetacular contra a cabeçada do Pelé.

Ambos, Félix e Banks, dizem que essas foram as defesas mais importantes de suas carreiras.

É isso aí!

Como foi a emoção de entrar, pela primeira vez vestindo a camisa da Seleção, em uma Copa do Mundo televisionada, com o Brasil inteiro assistindo?

Uma emoção maravilhosa, não tem como descrever. Mas entrei faltando apenas uns quinze minutos, na maior vontade e pensando: – Vou fazer minhas jogadas! Mas quando eu peguei na bola a primeira vez, vieram dois em cima de mim, aí ameacei e toquei para trás – pelo menos não perdi a bola – porque você entra frio, o resto do time já está no clima e é difícil. Até entrar no clima, o jogo acabou. Mas foi um momento mágico. Disputar uma Copa do Mundo! Infelizmente, só por 15 minutinhos [risos].

E nas quartas de final, contra o Peru?

O Peru, superbem treinado pelo Didi, que armou um time maravilhoso, com muitos atletas semelhantes aos do futebol brasileiro: Perico Leó, Baylón, Cubillas, o ponta-esquerda deles jogou inclusive no Palmeiras, o Gallardo. O Peru não vai mais ter uma equipe daquelas. Deram um pouquinho de trabalho, por causa das características e dos bons jogadores, mas os peruanos também não foram páreo para a nossa Seleção.

E aí o Brasil enfrenta o Uruguai novamente em uma Copa do Mundo, após 20 anos. Existia um clima de revanche?

Não. Veja bem, os jornalistas pegam qualquer detalhe. Os uruguaios então, querendo nos tirar do sério, mais ainda. Mas em 50 eu tinha um ano de idade [risos] e muitos ali estavam na mesma situação. Nada a ver uma coisa com a outra. Isso aconteceu em 1950, nós estávamos em 1970. Sofremos o gol, mas não houve aquela precipitação ou nervosismo: – Será que vamos conseguir? – Não. Vamos conseguir!

Temos condições de virar, de reverter esse quadro. Estava meio complicado da bola entrar, mas houve essa inversão de posicionamento: como o Gérson estava muito marcado, ele e o Clodoaldo mudaram de lugar, e de repente aconteceu o gol do Clodoaldo, na jogada sensacional do Tostão. Se não me engano, o primeiro tempo terminou empatado, um a um, mas sabíamos que íamos vencer aquele jogo, porque éramos o melhor time.

O Pelé fez jogadas geniais, não foi?

É. Inclusive aquela do drible no Mazurkiewicz, e depois o tiro de meta desse mesmo jogador, que o Pelé rebateu de primeira. A falta sofrida por ele foi legal: quando caiu na área do Uruguai, fez o passe para o Rivellino, sofreu uma falta e caiu na área. Então veio aquele pessoal todo e um cara pisou a mão dele... Se você prestar atenção no *tape*, vai perceber: ele levantou rápido, olhando, olhando e tentando ver o número da camisa no meio daquele monte de gente. E ele viu. Depois, aproveitando que o outro vinha atrás dele, diminuiu a passada – o Pelé fazia muito isso –, deu uma cotovelada, gritou e caiu. Sofreu a falta ainda! Quando fui jogar no México, no Tigres, o preparador físico era esse Matoso [risos], que levou a cotovelada, e um dia estávamos conversando, e ele contou: – Edu, fiquei uns dez minutos sem saber onde eu estava! Ficou tontinho. O Pelé sabia bater bem, sabia se defender, como ele dizia: – Se você jogar legal, vou jogar legal. Se bater, vou me defender.

O Pelé até quebrou a perna de alguns jogadores para se defender, não é?

Exatamente. Ele apanhava bastante, mas depois devolvia, dava o troco.

Uma coisa muito comentada nessa Copa foi o clima da torcida mexicana.

Nossa, até hoje, se você chega ao México e diz: – Brasil 1970! Eles respondem: – México 1970! Tive a oportunidade de jogar no futebol mexicano e onde eu chegava era bem recebido. Muito legal! Nessa Copa, o mexicano se tornou brasileiro. No jogo da final, quando o Brasil venceu a Itália, eles diziam que o Brasil tinha se vingado por eles. – O Brasil nos vingou, Brasil nos vingou! Porque eles foram eliminados pela Itália, se não me engano num placar de quatro a um, e quando foram eliminados, passaram a torcer pelo Brasil.

Daí, em todos os finais dos jogos formávamos aquela carreata atrás do ônibus, até as Suites Caribbean, onde ficamos, e depois, para agradecer, a gente fazia um samba – digo isso entre aspas, pois não toco nada, só um chocalhozinho e olhe lá –, mas ficávamos lá em cima tocando,

cantando, e o pessoal dançando lá na rua. Virou um clima brasileiro no México. E eles se entregaram mesmo! Quando chegamos ao país, eles colocaram uma florzinha na lapela do nosso terno e no final da viagem todo mundo ainda estava com a florzinha – não sei se ainda tenho esse terno, mas, se tiver, a florzinha deve estar lá. Eles acharam isso um gesto fantástico. A Inglaterra, por sua vez, levou água para o México, levou tudo, foi complicado...

Quase uma ofensa?

Exatamente.

Você achou significativa essa adesão da torcida mexicana na conquista do Brasil? Ou o Brasil ganharia até com torcida contrária?

Ganharíamos até com torcida contrária. Mas a maneira como jogamos agradou a eles: – Vamos torcer pelo Brasil! Adoram os brasileiros, uma coisa fantástica! Eles gritando: – Brasil, Brasil, Brasil! Foi maravilhoso.

Em qual momento você sentiu que seríamos os campeões?

Veja bem, quando a Copa começou, em nosso primeiro jogo, ficou claro que não tinha para ninguém! Todo mundo com um pensamento só: ser campeão do mundo! Nos treinamentos, era visível uma disputa, uma guerra: – Não, eu vou cobrar de ti! Às vezes, nos treinos, o Carlos Alberto dizia: – Edu, para! Calma aí! E eu falava: – Cara, tu já está escaldado e eu preciso me escalar! – Pô, dá um tempo! Quer dizer, eu forçava bem o Carlos Alberto!

Não existia aquela história de treino é treino e jogo é jogo?

Não. Eu forçava bem, porque no jogo quase não tinham pontas-esquerdas, mas quando o cara ia desse lado, o Carlos Alberto dominava fácil com a sua categoria, por isso eu forçava nos treinos! Foi tudo favorável a essa conquista, a maneira como levávamos os treinamentos, as brincadeiras, um sempre respeitando o outro. Se um não gostava de brincar, os outros respeitavam, e isso faz uma seleção ficar forte.

O seu temperamento é reservado ou mais de brincar?

Sou mais de brincadeira, mas bem calmo, sossegado. Mas eu gosto de uma sacanagemzinha aqui e ali. Era um barato! Naquele time, a maioria tinha um apelido e dificilmente a gente se chamava pelos nomes, sempre pelo apelido, mas só entre nós.

O Pelé tinha apelido?

Pelé não tinha, não.

E o Edu?

Ah, o do Edu não dá para falar [risos]. Do Gérson todo mundo sabe, não é? *Papagaio*. O Clodoaldo: *Hortelino troca-letras*, aquele do desenho animado, pelo jeito que falava. Zé Maria, *Zé Bocão*. Brito: *Cara de cavalo*. O Tostão era *Cara de ovo* [gargalhada]. Paulo César: *Nariz de ferro*. Era gostoso, até hoje a gente se encontra! O Rivellino, *orelha*. Vou falar o meu: *Zé bundinha* [risos]. Não sei o porquê [gargalhada].

Quem você destacaria nessa Copa de 1970?

O Brito. Ele teve o melhor preparo físico da Copa, sobrou e estava muito bem! Um ponto forte da nossa equipe.

Você falou bastante sobre as dificuldades no jogo contra a Itália. Consegue resgatar algo após o término do jogo?

Quando fizemos o segundo gol, comemoramos. Sabíamos que eles não iam aguentar. O ritmo forte do Brasil permitiu até terminarmos o primeiro tempo em dois a um para o Brasil. O Pelé cabeceou e fez o gol, mas o juiz declarou o tempo terminado. A Seleção da Itália, principalmente a zaga, já tinha certa idade, eram mais velhos, e nós voávamos, um condicionamento físico invejável. Fora isso, treinamos na altitude e matamos eles.

E eles marcavam homem a homem?

É. O Jairzinho chegou à ponta-esquerda, o Facchetti marcando, tocou para o Gérson. O Gérson, livre de marcação, fez o segundo gol. E o gol do Jairzinho, a bola praticamente bateu nele e entrou – Pelé ajeitou de cabeça para ele. Quando o Brasil fez o segundo gol, nós lá em cima já comemorávamos! E os mexicanos, ali do nosso lado, viram nossos uniformes e começaram a comemorar junto: – Brasil, *campeón del mundo*! Brasil, *campeón del mundo*! Aquela festa. Quando terminou a partida, a atitude do Félix no vestiário foi muito legal, porque ele tinha sido muito criticado, a imprensa malhou muito. Goleiro bom é assim: quando você precisa, ele está lá. Exatamente o que aconteceu. Ele chorou muito, de alegria, claro, mas ao mesmo tempo num desabafo.

E a volta? Como foi a chegada?

Alegria, não tinha como! Cheguei à minha rua e a luz de casa toda apagada. Pensei: – Será que esqueceram de pagar a conta da luz? Eu mo-

rava com minhas irmãs e, de repente, quando abri o portão, acenderam as luzes e estava todo mundo dentro de casa, a rua toda, o meu pai... Foi uma festa, muito legal. Não dá para descrever a alegria de vencer uma Copa do Mundo. É maravilhoso!

Você ficou frustrado por não jogar, mas a alegria da conquista supera esse sentimento?

Embora eu não tenha jogado, me considero igual a todos os outros. Ficava de fora torcendo para o Rivellino ir bem. Depois, quando o Paulo César entrou, a mesma coisa, porque ele ganhando, eu ganhava também. Fazia parte daquele grupo. Eu repito: essa foi uma seleção formada por homens que sabiam o que queriam. Não importa se jogou A, B, ou C. Queríamos ser campeões mundiais e eu sou tão campeão do mundo quanto qualquer outro.

E o Zagallo continuou treinando a Seleção nesse período?

Aquele treinador... Em 1974, ele convocou 22 jogadores e eu não estava na lista. Acreditem ou não: eu era o melhor ponta-esquerda do Brasil, mas não fui convocado. Ele convocou o Dirceu e o Paulo César – eles nem jogavam na ponta-esquerda. Logo depois, não sei por que, convocou o César, o Edu¹² e o Valdomiro. E quando cheguei, ele não se contentou e convocou mais um ponta-esquerda: o Marilson – também não jogava nessa posição. Ele queria me complicar [risos]. E o meu pai cobrando: – O que tu anda fazendo? Já imaginando farra, bagunça. Noguei, disse que estava normal, jogando no Santos, sendo campeão paulista. Apresentei-me numa segunda-feira e no treino de terça-feira falei com o Chirol: – Olha, estou parado, terminou o campeonato paulista, fomos campeões e tal, e agora estou sem fazer nada, sem treinar. Preciso adquirir pelo menos um pouquinho mais de condicionamento físico.

Aí teve um treino coletivo no Maracanã, eu no time de baixo, o Nelinho no time de cima, na lateral. Ele sempre atacou bem, mas nunca foi testado defendendo e eu passei várias vezes por ele. E no outro treino coletivo, almoçamos lá em São Conrado, Flamengo, e depois teve a concentração, a preleção – eu não via possibilidade de jogar e por isso comi muito bem. Aí veio a escalação: o ataque é Jairzinho, Leivinha e Edu... Não podia me negar a jogar, pois era o que ele queria ouvir. Quando terminou a preleção fui atrás do Chirol: – Poxa, palhaçada. Vocês estão a fim de me ferrar mesmo! Mas falei em outros termos. – Não, você se apresentou bem no treino. – Estou sem treinar, não vou aguentar jogar

12 Refere-se a si mesmo.

90 minutos. – Não, você está bem! Eu queria jogar e fui: Edu na ponta-esquerda. Levei uma sonora vaia: Queriam o Paulo César. Se não me engano, Brasil x Tchecoslováquia... A bola cai no meu pé, peguei, montei de graça, driblei e tal, cruzei... Aí o torcedor mudou.

Começaram a gritar o meu nome e eu pensei: – Agora sim! Também compliquei o treinador, pois veio o outro jogo e ele já não pôde mais me sacar daquele jeito. Se não me engano, jogamos contra a Romênia e também joguei muito bem. Me entendi muito bem com o Marinho Chagas. Mas saímos do Rio para jogar em Brasília contra o Haiti – se não me falha a memória. Quem foi o primeiro jogador que ele tirou? O Edu. Não tem jeito, não ia jogar nunca... O time jogou contra o Haiti, uma seleção fraca, e não conseguia fazer gol! Estava ganhando apenas de um a zero. No segundo tempo, ele me colocou e fizemos três gols, rapidinho. Fiz um, dei um passe e o Marinho Chagas fez o outro. Falei: – Bom, agora ele sentiu quem é quem! Quando viajamos à Alemanha não teve jeito, não joguei. Joguei contra o Zaire... Só pode ser isso: ele queria me queimar, porque precisávamos fazer três gols e, por sorte, conseguimos. O Valdomiro cruzou a bola e o goleiro fez um gol contra. Falaram que tinha sido do Valdomiro e não do goleiro [risos].

Você não acha ser essa uma questão tática do Zagallo?

Acho que sim, mas uma tática meio persecutória. Os próprios jogadores, nos treinos, falavam: – Poxa, não entendo como você não joga!

Imagino que o Zagallo se sentia mais seguro com uma defesa bem armada, voltada a fechar o meio do campo, mas não entendo, pois o seu estilo já prendia o defensor lá atrás, não é?

Prendia mesmo. O lateral do time adversário não tinha chance de atacar. Se atacasse, levaria uma bola nas costas e daria chance de um gol de contra-ataque, mas ele sempre optou por isso... Esse jogo contra o Zaire foi três a zero. Aí veio aquele contra a Alemanha Oriental e ele me tirou. Voltou novamente aquele esquema... Como na partida contra o Zaire, nem o Dirceu nem o Paulo César jogaram, sobrou para mim.

Nessa segunda fase, nos jogos contra a Alemanha e a Argentina, o desempenho do time melhorou. O clima era tranquilo nessa Seleção? E a partida contra a Holanda?

Um clima bom, tranquilo. O jogo contra a Holanda, eu digo, era para ser o mais fácil. A Holanda estava morrendo de medo e nós tivemos duas chances claras de gol. Nós tínhamos armado uma jogada e deu certo, porque a Holanda fazia uma linha de impedimento; então,

uma hora o Paulo César ficou sozinho com o goleiro, mas se imaginou impedido, chutou e a bola foi para fora. Se o Brasil fizesse um gol ali, teríamos condições de fazer uns três ou quatro, pois eles estavam morrendo de medo. Eles sentiram que nós não fizemos nada e vieram em cima. Foram felizes em dois cruzamentos e o Cruyff fez o gol.

Ah, mas a Holanda tinha uma seleção extraordinária!

Muito boa, porque armavam esse time fazia tempo... Perdemos a partida e depois jogamos contra a Polônia. O João Havelange até ofereceu um dinheiro extra aos jogadores, incentivando a vitória, mas esse time da Polônia já vinha se preparando, se não me engano, para as olimpíadas. Venceram o Brasil em 1974, jogando com praticamente os mesmos atletas.

Encerra-se a sua participação nas Copas do Mundo.

Três Copas. Eu tinha condições de ir a outras, mas como saí do Brasil e fui para o Cosmos, e depois México, não deu certo. Podia ter ido à Copa de 1978, na Argentina. Eu estava com 29 anos e já era veterano em Copas do Mundo [risos].

Edu, em nome da Fundação Getúlio Vargas, do CPDOC e do Museu do Futebol, agradecemos muito a sua entrevista.

Obrigado. Sou eu que agradeço a oportunidade. Estou aqui, sempre à disposição!

7. ROBERTO RIVELLINO¹

De início, gostaria que você dissesse seu nome completo, local e data de nascimento.

Meu nome é Roberto Rivellino. Eu nasci no bairro da Aclimação, em São Paulo, no dia 1º de janeiro de 1946. Quando eu tinha 2 ou 3 anos, meus pais se mudaram para a região do Brooklin, onde passei toda a minha infância.

Quais são suas lembranças do Brooklin, na década de 1950?

Essa região marcou muito minha vida porque eu acordava e já ia jogar bola descalço na rua. Naquela época, ainda não havia asfalto, a água do rio era limpa e podíamos pescar e nadar. Graças a Deus, eu tive uma infância livre e podia empinar pipa, jogar bolinha de gude, rodar pião, acender fogueiras, soltar balões e disputar peladas. Havia pouquíssimo fluxo de carros e nos divertíamos sem preocupação. Fico triste que meus filhos não puderam ter esse prazer de brincar na rua. A minha felicidade era tanta que cheguei a escrever um livro chamado *Sai da rua, Roberto!* Essa era a frase que minha mãe mais dizia.

Em meus aniversários, eu sempre pedia uma bola de capotão. Não queria outra coisa e, até na hora de dormir, não me desgrudava dela. Eu costumava ir até o açougue mais próximo e pedir sebo para passar nela. Se chovia, não tinha jogo porque eu tinha medo de estragá-la. Geralmente, quando a minha bola já estava ruim, chegava o aniversário do meu irmão e pedíamos uma nova. Na hora de jogar, íamos descalços porque, infelizmente, não havia tênis. Eu tinha uma crosta enorme no pé. Quando me machucava, passava areia na região, enrolava com um pano e estancava a ferida. Depois, quando chegava a casa, minha mãe lavava tudo com sabão. Hoje, na minha escolinha, os garotos caem, nem se machucam e já pedem um Mertiolate.

Em que seus pais trabalhavam?

É difícil falar sobre meu pai, pois eu o perdi há dez anos e desato a chorar. O nome dele era Nicolino. Ele foi bastante importante na minha vida e, desde criança, sempre esteve ao meu lado. Durante um período, ele teve uma granja e, como eu sempre gostei de bichos, levantava cedo para ir colher os ovos. Eu também ajudava o meu pai a segurar os perus

¹ Entrevistadores: Bernardo Buarque de Hollanda; Bruna Gottardo; Felipe dos Santos; local da entrevista: São Paulo, SP; data da entrevista: 26 de novembro de 2012; transcrição: Liris Ramos de Souza; data da transcrição: 7 de dezembro de 2012; edição: Pedro Zanquetta Junior.

para vaciná-los e a cortar couve e misturá-la com ovos para eles comem... Portanto, minha infância foi no mato. Em minha casa havia um pomar de laranja e bastava eu esticar a mão para apanhar a fruta.

Quando eu me tornei atleta profissional, meu pai foi meu empresário e, em conjunto com meu irmão, cuidou da minha carreira. Nós discutíamos os valores dos contratos e resolvíamos tudo, sem problema algum. Ele era um amigo e uma pessoa fantástica. Eu sempre tive vontade de ter um sítio e ele encontrou um para comprarmos em Vinhedo, onde construí um campo de bocha para ele. Nós jogávamos bastante.

Já a minha mãe é outra santa. Há três semanas ela completou 90 anos e organizamos uma festa para ela. Ela ficou muito feliz. Toda segunda-feira eu a busco em sua casa e almoçamos. A velhinha está bem e ainda vai enterrar muita gente.

Tanto ela quanto o meu pai foram fundamentais em minha carreira. Quando eu comecei a treinar no Corinthians, fazia aquilo com o maior prazer e emoção, porque eu morava perto do clube BANESPA, em Santo Amaro, e pegava um ônibus até o ponto final do Anhangabaú. Lá, eu subia a escadaria, passava pela Rua Direita, pela Praça da Sé e ia até a Praça Clóvis, onde tomava o coletivo São Judas-São Jorge, para chegar ao Parque São Jorge. Eu saía às cinco e meia da manhã e chegava lá às sete e meia. Não havia a mordomia de hoje. O treino acabava às onze horas, eu tomava banho, fazia todo o percurso novamente e chegava a casa às duas da tarde.

A minha mãe sempre me esperava com a comida pronta, pois até hoje não gosto de almoçar fora de casa. Ela é uma ótima cozinheira. Antigamente, as mulheres eram mais prendadas em termos domésticos; hoje, elas são prendadas fora de casa, ocuparam outros espaços e devem ter os mesmos direitos que os homens. Contudo, no passado, a mulher se casava para tomar conta da casa, do marido e dos filhos. Hoje esse conceito mudou.

Essa minha rotina era uma coisa maravilhosa, e o fato de eu ter feito tudo com amor e carinho culminou no desenvolvimento da minha carreira dentro do Corinthians.

Quantos irmãos você tem?

Somos três irmãos. A Vilma, a irmã mais velha, o Abílio e eu, o caçula.

Você conheceu os seus avós?

Eu conheci mais os meus avós maternos. O pai da minha mãe também se chamava Abílio e a mãe dela, Esperança. Já o meu avô paterno

era o Biagio Rivellino e a avó, a Pina. Ele era italiano e possuía uma olaria que ocupava um bom pedaço do bairro do Brooklin. Há uma fotografia em que ele aparece usando bigode e segurando uma garrucha enorme de dois canos. Era invocado.

Então, sua família se formou a partir da mistura de imigrantes?

Exatamente. A família da minha mãe é portuguesa, da Ilha da Madeira, e a do meu pai, italiana. Minha raça que é complicada. Há um tempo fiquei muito feliz ao ser convidado pelo prefeito de Macchiagodena, da província italiana de Molise, para receber o título de cidadão honorário. Eu tive o prazer de passar dez dias lá e de conhecer toda aquela região. Visitei, inclusive, a casa onde meu avô viveu, e chorei bastante porque lembrei o meu pai. Esse título, além do carinho e respeito que os italianos demonstraram por mim, é inesquecível e não há dinheiro no mundo que pague. Sinceramente, foi uma das coisas mais incríveis que aconteceram na minha vida.

Você chegou a concluir os estudos fundamentais?

Eu nunca fui muito chegado a estudar e fiz apenas o ginásio. Eu ia à escola, não é? Mas, graças a Deus, eu tinha o dom de jogar bola. Quando comecei a treinar no Corinthians e, conseqüentemente, a faltar às aulas, um professor de Língua Portuguesa, que não ia com a minha cara, me questionou: – Rivellino, por que você não veio à escola ontem? Eu justifiquei: – Fui treinar no Corinthians. Ele rebateu: – Isso não dá futuro. Respondi: – Isso é problema meu. Ele acabou me retirando da classe. Aquilo era problema meu e não dele, não é? Podia me mandar embora, mas não tinha o direito de dizer aquilo. Se meu pai me dava força, por que um professor queria reclamar comigo? Guardei isso na memória e, em 1971, quando retornei do México como campeão do mundo, comprei um Mustang novo, azul e branco. Certo dia, parei no sinal, e quem estava ao lado em um fusquinha? Meu professor de português! Nada contra fusca [risos], afinal meu primeiro carro foi desse modelo. Mas apertei a buzina alta do meu carro e dei um susto nele. Então, falei: – E aí professor, como está? Ele respondeu: – Tudo bem. Em seguida, acelerou e foi embora.

A verdade é que nunca gostei mesmo de escola. Cursei o ginásio e comecei a jogar bola. Eu levantava cedo e só voltava no meio da tarde, dessa forma só poderia estudar à noite e não sei se havia ensino noturno naquela época. Recordo de pensar: “Eu quero o futebol. É disso que eu gosto”. Era o meu desejo. Hoje é diferente, e muitos pais impõem que o filho jogue para ser um Neymar, um Ronaldo ou um Pelé da vida.

Durante sua infância, você tinha o hábito de frequentar estádios?

Não, eu fui pouquíssimas vezes. Naquela época, a várzea era maravilhosa e meus ídolos estavam lá: o Chiquita, o Adílson, o Miranda... Eles jogavam demais. No Morumbi, havia dois campos, um ao lado do outro, e todo domingo eu os assistia. Muitos olheiros de equipes profissionais iam lá para levá-los, porém eles recusavam as propostas porque já tinham seus empregos. Os valores que os olheiros ofereciam não eram os de hoje e eles preferiam continuar com suas vidas porque tinham prazer em jogar na várzea. Isso era o importante.

Eu tenho um pensamento de que a pobreza de talentos que temos hoje no futebol brasileiro está relacionada ao sumiço da várzea. Recentemente, elegeram o Bernard como revelação do Campeonato Brasileiro, contudo ele já está atuando há três anos entre os profissionais. Apontam ainda o Fred como craque do torneio. Sem dúvida, devemos aplaudi-lo pelo que ele é, porém já tem quase 30 anos e, durante todo este tempo, não apareceu mais ninguém. O desaparecimento da várzea, sem dúvida, influencia isso.

Embora eu tenha desenvolvido essa relação com o futebol amador, acompanhei alguns jogos em estádios. Por exemplo, estive na histórica partida entre Santos e Botafogo, no Pacaembu, e vi, de um lado, Garrincha, Didi, Quarentinha, Amarildo e Zagallo, e, do outro, Doval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Eles eram fantásticos. Eu era palmeirense, em razão de ser descendente de italianos, e não ia aos jogos, mas acompanhava o treinamento do time, que treinava no clube do BANESPA, e ficava admirando os atletas alviverdes. Aquela era a época do Valdir de Moraes, do Djalma Santos, do Aldemar, do Valdemar, do Geraldo Scott, do Zequinha, do Chinesinho, do Júlio Botelho e, talvez, do Vavá. Eu os observava, mas não ia ao estádio porque só queria jogar com a minha turma. Era bem legal na rua, pois se estávamos em dez, separávamos cinco para cada lado, sem escolher. O nível de todos era quase igual. Todo mundo realmente jogava bem. Hoje, na minha escolinha, nós precisamos dividir os times. Sabemos aqueles que jogam melhor e também percebemos quando algum não está com vontade. Fazemos isso para equilibrar e também motivá-los. Já na minha época, cada grupo tomava seu lado e o pau comia. Ninguém queria jogar no gol e fazíamos golzinhos pequenos com pedras. Isso era bem melhor, pois aumentava nossa habilidade na finalização.

Qual foi a primeira Copa do Mundo que você acompanhou?

Foi o Mundial de 1958, quando eu já tinha 12 anos. Eu acompanhei esse e o seguinte, de 1962, com meu pai, pelo rádio. Aquelas foram

duas copas parecidas em que tínhamos seleções brasileiras incríveis que encantaram o mundo. E foi na primeira dessas Copas do Mundo que apareceu aquele jogador que não sabe nada, o Pelé [risos].

Quando você deixou de apenas brincar na rua para começar a vislumbrar uma carreira de atleta?

Antigamente não tínhamos essa ideia de “eu quero jogar, vou ser jogador”. O sujeito gostava, ia jogando e podia aparecer uma oportunidade. Como a concorrência e a qualidade eram enormes, ficava difícil. No meu caso, eu era palmeirense e, na minha infância, jogava futebol de salão pelo BANESPA² e futebol de campo pelo Indiano.³ Certa vez, calhou de decidirmos um título de salão contra o Palmeiras. A primeira partida foi em casa. Meu pai dificilmente me acompanhava nesse tipo de jogo, porém ficou sabendo que era uma decisão e decidiu ir. Eu, realmente, era danado no salão. Jogava bem e ia para cima, mesmo com aquelas bolas ruins da época. O treinador do juvenil do Palmeiras na época era o Mário Travaglini.⁴ Ele gostou de me ver atuar e me procurou. Infelizmente, existe até hoje uma mística de que quem joga bem no salão não joga no campo. Isso deixou o Mário desconfiado, todavia meu pai esclareceu: – Ele também joga futebol de campo. Então, um padrinho meu me levou ao Palmeiras. Treinei dois dias e nada. Não é porque eu sou o Rivellino que ele tinha que olhar para mim. Entretanto, eu sou canhoto e quando alguém assim é bom, a maneira de bater, de conduzir a bola e de driblar é diferente. De vez em quando, eu fazia uma jogada bonita, olhava para o treinador e ele nem estava aí.

No terceiro treino, ele separou um grupo em que eu estava e alertou: – Se vocês quiserem, podem se trocar, mas não sei se vão treinar. Eu retruquei: – Não pedi para vir aqui, pô. Eu sou meio pávio curto e soltei o verbo. Disse então para meu padrinho: – Vamos embora. Expliquei o que havia acontecido e partimos.

Nesse ínterim, um membro do Indiano, o seu Paulo Laguna, era diretor do Corinthians e começou a me indicar para o João Cerino, responsável pelo futebol amador do Timão. Era final de ano e ele marcou um dia para eu ir lá treinar. Eu ia decidir a final do futebol de salão no Palmeiras e acabei arrebrandando com o jogo. O Mário Travaglini estava assistindo e eu nem liguei para ele. Quando acabou a partida, ele foi me

2 Esporte Clube BANESPA, surgido na cidade de São Paulo em 1930.

3 Clube Atlético Indiano, fundado na cidade de São Paulo em 1930.

4 Mário Travaglini, treinador que comandou a Sociedade Esportiva Palmeiras entre 1963 e 1971, e de 1984 e 1985.

procurar e disse: – Olha, quero pedir desculpa porque naquele treino eu não fui legal, mas, no ano que vem, eu gostaria que você estivesse conosco. Eu respondi: – Não, agora eu vou para o Corinthians. Ele insistiu: – Mas eu mando um carro te apanhar em casa. Refutei, por fim: – O senhor não está entendendo, agora irei para o Corinthians. Obrigado e tchau. Assim, na virada de 1962 para 1963, começou minha trajetória no Timão, que, graças a Deus, me recebeu de braços abertos. Eu sequer fui pra peneira, já comecei trabalhando com o José Castelli,⁵ o Rato, que estava preparando a equipe juvenil para um campeonato. Uma pessoa que me ajudou demais nesse momento de chegada foi o Mendes,⁶ capitão do time juvenil. Ele me apresentou para todo mundo e me deixou bastante à vontade. Mais tarde, atuamos juntos na equipe principal.

Em 1964, eu me lembro de falar para meu pai que eu seria titular do juvenil porque um meio-campista, chamado Serginho, passaria da idade e deixaria a vaga. Contudo, o time não estava ganhando e o José Castelo resolveu me colocar no lugar dele ainda em 1963. Para minha felicidade, comecei muito bem.

No ano seguinte, retomaram o campeonato de aspirantes nas partidas preliminares e eu estava entre aqueles que formavam a equipe alvinegra. Contudo, o time principal estava sem um meio-campista e o Luís Trochillo,⁷ um dos outros meias, disse para o Paulo Amaral,⁸ treinador na época: – Tem um moleque lá embaixo que joga muito bem, convoque ele. Na primeira partida pelos aspirantes, tive uma boa atuação e fui embora direto para casa. Na segunda-feira, ao retornar ao clube, já me colocaram para treinar entre os profissionais. Como não retornei para o juvenil, o Paulo Amaral mandou me chamar e disse: – Faça o favor, por que você não voltou com a gente depois do jogo? Eu disse: – Ué, acabou a partida, eu fui para casa. Ele reclamou: – Não, você não entendeu. Os atletas só são liberados no dia seguinte. Eu realmente não sabia que voltávamos para a concentração depois dos jogos. Apesar dessa confusão, continuei atuando bem na equipe aspirante, tínhamos um time fantástico e fomos campeões. O Antônio Guzman,⁹ do *Diário da Noite*, chegou a escrever: “Vá mais cedo ao estádio porque tem um garoto muito bom nos aspirantes”. E, realmente, o pessoal da

5 José Castelli, mais conhecido como Rato, meio-campista que defendeu o Sport Club Corinthians Paulista entre 1921 e 1931 e de 1934 a 1937. Foi treinador da equipe em 1937, entre 1942 e 1943 e de 1951 a 1954.

6 Sebastião Mendes Neto, zagueiro do Corinthians entre 1965 e 1970.

7 Luís Trochillo, meio-campista que atuou no Corinthians de 1949 a 1960 e entre 1964 e 1967.

8 Paulo Lima Amaral, técnico do Corinthians em 1964.

9 Antônio Guzman, jornalista com passagem por grandes veículos de comunicação de São Paulo como o *Diário Popular*, o *Diário da Noite*, a *Folha da Tarde* e o *Mundo Esportivo*.

torcida do Corinthians começou a assistir a nossas atuações para acompanhar eu e o Sérgio Echigo,¹⁰ o japonês, com quem aprendi o famoso drible elástico.

Naquele ano, o treinador do time principal era o Roberto Belangero,¹¹ e eles estavam apanhando de todo mundo. Começou então uma pressão para me colocarem no profissional. O Roberto, uma pessoa fantástica, me chamou um dia e disse: – Riva, não vou te colocar, não adianta. O time está mal e você pode se queimar. Eu respondi: – Fique à vontade, eu quero jogar. Se amanhã você achar que preciso atuar, eu vou. Porém, se não achar, você está no seu direito e eu respeito, sem problema nenhum. Assim, permaneci nos aspirantes em 1964 e estreei somente em 1965, já com o Osvaldo Brandão¹² dirigindo o Corinthians.

Como se deu a assinatura do seu primeiro contrato profissional?

Em 1964, eu levava gente para o estádio e já me projetavam para a Seleção Brasileira, todavia recebia apenas uma ajuda de custo, ou seja, o dinheiro para pagar a condução. Era o acordo. No ano seguinte, eu aceitei um contrato de gaveta absurdo porque disseram ao meu pai: – Se você não assinar, teu filho não joga. Além disso, eu me lembro do Wadih Helu,¹³ o presidente na época, me dizer: – Não posso te dar muito dinheiro, pois não sei se você será bom jogador. Quando consenti aquilo, perdi minha liberdade, pois não custei nada ao clube e só tinha direito a quinze por cento do meu valor, em caso de venda.

Em seu percurso da rua para o futebol de salão e, de lá, para o futebol profissional, seu posicionamento em campo e suas características já estavam definidas?

No salão eu era um ala, apesar de que rodávamos muito e não tínhamos uma posição bem definida. O único mais fixo era o Chupim, que ficava na frente para receber a bola lançada pelo goleiro e a ajeitar para quem chegava. Pela minha facilidade de bater na bola, eu gostava de vir de trás. Já no campo, como era canhoto, queriam me escalar na ponta-esquerda. Eu dizia: – Por ali, não. Quero jogar no meio. Eu não era rápido e, naquela época, os pontas eram velocistas e ficavam abertos para receber a bola no fundo. Eu, em contrapartida, pensava e tinha facilidade para meter a bola, chegar ao ataque e finalizar bem. Eu podia

10 Sérgio Echigo, meio-campista do Corinthians entre 1964 e 1965.

11 Roberto Belangero, volante que defendeu o Corinthians entre 1947 e 1960. Em 1964, atuou como treinador da equipe.

12 Osvaldo Brandão, técnico do Corinthians de 1954 a 1957, entre 1964 e 1966, em 1968, de 1977 a 1978 e entre 1980 e 1981.

13 Wadih Helu, advogado e político. Ocupou a presidência do clube entre 1961 e 1971.

até jogar na ponta, receber atrás e tentar o drible, que era minha característica, porém preferia atuar mais centralizado.

Você procurava treinar para apurar a potência do chute e a precisão dos lançamentos?

Não, essa era uma característica minha e jamais treinei maneiras de bater na bola. Se me perguntarem: – Como você chuta?, responderei: – Da mesma forma que você. Agora, se a bola anda mais rápido, talvez seja em razão do jeito que se bate. Sem dúvida, não era pela força, todavia minha facilidade me faz dominar a bola e, com pouco espaço, lançá-la a quarenta ou cinquenta metros. Eu não preciso tomar distância para chutar. Não sei como aprendi isso e também não sei ensinar. Isso é um dom que Deus me deu.

Em 1966, você já vislumbrava a possibilidade de integrar a Seleção Brasileira na Copa do Mundo da Inglaterra?

Eu já era profissional e, logicamente, almejava isso para minha carreira. No ano anterior, ocorreu um amistoso, no Pacaembu, entre um combinado de jogadores paulistas e a seleção da Hungria, para o qual fui convocado. Foi a primeira vez que vesti a camisa da Seleção Brasileira, e nós vencemos. Naquele mesmo dia, a seleção principal enfrentou a União Soviética, no Maracanã. Anos depois, em 1968, fui convocado pelo Aymoré Moreira¹⁴ para uma excursão da Seleção Brasileira. Ali montamos o tripé, um meio de campo com três canhotos: eu, o Gérson e o Tostão. Fizemos uma série de jogos e fui considerado o melhor jogador da turnê. Assim começou a minha trajetória dentro da Seleção Brasileira. Em 1969, disputei as Eliminatórias para a Copa do Mundo e, em 1970, o Mundial. Permaneci até 1978, ou seja, fiquei praticamente dez anos dentro do selecionado.

O final dos anos 1960 foi um momento conturbado na história do Corinthians devido à ausência de títulos. Como você vivenciou isso?

Eu peguei esse barco, mas fazia parte. Fiquei praticamente onze anos no Timão e, mais do que ninguém, queria ser campeão pelo clube. A partir disso, eu elevaria meu nome, ganharia regalias e melhoraria o meu contrato. Tudo era benéfico. Infelizmente, não era para eu conquistar títulos lá.

Analisando tudo o que passou, a impressão que eu tinha é de que não havia interesse da imprensa, ou de uma certa cúpula de pessoas, de

¹⁴ Aymoré Moreira, treinador da Seleção Brasileira de 1967 a 1968.

que o Corinthians fosse campeão. Nós éramos muito prejudicados. As coisas se passavam na frente de todos e não acontecia nada. Sou sincero e sei que a nossa equipe era a pior de todas se comparada às dos nossos adversários. Éramos inferiores até ao time da Portuguesa. Eu não sei se a administração era ruim, se contratavam errado ou se o treinador não ajudava. Apesar disso, sempre brigávamos pelos títulos. Podíamos ter disputado duas vezes a final do Campeonato Brasileiro e nos impediram: uma vez em Minas Gerais, contra o Cruzeiro, e outra, no Rio de Janeiro, contra o Botafogo. Houve até uma declaração do Valtencir,¹⁵ zagueiro do alvinegro, em que assumia: – Eu cometi a infração, mas o juiz não deu. Tenho culpa? Um negócio vergonhoso.

Já em relação ao Campeonato Paulista, o nosso time não era o melhor e mais competente. Peguei uma fase em que o Santos tinha um ótimo time, o Palmeiras vivia a Academia, o São Paulo, por sua vez, tinha a felicidade do presidente do clube, Laudo Natel,¹⁶ ser também governador de São Paulo e se sentar no banco de reservas. Os tricolores, em razão disso, foram bicampeões paulistas, em 1970 e 1971. Esses fatores, sem dúvida, influenciavam. Outra coisa que eu percebia é que quanto mais o Corinthians estava numa pior, mais jornais eram vendidos. Hoje, o clube está no êxtase e ninguém fala mal. Só falam sobre novas projeções e acredito que os periódicos não vendam tantas edições.

Todo esse período de dificuldades culminou em 1974, na decisão do Campeonato Paulista contra o Palmeiras. Isso começou porque o Vicente Matheus,¹⁷ nosso presidente, erradamente decidiu realizar a última partida no Morumbi. Nós havíamos jogado a primeira no Pacaembu e empatado em 1 a 1. Quando recebemos essa notícia, estávamos concentrados em Águas de Lindóia, e reclamei: – Como assim, no Morumbi? Se quarta-feira não precisamos jogar lá, por que agora iremos? O Vicente Matheus gostava de dinheiro e acreditou na ideia de que o estádio lotaria e daria uma boa renda. Além disso, por trás dessa ideia estava o Osvaldo Brandão, um macaco velho. Quando fomos ao Morumbi, a grama estava tão alta que a bola não rolava. Não estou dizendo que seríamos campeões se jogássemos no Pacaembu, mas pela característica da nossa equipe e pelo que o estádio representava para nós, as possibilidades seriam maiores.

15 Valtencir Pereira Senra, zagueiro que defendeu o Botafogo entre 1967 e 1976.

16 Laudo Natel, político, empresário e dirigente esportivo. Foi governador de São Paulo de 1966 a 1967 e entre 1971 e 1975. Presidiu o São Paulo Futebol Clube de 1956 a 1972.

17 Vicente Matheus Bathe, empresário espanhol que dirigiu o Sport Club Corinthians Paulista nos seguintes períodos: 1959 a 1961; 1971 a 1977; 1977 a 1981; e 1987 a 1991.

Durante a partida, sofri uma falta do Luís Pereira,¹⁸ que o juiz não deu, e, na sequência, sofremos o gol que sentenciou nossa derrota. Então, apareceu uma pessoa chamada J. Hawila,¹⁹ que somente trinta e poucos anos depois me pediu desculpas. Eu havia dado três ou quatro entrevistas para ele, mas não sei por qual razão resolveu desencadear uma campanha maldosa contra mim. A imprensa foi muito maldosa, sem-vergonha e tachou: “Rivellino é o culpado”. Eu não jogava sozinho, não é? O presidente do Corinthians e os demais jogadores se omitiram. Então, o maior presidente de clube que eu vi na minha vida, o Francisco Horta,²⁰ veio do Rio de Janeiro para me contratar.

Nesta ocasião, o mandatário do Corinthians chegou a virar para mim e dizer: – Como vou te vender, darei os quinze por cento a que você tem direito para o Horta. Eu falei: – Por isso não, presidente. O senhor pode ficar com essa porcentagem. Ou seja, ele fez uma maldade. Eu nunca me vi vestindo outra camisa porque, para mim, a minha carreira terminaria naquele clube. Contudo, a pressão foi tão grande que cheguei ao ponto de conversar com a minha família sobre abandonar o futebol. Ainda bem que apareceu o Horta e tive a oportunidade de jogar no Rio, uma praça maravilhosa. Os cariocas já tinham um carinho grande por mim e, durante quatro anos, fui feliz lá. Eu guardo um carinho especial pelo Fluminense, pois os cariocas me abraçaram em um momento difícil na minha vida. Eu sou paulistano, corintiano e nunca desejei sair daqui, mas me mandaram embora e encontrei o Fluminense.

E a relação com a torcida corintiana durante esse período complicado, como era?

Eu nunca tive problema com eles. O que aconteceu foi que todos os veículos de imprensa começaram a falar mal de mim. O torcedor gosta de aparecer, pegou o barco andando e começou a reproduzir: – O Rivellino não joga nada. Se eu não era bom, como fui o maior jogador da equipe durante onze anos e até hoje dizem que fui o melhor atleta da história do clube? E quem diz isso não sou eu, são os próprios torcedores. Portanto, caíram em si depois. Sem dúvida, posso ter tido minha parcela de culpa, afinal eu fazia parte do grupo, porém é exagero eu ser o único responsável. Apesar disso tudo, até hoje o torcedor corintiano tem muito carinho e respeito por mim. A Estopim da Fiel²¹ recentemente prestou uma homenagem a mim e até me emocionei. O

18 Luís Edmundo Pereira, zagueiro da Sociedade Esportiva Palmeiras entre 1968 e 1974 e de 1981 a 1984.

19 José Hawila, advogado, jornalista e proprietário do Traffic Group, empresa de marketing esportivo.

20 Francisco Luiz Cavalcanti da Cunha Horta, presidente do Fluminense Football Club entre 1975 e 1977.

21 Grêmio Escola de Samba Estopim da Fiel Torcida, torcida organizada do Sport Club Corinthians surgida em 1979.

Andrés Sanchez,²² que já considero o maior presidente da história do clube, construiu um centro de treinamento fantástico, batizou um dos campos com meu nome e me colocou na calçada da fama. Além disso, quando o Timão completou cem anos, ele fez questão de me convidar para a festa e, em seu discurso, citou três pessoas: a primeira-dama, o Ronaldo e eu, o qual chamou de “o maior jogador da história do Corinthians”. Ele diz que eu sempre saio pela porta da frente enquanto a maioria segue a de trás. Esse reconhecimento mostra que eu não estava errado e que os equivocados foram aqueles que me mandaram embora do clube no passado.

Como foi a sua primeira partida pelo Fluminense contra o Corinthians?

Não podia ser melhor: eu fiz três gols. No futebol, isso é a coisa mais importante. É naquele momento que o atleta vibra, contagia seu torcedor e compartilha com ele aquele momento mágico. Muitos jogadores que surgiram ou jogaram em determinado clube não comemoram o gol quando anotam contra ele. Justificam: – Eu não vou comemorar em respeito. Isso não tem nada a ver. Penso que deve ter respeito pelo clube em que está, pois é um profissional. O mesmo que joguei no Corinthians, joguei no Fluminense. O único diferencial que eu tinha na equipe carioca era um presidente que formou um ótimo time, que ficou reconhecido por dois anos como a Máquina Tricolor. Não fui eu quem contratou um treinador fantástico e os jogadores certos para formar aquela máquina. No Corinthians, não tive essa felicidade de ver formarem uma máquina para ser campeã. Graças a Deus, no tricolor, fui bicampeão carioca, em 1975 e 1976. E merecíamos também ter sido campeões brasileiros. Tivemos duas oportunidades, contudo não conseguimos. Ainda assim, só tenho a agradecer ao Francisco Horta por ter acreditado em mim e pelos quatro anos maravilhosos que passei no Rio de Janeiro.

Atualmente, a Seleção Brasileira que venceu a Copa do Mundo de 1970, no México, é vista como aquela que materializou o futebol arte, contudo o período de preparação para aquele torneio foi complicado e envolveu uma mudança de treinador. Quais são suas memórias sobre esse momento?

Inicialmente, nós tínhamos o João Saldanha como treinador, que era muito prático. Na época, havia dois times fantásticos, o Botafogo e o Santos, e ele determinou: – Meu time é esse. Nós respeitamos. Ele jogava com dois pontas abertos, o Jair e o Edu, e o resto da equipe era

22 Andrés Navarro Sanchez, empresário e político. Presidiu o Sport Club Corinthians Paulista entre 2007 e 2011 e atuou como diretor de seleções da Confederação Brasileira de Futebol de 2011 a 2012.

Tostão, Pelé, Gérson, Piazza, Carlos Alberto, Djalma Dias, Joel e Rildo. Essa era a equipe e ele não mexia. Dizia: – Só sairá se jogar muito mal ou tiver uma contusão. Dessa maneira, eu, o Clodoaldo, o Paulo César e o Zé Maria estávamos no banco. Pô, a gente queria jogar. Durante todo o período das Eliminatórias, podíamos estar vencendo por 4 a 0 e, ainda assim, ele não fazia substituições. Apesar disso, existia uma expectativa de que ele iria me colocar e, em determinado momento, o Tostão não treinou e o Saldanha me disse: – Vou te colocar como centroavante. Vá treinar. Naquele coletivo formamos uma linha de frente com Jair, Gérson, eu, Pelé e Edu. Fomos bem, mas eu não me enquadrava. No final, ele me perguntou: – Foi legal, não é? Respondi: – Não João, você não está entendendo, eu estou fora. Não sei jogar nessa posição, vou atrapalhar e não me sentirei bem. Quando tiver a oportunidade de atuar na minha posição, eu jogarei.

Então, no penúltimo jogo das Eliminatórias, contra a Colômbia, no Maracanã, havíamos feito três ou quatro gols e ele disse: – Aqueça, Riva. Eu tomei um susto. Nunca me esquecerei disso. Eu joguei trinta e seis minutos, mas, quando entrei, ele tirou o Pelé e colocou o Paulo César. Eu queria jogar com o Negão, pô! Foi uma jogada porque eu fui muito feliz naquela partida, fiz gol tabelando com o Paulo César, coloquei uma bola na trave, meti uma rosca diferente para o Edu... No jornal do dia seguinte, quinta-feira, questionavam: “Quem jogou melhor: Rivellino ou Tostão?”. Ele atuou noventa minutos e eu apenas trinta e seis. Então, deixei uma boa impressão. No domingo, com recorde de público no Maracanã enfrentamos o Paraguai para decidir a vaga. Precisávamos ganhar e o pau comeu. O primeiro tempo acabou o a o e foi um jogo ruim. A equipe voltou dura do intervalo e, aos vinte minutos, a torcida inteira começou a gritar: – Rivellino! Jamais me esquecerei disso. Foi demais! Eu nem olhava para o João Saldanha... [risos]. De repente, graças a Deus, o Edu fez uma jogada, o goleiro rebateu e o Pelé marcou. Enfim, nos classificamos e começou o trabalho para a Copa do Mundo.

A partir dali, a imprensa carioca começou a dar pancada no Saldanha. O Presidente Médici se pronunciou manifestando querer a convocação do Dario. O João era fogo, tinha o pavio curto, e retrucou: – Você convoca seu ministério, quem convoca a Seleção sou eu. Depois disso, o Saldanha percebeu que iria sair. Eu não imaginava que isso pudesse acontecer, mas, para minha felicidade, do dia para a noite, tudo mudou, ele caiu e o Zagallo assumiu. Eu me lembro da apresentação até hoje. O Edu é meu irmão, assim como a maioria dos jogadores daquela equipe, e eu estava sempre ao lado dele. É um gênio e havia sido eleito o melhor jogador das Eliminatórias. Pena que nasceu na época errada. Quando

acabou a apresentação do Zagallo, ele me disse: – Riva, não jogo mais na Seleção. Respondi: – Está de brincadeira, não é? Ele explicou: – O esquema tático vai me matar. Calhou que aquilo aconteceu de fato. Eu, o maior amigo dele, o substituí. Obviamente eu queria jogar. Não é por causa da amizade que vou abrir mão de atuar. E, de fato, taticamente o Zagallo tinha um esquema na cabeça. Em 1958 e em 1962, ele havia jogado recuado e queria uma pessoa para realizar esse trabalho. Até então, eu nem cogitava jogar na ponta-esquerda e ele tinha o Paulo César, do Botafogo, que fazia isso de olho fechado. Acontece que o Paulo fez uma graça em uma partida e os caras ficaram bravos.

Além disso, uma parte da torcida o odiava. Coitado, mesmo fazendo dez gols, queriam ele fora da equipe. Dessa forma, na véspera da última partida preparatória, contra a Áustria, estávamos no Retiro dos Padres, no Rio de Janeiro, eu sequer havia treinado com os titulares e o Chirol me avisou: – Você vai jogar na ponta-esquerda. Perguntei: – Como é? Ele respondeu: – O Zagallo vai te explicar. Na minha cabeça, voltou aquela conversa que tive com o Saldanha. Então, questionei o Zagallo: – Como é essa ponta-esquerda? Se você quiser alguém para ficar aberto por ali, pode usar o Edu, que faz isso com o pé nas costas, ou o Paulo César... Ele explicou: – Eu quero você, Clodoaldo, Gérson... Indaguei: – Você dá liberdade para eu me movimentar? Ele disse: – Você terá. Ele queria uma chegada vindo de trás, porque o Gérson era mais um armador que se projetava à frente, tabelando.

Aquela partida contra a Áustria foi o jogo da minha vida. Se fosse mal, tinha o Paulo César lá fora, sem pressão e que fazia aquilo sem problema algum. Eu precisava então fazer alguma graça. Deus me ajudou e fui muito feliz porque ganhamos de 1 a 0 e fiz o gol com um chute de fora da área. Fui considerado o melhor em campo e começaram a chamar meu chute de “Patada atômica”. Dali em diante, eu me tornei titular e não saí mais do time.

Nesse momento em que o Zagallo assumiu a Seleção Brasileira como treinador, você sentiu uma mudança ou o estabelecimento de um novo planejamento?

Sem dúvida. Ocorreu uma alteração bem grande. Na época, havia o problema militar, que era forte. Entre os preparadores físicos, apenas o Chirol e o Parreira não eram do Exército. Entre os outros, o segurança era das Forças Armadas e a chefia da delegação estava a cargo do Brigadeiro Jerônimo Bastos, uma pessoa maravilhosa, mas que fazia parte do governo. Após nossos amistosos em Guadalajara, ele nos colocava no telefone para falar com o Médici. O Presidente dizia: – Oi, Riva. Você foi bem, parabéns. Vamos ganhar? Eu respondia:

– Claro, presidente. Vamos sim. Estamos aqui para vencer, não para passear. É chato ter que fazer isso porque a nossa linguagem é mais simples. Inclusive, após a partida contra o Uruguai, também conversamos. E depois, após a final, devido à loucura da festa, fui o único que não se comunicou com ele. Então, havia esse envolvimento.

Apesar de eles estarem lá, foi fantástico, e não impunham aquele regime militar. Havia a concentração, que fazia parte, já que os médicos pensavam de maneira diferente naquela época. Talvez fosse até exagerado, porém respeitávamos, pois o nosso intuito era vencer a Copa do Mundo. Eu não me arrependo de nada e considero que tudo foi muito *light*, mesmo quando eu falava com o Presidente Médici. Ele dizia “tem que ganhar” não com tom autoritário, todavia como um torcedor entusiasmado com a Seleção, porque saímos do Brasil totalmente desacreditados e vaiados. Apenas na volta, quando desfilamos no Rio de Janeiro e em Brasília, tivemos um reconhecimento com inúmeros cartazes pedindo desculpas pelas vaias. Infelizmente, naquele retorno, o desfile em São Paulo ficou por último e só sobramos dez ou nove gatos pingados para atenderem toda a cidade, que parou para nos receber. Esse foi um momento importante porque, apesar do Clodoaldo estar presente, eu fui o centro das atenções nas saudações devido ao meu estilo de jogo e por fazer gols. Eu tenho muitos álbuns montados pelo meu pai que me mostram no meio da multidão durante essa recepção.

Quando se fala sobre a Copa do Mundo de 1970, a maioria das pessoas se recorda dos grandes lances e dos jogos finais, mas quais foram as dificuldades da primeira fase, em geral, e da primeira partida, em que a Seleção Brasileira começou sofrendo um gol da Tchecoslováquia?

Nós pegamos uma chave complicada, pois os ingleses eram os atuais campeões mundiais; a Tchecoslováquia, campeã da Europa; e a Romênia, a sensação europeia. No primeiro jogo, nós não sabíamos o que poderia acontecer, porém não éramos idiotas, conhecíamos nosso potencial e fizemos uma preparação excelente. Nunca estive tão bem fisicamente na minha vida como naquele mundial. Havíamos trabalhado mais de um mês na altitude de Guadalajara. De fato, no começo do jogo, o Petra fez um gol, mas, depois, graças à minha facilidade de bater na bola, acertei um chute e empatei. Na sequência, fizemos outro gol e as coisas começaram a se encaminhar. Por fim, metemos 4 a 1 na campeã da Europa e podíamos ter feito mais. Iniciamos bem, com uma vitória que convenceu todo mundo. Para nós, foi maravilhoso e, de repente, nossa confiança aumentou.

O jogo mais difícil da primeira fase foi contra a Inglaterra. Qual-

quer resultado poderia ter acontecido naquela partida, todavia ganhamos por 1 a 0. Naquele confronto, o Gérson não atuou e joguei como meia. O Paulo entrou na ponta-esquerda e jogou uma barbaridade. Às vezes, eu estava atuando naquela posição, perto do banco de reservas, e assim que via o Paulo César e o Edu imediatamente pensava: – O que estou fazendo aqui? Dois especialistas, cada um com a sua característica e em ótima fase. Mas, claro, eu queria jogar. O Zagallo achou que eu me daria bem por ali, eu me encaixei e funcionou. Além disso, atuar ao lado do Gérson, do Pelé, do Clodoaldo, do Jair, do Carlos Alberto e do Tostão torna tudo mais fácil.

Além da Inglaterra, tivemos problemas contra a Romênia – em uma partida em que não atuei em razão de uma contusão – e, ainda, nos confrontos com o Peru e o Uruguai. Depois disso, deslanchamos. A cada jogo que passava, a nossa tendência era evoluir. Se tivéssemos mais duas ou três partidas, acredito que iríamos jogar melhor a cada vez. Fisicamente, estávamos muito bem preparados. No final das partidas, parecia que eu não havia jogado. No Hotel Caribe, em Guadalajara, havia uma piscina e Doutor Lídio²³ não nos deixava usá-la. Ele advertia: – Não pode, vá descansar. Respondíamos: – Mas não estamos cansados. Aquela seleção tinha fôlego e foi realmente fantástica e importante.

O apoio em massa da torcida mexicana em relação à Seleção Brasileira foi algo inesperado? Isso fazia vocês se sentirem jogando em casa?

Inicialmente, já havia um bom relacionamento, todavia acho que aumentou muito depois que a Seleção Mexicana foi eliminada. A partir dali, viraram uma coisa para cima do Brasil. Quando passávamos por uma avenida próxima ao estádio, em Guadalajara, eles paravam nosso ônibus e carregavam bonecos que nos representavam, faixas, enfim, era uma festa! No estádio, então, todos eram nossos torcedores. Nós correspondíamos jogando um futebol maravilhoso, com qualidade e com jogadas bonitas, como era de nossa característica. O Pelé, naquele Mundial, fez coisas incríveis, além dos gols fantásticos que quase anotou... Aquilo era natural dele, não era forçado. Portanto, fazíamos as coisas naturalmente. Não sei se jogávamos bonito, mas as jogadas eram plásticas. Sabíamos fazer tudo aquilo porque sempre fizemos, ninguém inventou nada lá. O tempo de bola que só o Pelé tem o fez anotar aquele gol de cabeça contra a Itália. Quem fazia o “elástico”? Apenas eu sei dar aquele drible. Muita gente hoje tenta reproduzir e é até bonito, gosto de ver, mas igual ao meu, só eu sei fazer. O jogo podia ser bonito para

23 Lídio Toledo, médico da Seleção Brasileira nos mundiais de 1970, 1974, 1978, 1990, 1994 e 1998.

quem estava assistindo, porém, para nós, era algo natural que fazíamos no dia a dia.

Não era exibicionismo, não é?

Não, pelo contrário, nunca fizemos graça. E, para fechar com chave de ouro, tivemos a benção de Deus com aquela jogada do último gol, contra a Itália. Acho que ele disse: – Vou coroar essa Seleção. Ele colocou o Clodoaldo com a camisa número 7, do Garrincha, e não sei como ele conseguiu trançar as pernas, driblar quatro italianos e tocar para mim. Eu passei para o Jair, que saiu nas costas de um adversário. Ele tocou para o Pelé, que rolou para o Carlos Alberto, que chegava de trás, anotar o quarto gol. Uma coisa fantástica! O Clodoaldo menosprezou os italianos? Não, apesar de ser um jogador de marcação que não costumava driblar, de repente ele executou aquela jogada porque achou que tinha que fazê-la naquele momento. Depois, as coisas saíram naturalmente.

Quanto à partida contra o Uruguai, na época tentaram estabelecê-la como uma revanche em relação a 1950, não é?

Eu não entendo certas coisas que acontecem no futebol. De repente, queriam colocar na minha cabeça um revide a 1950. Eu falei: – Nasci em 1946, ou seja, tinha 4 anos naquela época. Eu sei que o Brasil perdeu! E quem resolverá serão os mesmos jogadores? Já se passaram vinte anos! Sei que todo o Brasil chorou, mas eu era uma criança, nem sabia que um dia jogaria contra eles. Em uma entrevista, lembro de dizer ao jornalista: – Você quer que eu entre em campo preocupado com 1950? É isso mesmo? Está bem, eu estou preocupado. Pô, iríamos disputar uma partida totalmente diferente, em outro local, clima... Até a bola já não era a mesma. Fomos para o jogo e foi difícil, claro. Eles tinham uma seleção fortíssima, e depois de 1970 nunca mais formaram outra tão boa. Nós os vencemos e a imprensa nos entrevistou parabenizando. Eu questioneei: – Parabéns? Não, agora eu quero falar sobre 1950 com você.

Naquela preparação para o Mundial de 1970, o Parreira desenvolveu um trabalho interessante fotografando jogadas dos adversários. Antes das partidas, vocês estudavam os rivais?

Sim, ele tirou muitas fotos e nos mostrava a movimentação tática. De certa forma, nós éramos treinados pelo Zagallo para jogarmos de três maneiras. A primeira delas era “pressão”, ou seja, marcação; a segunda, “meia-pressão”, marcando no campo adversário; e a terceira, o “nosso campo”, quando estávamos ganhando, porque eles viam que tínhamos o Jair, um jogador veloz, com saída rápida. O Pelé ficava sempre em

um ponto morto e a primeira bola passava por ele. O segundo gol contra o Uruguai, por exemplo, surgiu a partir de uma bola roubada. O Pelé tocou para o Tostão, que passou para o Jair, em um contra-ataque. Tínhamos essas características de jogar. Antigamente, no meio-campo, havia apenas um marcador, que, no nosso caso, era o Clodoaldo. Eu não marcava, apenas ocupava espaço. Não era roubador de bola. O Gérson ainda recuperava algumas, embora também não fosse defensor. Às vezes, o adversário tinha jogadores de muita qualidade e não era possível anular todos, então ocupávamos mais espaços. Portanto, existia uma preocupação com determinadas jogadas das outras equipes e um trabalho em torno disso.

Qual é a sua lembrança em relação ao ambiente de convivência daquele grupo? Era um grupo unido?

Esse papo de união é pegajoso. Quando se ganha, dizem: – O grupo é unido. Não é assim. Nós tínhamos nossos problemas. Como todo mundo sabe, o Fontana e o Pelé nunca se entenderam. O Leão tem um temperamento que era difícil também. Entretanto, a maioria se dava bem. Apesar disso, por exemplo, o fato de eu ter muitos amigos não significa que vou jantar com eles, que vou conhecer seus familiares... No meu conceito, essa amizade é importante no campo. Essa ideia de que um time ganha porque é unido não existe. O fundamental é se dar bem no campo e vencer. Fora dele, não importa se um não gosta do outro. Depois da vitória, cada um vai para sua casa e encontra seus amigos de verdade. É claro que o grupo deve pensar junto, principalmente aqueles que estão no banco. É preciso ter um pensamento positivo. Agora, nem tudo é bonito, gostoso e maravilhoso.

Após o apito final da partida contra a Itália, a festa no estádio foi marcante, não é?

Eu desmaiei [risos]. Eu lembro que o Pelé dizia: – O Riva, o Riva!, mas foi legal. Era a minha primeira Copa do Mundo e fui naquela tensão, querendo vencer a final. O nosso grupo, realmente, era fantástico. Tínhamos um dos maiores jogadores do mundo e ele fazia questão de ganhar. Toda hora passava por mim e dizia: – Ei, moleque, é para vencer! Vamos ganhar essa! O Pelé foi o maior exemplo que tive na minha vida. Ele era o primeiro da fila no treinamento. No almoço, o bife estava duro que nem pedra e ele não reclamava, apenas cortava bem pequenininho para comer. Eu olhava e pensava: – Ele vai reclamar, não é possível! Ficamos em um castelo em Guadalajara e, na hora de dormir, precisávamos levantar os colchões para ver se não havia escorpiões embaixo. Eu

nunca vi esse homem reclamar se tinha escorpião, se o bife era duro, se o café estava ruim, se o treino era puxado... Por isso que é esse jogador fantástico e homem maravilhoso. Tudo o que aconteceu lá, realmente mexeu com a gente. Foi demais!

Entre o final do Mundial de 1970 e a disputa da Copa do Mundo de 1974, houve uma reformulação da Seleção Brasileira com a saída do Pelé, do Gérson, do Tostão, do Carlos Alberto... Como foi essa transformação que te colocava como um dos principais personagens?

Em 1974, nós tivemos um problema político. O Pelé tinha condições de jogar, porém aconteceu uma briga entre ele e o João Havelange. Ele poderia ter atuado como o Maradona em 1990, que apenas ficou lá na frente e conseguiu ajudar a desclassificar o Brasil. Enfim, o Zagallo acreditou em uma seleção baseada no Palmeiras, que desde 1972 vinha muito bem. O time era Zé Maria, Luiz Pereira, Marinho Chagas, Clodoaldo, Jair, Leivinha, Cesar, eu, Paulo César... Então, o Cesar teve um problema e não estava bem, o Leivinha se machucou... Na sequência, fizemos um jogo, o Clodoaldo também se contundiu e o forçaram a jogar. Quiseram testá-lo e eu fui contra. Para que fazer uma avaliação com um jogador como ele? Acabou agravando a lesão e ficou fora da Copa do Mundo. Ele é um baita jogador e fiquei muito triste. Com isso, o Zagallo teve que mexer e colocou o Paulo César Carpegiani como volante, outro grande jogador.

Em virtude de tudo isso, fizemos até milagre por chegarmos tão longe com aquela Seleção. Poderíamos ter alcançado a final, contudo perdemos duas oportunidades fantásticas contra a Holanda. Se uma daquela entra, mudava a cara do jogo. Além disso, enfrentamos uma seleção que encantou o mundo com um futebol compacto, envolvente, jogado de maneira fantástica e que contava com um jogador fenomenal, o Cruyff. Tudo girava em torno dele. Pelo que jogaram, até mereciam ter sido campeões. Todavia, encontraram a poderosa Seleção da Alemanha, que também contava com atletas incríveis como o Franz Beckenbauer, o Vogts, o Sepp Maier, o Breitner, o Gerd Müller, o Overath... Eles eram diferenciados e não os robôs que a gente costumava ver. Afora isso, jogavam em casa, eram campeões europeus e vinham em uma crescente.

Se analisarmos os dois primeiros colocados, tanto a Holanda quanto a Alemanha poderiam ter sido vencedoras. Já em relação ao terceiro lugar, a Polônia foi merecedora, pois fez um campeonato excelente. O Brasil chegou em quarto e estamos de parabéns pelas dificuldades que encontramos. Nós começamos a jogar nosso futebol muito tarde. Nas duas primeiras partidas, empatamos contra a Iugoslávia e a Escócia.

Depois, ganhamos do Zaire com aquele gol salvador do Valdomiro e começamos a melhorar. Enfrentamos a Alemanha Oriental e vencemos por 1 a 0, com um gol meu. Na sequência, derrotamos os argentinos por 2 a 1 e também marquei. Então, fomos jogar contra a Holanda. Jogamos um bom futebol e podíamos ter vencido, se o gol tivesse acontecido. Mas acho que o quarto lugar foi merecido para aquela nossa Seleção.

Agora, uma coisa que eu me nego a falar é sobre 1978, infelizmente, minha última Copa do Mundo. No duro mesmo, porque foi uma vergonha. Eu tive uma contusão e me preparei demais para poder atuar. Depois, vim saber do ocorrido e não tenho prazer em falar sobre isso. Ainda bem que não atuei naquele torneio. Saber que armaram para uma seleção ser campeã é uma mancha no futebol mundial. Não estou desmerecendo a qualidade da Seleção Argentina, muito pelo contrário, era um grande time. Entretanto, passados dez anos daquele evento, apareceu um goleiro peruano, que foi naturalizado, declarando que estava tudo armado. Então, foi uma vergonha.

Em que contexto se deu a sua transferência do Fluminense para fora do Brasil?

Foi gozado. Naquela altura, eu já estava em final de carreira porque, aqui no Brasil, infelizmente, quando o atleta chega aos 30 já começam a dizer: – Está na hora de parar. Deus foi muito bom para mim e para todos os jogadores, mas errou nesse conceito, pois encerramos nossas carreiras no momento em que as pessoas normais estão começando as delas. Ele podia ter alongado mais a vida de nós futebolistas, para, pelo menos, termos o prazer de atuar até os 50 anos [risos].

Então, quando eu tinha 30 e poucos, após a Copa do Mundo de 1978, apareceu um príncipe da Arábia Saudita achando que precisava me levar para lá. Eu fui conhecer o país com a minha ex-esposa e ela dizia: – Lá é assim, os conceitos... Eu tenho a minha maneira de ver as coisas e procuro honrar meus compromissos. Se eu fizer um contrato ruim, mesmo assim, irei honrá-lo. Desse modo, firmei um ano de contrato, joguei e fui campeão. No final disseram: – Mais um ano!, ofereceram um bom dinheiro, fiquei e, novamente, fomos vencedores. Queriam que eu renovasse, mas para mim já tinha dado. Desde o primeiro ano, levei meus filhos pequenos para lá e eles estudaram em uma escola americana. No final do segundo, eles não queriam mais continuar. Voltaram e eu fiquei mais um ano. Eu gostava de jogar, não vou mentir. Se pudesse, estaria atuando até hoje. Nesse último período, fiquei apenas com um ex-cunhado que tinha me acompanhado desde o início.

Durante todo esse período, eu costumava passar dez meses na Arábia Saudita e dois no Brasil. No final do terceiro ano, voltei e inven-

taram um monte de coisa sobre mim, porque eu havia contundido a perna e fui fazer um trabalho de recuperação no São Paulo. Eu frequentava lá porque morava perto e conhecia pessoas do clube. Então, um dia o Mário Travaglini, que no passado havia me mandado embora do Palmeiras e estava no São Paulo, disse: – Riva, treine que será bom. Naquela época, o Zé Sergio²⁴ estava lá. Ele é parente da esposa do meu irmão e sempre estava comigo. Em um treinamento, eu falei: – Zé, quando eu pegar a bola, você nem olhe, apenas entre nas costas do Oscar,²⁵ que eu meto a bola para você. De repente, eu enfiava a bola e, quando o Oscar ia pensar, o Zé já estava passando com ela. Então, cismaram que eu precisava voltar a jogar. Eu respondi: – Não, não... O São Paulo tem uma mística com veteranos que tiveram sucesso, como o Leônidas, Zizinho, o Gérson, Falcão e, bem depois, o Toninho Cerezo. Com isso, começaram a dizer que eu não cumpri o contrato e saí fugido da Arábia Saudita. Existe um problema lá, pelo qual o Diego Souza passou recentemente, devido ao fato de eles reterem o passaporte. Para você sair do país, eles precisam carimbar. Ou seja, jamais fugi de lá.

Entre o período em que você retorna para o Brasil e o início da sua atividade como comentarista, a que você se dedicou?

Quando voltei, realmente eu não tinha o que fazer. Então, apareceu o meu compadre Ado e apresentou a ideia de montarmos uma escolinha de futebol. Assim, construímos as quadras e trabalhamos muito tempo juntos. Depois, cada um foi para o seu caminho e surgiu o convite do Luciano do Valle²⁶ para eu ser comentarista. Fiquei então 24 anos assistindo televisão e comentando. Foi legal pra chuchu, entretanto eu não tinha mais fins de semana livres. Como joguei por 20 anos, até achava normal não poder aproveitar esses dias. Contudo, a certa altura eu falei: – Pô, está na hora de eu ter o direito de viver um pouco e fazer o que eu gosto no fim de semana. Dessa maneira, parei e recebi muitos convites para voltar a comentar. Nesse ínterim, apareceu a Seleção de Masters, que foi um momento mágico também. O Luciano promovia na TV Bandeirantes as Copas Pelé, e era fantástico. Recentemente, graças a Deus, recebi um convite da TV Cultura, para ser comentarista do programa Cartão Verde. Estou trabalhando lá, às terças-feiras, em algo que eu gosto muito de fazer e com um horário maravilhoso.

24 José Sérgio Presti, ponta-esquerda do São Paulo Futebol Clube de 1976 a 1984.

25 José Oscar Bernardi, zagueiro são-paulino entre 1980 e 1987.

26 Luciano do Valle Queiroz, locutor esportivo e apresentador de televisão.

Como funciona essa atividade de comentarista? Se tiver que dar uma opinião mais rigorosa, é tranquilo?

Hoje, de modo geral, é fácil porque não existem muitos jogadores que no futuro podem se tornar craques e quebrarem sua cara. Por exemplo, se o time do Palmeiras está jogando agora, podemos dizer que os únicos gols possíveis de acontecer são do Marcos Assunção,²⁷ de bola parada, ou do Barcos.²⁸ Ou seja, não há muita opção. Além disso, eu falava o que sentia porque enxergo o que acontece no futebol.

Você cogitou a possibilidade de ser treinador?

Sim, eu fui treinador no Japão durante seis meses, em 1994. Quando retornei dos Estados Unidos, após a Copa do Mundo daquele ano, o Sérgio Echigo, que jogou comigo, estava lá no Oriente e me disse: – Riva, quero te levar como treinador. Eu recusei, porém ele insistiu e acabei aceitando. Logo no começo já senti as dificuldades. Lá é preciso ficar um ano inteiro sofrendo porque cada turno do campeonato dura seis meses. Antes disso, eu precisava realizar um trabalho inicial para eles conhecerem meu método e o que eu desejava. Eles queriam que eu permanecesse, todavia não tenho paciência para ensinar um jogador profissional a bater na bola! Ninguém me ensinou isso. Hoje, os treinadores sofrem. Eu tenho dó. Atualmente, na Seleção Brasileira, quem é o batedor de falta? A qualidade está desaparecendo. Em um treino de juniores no Corinthians, eu vi o técnico tentando ensinar os meninos a chutar, mas não adianta. Isso é uma coisa nata. Hoje, os jogadores são mais fabricados do que possuidores de um talento nato. Além disso, infelizmente, está muito fácil jogar na Seleção Brasileira, qualquer um é convocado, não apenas os melhores.

²⁷ Marcos dos Santos Assunção, meio-campista da Sociedade Esportiva Palmeiras entre 2010 e 2012.

²⁸ Hernán Barcos, atacante palmeirense entre 2012 e 2013.

8. ROBERTO MIRANDA¹

De início, diga o seu nome, o local e a data do seu nascimento.

Meu nome é Roberto Lopes Miranda, mais conhecido como Roberto Miranda. Nasci em São Gonçalo, no dia 31 de julho de 1943.

Conte um pouco sobre a sua família.

Meu pai, Gumerindo Lopes de Miranda, era metalúrgico e minha mãe, Maria de Lurdes Pimentel de Miranda, dona de casa. Tenho uma irmã chamada Luísa Miranda e um irmão, Aimoré Miranda, que hoje vive em São Paulo.

Onde vocês moravam em São Gonçalo?

Vivíamos em uma casa. Meu pai pagava aluguel. Ele ganhava pouquíssimo e sustentava nós quatro. E jogava no gol do clube da firma. Onde morávamos tinha um campinho, dali saiu o Zizinho. Somos do mesmo bairro.

Qual o bairro?

Chamava Paiva. Jogávamos no Paiva Futebol Clube, dirigido pelo seu Licineu. Ali, comecei a ser reconhecido, mais por causa do Zizinho, que já era famoso. Falavam sempre: – Olha, tem um garoto aí que vai ser jogador de futebol. O Zizinho sempre estava comigo. Quando ele chegava ao Paiva: – Se cuida! Você vai ser um bom jogador. Dali eu saí.

Quantos anos você tinha quando conheceu o Zizinho?

Tinha 13 ou 14 anos. Aos 15 fui jogar no Botafogo. Na primeira vez em que coloquei chuteira, dois dirigentes do Rio vieram me ver. Eram do Fluminense e do Botafogo. Joguei três amistosos no Manufatura contra o juvenil do Bangu, América e Vasco. Fiz gols nesses três jogos. Eles gostaram. Ganhei duas partidas e empatamos a outra. O dirigente do tricolor chegou na frente e falou: – Amanhã venho buscar você para treinar no meu time. Mas o do Botafogo estava me vendo também. O treino do Flu era de manhã, mas me deixaram sentado um bocado de tempo. Me colocaram quando faltavam cinco minutos antes de terminar. O Milton Cardoso, filho do Gentil Cardoso,² era o treinador. Me deram

¹ Local da entrevista: residência do entrevistado, em Niterói, RJ; entrevistadores: Fernando Henrique Neves Herculiani e José Carlos Asbeg; data da entrevista: 30 de setembro de 2011; transcrição: Letícia Cristina Fonseca Destro; edição: Pedro Zanquetta Junior; supervisão de edição: Marcos Aarão Reis.

² Gentil Alves Cardoso comandou diversas equipes entre as décadas de 1930 e 1960. Foi treinador da Seleção Brasileira no Campeonato Sul-Americano de 1959.

uma carta dizendo: – Você volta amanhã e começa a treinar em tempo integral. Quando saí das Laranjeiras, o diretor do alvinegro estava me esperando do lado de fora e disse: – Você não vai a Niterói. Vai treinar à tarde no clube. Pode deixar, te pago almoço. Tudo direitinho. E fomos ao Botafogo.

O teu coração tendia mais para qual lado, você tinha alguma preferência? Fechou com o Botafogo neste dia?

Eu não tinha preferência. Pensava que ia treinar somente no Fluminense. Mas não gostei, só me colocaram cinco minutos e me deram aquela cartinha. No Botafogo, no mesmo dia fui treinar. Com 30 minutos, três gols meus. E eles: – Não, tira a roupa, você agora é do time. Nós vamos até sua casa. Atualmente, sou Botafogo.

Foi o Zizinho quem levou os diretores?

Não, eles foram por conta própria. Eram pessoas que procuravam jogadores no interior, olheiros. Vieram logo os dois, não sabiam nada sobre mim. Fiz um contrato de gaveta com o Botafogo e meus pais assinaram. Fiquei preso ao clube, não poderia mais treinar em outro. Eles me deram um dinheirinho por mês, para fazer as prestações e comprar um par de sapatos [risos]. É verdade. E ir ao cinema. Passava no Caiuca, uma sapataria perto do Mouriscos, e ali tinha um cinema chamado Guanabara. Estava sempre naquele cinema. Queria me encontrar, estava ali.

Você estudou até que série?

Fui até a admissão: sexta série. Eu treinava muito, estava naquela vida de mais jogar do que estudar, não tinha tempo. Ainda por cima, esse dirigente me leva ao Botafogo e me coloca no treino. Tive que morar no Rio de Janeiro, embaixo da arquibancada onde ficavam os jogadores de outros estados que iam fazer teste. Como morava aqui em São Gonçalo e antigamente não tinha a ponte, fiquei lá. Eles me davam almoço, jantar e me colocaram em um colégio à noite chamado Doutor Rivadavia Corrêa Meyer.

E suas lembranças como torcedor de futebol, você via os jogos, ia ao estádio?

Dificilmente ia ao estádio, não tinha dinheiro, não tinha condição. Quando queria ganhar um dinheirinho e ir ao cinema, eu fazia e vendia pipa e califa e jogava bola de gude apostando. Escutava muito futebol no rádio, pois nem televisão tinha.

Mas você torcia nesta fase?

Torcia pelo América, porque meu pai era torcedor. Ganhei um uniforme da minha tia e achei a camisa bonita, toda vermelha. Meu pai disse: – Não é americano? Você ganhou uma roupa do América, tem que ser. Assim, na minha infância, eu era América, mas não ia a campo de futebol.

Torcia pela Seleção também? Tem alguma lembrança da Copa do Mundo de 1958?

Não, comecei a pensar mesmo quando fui convocado na seleção de juniores. O país parava para assistir aos jogos da Copa do Mundo. Via grandes jogadores. O próprio Zizinho, considerado um dos maiores, é da minha terra. Então, prestava atenção.

Antigamente, havia as seleções carioca, paulista, mineira, gaúcha. Tinha o Marinho, que jogou no Santos, no Bangu e no Botafogo de Ribeirão Preto. Foi muito requisitado na seleção carioca. Chamavam ele de Cacareco. Era muito colado ao Zizinho. Quando começou a jogar, o Zizinho o levou ao Bangu. No futebol, foi nosso pai. Levou o Marinho, depois disse: – Vou te levar. Mas eu era bem mais novo.

Como foi essa saída de casa? Sai de São Gonçalo, deixa os pais e vai morar sozinho no Rio de Janeiro aos 15 anos.

Fui obrigado. Os meus pais deixaram, pois eu estava cercado pelo Botafogo. Eles vieram à minha casa fazer o contrato.

Em que ano foi isso?

De 1958 para 1959. A minha mãe não queria. Ela disse: – Não sei aonde estão levando ele. Mas meu pai, que tinha sido jogador de pelada, dizia: – Não. Deixa o garoto ir. Ele está indo bem, está aprendendo. De vez em quando, ele tinha notícias minhas: – O Roberto está indo muito bem. Vai começar a jogar. Eu estava fazendo estágio no Botafogo.

Joguei o campeonato de juniores em 1961, 1962 e 1963. Fui tricampeão e artilheiro. Logo me convocaram para a seleção que ia disputar as Olimpíadas de 1964. Estava ganhando mais e fazia alguns jogos no time de cima. Em 1962, disputei o juvenil e fui campeão profissional também. Antigamente, existia juvenil, aspirante e profissional. A linha do Botafogo profissional era Garrincha, Didi, Valentim, Quarentinha, Amarildo e Zagallo. A de aspirante, Neivaldo, Rossi, China, Bruno e Orlando.

Nossa equipe juvenil estava oito ou nove pontos à frente do segundo colocado e éramos praticamente campeões. O Garrincha se machucou, não podia jogar, e o aspirante estava disputando com o Vasco. Não poderiam tirar o Neivaldo, o substituto do Garrincha, pois iam desfalc

o aspirante. Tiraram um do juvenil, que fui eu. Joguei no time profissional. O Nilton Santos, antes do jogo, me disse: – Faz de conta que você está jogando no juvenil.

Você vivia no Botafogo, tinha sua rotina de treinos no juvenil. Tinha contato com aquelas estrelas todas?

O juvenil treinava de manhã, o time profissional, à tarde. Eu dormia embaixo da arquibancada e ia ver o treino deles. Apreendi muita coisa. Prestava atenção nos jogadores de que gostava mais, principalmente da minha posição. Observava como jogava e tirava alguma coisa de cada jogador. Como morava ali, todos os outros gostavam muito de mim. Inclusive, na hora do jantar, eles passavam no restaurante, pegavam um tira-gosto no meu prato e iam tomar um guaraná. O profissional acabava à noite. Começavam às 4 horas da tarde e saíam às 7 horas, quando eu estava jantando. Didi, Garrincha e Nilton Santos iam petiscar no meu prato. Fiquei muito amigo deles.

Neste período de juvenil, teve algum treinador muito importante na sua formação?

Teve sim. O Paraguaio³ – ex-jogador – foi nosso treinador. Ele achava que eu treinava muito e disse: – Você tem muita impulsão, mas está cabeceando com os olhos fechados. Como vai fazer o gol de olhos fechados? Precisa ver aonde vai cabecear. Ele sempre dizia: – Pula de olho aberto. Fui treinando até que nunca mais pulei de olho fechado. Outra coisa que ele me explicou: – Não dá as costas para o defensor. Você dá o lado. Ele me ensinou várias coisas. Foi um excelente ponta-direita, campeão no Botafogo.

Você sempre jogou de centroavante, desde garoto?

Não, às vezes jogava na ponta-direita, mas gostava mais de centroavante, na ponta ficava um pouquinho difícil fazer gol. Como centroavante, eu estava rondando a área de frente, com mais oportunidade de fazer gol. Achava que na partida poderia ir mal, mas se fizesse um gol, salvava. Tinha esse pensamento: – Não fui bem, mas marquei um gol. Às vezes, não ia bem: – Ah, o Roberto fez gol. A minha nota era boa. Não me achava em campo. Só por que fiz um gol?

Tinha algum ídolo na sua posição em quem se espelhava?

No Botafogo, sempre gostei do Amarildo, pelo tipo dele jogar. Ele

3 Egídio Landolfi, mais conhecido como Paraguaio.

pegava a bola e ia para dentro dos caras. Driblava, chutava bem, me espelhava muito nele. O Paulinho Valentim fazia muito gol, mas não gostava muito do tipo, era mais trombador e não levantava a cabeça... O Amarildo, não. Quando substituíu o Pelé na Copa do Mundo fez gol, foi campeão em 1962.

O Quarentinha era um jogador mais tranquilo, não vibrava. Ele fazia um gol, abaixava a cabeça e vinha andando, e o pessoal agarrava ele. Joguei com eles. Uma vez, fui abraçar o Quarentinha em um gol, eu era garotão ainda, ele falou: – Você não sabe que o Redondo sempre faz gol? Não precisa me abraçar muito [risos]. O apelido dele era Redondo. Ele se achava, pois estava muito forte. Mas eu gostava do tipo do Amarildo.

Joguei certo tempo com o Garrincha. Ele estava no final. E o Botafogo viajava muito ao exterior. Quando ele pegava a bola, eu me colocava na marca do pênalti. Sabia que ele ia jogar ali, o via treinando. O Garrincha ia driblava, driblava e dava aqui... Eu não fazia nada, só ficava ali, e voltei com dezoito gols por causa dele. Não é bom você assistir a um treinamento? Já conheço o cara.

Em 1962, você estreou no profissional e foi campeão. Esse foi seu primeiro título?

Meu primeiro título com apenas uma partida. Em São Gonçalo me conheciam e até cantaram uma música: – Daqui saiu Roberto Miranda...

Depois de receber um salário melhor no Botafogo, você continuou morando no Rio ou voltou a São Gonçalo?

Fiquei no Rio de Janeiro. Ia a São Gonçalo só passear, não dava mais, tinha feito toda a vida lá.

Você passou pelo aspirante ou foi direto do juvenil para o profissional?

No aspirante, participei de muito poucos jogos. Do juvenil fui para o olímpico. O Aymoré Moreira foi um dos primeiros a me convocar. Meu treinador nas Olimpíadas de 1964 foi o Vicente Feola.⁴ Quando voltei das Olimpíadas, comentavam: – Olha Roberto, você vai ser convocado para a Copa do Mundo de 1966. E estava mesmo tudo preparado. Mas me machuquei feio. Fiquei seis meses parado, não tinha condição. O médico da Seleção, Hilton Gosling,⁵ foi quem cuidou de mim.

Qual é o momento em que você se firma no time principal do Botafogo?

4 Técnico da Seleção Brasileira em 1955, 1958-1959, 1960, 1964-1965 e 1966.

5 Hilton Lopes Gosling, médico da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1966.

Foi quando me levaram a uma excursão. Antigamente, uma excursão de clube durava um mês. Disputamos um hexagonal com os melhores times dos outros países, todos campeões. Botafogo campeão do Rio; Ferencvárosi, da Hungria; as duas seleções mexicanas A e B; Barcelona... Os times de categoria mesmo. Nós colocamos esse hexagonal e vários amistosos também. Jogávamos contra o Santos. É aquele negócio de empresário, eles levavam o Botafogo e o Santos.

Uma vez, nós jogamos no México e o Santos na França. Eles tinham aquele timaço: Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. A nossa linha era Rogério, Gérson, eu, Jairzinho e Paulo César. Quando vimos, estavam ganhando só de oito e nove de uns times franceses. Fomos campeões do torneio no México e eles foram campeões em Paris. Nós atrasávamos os jogos aqui no campeonato, tanto o Santos quanto o Botafogo – campeonatos paulistas e campeonatos cariocas. Não sei quantas rodadas atrasadas. O empresário informou: – Vocês não vão ao Brasil agora. – Por quê? Todo mundo queria voltar. – Vai ter um amistoso entre Botafogo e Santos na Venezuela e o estádio está lotado, tudo vendido. Vão ganhar uma graninha boa. Todo mundo: – Então vamos lá jogar! – Depois dessa partida, vocês vão embora.

Jogo à noite, estádio lotado. O Pelé saiu de casa com aquela coroa. Em todos os jornais, só dava ele. Primeira partida: dois a um Botafogo. O povo: – Não é possível o Santos perder. Nosso time era muito bom, mais novo. – Não, não pode. A torcida não acreditou, pediu revanche. – Outra vez? – É, revanche. A cota vai melhorar ainda mais. – Vamos jogar a segunda. Ganhamos de três a zero. – Então tá, agora podem ir embora. Tiramos a coroa do rei [risos].

Foi nessa excursão em que você se firmou?

Foi em uma dessas. Vou contar quando me firmei. A linha era Garrincha, Didi, Quarentinha, Amarildo, que foi jogar na Itália, e Zagallo. O nosso treinador era o Geninho,⁶ que foi jogador e militar. Ele foi à guerra, era meio estourado. Vivia sempre sério, me chamava de Betinho, de Carlinhos, nunca de Roberto. Esquecia o meu nome. Ele me levou na excursão com esse timão todo, time principal. O primeiro jogo foi em León, no México. Quando chegamos ao estádio, havia a presença dos bicampeões mundiais Garrincha, Didi, Valentim, Zagallo.

No primeiro tempo, estádio lotado, tomamos dois a zero. O Geninho ficou bravo: – Não! Não pode ser. O Gérson tinha entrado. Ele me chamou: – Carlinhos, vem cá. Era eu [risos]. Chamou o Jairzinho. Ele

6 Ephigênio de Freitas Bahiense, conhecido como Geninho.

me tira o Quarentinha e o Zagallo. A linha ficou: Garrincha, Gérson, Didi. Na frente, Garrincha, eu e Jairzinho. Eu mais caído na esquerda, jogador de frente.

Empatamos dois a dois. Marquei um e Jairzinho o outro. Sabe o que ele fez? – Não tem mais presença de bicampeão nenhum, quem é titular é você e ele. Voltamos, eu e o Jairzinho, como titulares. Não perdemos mais nenhuma partida com essa formação. Começamos a estourar: fomos campeões da Guanabara, carioca, bi-Guanabara... Com a nossa entrada, o Zagallo parou e foi treinar o juvenil. – Sai Zagallo [risos]. O Valentim também parou e o Jairzinho se tornou titular.

E o ataque muda, não é? Logo depois, o Garrincha também parou...

Parou e entrou o Rogério. Ficou Rogério, Gérson, eu, Jairzinho e Paulo César.

Um pouco depois disso, em 1964, tem o Torneio Rio-São Paulo, também memorável. Lembra a decisão contra o Santos?

Ganhamos de três a dois. Foi à noite e chovia um pouco. O Jairzinho fez um gol e eu, dois. O Toninho,⁷ do Santos, marcou dois. Faltavam três minutos para terminar a partida, o Manga e o Pelé foram expulsos. O nosso goleiro reserva era o Hélio, que foi às Olimpíadas. Antes, não podia entrar o reserva atual, primeiro ia um jogador que estava ali, por exemplo, um atacante ou um defensor; se ele tivesse algum problema, entrava o outro goleiro. Eu treinava no gol. O Hélio me emprestou a luva, pois estava chovendo, e falei: – Não era você que vinha para o gol? Ele: – Não, Roberto, não pode.

Veio uma ordem do banco: – Roberto, a primeira bola que pegar, você cai. Diz que se machucou e não pode continuar. Então, entra o reserva. Teve uma brincadeira... Nego chutava muito forte. Houve uma falta enviesada, os caras: – Roberto, é o Pepe. Respondi: – Abre. – Abre como? Você está maluco? O Pepe chuta muito forte. Falei de sacanagem [risos]. O jogo estava acabando. Ele não chutou forte, quis colocar. Peguei a bola e caí gritando. O Hélio entrou no meu lugar e o juiz apitou o final da partida.

O título acabou sendo dividido...

Foi dividido entre Botafogo e Santos.

Em 1964, você defendeu a Seleção nos jogos olímpicos. Como foi a convocação,

⁷ Antônio Ferreira, mais conhecido como Toninho Guerreiro.

a preparação?

Primeiro, fomos à eliminatória. Foi disputada em Lima, no Peru. Inclusive, teve aquele acidente feio e morreu muita gente, a polícia matou... Caiu um alambrado na partida entre Peru e Argentina. Íamos ao estádio, e ainda bem que não fomos nesse dia.

É a maior tragédia na história do futebol.

Foi. Você via tudo pisado. Os jogos foram todos transferidos para o Rio de Janeiro. Estava faltando pouco e nós vínhamos bem, ganhamos sempre. Fomos classificados para as Olimpíadas. O treinador era outro, entrou o Feola e o Hilton Gosling como médico. A comissão técnica era toda da principal. Viajamos ao Japão. Não passamos da primeira rodada, pois apesar de termos ganhado da Coreia do Sul, quatro a zero, empatamos com a RAU,⁸ um a um, e perdemos da Tchecoslováquia de um a zero.

Éramos todos garotos e os outros países, chamados Cortina de Ferro – Hungria, Tchecoslováquia –, já tinham disputado a Copa do Mundo. Estavam com mais cancha, eram mais bem preparados, a gente ainda estava se formando. Por isso não chegamos.

Nesta época, você tinha feito excursão à Europa, aos Estados Unidos. Mas a ida ao Japão foi um marco na sua vida?

O topo do trabalho do jogador é disputar uma Olimpíada ou Copa do Mundo. Não tem mais nada a fazer, não pode ultrapassar.

Como você define o seu estilo de jogo?

Há vídeos em que eu vou para cima. Se você quer tirar eles do esquema, tem hora que é necessário ultrapassar o marcador. Não adianta ficar tocando. Joguei contra equipes que mantinham um zagueiro, na espera. Certa vez, Zagallo me alertou a respeito e disse: – Roberto, eles são dois, um ao teu lado e outro na sobra. Não deixa sobrar. Disputa a primeira bola com ele, e se o cara recuar, você avança em direção do gol, mesmo sem bola. Isso evitava impedimento.

Aquele ataque do Botafogo era muito ofensivo. Todos driblavam e iam para cima. O treinador estimulava o drible?

Ele aplicava seu esquema próprio, mas o Botafogo nunca foi muito à frente. Permanecíamos um pouco atrás, saindo na velocidade, atraindo o adversário e fazendo jogadas combinadas, eu, Gérson e Jairzinho.

8 República Árabe Unida.

Em 1966, tem a Copa do Mundo. Como foi essa contusão que te tirou?

Estava arreventado, com o joelho meio bravo. Tinha os meniscos estourados. Hoje, você opera sentado e em quinze dias está em campo. Mas, na época, tirar o menisco deixava a gente um bom tempinho parado.

Foi em uma partida que se machucou?

Vinha meio baleado, jogava sentindo. Tive que operar, não dava mais, estava me prendendo a perna. Foi quando aconteceu a convocação.

No Botafogo, como era a sua relação com os dirigentes? Vocês viajavam muito, tinham que negociar contrato, dinheiro?

Não, meu irmão fazia isso, o Aymoré. Era o meu procurador. Me-xer no dinheiro era com ele. Eu ligava e dizia: – Olha, o presidente do Botafogo quer falar contigo. É sobre dinheiro.

Uma vez, o campeonato estava acabando e eu era o artilheiro. O meu contrato terminou, restavam três jogos: Fluminense, outro time e Vasco. Meu irmão estava com o Xisto Toniato,⁹ dirigente do Botafogo. Ele queria renovar e, em razão da artilharia, meu irmão queria mais. O diretor disse: – Não, isso não vou dar. O Aymoré falou: – Roberto, sai e não vai ao treino. Isso no meio da semana do jogo do Fluminense. Tinha que me apresentar no treino na terça-feira, não fui. Meu irmão aconselhou: – Você fica se cuidando. Treina sozinho. Vai para Friburgo.

Fui e fiquei lá. Na terça-feira, a imprensa toda: – Cadê o Roberto? – Não veio. – Por quê? – Por causa do contrato. Na quarta e quinta-feira, não apareci de novo. Continuei treinando sozinho. O pessoal: – Você está maluco, Xisto? Dá logo o que ele quer. Chegou sexta-feira, tinha treino à tarde e não compareci. Era o último coletivo. À noite, o Aymoré recomendou: – Desce, vai direto à concentração, ele vai dar uma grana boa por fora. Não assinamos contrato, mas ele vai pagar só essa partida. Apareci na concentração. Domingo estou em campo e todo mundo: – Pô, mas o Roberto está em campo? Três a um, fiz dois gols. Meu irmão: – Volta para Friburgo. O Xisto: – Não volta não, vou dar o que ele quer.

Jogou sem contrato?

Joguei, mas meu irmão fez um seguro. Ele trabalhava com isso e disse ao pessoal do Botafogo: – Vocês vão assegurar ele e mais a grana. – Está bom. Só por aquele jogo.

9 Zeferino Xisto Toniato.

Depois renovou por mais quanto tempo?

Por mais um ano, ou um ano e meio. Foi em 1968. Ganhamos do Vasco, quatro a zero na final e marquei o primeiro gol da partida.

Em 1968, foi bicampeão. A imprensa falava muito de você, chegaram a te chamar de Vendaval.

Eles me chamavam assim por causa do meu tipo de jogo. Não tinha medo, sempre apanhei, desde o juvenil. Quando pegava a bola, batiam mesmo. Sentia tudo quanto era dor. Eu entrava, encarava os caras, ia para dentro. O Jorge Curi¹⁰ colocou esse apelido, pois peguei uma bola, passei por três jogadores e ele: – Parece um vendaval. No outro dia, saiu na imprensa e pegou.

Você foi expulso muitas vezes?

Sim, em algumas partidas. Tem hora que você não aguenta. Vai falar com o árbitro e ele finge que não escuta. Eu apelava e era expulso. Ou então com o Fontana. Com ele era sempre. Vou espalhar um negócio que não vão acreditar: toda vez que jogava contra o Fontana – ele no Cruzeiro e eu no Vasco –, não podia dar as costas que ele me dava tapa na cara. Grandão para caramba, aquele braço... Ele me arranhava, me deixava louco.

Em uma partida da Taça Libertadores, fomos primeiro a Minas. O Cruzeiro tinha aquele timaço: Tostão, Dirceuzinho Lopes, José Carlos e Natal. Ganhamos lá dentro de um a zero, Mineirão lotado. Começamos a brigar ali. Ele dava porrada, eu revidava. O Fontana prometeu: – No Rio, vou te arrebentar. Respondi: – Estou te esperando. Começou o jogo, o Dirceuzinho foi lá e fez um a zero. Pensei: – Estou encrencado. Ele ameaçou: – Está vendo? Agora vou deitar. Começou a me dar porrada. Uma hora no corner, dei as costas, o Fontana veio e me deu um tabefe na cara. Fiquei bravo, mas não podia revidar enquanto a gente estava perdendo de um a zero. Pensei: – Vou ser expulso. Uma bola veio no segundo tempo, fui lá e empatei, um a um.

Agora é comigo, digo: – Não dá as costas que vou te torrar mesmo. Em todo escanteio, dava soco na cabeça dele. Olhava o bandeirinha e o juiz, via que não estavam vendo e chegava dando. Depois saía gritando. O juiz me olhava de rabo de olho, eu falava: – Ele está me dando porrada. Eu tinha dado nele. Quando ele viu que estava no final, foi na frente de todo mundo e me deu um tabefe. Voltei nele e fomos brigando. O juiz: – Podem sair vocês dois. O delegado estava na boca do túnel, de

¹⁰ Um dos mais importantes locutores esportivos do Brasil entre as décadas de 1940 e 1980.

terno branco, chamou a gente. Fomos cada um ao seu vestiário tomar banho, mas com um cara olhando. Estávamos presos ali. Fiquei com o maior arranhão e ele também todo marcado. Saiu um advogado para cada. Eles combinaram: – Vão perguntar o que é isso. Vocês dizem: é o campo seco. Um deles dizia: – Vocês escorregaram e bateram a mão um no rosto do outro. Isso para a gente não ficar preso. Fomos à delegacia de São Cristóvão, a mais próxima do Maracanã.

Como surgiu essa sua rivalidade com o Fontana?

Era coisa antiga, do tempo do Vasco. O Brito falava: – Não bate que ele vai voltar, é pior. O Fontana era teimoso. Na Seleção, em 1970, ele andou falando: – Tem que dar nos caras. Sempre foi um cara atirado. O Brito perto, ele mandava: – Dá no cara. O Brito: – Por quê? Não é assim, tem que jogar. Você não quer jogar, quer dar porrada. Ele era desse tipo: – Não, mas tem que dar para amedrontar os caras. Mas, no fundo, era boa pessoa. No final ficamos amigos. Ele reconheceu. Falei: – Fontana, você não sabe jogar, você dá porrada! Isso aqui não é boxe.

Quem foi o seu maior marcador?

Não gostava de jogar contra Anchieta e Figueroa. Esses dois sabiam jogar e eram grandões. O Figueiroa principalmente.

Esses confrontos com os zagueiros foram o que fez você ter tantas contusões depois?

Foi. Você é de carne e osso, tanta porrada. Em todos os jogos, você toma. Assim vai minando o cara. E outra coisa, eu sempre acreditava em todas as jogadas.

E quando surge a seleção principal?

A primeira vez foi com o Aymoré Moreira. Ele tinha uma porção de irmãos, que gostavam muito de mim: – Convoca o Roberto... O Osvaldo Brandão também me levava sempre. O próprio Vicente Feola falava: – Esse é bom jogador, pode convocar para a principal. Então, estes entravam na principal e me convocavam. O Hilton Gosling, médico, repetia: – Ele é bom jogador, pode convocar. Adiantavam: – Você vai ser convocado, se cuida.

Em 1969, o João Saldanha assume o time das eliminatórias e você não está.

Na primeira convocação, não fui relacionado. Não me dava muito bem com o Saldanha. Tivemos uma briguinha dentro do Botafogo, ele era muito exigente em certas coisas e eu não levava desaforo. Diziam:

– Ele é o treinador. Respondi: – E daí? Ele quer umas jogadas que não tem como fazer. O técnico: – Você vai entrar por aqui, fazer isso, fazer aquilo. Questionei: – Mas Saldanha? Ele era assim: – Quer, quer? Falei: – Não quero. Ele: – Então pode sair. Eu, artilheiro do campeonato, ele, treinador da Seleção, convoca todo mundo e não me chama. Não vou às eliminatórias, sendo o artilheiro e tudo mais. Ele era muito exigente.

Certo dia, estava treinando à tarde em General Severiano. Após dez minutos, começo a ver um monte de gente no portão. A comissão técnica da Seleção: Jeronimo Bastos (o chefe da delegação), Antônio do Passo, todo mundo entrando e parando no alambrado onde estava o Zagallo, que disse: – Para o treino! Conversou dois minutos com eles, veio na minha direção e falou: – Sai do treino. Perguntei: – O treino não começou agora? – Sai do treino, rapaz. Saí, fui ao vestiário. Quando estou tirando a roupa, entrou a imprensa: – Roberto, o que tu achas da tua convocação? Surpreso, respondi: – Ele não me falou nada! – Você está convocado. – É mesmo? O Zagallo chegou: – Você nem vai para casa. Manda alguém vir trazer alguma roupa e levar nas Paineiras¹¹ hoje à noite, porque amanhã à tarde vamos treinar no Maracanã, coletivo. Respondi: – Está legal. Meu irmão levou. Fomos convocados eu, Félix, o Leônidas...

O Zagallo foi informado nesse exato momento que seria o técnico da Seleção? Você foi convocado junto com ele?

Neste momento. Fomos para as Paineiras. Na tarde do outro dia, coletivo no Maracanã, ele me dá a camisa titular. Joguei com o Pelé na frente e fiz um ou dois gols. Eu sempre marcava no treino. Voltamos à concentração. No dia seguinte, outro treino, joguei no time titular, fazendo gol. Houve um amistoso entre Brasil e Chile no Morumbi. O estádio lotado, todo mundo falando: – Esse garoto vai se dar bem. Está fazendo gol. De novo, fiquei com o Pelé na frente e ganhamos de cinco a zero. Marquei dois, Pelé dois e o Gérson, um. Pensei: – Estou dentro. Não vou ser cortado. Estou treinando, jogando nos amistosos e fazendo gol.

Teve outro jogo no Maracanã: Brasil e Chile. Ganhamos de dois a um. Foi quando eu e o Jairzinho fomos expulsos. O cara me deu uma pisada na barriga, em uma revista tem o lance. Ele me pisando, levantei e dei umas porradas. O Jairzinho veio me livrar. Mesmo assim, não me prejudicou. O Brasil ganhou de dois a um.

Veio a Bulgária no Morumbi. O Zagallo inventou uma e avisou:

¹¹ Hotel das Paineiras, localizado no Parque Nacional da Tijuca, no Rio de Janeiro.

– Vão jogar Roberto e Tostão. Pelé, tu vais ficar no banco dessa vez. O Tostão estava com um probleminha e o Zagallo queria testá-lo. Eu era o cara imediato, ou joga o Tostão e o Pelé, ou eu e o Pelé ou eu e o Tostão. Empatamos zero a zero. O Pelé: – Está vendo? Sem mim vocês não fazem gol porque ficam querendo me tirar. Ele sabia que ia ficar. O Zagallo estava testando, mas, de sacanagem, falei: – Está vendo? Coloquei você no banco. Tudo brincadeira.

Nesse momento vem o corte. Próximo de irmos a Guanajuato, estávamos nas Paineiras, treinamos de manhã, almoçamos e subimos para os quartos. Acordei – não era muito de dormir – e desci para pegar um pouco de água. Vi o Leônidas de terno, Zé do Milho (Dirceu Lopes) de terno e mais outro de terno. Perguntei: – Rapazes, aonde vocês vão? Olha como eram as coisas, nem acordados éramos. – Fomos cortados, vamos embora. É chato para quem é cortado, para mim não. Pensei: – Estou dentro. Vou viajar para a Copa do Mundo.

Vocês sabiam que teria este corte?

Sabíamos, mas não naquela hora, naquele dia.

O Leão tinha sido cortado e voltou. Você estava neste período?

O Leão foi como terceiro goleiro. Ele ficava de terno. Quem mudava de roupa eram o Félix e o Ado, um jogava e o outro ficava na reserva. Fiquei no banco em todas as partidas, então lembro bem. O Zagallo me pedia: – Amarra a chuteira e fica prontinho, você pode entrar na ponta-direita, no Pelé ou no Tostão. Entrei uma vez na ponta-direita contra o Peru e como centroavante contra a Inglaterra.

Como era essa equipe da Seleção?

Espetacular. Não porque foi considerada uma das melhores seleções, eu também acho, mas pela amizade. Todo mundo se dava bem um com o outro.

Até você com o Fontana?

Sim, impressionante! Antes de começar o treino, eles faziam aquela rodinha. Davam divididas para darmos paulada um no outro, brigar. Mas a gente sabia. Dizíamos: – Que isso? Nós somos amigos. Ficamos amigos ali.

E como foi o embarque para o México?

Primeiro, fomos falar com o Presidente. Recebemos uma santinha da esposa dele: – Vá com Deus. Havia problemas aqui no país; quando

saímos, fomos avisados: – Pode ter catástrofe lá no Brasil. O Médici falava por telefone com o Brigadeiro todas as noites: – Como estão os meninos? Têm que trazer a Copa do Mundo, senão vai ter confusão aqui. – Não, pode deixar. Sempre víamos ele conversar com o Presidente. Ele nos contava: – O presidente ligou, desejando boa sorte na partida de amanhã.

Vocês sentiam esta pressão do Presidente? Como reagiam a ela?

Não colocávamos isso na cabeça. Eu, particularmente, dizia: – Quero é jogar. O nosso jogo mais difícil foi contra a Inglaterra. Ali foi o caos.

Teve uma tensão do Médici com o Saldanha, não é?

Sim. Não estou falando que o Saldanha não era de brincadeira?! Muita gente brigava com ele. Não me importei, pensava: – Está na metade da Copa do Mundo, estamos indo bem, pelos adversários que estava vendo. E sentíamos: – Pelo amor de Deus! O Brasil tem que ganhar. Quando passamos da Inglaterra, da partida mais difícil, senti: – Nós somos campeões mundiais.

Qual era o clima dos torcedores e a expectativa em vocês?

Confiança total. No México, a torcida mexicana era a nosso favor, todinha: – Brasil, Brasil! Todo mundo era Brasil.

Como foi a preparação lá em Guanajuato?

Chegamos ao México e comecei no time titular nos amistosos, pois o Tostão não estava bom ainda. Ele fazia tratamento, voltava. Ficamos treinando, treinando.

No México, jogando os amistosos, você achava que seria o titular?

Não, sabia que jogaria Pelé e Tostão, era só ele melhorar um pouquinho. Eles tinham vindo das eliminatórias, jogaram os dois, deram certo. Ganharam o título. E o Zagallo dificilmente mudava.

Então, você era coringa das três posições?

Sim. Três posições: Jairzinho, Pelé e o Tostão. Portanto, treinava com o Pelé ou o Tostão, e no dia em que o Jairzinho não jogou bem, entrei. Ele estava driblando muito próximo do lateral esquerdo, que toda hora tomava a bola dele. O Zagallo chegou perto de mim e avisou: – Olha o Jairzinho como está. Driblou pertinho do cara. O cara está tomando toda hora dele. Você entra, dá uns dribles longos. Cheguei a dar dribles longos, ele já estava cansado.

A estreia foi contra a Tchecoslováquia, não é?

Tchecoslováquia, quatro a um. Eles marcaram um a zero. Aquele cara que se ajoelhou quando fez o gol.

Não deu um medo ali? Começa a Copa, esse gol...

Não. Empatou e a gente começou em cima.

Veio o jogo contra a Inglaterra...

Entrei nessa partida. O Tostão, antes de fazer a jogada do passe para o Pelé, que resultou no gol do Jairzinho, olhou e me viu aquecendo. Falou: – Vai entrar o Roberto. Ele não estava bem, só fez aquilo. Fui a campo com a orientação: – Roberto, você pega a bola e vai para cima deles. Quase faço um gol. Dou drible para dentro, bati no canto, ela foi no cantinho e o goleiro espalmou. Você viu a cabeçada do Pelé? O goleiro deles era muito bom, quase pegou o chute do Jairzinho. Entrei para pegar a bola e fazer, só... Porque eles estavam muito em cima.

O Félix, nesse dia, era Deus que estava levantando a mão dele. O Bobby Charlton deu uma cabeçada perigosa, ele sozinho. O cara fez assim: bate e sai. Virei pro Félix: – Foi Deus que levantou o seu braço, não é possível. Em outra jogada, o inglês deu um chute e bateu na perna do Everaldo... O Félix caiu. Bate e sobe um deles, se o cara vai, faz o gol. O grandão que tinha lá deu uma porrada e a bola sumiu. E se empata... Mas nós ganhamos de um a zero. Disse: – Agora nós somos campeões.

Encerrando a primeira fase, jogaram contra a Romênia.

Ganhamos de três a dois. Foi uma partida que você diz: – Não! Três a dois não quer dizer o que foi a partida, é a minha opinião. Podia ter sido quatro a um Brasil, ou cinco. Foi três a dois porque é coisa de futebol, existe às vezes, mas o Brasil não perdia da Romênia.

No período que estava no banco, você observava os outros times, os outros jogadores da Copa?

Prestava atenção na zaga deles, pois estava preparado para entrar, me programava: – Quero ver onde caio melhor. O Zagallo: – Você cai na direita ou na... Respondia: – Deixa cair no lugar que me sentir melhor. Uma vez, no Botafogo, ele me disse: – Vai pela direita. Cheguei, estava difícil, fui na esquerda. Marquei dois gols e falei: – Está bom? Ele disse: – Ótimo! [risos].

Você o chamava de Zagallo, não tinha esse negócio de professor?

Não, jogamos juntos. Chamava de Zagallinho. Éramos amigos

mesmo.

Dizem que o Pelé estava com uma mística interna e queria vencer muito essa Copa, pois em 1962 e 1966 ele se machucou e muitos diziam que não conseguiria mais ganhar.

Falar do Pelé... Em campo ele era... Não é à toa, não sei se vocês sabem, queriam sequestrar o negão. Ele vivia protegido, ficava só no quarto. Tínhamos uma mania, íamos ao vestiário e cada um tinha uma sacola azul lá: camisa, calção, sunga, chuteira. O jogador era responsável pelo seu material, senão levava. O Pelé chegava ao vestiário e fazia daquilo um travesseiro. Fechava os olhos, deitava uns vinte minutos, como se fosse dormir. Talvez ficasse pensando na jogada que queria fazer. Fazia isso em todos os jogos. – Acorda a fera não, deixa ele... Ele ia a campo com tudo. Queria ganhar a Copa do Mundo.

Ele falava sobre isso com vocês?

Você sentia nele. A primeira coisa: ele não queria ver ninguém: – Não, me deixa descansar um pouquinho. Deixa eu mentalizar. Em todos os jogos era assim. Vestiário é um barulho, um brinca com outro, e o negão lá mentalizando. Entrava em campo e era aquele safado, jogava para caramba. Era liso. Cada jogada que fez! Contra o Uruguai, em uma o goleiro bate e ele pega de primeira. Em outra, ele passa e larga a bola. O Pelé era fogo.

Dizem que no período de jogos tinha muita reunião entre vocês jogadores. Como era?

Queríamos ganhar. Então, a gente dizia: – Não podemos relaxar. Vamos para dentro. Não interessa quem vem jogar contra nós, temos que chegar lá e dar o máximo de cada um.

Tinha os líderes, aquele pessoal do Carlos Alberto?

O Pelé mesmo quase não falava, quem falava era o Carlos Alberto, o Gérson. O negão era como um jogador comum, só ficava na dele. Agora, quando entrava em campo era ele, não é? As possibilidades, quem fazia tudo era ele. Nunca joguei no Santos, mas dizem que o Zito dava bronca nele: – Vai lá Pelé, tu tens que fazer isso. O cara fazia de tudo, reclamavam e ele ficava quieto. Os caras do Santos me contam.

O Zito era muito esquentado, não?

Pois é. Eu dizia: – Que história é essa: o Zito dava bronca e você não respondia? [risos].

Fim da primeira fase, vêm as quartas de final e você entra contra o Peru.

O time do Peru era muito bom, tinha o Baylón,¹² Cubillas,¹³ Mifflin,¹⁴ um timaço! Mas quando fomos ao estádio, o vestiário do Peru ficava de um lado e o nosso, do outro. Havia uma imagem de um santo no meio, eles estavam todos rezando. Chegamos falando alto e os jogadores se assustaram. Pararam de rezar e ficaram nos olhando. Fomos ao nosso vestiário e eles continuaram lá. Ali sentiram: – Não vai dar para ganhar dos caras. O Brasil fez dois a zero, eles fizeram dois a um, três a um pra gente, eles marcaram três a dois, fizemos quatro. Quando tomavam o gol, queriam ir para cima. A gente fazia um gol e recuava. Eles não eram fáceis, não.

E a sua entrada no jogo?

O Zagallo me chamou e disse: – O Jairzinho está driblando muito em cima do lateral. Era um garoto rápido também. – Você dribla longo. Comecei, e ele não tinha mais perna para me acompanhar.

Vocês chegaram a encontrar o Didi nesse dia?

Encontramos antes do jogo. Ele disse: – Nós viemos bem, vamos perder só para vocês. Podíamos chegar até a final, o meu time é bom, mas pegou o Brasil...

Depois da partida, você se encontrou com ele? Vocês jogaram juntos, não foi?

Sim, a gente conversou, ele deu os parabéns. O Didi sempre foi um cara legal. Jogávamos cartas na concentração. Malandrão, jogava aqui, ficava olhando, observando tudo. E me dava muitos conselhos, sempre meu amigo. Eu vinha do juvenil. Ele e o Nilton Santos, os mais velhos, sempre falavam comigo: – Faz de conta que você está no juvenil. No dia do jogo deles, acordavam cedo para ver o juvenil do Botafogo.

Na semifinal, a Seleção pegou o Uruguai vinte anos depois de 1950. Foi muito preocupante por causa do histórico?

Sim, quando eles fizeram o primeiro gol, os torcedores começaram a gritar: – Maracanã, Maracanã! Sabia disso? A torcida do Uruguai lembrando 1950. O Brasil empata, faz dois a um, três a um. A torcida era toda nossa no estádio. Que Uruguai que nada! Tem uma jogada: o

¹² Julio Alberto Temístocles Baylon Aragonés.

¹³ Teófilo Juan Cubillas Arizaga.

¹⁴ Ramón Mifflin.

cara dá uma porrada no Pelé. O Ubiña,¹⁵ lateral forte, estava na risca do campo. O negão recebe uma bola e procura ele. A jogada do Pelé... A corrida dele... Atrasou a passada para deixar o jogador encostar, quando encostou, ele acertou o queixo do cara. Fez de sacanagem, pois o uruguaio tinha acertado ele antes.

E você no banco?

Sim. Mas aí o Clodoaldo marcou, empatamos um a um, depois viramos, três a um. – Que Maracanã. Vai ser aqui, meu filho. Vocês estão fora.

Mas bateu um terror ali? Para quem está de fora do campo deve ser um suplício.

A torcida deles lembrou. Um a zero igual no Maracanã. Pensaram: – Vai ser igual. Você fica louco, mais nervoso. Em campo, eu não ficava nervoso, fora ficava. Às vezes, vê uma jogada e quer entrar. Mas, fazer o que, não é?

Vocês tinham ideia de como estavam as coisas aqui no Brasil, a torcida...?

Tínhamos, pois não saímos. Acabava a partida, entrávamos no ônibus. O hotel em que ficamos em Guadalajara tinha um muro alto, redondo. Eu não ouvia um ruído, só entre nós. E no Brasil a maior festa, imaginávamos: – Lá deve estar o maior carnaval.

Não tinha visita íntima?

Não, tivemos uma saída em Guadalajara durante a Copa do Mundo. Assim mesmo, das 5 às 10 horas. Mas aí que está. Você quer ir e ganhar a Copa do Mundo. Depois que parei de jogar, assisti à Copa do Mundo da Itália e da Alemanha. Às vezes, íamos visitar a Seleção Brasileira nos treinamentos. A nossa parecia de irmãos. Na Itália, tinha um grupo aqui e outro lá que não se dava com esse. Vai ganhar a Copa do Mundo como? E outra coisa, eles saíam. Treinou: – Vou até ali. A gente não podia, senão era preso. A nossa comissão técnica era toda militar. Éramos iguais a milicos.

Qual era a rotina antes dos jogos? O Zagallo falava com vocês e depois os jogadores se reuniam no vestiário?

Não, o Zagallo sempre foi um cara de falar muito pouco. Fazia o esquema e dava a liberdade de você perguntar: – Zagallo, você não acha... Não exigia as coisas: – Vai fazer isso. Ele dava abertura ao diálogo.

¹⁵ Luis Ubiña.

go: – Você não acha melhor por aqui? Sempre foi assim.

Teve uma preparação maior na final da Copa do Mundo?

Para não deixar cair no “já ganhou”, eu avisei: – Olha, vamos começar a Copa do Mundo ainda. Não tem nada definido não. No meu interior, sabia: – Pelas outras seleções que estão chegando. Nós temos 90% de chance de sermos campeões mundiais. Mas depois pensava: – Não, nada disso. Vamos lá, vamos batalhar. Temos que acordar às 5 horas da manhã para treinar. Não tem nada ganho até aqui, só depois que o juiz apitar acaba a Copa do Mundo. Aí sim, se formos nós, tudo bem.

O Zagallo fez alguma observação diferente para a final contra a Itália?

Ele viu que, por exemplo, o Jair estava muito bem na ponta-direita. A Itália tinha aquele Facchetti,¹⁶ um lateral. Nós o achávamos meio lento. O Jair era rápido, fez o gol quase em cima da linha de tanto fazer aquele facão, o Facchetti não tinha perna para acompanhar.

Vi os italianos jogando contra a Alemanha. Teve uma prorrogação. A Itália estava indo de Puebla e nós, de Guadalajara para a capital, onde ia ser a final. Pegamos o mesmo avião. Eles nos olhavam com cara de morto. Estavam derrotados, senti isso na cara deles. O time não tinha nada demais, estava aberto ali. A gente sentia. Começaram lá atrás, com medo: – Vou perder, mas vou tomar de dois a um, no máximo. Foi quatro a um e era para ser mais ainda.

Nem na final, no vestiário, o Pelé se dirigiu a vocês para falar alguma coisa?

Não. Se falou, não vi. Ele era muito reservado.

E aqueles noventa minutos no aguardo para ser campeão do mundo. Como foi ouvir o apito final?

Quando terminou, rapaz, a ficha não caiu. Você fica: – Sou campeão mundial. Chamavam a gente: – Sobe para receber a medalha. O pessoal nem estava ligando para a medalha, queria festejar. A torcida mexicana entrou em campo e fomos obrigados a correr para o vestiário, pois queriam arrancar tudo da gente.

O Tostão ficou de sunga, não foi?

Para você ver... Estávamos no vestiário. Depois de muito tempo falaram: – Agora vocês têm que ir lá receber a medalha. Eu ia até tomar banho e o Brigadeiro avisou: – Nunca dei nada a vocês. Vou falar com o

¹⁶ Giacinto Facchetti.

Presidente da República agora. Tem uma boate com mulheres alugada só para a Seleção. Façam o que vocês quiserem. Ele abriu mesmo. Teve gente que veio dormir só aqui no Brasil.

Brasileiras ou mexicanas?

De tudo. O pessoal ficou contente. Voltamos e o Presidente Médici ficou muito agradecido.

E a chegada ao Brasil?

Foi uma loucura. Passamos em Brasília e almoçamos. Não tinha guardanapo e o Brito começou a limpar os dedos na cortina do palácio [risos]. Tem coisa mais engraçada? Fomos ao Palace Hotel, em Copacabana. Ofereceram um jantar, mas precisávamos ter cuidado, estávamos com muito dinheiro no bolso, cheio de grana. Eu e o Gérson fomos para Niterói neste dia, ele disse: – Roberto, vamos embora senão não vão deixar a gente sair. Vamos sair por trás do hotel. Tinha um policial com uma moto que escoltou nosso carro até aqui em Niterói, nas barcas.

Vocês foram no carro de alguém? Onde você morava?

Tinha um cara esperando a gente. Neste tempo, estava em Niterói.

Como foi em casa? O Gérson foi para a casa dele e você para a sua?

Foi demais. Cada um foi para sua casa. Depois nos encontramos novamente, pois o prefeito aqui de Niterói ia nos dar um coquetel, e desfilariamos em carro aberto dos bombeiros. Mas aí não dá mais, o pessoal te rasga todo, não é mais festa [risos]. Ficamos preocupados, comentei com o Gérson: – Não vamos porque esses caras ficam jogando coisa em cima da gente... É festa, mas não é assim.

E a volta para o Botafogo como tricampeão mundial?

Tem prêmio para tudo que é lado. Para começarmos a treinar no Botafogo, primeiro tínhamos que ir ao Banco do Brasil: – Tem um dinheiro lá pelo campeonato. Tem a PETROBRAS. Tem outro chequinho lá.

Tem o fusca.

O fusca foi em São Paulo, do Maluf,¹⁷ um verdinho da Volkswagen, 1970. Tudo da mesma cor. Deu um para cada um.

Quando voltou a jogar, você sentiu diferença?

¹⁷ Paulo Maluf era prefeito de São Paulo entre 1969-1971.

Aos pouquinhos, volta ao normal. Fica mais difícil, os adversários começam a te marcar muito em cima: – Os caras são Seleção. Você quer fazer uma jogada e vêm dois, três em cima. Qualquer treinador do outro time: – Vai nele, marca nele, não deixa ele... É quando vêm as pauladas.

Você chegou, era campeão mundial, o máximo que se pode atingir. Voltou a jogar em Madureira, Olaria, Bonsucesso, São Cristóvão. Ainda tinha vontade de jogar?

Não tanto mais, a não ser quando vai se aproximando da outra Copa. Aí, você dá tudo de si de novo [risos], mas você falou uma coisa certa, agora não é mais aquela... Tu falas: – Já sou campeão mundial. Não entra em qualquer jogada. Começa a se cuidar mais.

Quando você parou de jogar na Seleção?

Meu nome estava nos jornais entre os convocados para a Copa do Mundo de 1974. Tinham ligado e falado: – Roberto, vai ser convocado de novo. Do Corinthians, onde estava jogando, seríamos eu, Rivellino e Zé Maria, mas tive um problema no joelho e parei de vez. Em 1966 eu tinha tido aquela contusão, e em 1974 aconteceu de novo, era para ter disputado três Copas.

O doutor Osmar de Oliveira me mandou operar e disse: – Você vai subir o Pico do Jaraguá. Vão testar você ali. Mas não consegui. Enquanto estou subindo, digo: – Não dá. Uma dor violenta: – Chega. Você vai parar de jogar, não tem condição. Encerrei no Corinthians.

9. TOSTÃO¹

Tostão, boa-tarde. Por favor, fale um pouco sobre a infância.

Nasci em 25 de janeiro de 1947, em Belo Horizonte. Aos dois anos, fui morar no IAPI, conjunto habitacional no bairro de Lagoinha. São 999 apartamentos interligados por pontes, com vários campos no centro. Foi nesse ambiente, de liberdade total às crianças, que comecei a gostar de futebol. Sou o caçula de quatro irmãos. Os outros três trabalhavam, ajudando meus pais a terem uma renda melhor. Assim, fui protegido emocional e materialmente. Podia estudar e brincar. Instruídos, conscientes e responsáveis, eles foram importantes na minha formação.

Neste lugar que surgiu o seu apelido?

Justamente. Tostão, além de ser o menor valor da moeda, faz referência ao meu tamanho. Segundo um dos meus irmãos, eu, todo pequenininho, sempre aparecia acompanhado de pessoas mais velhas.

O que seus pais faziam?

Minha mãe trabalhava em casa e nos Correios. Muitas vezes, sem ter com quem me deixar, ela me levava junto. Até ajudava carregando as máquinas de selar cartas. Meu pai era bancário.

Ele que te fez gostar de futebol?

Sim. Na fase amadora, atuou no América Mineiro. Ele me levava às partidas e treinos do time desde os sete anos. Depois, ainda ia ao Café Pérola, no centro de Belo Horizonte, discutir com a turma. Nessa idade eu já atuava em campos profissionais, uniformizado. Todo domingo, às 11 horas, rolava um contra. Diziam que eu levava jeito. E o meu pai, quase patrono da equipe, comprava e distribuía bananas no intervalo.

Qual era o nome do time?

Industriários, uma referência ao nosso condomínio (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários). Fizemos sucesso na cidade. Chegamos a ganhar do infantil do Atlético. Saí carregado de campo, tamanha a festa.

Quando o senhor chega ao Cruzeiro e em que momento passa a se dedicar ex-

¹ Local da entrevista: residência do entrevistado, Belo Horizonte, MG; entrevistadores: Bernardo Borges Buarque de Hollanda e Bruna Gottardo; data da entrevista: 25 de outubro de 2012; transcrição: Letícia Cristina Fonseca Destro; edição: Alexandre Massi; supervisão de edição: Marcos Aarão Reis.

clusivamente ao futebol?

Morei no bairro de Lagoinha até os 12 anos, quando fomos para outro conjunto habitacional de bancários. Passei a jogar futebol de salão no Cruzeiro. Na época, o meu ideal de vida era me formar. Via o esporte como diversão. Aos 16, enquanto cursava o primeiro ano do científico, assinei o meu primeiro contrato profissional. Ainda assim pensava em ser engenheiro, médico... Não sabia ao certo. Precisei tomar uma decisão ao fim do terceiro ano colegial, às vésperas do vestibular. Aí parei de estudar, pois já atuava pela Seleção Brasileira. Ao todo, tive uma carreira de dez anos. Tanto é que depois retomei o sonho de adolescente e virei médico.

Seus pais apoiaram a decisão?

Eles achavam que seria uma loucura não me dedicar ao futebol. Eu já integrava a Seleção Brasileira, ganhava um salário muito bom e poderia ir ao Mundial de 1966.

Mas o senhor tinha em mente retomar os estudos depois?

Sabia que o futebol seria uma carreira curta. Só que isso, normalmente, ocorre por volta dos 35 anos. Se eu tivesse parado nessa idade, certamente não teria ânimo de encarar uma faculdade. Então, a aposentadoria precoce teve um lado positivo. Pude recomeçar a minha vida. Quando larguei o esporte, houve muita curiosidade sobre a minha postura a partir daquele momento. Abandonei o mundo da bola, não por raiva ou desgosto, mas porque queria ter uma vida comum, ao lado da família e dos amigos. As pessoas não compreenderam isso. Fiquei um bom tempo ser assistir às partidas, me envolvi profundamente com a medicina. Modéstia à parte, eu fui ótimo doutor.

Falando agora da trajetória futebolística, a sua afirmação ocorre num momento especial: inauguração do Mineirão, agigantamento do público frequentador do estádio e entrada do Cruzeiro no cenário das rivalidades.

Comecei em 1963 e ainda atuávamos no Independência. O clube gozava de menos prestígio que América e Atlético. A chegada do Mineirão, em 1965, provocou uma transformação. Nesse período, coincidentemente surgiram vários jovens talentos: eu, Dirceu Lopes, Piazza, Zé Carlos,² Natal³... E o Cruzeiro adquire prestígio nacional ao derrotar a

2 O meio-campista José Carlos Bernardo defendeu o Cruzeiro entre 1964 e 1977. Depois, ajudou o Guarani a conquistar o Campeonato Brasileiro de 1978.

3 Ponta-direita do Cruzeiro entre 1964 e 1971, Natal de Carvalho Baroni também atuou por Corinthians, América-MG, Bahia e Vitória.

melhor equipe do mundo, o Santos. Isso ajudou a formar uma enorme torcida. Hoje, existe uma discussão em Minas Gerais sobre quem tem o maior número de seguidores. Em Belo Horizonte, não tenho dúvida que é o Atlético.

Em que momento o senhor encontra a sua posição em campo?

Quando menino, atuei mais recuado. Depois é que me adiantei, gostava de fazer gol [risos]. No Cruzeiro, fui um meia-avancado que dava passes e fazia muitos gols. Quer dizer, possuía as duas qualidades. As pessoas mais jovens, que assistem aos teipes de partidas da Seleção de 1970, acham que fui centroavante por me posicionar à frente do Pelé. Na verdade, nunca fiz isso no Cruzeiro. Ali foi uma adaptação, pois não havia como tomar o lugar do Rei. Para não ser reserva, me encaixei num setor diferente.

O senhor preferia falar ou ficava mais calado dentro das quatro linhas?

Gostava de discutir. No Cruzeiro, eu e o Piazza fomos os técnicos em campo. Ele falava até demais. Não me esqueço, por exemplo, de que o Dirceu Lopes era fenomenal com a bola nos pés. Porém, não observava o jogo. Podia ter qualidades individuais fabulosas, maiores do que as minhas, mas não enxergava a partida. No fim, formei com o Piazza uma dupla de coordenadores e deixamos o Dirceu à vontade para fazer as maravilhas dele.

A primeira chance na Seleção Brasileira te surpreendeu?

Eu imaginava, mas não deixa de ser um acontecimento. Fui convocado logo de cara para a Copa do Mundo de 1966. Só que havia a discussão: “Quem será o representante mineiro: Tostão ou Dirceu Lopes?”. Quase todos atuavam no Rio ou em São Paulo. Os que não pertenciam aos dois estados foram chamados por questão política, um agrado aos estados. No fim, eu e o Alcindo, único do Rio Grande do Sul, fomos bem durante a preparação e conquistamos um lugar. A façanha de chegar à Seleção num quadro com Pelé, Garrincha e a turma toda de 1958 e 1962 pode ser vista também de outra forma.

A presença de vários atletas experientes pode nos ajudar a explicar o fracasso no Mundial. Tirando o Rei, ninguém deveria ter participado de outra Copa. Todos decadentes. Pior: caímos numa chave fortíssima, com Portugal e Hungria. Na volta ao País, ainda que tenhamos falhado, organizaram uma festa em Minas como se eu tivesse sido o herói brasileiro. Não sabia se ficava alegre ou triste com tantas homenagens.

Havia uma expectativa de entrar nos confrontos?

Estava na reserva do Pelé. Quando ele se machucou, entrei. Fiz até gol na Hungria. Depois, diante de Portugal, ele voltou. Cheguei a ter esperança de atuarmos juntos ali, mas não aconteceu. Ocupar o mesmo espaço do campo que ele foi um problema ao longo da minha trajetória.

Apesar da mudança de técnico após o Mundial de 1966, o senhor seguiu sendo convocado?

Sempre, e entrava de titular quando o Pelé não tinha condições. O auge técnico veio em 1969, nas eliminatórias. Não me esqueço do primeiro dia do João Saldanha na Seleção. Ele perguntou se eu estava com algum problema. Respondi que o único era as pessoas acharem que não podia atuar ao lado do Pelé. Aí ele disse: “A partir de hoje, você é titular absoluto. Pode ir mal quantas vezes quiser”. Comunicou à imprensa e falou que não aceitaria perguntas sobre o tema. O prestígio dado me fortaleceu emocionalmente.

E o senhor passou a ser uma das feras do Saldanha...

E fizemos parte do maior público da história do Maracanã: Brasil e Paraguai, válido pelas eliminatórias. Eles calcularam mais de 200 mil pessoas no estádio e um número menor de pagantes.⁴

Como foi o momento da mudança de treinador?

Vi a minha posição ameaçada novamente. O Zagallo fez o oposto do Saldanha, disse que eu seria reserva do Pelé por ocupar o mesmo setor de campo e convocou dois centroavantes. Chamou o Roberto Miranda, do Botafogo, e o Dario, do Atlético Mineiro. Ainda me recuperava da operação no olho quando ele deu essa declaração, o que achei até bom. Sabia que eles teriam chances, mas estava confiante de pegar o lugar deles. Foi o que aconteceu.

Explique o que ocorreu na sua vista.

Setembro de 1969, Cruzeiro e Corinthians. Campo encharcado e o Ditão⁵ chutou aquela bola pesada no meu olho direito. Tive descolamento de retina e fui operado nos Estados Unidos. Fiquei seis meses sem fazer nada. O Saldanha, exagerado, logo falou aos repórteres: “O único que está escalado na Copa é o Tostão. Ele terá o tempo que quiser de

4 Brasil 1 x 0 Paraguai, em 31 de agosto de 1969, Pelé foi o autor do gol. O confronto teve 183.341 pagantes.

5 Geraldo de Freitas, o Ditão, foi símbolo da raça corintiana nos anos 1960. Antes, o zagueiro passou por Portuguesa e Juventus.

recuperação”. Acho que essa admiração vinha do meu comportamento, das nossas conversas. Ele tinha um lado culto, politizado. Havia uma identificação recíproca.

O que o senhor fazia durante esse longo tempo ausente?

Ficava lendo, já que pelo menos um olho funcionava, e em repouso. As restrições diminuíram gradativamente. Foi um período de incertezas. Para piorar, uns dez dias antes da Copa, o Zagallo repetiu o discurso de que utilizaria um centroavante entre os titulares. Mudou de ideia apenas durante um treino contra uma equipe mexicana, quando me saí muito bem. Agora, a situação não ficou tão tranquila assim. Dias depois, ainda apareci com uma hemorragia no olho.

Fala-se muito do futebol arte praticado em 1970. Contudo, hoje em dia a gente tem consciência de que a preparação física permitiu que a habilidade do grupo pudesse aflorar.

Isso é o mais interessante. O nosso futebol era visto como diversão, show e exibição. Naquele período, só se falava da objetividade do futebol europeu. Foi nesse momento que o Nelson Rodrigues, contrário à teoria, chamou os jornalistas de “idiotas da objetividade”. Então, se organizaram atividades na altitude, algo extremamente moderno na época. Além de ganharmos, mostramos um futebol coletivo. O mundo ficou extasiado. O Pasolini, cineasta, escreveu que “o Brasil juntou a poesia e a prosa”. Foi uma revolução.

O apoio da torcida mexicana os surpreendeu?

Na minha opinião, sim. A vida mexicana é muito identificada com a brasileira. O tipo de cidade e a postura coletiva. O que emperra nosso crescimento também atrapalha a evolução do México. Eles nos adotaram. Tanto é que sempre procuraram imitar o nosso estilo e têm nos vencido frequentemente.

Qual confronto, fora a decisão contra a Itália, que ainda está gravado na sua cabeça?

Acho que não fui tão bem quanto no Cruzeiro por dois motivos: atuei fora de posição e convivia com o problema na vista. O preparo físico implementado também não era o meu modelo. O que me orgulho é ter sido decisivo nas duas vezes que o Brasil correu riscos. Diante do Uruguai, fiz dois dos melhores passes da minha vida. Contra a Inglaterra, construí o lance da vitória. Fui protagonista nos momentos de maiores riscos, mas fiquei aquém na média.

Para se proteger do sucesso e da fama, o senhor adotava um estilo mais fechado, arredo. Sob esta ótica, descreva a preparação na véspera da final.

Em toda a carreira, sempre fiquei tenso antes das partidas. Não dormia bem, pensava no confronto por vir. Até certo ponto, a ansiedade é benéfica. Naqueles dias, conversei bastante com o Piazza. Sociável, ele ajudava a controlar o nervosismo. No café da manhã que precedeu a decisão, também tivemos as palavras do Dario: “Quero comunicar uma coisa importante: sonhei que fiz três gols. Podem me escalar que eu garanto” [risos]. Descontraíu o ambiente, sendo que nem ficou na reserva. Mesmo assim, todos estavam nervosos.

Vocês analisavam os adversários?

O Parreira, então auxiliar da preparação física, acompanhou a Itália e nos passou as informações. Ele gostava dessas coisas desde novinho. Lembro que fez uma preleção e exibiu uma sequência de fotografias tiradas na semifinal contra a Alemanha. Algo absurdo se compararmos aos dias de hoje. Vimos que os italianos atuavam numa linha de quatro, mais o líbero, e me posicionei perto deste último, esperando a marcação. Acabei me sacrificando individualmente, mas deu certo. Nos gols do Brasil, ele deveria fazer a cobertura dos zagueiros e não conseguiu por estar me marcando.

Imagino a festa depois da vitória...

Em campo, quase fiquei pelado. Mais um pouco e vinha alguém tirar a minha sunga. Isso me deixou apavorado. À noite, houve uma festa fechada. Acabou que achei um cara que me levou de volta ao hotel. Fiquei quietinho lá, abri uma cerveja e chorei sozinho. Depois, falei por telefone com algumas pessoas.

De quebra, ainda lançaram o filme “Tostão, a fera de ouro”.

Isso foi antes, em 1969. Tanto é que na passagem final aparece: “Continua na Copa”, algo assim. O Paulo Laender e o Ricardo Gomes Leite, dois cineastas mineiros de prestígio, dirigiram o documentário. Eles me acompanharam durante seis meses. Ficou bem feito. O ponto alto é a música do Milton Nascimento, que virou sucesso independentemente do filme: “Brasil está vazio na tarde de domingo...”⁶

E a volta ao Cruzeiro após a conquista do campeonato mundial?

6 Tostão se refere a “Aqui é o país do futebol”, composição de Wilson Simonal, regravada por Milton Nascimento.

Aí veio o meu lado final. Até 1972, atuei normalmente. No ano seguinte, os problemas no olho voltaram e precisei ir de novo aos Estados Unidos. Fora isso, o Cruzeiro montou um time ruim. Acabei vendido ao Vasco. O que precipitou a minha saída foi a chegada do técnico Yustrich,⁷ um sujeito bruto. O contrataram para colocar todos na linha, pois a constatação era de que o elenco estava desinteressado. Fiquei ofendido e deixei o clube. O Vasco, que era uma bagunça total, ainda reuniu vários especialistas para me examinar e ver se a visão estava boa. Todos avalizaram. De repente, a retina voltou a se descolar. Nova cirurgia em terras americanas e a proibição de entrar em campo. Abandonei o futebol em 1973, aos 26 anos.

O Vasco fez uma grande festa na sua chegada...

Não tive condições de jogar o que eu queria e o que eles esperavam. Dessa vez, o problema foi diferente. Além do risco de boladas ou cotoveladas, passei a ter um déficit importante de visão. Mesmo que fosse doido de seguir, não teria a mesma qualidade. Perdi muito da visão do olho esquerdo. Mataria a bola de canela, por exemplo.

O senhor ficou angustiado por causa da aposentadoria precoce?

No primeiro dia longe da profissão, telefonei ao cursinho para voltar a estudar. Comecei a pensar rapidamente em seguir outra carreira, ter uma vida nova. Só pensava nisso. A ideia de ter outra profissão cresceu dentro de mim de maneira avassaladora.

E quando ocorre a reaproximação com o futebol?

Antes disso, acho que vale fazer um adendo. Quando me dediquei à medicina, além da questão prática, precisava eliminar o futebol para me identificar com a nova vida. Havia também o desejo de ser um cidadão comum, até hoje faço questão disso. A partir dos anos 1990, voltei a ter gosto de assistir às partidas. Meu filho também adorava, íamos ao estádio e passei a me interessar mais. Paralelamente, a medicina me frustrou. Trabalhava em período integral na faculdade, atendia os alunos, mas era uma ineficácia total, uma pobreza em termos de recursos. Em 1994, houve o convite de acompanhar a Copa nos Estados Unidos. Tirei férias e me envolvi emocionalmente com aquilo. As pessoas gostaram dos meus comentários, passaram a me convidar para os programas. Só que a televisão me angustia e peguei gosto pela escrita. Por isso

⁷ Dorival Knipel foi goleiro de Vasco e Flamengo nas décadas de 1930 e 1940. Nos anos 1950, deu início à carreira de treinador.

que virei colunista e estou aí até hoje.

Dizem que um dos pré-requisitos para o novo escritor é ser também um bom leitor. Esse gosto sempre te acompanhou?

Tive fases de gostar mais. Atualmente, leio menos por causa do trabalho de escrever. Acabo ocupando o tempo todo. Nunca tive a pretensão de ser intelectual. Como o meio é muito simples do ponto de vista cultural e eu tinha um nível diferente, criou-se uma lenda de que sou uma pessoa intelectual, culta. Estudei psicanálise, mas sou médio neste aspecto.

Existe um método para elaborar as crônicas?

Escrevo duas vezes por semana. Às vezes, fico dividido entre o factual e o não factual. Com o mundo multimídia de hoje, o acontecimento de domingo acaba tão sugado que ninguém quer mais saber daquilo na quarta-feira. Então, tento fazer algo mais reflexivo. De vez em quando, não acho nada interessante, descubro na hora, começo a escrever e faço associações na cabeça. Noto que são as melhores, pois não premeditei. Estou numa fase de me achar repetitivo. Na hora de fazer uma coisa, gosto de abordar os meus conceitos, muitas vezes já falados, mas o assunto volta e preciso retomá-lo. E ainda tem o problema do tamanho, o espaço reduzido. Então, fico nesse jogo.

SOBRE OS JOGADORES

CARLOS ALBERTO TORRES

Nasceu no dia 17 de julho de 1944, no Rio de Janeiro. Iniciou a carreira no juvenil do Fluminense, em 1960, aos treze anos de idade. Três anos depois, atuava pela categoria Juniores do tricolor carioca, quando foi convocado para a Seleção Brasileira de base. Nessa ocasião, conquistou a medalha de ouro nos IV Jogos Pan-americanos em São Paulo. No mesmo ano, fez seu primeiro jogo como profissional. Aos vinte anos de idade, foi chamado pela primeira vez para a Seleção Brasileira principal. Com a camisa verde-amarela, disputou cinquenta e seis jogos. Em 1961, transferiu-se para o Santos de Pelé. Logo que chegou, sagrou-se campeão da Taça Brasil e campeão paulista. A partir de 1968, firmou-se como titular da Seleção. Pelo Santos, venceu a Recopa Sul-americana e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa. Durante a Copa de 1970, foi o capitão da equipe brasileira, sendo titular em todos os jogos. Marcou o último gol do Brasil na final contra a Itália. Na edição seguinte, foi cortado da Seleção em razão de uma contusão no joelho. Após dez anos no Santos, em 1975, o capitão do Tri voltou ao Fluminense. Dois anos mais tarde, transferiu-se para o Flamengo e em seguida para o New York Cosmos, voltando a jogar com Pelé. Em 1982, encerrou a carreira, tornou-se treinador e teve passagens vitoriosas por Flamengo e Fluminense. Comandou grandes clubes, como o Corinthians, o Botafogo e o Atlético-MG, além de trabalhos no México, na África e no Oriente Médio. Foi eleito vereador no Rio de Janeiro em 1989. À época da gravação desse depoimento, dava palestras e prestava consultoria esportiva. Em seguida, tornou-se comentarista esportivo do canal SporTV, tendo falecido em outubro de 2016. O filho, Alexandre Torres, também foi jogador de futebol.

EDUARDO GONÇALVES DE ANDRADE (TOSTÃO)

Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 25 de janeiro de 1947. Na infância, viveu no conjunto habitacional do IAPI (Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários), na capital mineira, onde costumava jogar bola com os colegas. Por ser sempre o menor jogador entre os meninos, ganhou o apelido de Tostão. Aos treze anos, passou a jogar futebol de salão no Cruzeiro e aos quinze iniciou no futebol de campo no América-MG. No ano seguinte, assinou contrato com o Cruzeiro, equipe pela qual atuaria até 1972. Na equipe alvianil, formou o famoso tripé com Dirceu Lopes e Wilson Piazza. No Cruzeiro, atuou em 373 jogos e marcou 249 gols, sendo campeão brasileiro em 1966 e penta-

campeão mineiro. Esteve sempre presente nas convocações para a seleção mineira e, posteriormente, para o selecionado nacional. Participou da Copa de 1966, na Inglaterra, e da Copa de 1970, no México, sagrando-se campeão na segunda oportunidade. Foram 65 jogos na Seleção, com a marca de 36 gols. Encerrou prematuramente a carreira aos vinte e seis anos, quando jogava pelo Vasco da Gama. Antes da Copa de 1970, havia passado por uma cirurgia nos EUA para corrigir um descolamento de retina. Anos depois, o problema retornou e Tostão foi obrigado a abandonar o futebol. Após sua aposentadoria dos gramados, voltou a se dedicar aos estudos e ingressou no curso de Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais, formando-se em 1981. Concluída a graduação, tornou-se professor universitário. Atualmente, aposentado na Medicina, dedica-se à crônica esportiva, no jornal *Folha de S. Paulo*.

FÉLIX MIÉLI VENERANDO

Nasceu em São Paulo no dia 24 de dezembro de 1937. Iniciou a carreira profissional no Juventus, time tradicional da capital paulistana, em 1953. Permaneceu neste até se transferir para a Portuguesa de Desportos, outra equipe de pequeno porte, mas de tradição na cidade. Foi goleiro da Lusa até 1968 e, desta, seguiu para o Fluminense por indicação do técnico Telê Santana. No tricolor carioca, foi campeão estadual em 1969, 1971, 1973 e 1975. Conquistou a Taça de Prata de 1970. Estreou na Seleção Brasileira em 1965, disputou um total de 48 partidas e obteve diversos títulos, como a Copa Rio Branco de 1967 e 1968. Aos 33 anos, foi o goleiro titular da Copa de 1970 e sagrou-se tricampeão mundial no México, tendo encerrado a carreira em 1976. Quando concedeu seu depoimento, era coordenador de uma escola de futebol comunitária voltada para crianças carentes.

GÉRSON DE OLIVEIRA NUNES

Nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, no dia 11 de janeiro de 1941. Principiou a carreira no Flamengo em 1959. Marcou um total de 86 gols em 153 partidas disputadas pelo clube. Em 1963, transferiu-se para o Botafogo, onde permaneceu até 1969. Conquistou o Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1964 e 1966, a Taça Brasil de 1968 e o bicampeonato carioca de 1967 e 1968. Jogou também pelo São Paulo, no início da década de 1970. Encerrou a carreira no Fluminense em 1974. Na Seleção, atuou em 83 partidas oficiais e marcou 23 gols. Participou na conquista da Copa Roca, disputada contra os argentinos, em 1963 e 1971. Foi titular e peça fundamental do time tricampeão da Copa do Mundo de 1970. Há anos é comentarista esportivo de rádio e televisão e coordena uma

escolinha de futebol em sua cidade natal, onde reside até hoje.

JONAS EDUARDO AMÉRICO (EDU)

Nasceu na cidade de Jaú, São Paulo, em 6 de agosto de 1949. Filho de uma professora de piano e de um alfaiate, estudou em colégio de padres. Graças à amizade de sua família com Pelé, foi levado para fazer um teste no Santos. Após o treinamento, o técnico Lula chamou-o a se apresentar ao elenco no ano seguinte, na reserva de Pepe. Estreou no time principal e logo chamou a atenção do técnico da Seleção Brasileira, Vicente Feola. Alguns meses depois, esse treinador convocou-o para a disputa da Copa do Mundo de 1966, com apenas 16 anos, tendo sido o jogador mais jovem a disputar uma Copa. Sagrou-se campeão mundial em 1970 e foi convocado para a Copa de 1974. No Santos, jogou até 1977 e nele acumulou diversos títulos: os campeonatos paulistas de 1965, 1967, 1968, 1969 e 1973; a Taça Brasil de 1965; o Torneio Rio-São Paulo de 1966; e o Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1968. Em seguida, jogou pelo Corinthians e participou da equipe campeã paulista de 1977, que pôs fim aos 23 anos sem títulos do clube do Parque São Jorge. Foi contratado pelo Internacional de Porto Alegre, onde ficou pouco tempo. Atuou nos EUA pelo Cosmos e no futebol mexicano pertenceu ao Tigres, da cidade de Monterrey. Ao retornar para o Brasil, integrou equipes de menor porte, como o Nacional de Manaus, no qual foi bicampeão amazonense. O encerramento da carreira profissional não o afastou dos gramados. Participou de equipes de exibição e integrou a Seleção Brasileira de Masters. Vive em Santos e é professor de escolinhas de futebol.

MARCO ANTÔNIO FELICIANO

Nasceu no dia 6 de fevereiro de 1951 na cidade de Santos, São Paulo. Viveu no litoral paulista até os quinze anos e atuou nas categorias de base da Portuguesa Santista. Em 1968, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se tornou atleta profissional e jogou no Fluminense. No ano seguinte, conquistou o primeiro título estadual. O lateral esquerdo atuou pela equipe das Laranjeiras em 330 ocasiões e marcou 29 gols. Ainda em 1969, foi convocado pela primeira vez para a Seleção Brasileira, e com apenas 19 anos de idade já estava no grupo que foi à Copa do Mundo de 1970, no México. No mesmo ano, conquistou o Torneio Roberto Gomes Pedrosa. Entre 1970 e 1974, acumulou muitos títulos em seu clube e continuou sendo convocado para o selecionado nacional. Em 1976, foi negociado com o Vasco, onde foi capitão e campeão carioca pela quinta vez em 1977, além de vencer a eleição do troféu *Bola de Prata*, oferecido pela revista *Placar*, mais uma vez. Na Seleção, disputou, ao todo, qua-

renta partidas. Em 1980, foi para o Bangu e três anos mais tarde chegou ao Botafogo. Encerrou sua carreira como atleta profissional em 1984. Trabalhou como empresário de futebol, foi auxiliar técnico e jogou pela Seleção Brasileira de Masters. Na ocasião em que concedeu a entrevista, dedicava-se a cuidar de escolinhas de futebol.

ROBERTO LOPES MIRANDA

Nasceu no dia 31 de julho de 1943 em São Gonçalo, município do Rio de Janeiro, onde viveu sua infância. Aos catorze anos, iniciou carreira no meio-campo do Manufatura, de Niterói. Em 1957, foi contratado pelo Botafogo. No profissionalismo, iniciou em 1962, aos dezoito anos, e foi bicampeão carioca em um time que contava com Garrincha, Nilton Santos, Manga, Zagallo e Amarildo, tornando-se titular em 1963. Durante a década de 1960, acumulou uma série de títulos pelo alvinegro do Rio. Em 1967, fez sua estreia pela Seleção Brasileira. Foi o artilheiro do Botafogo na conquista do bicampeonato carioca (1967-1968), tendo disputado 352 partidas e marcado 174 gols. Integrou o grupo que foi à Copa do Mundo de 1970. Considerado um jogador aguerrido, sofreu inúmeras contusões: quebrou o braço, o queixo, a costela, a clavícula e rompeu o tendão de Aquiles. Em 1973, foi para o Corinthians e recebeu o acréscimo de Miranda no sobrenome, para diferenciar de Roberto Rivellino. No clube do Parque São Jorge, jogou 77 jogos e marcou 21 gols. Após a temporada paulistana, tentou retornar ao futebol carioca, mas não conseguiu se recuperar de uma cirurgia no joelho direito. Abandonou a carreira e passou a receber uma aposentadoria por invalidez do INSS.

ROBERTO RIVELLINO

Nascido na cidade de São Paulo, em 1946, foi criado em uma família de imigrantes italianos e passou sua infância no bairro do Brooklin. Atuou no clube amador Indiano e jogou futebol de salão no BANESPA. Após tentativas de ingressar nas divisões de base do Palmeiras, foi acolhido pelo Corinthians, clube que o projetou e onde se tornou um dos maiores ídolos de sua história, nos anos 1960 e 1970. A performance clubística do meio-campista levou-o à titularidade da Seleção Brasileira, sagrando-se tricampeão mundial na Copa do México de 1970. Foi o camisa 10 do Brasil no Mundial de 1974, na Alemanha, e participou ainda da Copa da Argentina, em 1978. Após a perda do título na final do campeonato paulista de 1974 para o arquirrival Palmeiras, transferiu-se para o Fluminense e viu ampliar a idolatria em torno de seu futebol. No Rio de Janeiro, destacou-se em um time vencedor, conhecido por talentosos

jogadores como Félix, Carlos Alberto Torres, Edinho e Paulo César Caju. Bicampeão carioca em 1975 e 1976, integrou o time também chamado de a Máquina Tricolor. Saiu do Fluminense em 1978 para atuar no futebol árabe, onde ficou até 1981, ano em que decidiu encerrar sua carreira futebolística. Depois do encerramento, abriu uma escolinha de futebol em seu bairro de origem, na zona sul paulistana. Desde 2012, é comentarista esportivo da TV Cultura, no Programa Cartão Verde.

WILSON DA SILVA PIAZZA

Nasceu em Ribeirão das Neves, Minas Gerais, no dia 25 de fevereiro de 1943. Ainda criança, jogava na várzea e costumava acompanhar o pai, jogador amador, em jogos pela região. Aos onze anos, foi para Belo Horizonte, a fim de se dedicar aos estudos. Durante a juventude, trabalhou como bancário. Em 1962, assinou com o Renascença, pequeno clube da capital mineira, o primeiro contrato como jogador profissional. Chegou ao Cruzeiro em 1964 e assumiu a condição de capitão da equipe. No alvianil mineiro, foi volante e conquistou vários títulos, entre eles destacam-se a Taça Brasil de 1966, a Taça Minas Gerais de 1973, a Copa Libertadores da América de 1976 e os dez títulos pelo Campeonato Mineiro. Na Seleção, foi campeão da Copa do Mundo de 1970. Participou também da Copa de 1974, na Alemanha, onde foi titular e capitão da equipe durante a primeira fase da competição. Em paralelo ao futebol, desenvolveu atividades na política. Em 1972, foi eleito vereador de Belo Horizonte, cargo que ocuparia por quatro legislaturas até 1988. Esteve à frente da Secretaria Municipal de Esportes entre 1983 e 1988. É presidente da FAAP, a Federação das Associações de Atletas Profissionais, entidade que presta assistência complementar aos atletas profissionais, em formação e aos ex-atletas de futebol, com vistas à profissionalização alternativa e à readaptação para o exercício de uma nova atividade.

SOBRE OS ORGANIZADORES

BERNARDO BUARQUE

Professor-adjunto da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas e pesquisador do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (FGV-CPDOC).

DANIELA ALFONSI

Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), curadora e gestora de museus e centros culturais. Atuou como Diretora Técnica (2014-2020) e Coordenadora de Documentação, Pesquisa e Exposições (2008-2013) no Museu do Futebol, instituição da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo.



EdUFSCar